O FACHO

a agrupacion cultural

A CORUÑA na cultura galega

Papeis do Curro, 1991

Capa e capas interiores:

Logotipo do FACHO, por REIMUNDO PATIÑO
con letras de ARXIMIRO
segundo ideia de AMARA AMOR

ÍNDICE

A CORUÑA na cultura galega

Contra a desmemória

CONTRA A DESMEMÓRIA: POR UMHA CORUNHA NOVAMENTE GALEGA

Sempre, e mais nos últimos tempos de esnobismo rampante, se nos quixo fazer crer, maismente por gente ignorante e/ou interessada, desde o mesmo poder, que A Corunha era umha cidade pouco galega. E isto pareceria legitimar actitudes que, sob pretexto de um universalismo mal assimilado, som anti-galegas, e, ao serem-no, som anti-corunhesas, por lhe furtarem à Corunha a sua melhor história; e justificar actuaçons que nom som senom instrumentos de desgaleguizaçom de umha cidade que leva caminho de se converter assim num ente novo-rico, sem alma própria, disfarçado com roupagens alheias que, por muito locidas que elas forem, afogam a sua viçosa e verdadeira essência.

É certo que a nossa é umha urbe *sui generis* dentro da Galiza, e isto, nom só pola sua condiçom marítima (que, desde antigo a forneceu de um espírito cosmopolita, susceptível de ser negativo, e nom é o nosso caso, quando nom compensado com umha marcada personalidade), mas, e sobretodo, pola circunstância, tantas vezes determinante (e derivada da sua velha condiçom reguenga), de ser cabeça militar e jurídico-administrativa, por delegaçom estatal, do que se deu em chamar *Galicia* ou *Región Noroeste*... e mesmo a outra ainda nom perdoada circunstância de ter-se tornado cabeça política da nova e pujante província surgida hai 160 anos (quando cristalizou o tronçamento da milenária unidade galega). Pois bem, se esta especificidade pode valer para certas classes ou estamentos (nom sempre, por desgraça, provenientes de fora da Galiza), nom é valida para a cidade no seu conjunto, mercê ao já apontado, por ter umhas fortes raizames na Terra e vir sendo tradicionalmente ágora de encontro e cruxol de galegos de toda a parte (bem que principalmente e por imperativos geográficos, da regiom nortina, e mais da própria comarca), o que permite, umha volta ainda, aseverar que se A Corunha «polo Orçám otea o infinito, pola Baia olha para a Galiza».

Mas as afirmaçons precisam dos factos, e é por isso que despregamos este breve quadro cronológico —inevitavelmente esquemático, limitado e variopinto—, para —longe de um localismo enfermiço e trasnoitado (1) e si guiados por um sano afám de reivindicaçom do mais próprio e imediato, como forma nossa de sermos, quando menos, tam galegos e, muitas vezes, mais do que o resto dos compatriotas desta velha e infortunada pátria— tentar demostrar o que A Corunha possue de galega por si e polo que ela tem aportado de fundamental para o acervo comum. É um orgulho ao que nom podemos nem queremos renunciar, pois fazê-lo equivaleria a renunciar a aquilo de mais possitivo que nos define.

Na realidade, estas páginas nom som mais que um balanço contra a desmemória, que se confecciona com a olhada posta num futuro melhor para a Galiza toda, e nom de fronte mas, acarom das outras vilas, às que se proprom fazerem outro tanto, com a segurança de que descobrirám, como nós, aspectos do seu passado dignos de desvelar.

E que ninguém interprete e menos utilize esta informaçom —como o home veu fazendo desde o tempo da pólvora— para fins espúrios, pois que, simplesmente, persegue reconfortar aos galegos nas-

(1) Que nom fai mais que evidenciar um complexo inocultável, já delirante quando se celebra o sermos sede da delegaçom do governo central e nom se valora o facto, em princípio prometedor, de sermos sede do poder judicial galego.

cidos na cidade e calar tanto aos corunheses que tomam como coarctada essa nossa suposta carência de galeguidade, como a aqueles galegos que, desde fora, nos olham como a pseudo-compatriotas, com os prejuízos derivados para a Galiza e para A Corunha desse preconceito surgido de umha múltipla ignoráncia.

Duas advertências:

1) Tam unida, e mais num país desmembrado, a reivindicaçom cultural à política, ninguém se surpreenda da inclussom ocasional de factos políticos, pola sua grande implicaçom no terreno cultural.

2) Pode surpreender, igualmente, a ausência de vultos de primeira (v.g. Viqueira ou Gaos, González López ou Marinhas del Valle, Reimundo Patiño...), mas é que aqui reflectimos factos mais do que pessoas (que outros o completem). Também nom é a presente cronologia um elenco de corunheses destacados no seu serviço à Galiza, independentemente de onde o prestassem: foi A Corunha em quanto espaço geográfico, histórico e humano, que se tomou como referente, o que a cidade (e a sua comarca), como peça imprescindível do *puzzle* galego, deu de si e deitou no seu próprio chao: um livro aqui saído, um drama aqui estreado, um projecto aqui surgido, um fito aqui chantado... porque este era o lugar ajeitado e aqui, e nom por pura casualidade, cadrárom as gentes mais idóneas, nasceram onde nascessem...

Dado nas cem Corunhas da Agra do Orçám e do Birloque, das Vinhas e das Medas, do Curro, da Verberiana e do Caramanchom, do Perete e do Febilheiro, do Campo da Estrada e dos Castros, dos Montes, do Montinho e do Peruleiro, do Escorial, Palavea e a Sapateira, Feáns, Mesoiro e Someso;

outorgado mesmo na *Marineda* de Nelhe e da Sardinheira, de Monelos e de Fornos, das Figueiras e da Camposa, ou bem dos Al/Cabaleiros e do Rego da Auga, indo polas ruas Nova, Alta e Cega, de cara ao Orçám ou a Riaçor, para subir até o Oueiro ou baixar por Labanhou e ir dar ao Portinho,

publicado na *Artábria* do Campo da Lenha, da Canteira de Eiris e da Rabiada, da Coirámia, dos Pelámios e do Corgo, da Cubela e mais da Gramela, da A/Grela e da Silva, da Moura e do Borralhom, de Comeanda e Nostiám;

estendido na *Torremar* das Conchinhas, das Castinheiras, da Cancela e da Cancelinha, da Gaiteira ou da Falperra, do Parrote ou dos Malhos, sem esquecer o Monte das Moas, os Castros e o Castrilhom, a Casa Nova e o Rio de Quintas;

botado ao mar desde o *Portoledo* de Bens e o Maçaído, a Fita e as Júbias, a Vedra ou as Pedras da Águia ou da Barca, Pedra-Longa ou Pedra Furada, ou bem da Pena-Redonda ou da Ponte de Pedra, do Souto (chamado *Soulo* por mor de um pauzinho perdido) ou das Louças (trocado em *Lonzas* por um u que caiu do colúmpio), da Fonte Nova ou da Fontainha;

lançado ao vento desde a *Cristalina* da Parromeira, das Lages de Orro e da Leira do Campo, e mais do Leirom ou do Inferninho, do Mato Grande e do Paio Mouro, do Loureiro e da Ramalheira, e mais do Carvalhal e do Campo de Carvalho, e nom longe da Lagoa e das Lagoas, da Agra de Brágua ou da Torre das Velhas, da Cabana, das Cernadas ou de Elvinha e o seu Castro...

A 30 de Maio de 1991, aniversário do erguemento (popular e progressista) dos corunheses contra o invasor de 1808.

Xosé-M.ª MONTERROSO DEVESA

NOTA: Marineda, Artábria, Torremar, Portoledo e Cristalina som alguns nomes literários que se lhe têm dado à *cidade herculina*.

INSTRUCCION,

POR LA QUE SE DECLARA EL MÉTODO QUE DEBE SEGUIRSE EN LA PRONTA ORGANIZACION DE UNA FUERZA MILITAR DE RESERVA EN ESTE REYNO DE GALICIA, EN LA MANERA QUE CONTIENE.

AÑO 1808.

CORUÑA:
EN LA IMPRENTA DE D. MANUEL MARIA VILA, IMPRESOR DEL REYNO.

F-1.

El Reyno por decreto del dia de ayer, acordó, que como Potestad Suprema y Soberana, en representacion de su Monarca el Señor Don Fernando VII. preso y detenido en Francia, se le dé el tratamiento de *Alteza*: Lo que avisa á V. S. para su noticia, y que comunique esta resolucion aquien corresponda.

Reyno de Galicia 21 de Junio de 1808.

F-2.

Núm. 91. Pág. 369

DIARIO DE LA CORUÑA

DEL JUEVES 22. DE SETIEMBRE DE 1808.

S. Mauricio Martir.

Concluye la política de ayer.

Pero ¿es posible, amada Patria, que así abusen de tu nativa honradez y confianza los perversos, y que no te sirvieran tantos años de esclavitud y guerra de saludable aviso para separarte de un continente habitado por volubles y falsos sequaces del Maquiavelo, Europeos en la apariencia, Caribes y Tartaros en los hechos, fáciles en prometer, infieles en cumplir, tardíos en la alianza en tu socorro, prontos á tu destruccion en todas ocasiones, sin que de su comunicacion, alianza y comercio, se te sigan mas ventajas, que la corrupcion de las costumbres, la propagacion del libertinage, el letargo de tu industria, y la ruina de tus reynos! Vendida antes por las naciones [illegible], no negaste tu noble confianza á la mas vecina, que correspondió contigo del modo mas execrable y escandaloso. Tus hijos se redimieron y vengaron, y juran no levantar su honrada frente al cielo, que los infama en su venganza, hasta hacer repasar los Pirineos á esos degenerados franceses, indignos sucesores de los soldados de Enrique IV y Luis 14. Lo juran, y han de cumplirlo á costa de su vida, pues así se lo mandan la religion y la nativa lealtad á su Soberano. Pero logrado que sea el completo triunfo, exigen y piden para su seguridad, que no consientas que profanen tu territorio las gentes, usos y costumbres de Francia; que á los Pirineos los hagas inaccesibles é impracticables; que profundos fosos y [illegible] y altos muros, coronados de hierro y bronce dividan y separen la Francia eternamente de nosotros: que [illegible] exercitos guarnezcan nuestra frontera: que nuestra confianza repose solo sobre nuestras fuerzas, y no en tratados de paz, de modo

F-3.

F-4.

DISCURSO

SOBRE LA CONSTITUCION

QUE DIXO

DON JUAN ANTONIO POSSE,
Cura Párroco de San Añdres, Diócesis de Leon, al publicarla á su pueblo en veinte y nueve de noviembre de mil ochocientos doce.

Reimpreso á expensas de los Redactores del *Ciudadano por la Constitucion.*

EN LA CORUÑA:
OFICINA DE DON ANTONIO RODRIGUEZ.
año de 1813.

F-7. Umha obra do clérigo Posse que, em 1820, escrevia aos liberais da Corunha.

ADVERTENCIA.

La diversidad que se observa en la pronunciacion y significacion de términos en cada una de las siete Provincias del Reyno de Galicia, me ha precisado á omitir muchos, que ciertamente no se entenderian, y solo me vali de aquellos mas claros aunque del pais, á fin de que con la mayor facilidad puedan todos comprender su lectura.

PROEZAS
DE GALIÇIA,

EXPLICADAS BAXO LA CONVERSACION RÚSTICA DE LOS DOS COMPADRES

CHINTO Y MINGOTE,

POR D. JOSÉ FERNANDEZ Y NEYRA, Oficial que ha sido de número de la Secretaría de la Junta Suprema del Serenisimo Reyno de Galicia, y actual tercero de Contaduria de la Real Fábrica de Cigarros del mismo.

CORUÑA MDCCCX.
EN LA IMPRENTA DE VILA.
Con licencia.

F-5.

5

CONVERSACION.

Chinto. ¡Dame meu querido Mingote, dame ese abrazo para min tan deseado nestos cinco meses que fai que nonos bimos!

Mingote. ¿Como che podrei negar amado compadre ese abrazo, si pensei que entoda à miña vida para min abia consolo hasta que te non vise?

Ch. ¡E cómo che foi por acá con esos diabros de esos Gabachos?

Ming. Ome nonme fales deso, porque se me encrechan os pelos da cabeza solo en pensar nas cousas que fixeron. As de saber que carta feira da primeira semana de Frebeiro chegaronche á este lugar vinte è catro ¿qué eu inda dudo aora si eran omes? porque che trahian na cabeza por sombreiros ùn-as da quelas que son coma as bacias da feitar que teñen os barbeiros das Vilas de laton, è logo ninche sey si era cola de besta, ou rabo de

F-6.

F-11.

F-12.

ALBUM DE LA CARIDAD.

JUEGOS FLORALES DE LA CORUÑA

EN 1861.

SEGUIDO

DE UN MOSAICO POÉTICO

DE NUESTROS

VATES GALLEGOS CONTEMPORÁNEOS.

EDICION COSTEADA

POR DON JOSÉ PASCUAL LOPEZ CORTON,

CORUÑA:

1862.

F-13.

F-14, Añón por Balaca.

1808 Na manhá do 30 de Maio o povo corunhês, o primeiro na Galiza, liderado polo artesám madrilenho **Sinforiano López,** alça-se em armas (tomadas do parque de Artilharia) na praça da Capitania e essa mesma tarde provoca a constituiçom da provisória *Junta de Defensa y Armamento del Reino de Galicia* contra os franceses, Junta que, ao dia seguinte, se recompom, dando-se-lhe um carácter mais popular, como *Junta Suprema y Gubernativa del Reino de Galicia,* abreviadamente *El Reino* (F-1/2), que aginha chamou delegados do resto das sete capitais galegas, com o qual se converteu de facto em verdadeiro órgao de governo —e antecedente, assim, das de 1815 e 1820 (da Corunha), de 1843 (Lugo), de 1846 (Compostela)...—, organizando a defensa (e empreendendo, para isso, negociaçons com Inglaterra e Portugal Norte) e com o objectivo —di-nos Emílio González— de «reconstruir o destroçado corpo político-administrativo da Espanha, com um novo sentido, no que o regional e nel o galego pessasse mais, muito mais do que até o momento pessara nos destinos do povo espanhol». É, pois, a primeira volta em que Galiza exterioriza, bem que de um jeito rudimentar e escasamente eficaz, as suas arelas de auto-governo democrático. Subsiste a Junta até a (breve) invassom do francês (Janeiro de 1809, em que tem lugar a batalha de Elvinha), reconstituindo-se, evacuado este, a finais de Janeiro de 1810.

Do *Diario de La Coruña* (F-3), promovido pola Junta, dirigido e editado polo frade (agostinho secularizado do convento corunhês) e fidalgo oleirense **Manuel Pardo de Andrade Leis,** e o primeiro da cidade, como aparecido o 22 de Junho, di Margarita Ledo ser «integrador de todo o território galego» com um «anceio de incidência quase pre-nacional» (galego), sem «a paulinha do localismo».

1813 Na *Caxa tipográfica* do *Diario,* a cargo de **Ángel Antonio Henry,** o mesmo **Pardo de Andrade** edita, cinco anos depois, *Os rogos dun gallego establecido en Londres, dedicado ós seus paysanos para abrirlles os ollos sobre certas iñorancias e o demáis que verá o curioso leutor.* (Re-editado por Ed. Castrelos, col. O Moucho, Vigo, 1971, com o ante-título *Máscara fora!).*

1810 Das prensas de **Manuel Maria de Vila** sai o que se pode considerar, de momento, o primeiro livro ou folleto galego publicado (escrito em galego, embora o título esté em espanhol): *Proezas de Galicia, explicadas baxo la conversación rústica de los dos compadres Chinto y Mingote...* do corunhês **José Fernández Neira** (F-4/5/6). (Re-editado por Ed. Bibliófilos Gallegos, Ponte-Vedra, 1984).

1811 A *Gaceta instructiva de la Junta Superior de Galicia* é o primeiro órgao do país no que figura o seu nome, seguido, em 1812, pola *Gaceta de Galicia,* de Compostela. (Imp. **Manuel M.ª de Vila).**

1820 O clérigo lagês (párroco em Leom) **Juan Antonio Posse Varela** (F-7) dirige aos políticos liberais da Corunha umha epístola que Xosé-M.ª Lema nom duvida, a pesar de estar em espanhol, em qualificar como, provavelmente, o «primeiro documento escrito do galeguismo político militante» é mais, do nacionalismo abertamente independentista. (Embora fosse contundentemente rejeitada a proposta, marcando, ao nosso juíço, um tanto negativo para a cidade, parece oportuno citá-lo).

1854 ou 1855 A finais do primeiro ou a começos do segundo ano nace, na imprensa do Hospício, o bisemanário *El clamor de Galicia* que, dirigido polo ferrolám **Benito Vicetto Pérez** (F-8), está considerado como o primeiro em que fai a sua apariçom oficial o regionalismo galego.

1860 *Galicia. Revista universal de este Reino* (F-9), quincenário bilíngüe dirigido e editado, desde o 1 de Outubro, polos composteláns irmaos **De la Iglesia González** (imprensa de **Norberto Cascante** e depois do Hospício Provincial), marca um importante passo na assunçom do galeguismo:

1863 aí se publicará o rudimentar e primeiro *Diccionario gallego-castellano* (F-10) do tamém compostelám **Francisco Javier Rodríguez.** É esta, no dizer de César A. Molina, «a primeira grande revista cultural».

(Cabe consignar como foi um destes irmaos, Francisco, o redactor, entre 1860 e 1861, de umhas folhas de cordel, imprimidas no Hospício, que alguns chamam revista, e seria, daquela, a primeira publicaçom periódica integramente en galego: *O Vello do Pico-Sagro).*

1861 O martes 2 de Julho, a partir das 7,30 da tarde, celebram-se, no Teatro de Sam Jorge (no lugar do actual Rosalia Castro), os *Juegos Florales de La Coruña,* convocados em Março anterior,

1861 que —com o lonjano precedente das festas literárias compostelás nos séculos XVI e XVII (onde o galego apenas dava convivido com o latim e com o espanhol empregados) e a exemplo dos jogos de Barcelona de 1859, à vez que claro antecedente dos jogos de Tui de 1891— som os primeiros da Galiza toda, em cujas bases se fala, amais, expresamente de «idioma gallego»: neles participa um nutrido grupo de escritores do momento —poetas e prosistas em galego e em espanhol— com a colaboraçom musical dos maestros **Canuto Berea Rodríguez** e **Hilario Cour-**
1862 **tier** e as suas composiçons galegas. Estes Jogos dam lugar, o ano seguinte (prelo do Hospício a cargo de **Mariano Marco y Sancho)** ao *Álbum de la Caridad* (F-13) (assim chamado por ir destinado o seu produto ao asilo de mendicidade da capital) preparado por **Antonio de la Iglesia González** (F-11), secretário e organizador do certame, onde, à parte das prosas e poemas premiados nos Jogos —em galego só alcançou galardom, na pessoa de **Francisco Añón Paz** —F-14—, o seu poema *A Galicia*— se contem um *Mosaico poético de nuestros vates gallegos contemporáneos,* considerado, pola sua extensom —96 composiçons galegas de 39 poetas— e por sobre os seus defeitos e mesmo a pesar de ser bilíngüe, a primeira antologia ou colheita da lírica galega, do mesmo jeito que a celebraçom dos Jogos marca um fito no *Rexurdimento* da Galiza. Ambos feitos forom custeados polo cedeirês **José Pascual López Cortón** (F-12) (avô do pensador nacionalista **Johán Vicente Viqueira),** com a promoçom da corunhesa **Juana de Vega Martínez,** presidenta da *Asociacion de Señoras de Beneficencia.*

1865 Assentado aqui o mindoniense **Pascual Veiga Iglesias** (F-26) começa, com o apoio de **Berea,** umha época de florecimento musical, particularmente com a criaçom de coros sucessivos, algum deles, como o *Orfeón Brigantino* (criado por el no *Liceo Brigantino,* ubicado nalgum tempo no Palácio dos Zuazo, ruas Santo André e Torreiro, já desaparecido), responsável da estreia da cena coral em verso e num acto, de **Francisco de la Iglesia González** (F-15) e do próprio **Veiga,** *Gallegos.*
1879 *¡A nosa terra!,* inédita, e considerada, mália a sua cativeza, a primeira obra do teatro lírico galego.

1882 *A fonte do xuramento* (F-16), do mesmo **F. de la Iglesia,** imprensa de **Vicente Abad,** é «o primeiro drama en dialeuto gallego», representado o 13 de Agosto no *Liceo Brigantino.*

1883 Institue-se, o 29 de Decembro, a sociedade *Folk-lore Gallego,* baixo a presidéncia de **Emília Pardo-Bazán** (F-18) (quem lé o discurso inaugural o 1 de Fevereiro do ano seguinte), com a finalidade de recopilar e de estudar as manifestaçons da nossa cultura popular. A sociedade reflectirá o seu quefazer em nada menos que quatro dos dez tomos da *Biblioteca de las tradiciones populares españolas* (1884-1886), fundada e dirigida por **Antonio Machado Álvarez:** 1) *Folklore gallego. Miscelánea,* e 2/3/4) *Cancionero popular gallego,* de **José Pérez Ballesteros** (F-22) (com pró-
1894 logo do português **Teófilo Braga).** O *Folk-lore* dissolve-se em 25 de Fevereiro —trocando o seu nome em *Academia Gallega,* mas já sem incidência algumha—, sendo considerado, en certo
1887 modo, precedente da *Academia* de hoje. O seu órgao oficioso foi a revista *Galicia* (fundada en Janeiro de 1887 e) dirigida polo astorgano **Andrés Martínez Salazar** (F-19) (onde, por exem-
1888 plo, **Manuel M. Murguia** —F-17— publicará, em várias entregas, *El regionalismo gallego,*
1889 editado em volume na Havana o ano seguinte).
1885 *A Biblioteca Gallega,* de **Juan Fernández Latorre** (F-20) e **A. Martínez Salazar,** primeira editorial galega de importáncia, estrea-se com *Los precursores,* de **M. Murguia** (imprensa de La Voz de Galicia, rua Santiago, 1) e aginha tira do prelo, marcadamente, *El idioma gallego. Su antigüedad y vida* (F-23), de **A. de la Iglesia González,** primeira antologia geral importante da nossa língua e literatura (que, até 1903, com a *Literatura gallega en el siglo XIX,* de **Eugenio Carré Aldao** —F-21—, imprimida polo próprio autor e tamém na Corunha, nom terá par), e mais *Quei-*
1935 *xumes dos pinos* (F-24), de **Eduardo Pondal G. Abente** (cuja 2.ª ediçom, póstuma —1935—
1886 e notavelmente aumentada, tamém sairá de um 1886 prelo corunhês, o de Zincke Hnos., Cantom Grande, 21), os dous o ano seguinte.

1888 Sai do prelo de Ferrer (Real, 61) *O divino sainete* (F-25), de **Manuel Curros Enríquez,** quem aqui resultara absolvido (sete anos atrás, em 11 de Março de 1881, e pola Audiéncia da Galiza), do «delito relativo ao livre exercício dos cultos» derivado da publicaçom de *Aires da miña terra.*

1889 O *Orfeón Coruñés,* fundado e dirigido por **Pascual Veiga,** actua em Paris, no decurso da Exposiçom Universal, o 22 e 23 de Agosto, obtendo o primeiro prémio e medalha de ouro, entre outras,

F-15.

Primeiro drama en dialeuto gallego.

A FONTE DO XURAMENTO

Drama de costumes gallegos en dous autos en verso

ORIXINAL DE

Francisco M.ª de la Iglesia y González,

Estrenado con ruidento aprauso n-o *Liceu Brigantiño* d'a Cruña

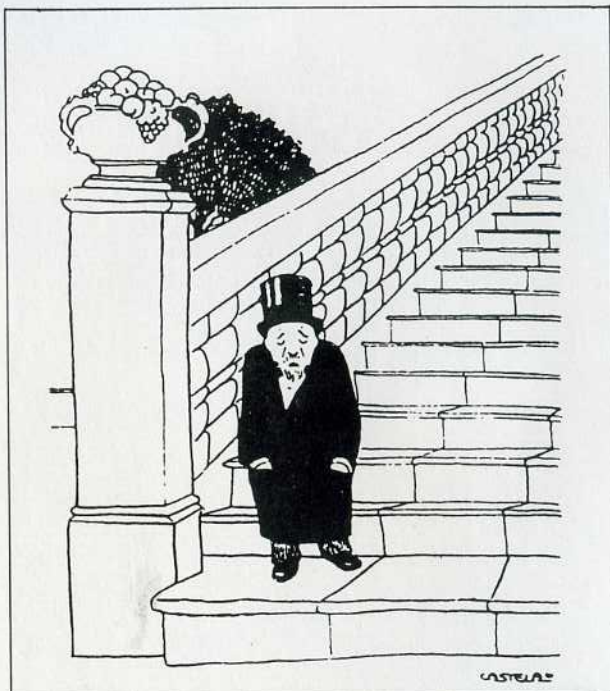
á noite d'o 13 d'Agosto de 1882.

CRUÑA:

IMPRENSA E ESTEREOTÍPIA DE VICENZO ABADE,

28 — San Niculás — 28

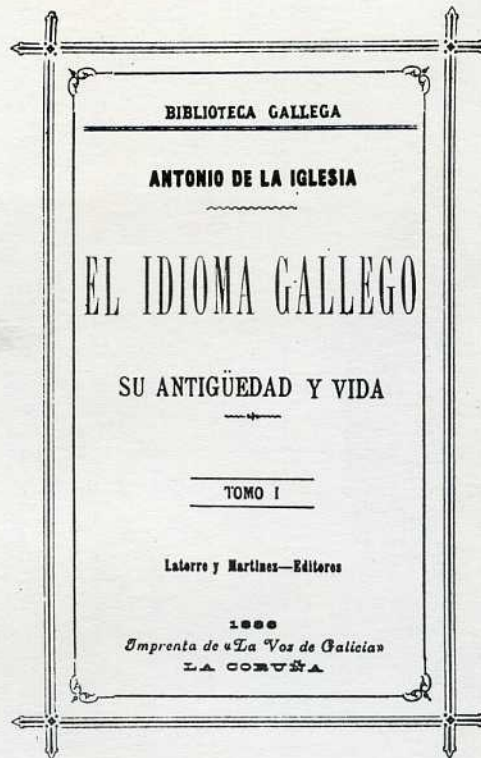
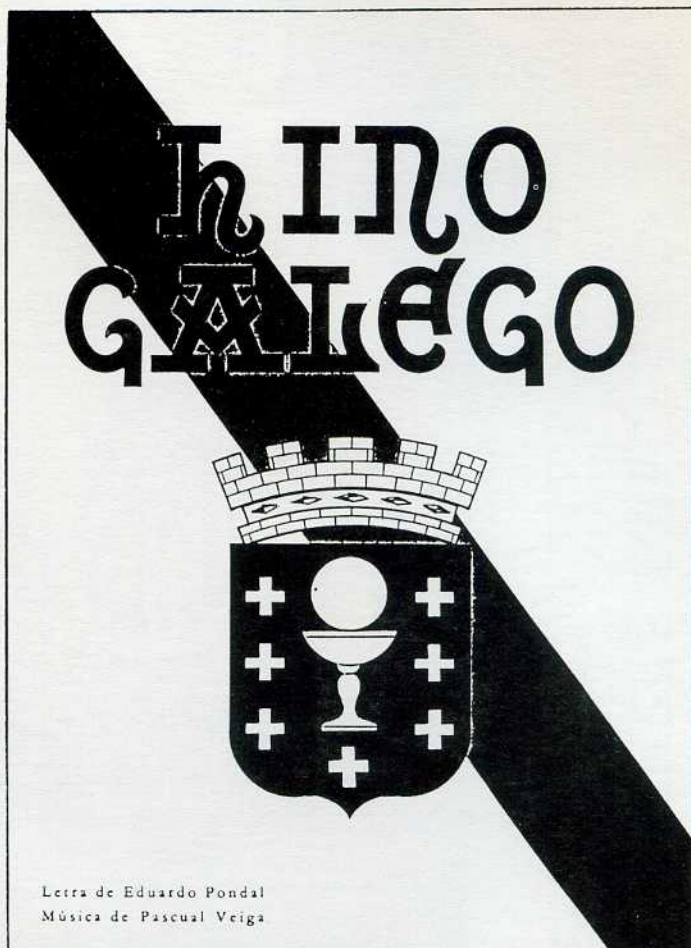
1882

F-16.

F-17/18. Murguia e Dona Emília por Castelao.

F-19.

F-20. Fernández Latorre por Urbano González.

F-21.

F-22.

BIBLIOTECA GALLEGA

ANTONIO DE LA IGLESIA

EL IDIOMA GALLEGO

SU ANTIGÜEDAD Y VIDA

TOMO I

Latorre y Martínez—Editores

1886

Imprenta de «La Voz de Galicia»

LA CORUÑA

F-23.

BIBLIOTECA GALLEGA

EDUARDO PONDAL

QUEIXUMES DOS PINOS

Latorre y Martínez, Editores

LA CORUÑA

IMPRENTA DE «LA VOZ DE GALICIA»

Calle de Santiago, núm. 1, bajo

1886

F-24.

F-25.

F-26.

F-27. Ediçom de Montevideu, anos 60.

F-28.

F-29.

Canuto Berea y C.ª

ALMACÉN DE MÚSICA
LA CORUÑA

OBRAS GALLEGAS

PRECIOS FIJOS

PARA CANTO Y PIANO

		Pesetas
ADALID	Colección de cantares viejos y nuevos de Galicia, dividida en tres series	
	1.ª Serie 1. Soedades	
	2. A Compaña	
	3. Bágoas do Corazón	
	4. Queixas	
	5. Canto do Berce	
	6. A lá lá	
	Reunidas	3
	2.ª Serie 1. Miña terra, miña terra	
	2. Canta ó galo ven ó día	
	3. Frouseira, triste frouseira	
	4. Séntate n'esta pedriña	
	5. A noite de San Xoan	
	6. Non te quero por bonita	
	Reunidas	3
	3.ª Serie 1. A mala fada	
	2. Canteiros é Carpinteiros	
	3. Bágoas e sonos	
	4. Axeitam'a polainiña.	
	5. Foi pol-o mes de Nadal.	
	6. ¡Adios meu meniño! ¡Adios!	
	Reunidas	3
	4.ª Serie 1. A xolda	
	2. Afrixida	
	3. Na fiada	
	4. ¡Pesóulle!	
	5. A bordo	
	6. A sorte	
	7. A ruada	
	Reunidas	3
	Mondariz	2
BALDOMIR	Como foy? *Melodia*	2
—	Meus amores *Balada*	2
—	Mayo Longo —	2
—	Porqué?... —	2
—	Ti onte, mañan eu —	2
—	Carmela —	2
BALDOMIR	No ceo azul crarísimo *Balada*	2'50
—	Mais vé.... —	2
—	A un batido.... —	2
BEREA	Un sospiro *Melodia*	1'50
CHANÉ (J)	Os teus ollos —	1'50
—	Tangaraños —	2'50
—	Un adios á Mariquiña —	2'50
—	Gaiteiriño pasa —	2
LENS	A Nenita —	2
—	Melanconia —	2
—	Soño era, *Balada*	2
MONTES	*Seis Baladas Gallegas.*	
—	1. As lixeiras anduriñas.	1'50
—	2. Doce Sono.	2
—	3. Negra sombra.	1'50
—	4. Lonxe da terriña.	1'50
—	5. Unha noite na eira do trigo.	1'50
—	6. O'pensar d'o Labrego	1'50
—	Reunidas.	5
PIÑEIRO	Vaito, *Melodia*	2
TAIBO	Como chove meudiño	2

PARA PIANO SOLO

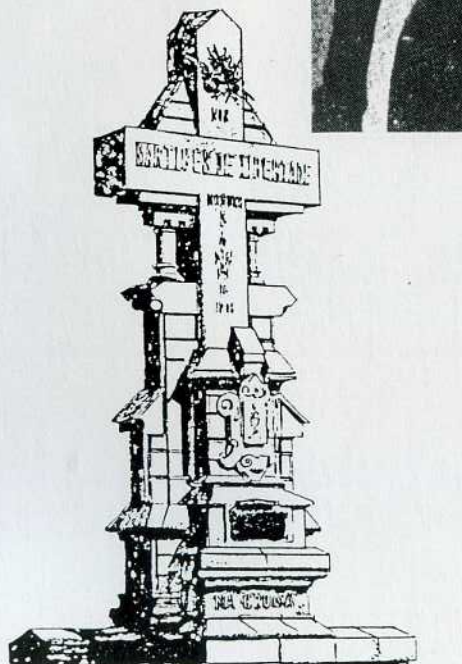
		Pesetas
BEREA	La Alfonsina, *Muiñeira*	2
CHANÉ	A foliada (con letra)	3
CINNA	Serenata Galáica	2
—	Romanza Gallega.	1
LENS	Serantellos, *Parafrasis*	2'50
—	1ª. Rhapsodia Gallega, *op. 32*	3
MONTES	Maruxiña, *Muiñeira.*	2'50
—	Alborada Gallega	3
—	Aires Gallegos, *Paso-doble*	2
OLIVA	Marineda.	2
SANTOS	Nos muiños de Peirayo, *Rhapsodia*	4
VEIGA	Alborada Gallega	3

PARA BANDA MILITAR (partitura)

		Pesetas
MONTES	Fantasía de Aires Gallegos	10
—	Sonata Gallega	12
—	Alborada Gallega	6
—	Aires populares Gallegos, *Paso-doble*	3
SANTOS	Nos muiños do Peirallo, *Rhapsodia gallega*	12

F-30. Anúncio, c. 1910 (inserto em A Foliada *de Chané e Mz. Fontenla), onde se pode ler o acervo editorial de música nacionalista, de Canuto Berea.*

F-32.

F-31.

Revista Gallega

SEMANARIO DE LITERATURA E INTERESES REGIONALES

GALO SALINAS RODRIGUEZ

La Prensa (1)

F-33.

F-34.

CRÓNICA

TROYANA

CÓDICE GALLEGO DEL SIGLO XIV

DE LA BIBLIOTECA NACIONAL DE MADRID

[illegible]

D. MANUEL R. RODRÍGUEZ

[illegible]

ANDRÉS MARTÍNEZ SALAZAR

[illegible]

LA CORUÑA

IMPRENTA DE LA CASA DE MISERICORDIA

[illegible]

F-35.

A NOSA TERRA

AÑO II — NÚM. 34 — Coruña 14 de Abril de 1908

[illegible]

SUMARIO

[illegible]

CURROS ENRÍQUEZ

Acto fúnebre

El celebrado en la parroquial de San Jorge por acuerdo de la Real Academia Gallega por el eterno descanso del inspirado poeta, ha sido una ceremonia conmovedora.

Se verificó el lunes 6 del corriente, á las once y media de la mañana, y á pesar de su sencillez, revistió grandiosidad por su modestia y poesía.

En medio de la amplia iglesia se elevaba un modesto catafalco en el que sobre la bandera gallega, destacaba la corona ofrecida por el *Centro Gallego*, de Madrid, representando el homenaje que Galicia entera rindió á su poeta. El catafalco estaba rodeado de blandones.

En la presidencia tomaron asiento el señor presidente del *Centro Gallego* de la Habana y su señor padre, la Junta de Gobierno de la Real Academia compuesta de los señores Murguía, Pérez Ballesteros, y Galje; la inspirada poetisa y académica correspondiente Filomena Dato Muruais y varios señores académicos.

La iglesia estaba ocupada por distinguida concurrencia de señoras y caballeros.

Actuó de preste el sochantre de la Colegiata D. Antonio Fernández.

La capilla entonó la misa del maestro Hernández, y fué dirigida por el profesor Sr. Castillo.

Al final todo el clero cantó un responso del citado profesor.

La Real Academia se complace en tributar á todos los que contribuyeron al religioso acto sus más expresivas gracias.

La representación del Centro Gallego de la Habana

Como hemos dicho en el vapor *Alfonso XIII*, acompañando los venerandos restos del ilustre Curros Enríquez ha venido representando á nuestros hermanos de Cuba la alta representación del Sr. D. José López Pérez, presidente del *Centro Gallego*, Sr. Castro Chané, director del orfeón *Ecos de Galicia*, y D. Alfredo Nan de Allaria, redactor del *Diario de la Marina*.

El recibimiento y agasajo tributados á tan alta representación ha sido digno de los representantes y en consonancia con el triste motivo que ocasionaba su venida.

Banquetes

Pasados los luctuosos actos del entierro de Curros, se agasajó á los ilustres representantes de la Colonia gallega de Cuba, como merecían.

Los Sres. López Pérez, Chané y Nan de Allaria, asistieron al banquete dado por los escritores y periodistas á Alfredo Vicenti.

La *Reunión Recreativa é Instructiva de Artesanos* celebró á su vez en honor del presidente del *Centro* y de sus acompañantes otro banquete que se verificó el día 5 en el salón de fiestas de la sociedad al que asistieron más de 150 comensales, no pudiendo ampliarse el número por insuficiencia del local.

A dicho banquete asistieron también la inspirada poetisa doña Filomena Dato Muruais y el cronista de Orense, D. Benito Fernández Alonso.

Los brindis fueron todos elocuentes y, con alguna excepción, adecuados al acto, destacándose por su significación el del cónsul de Cuba Sr. Bravet y el del presidente del *Centro Gallego*.

Comida íntima

El Sr. López Pérez, queriendo corresponder á los agasajos de que fué objeto, reunió en su mesa el día 6, en comida íntima, á las más salientes personalidades de la Coruña.

Buen viaje

El señor presidente del *Centro*, acompañado de su señor padre, salió el 8 del corriente con destino á Arzúa (Zas), punto de su nacimiento, desde donde se dirigirá á Santiago para asistir á las festividades de la Semana Mayor y en donde, entre otros agasajos, se dará una velada en su obsequio.

Los Sres. López Pérez harán un viaje por Galicia.

Deseámosles un felicísimo viaje y que su estancia en el país natal les sea agradable.

Acto académico

Si regresa á la Coruña el Sr. Pérez López, se celebrará en su honor un acto académico por la Real Academia Gallega, que se verificará en el paraninfo del Instituto, cedido galantemente por su director, el señor Pérez Ballesteros.

En el Ateneo Coruñés

La sección ateneísta de la *Reunión de Artesanos*, celebró el domingo 12, á las diez de la noche, la velada anunciada, no para honrar la memoria del gran poeta gallego que no lo precisa, sino para recordar una vez más la inmensa pérdida que ha experimentado Galicia con la muerte de su ilustre cantor.

Comenzó el acto tras unas discretas palabras del señor Sanz por la lectura de poesías de Curros por los se-

F-36.

F-37.

pola sua *Alborada gallega.* Ali tamém o compostelám **Chané** (F-29), com *El Eco* corunhês (fundado sete anos atrás e decana do país), divulgou a nossa música, particularmente *A Foliada,* com grande sucesso.

1890 O 30 de Agosto tem lugar, no Teatro Principal (actual Rosalia Castro, F-28) o mais importante *certame musical* da época. Para el, o maestro Veiga compom aqui o *Hino Galego* (F-27) que, sem embargo, nom se estreará até depois de morto o seu criador (ver 1916).

1907 (Em Agosto deste ano terá lugar outro importante *festival de coros* do país, na praça de Maria Pita, baixo a direcçom do maestro **Chané).**

1890 a 1900 Nesta década intensifica-se, no prelo e tenda de música, já veterana, de **Canuto Berea** (Real, 38), a ediçom de toda quanta música nacionalista dos principais compositores sai na Galiza.

1889 Contra este ano **E. Carré** compra a livraria de **Andrés Martínez Salazar** (Rego da Auga, 16) e a imprensa de **Puga** (Real, 30), trasladando aquela, chamada *Librería Regional,* ao local desta (sobre 1895: posteriormente, sobre 1902, parece ser que passa a um local fronteiro, em Real, 31 (?) e, sobre o ano 1905, outra volta ao emprazamento primitivo do R. da Auga) e onde, naquela altura, se reúne a tertúlia alcumada pejorativamente de *Cueva Céltica* (para ridiculizar o seu celtismo, e que mas tarde os contertúlios assumirom possitivamente como *Cova Céltica),* berço da chamada *Escola corunhesa* de amantes da nossa língua e literatura e ninho de viçosas iniciativas galeguistas como a *Liga Gallega na Cruña.* Era objectivo desta, segundo reza o artigo 1.º do *Regramento* da sociedade —publicado em galego e em espanhol no seu órgao, e instrumento para a sua criaçom, *Revista Gallega* (F-33), semanário fundado em 1895 polo corunhês **Galo**
1895 **Salinas Rodríguez** (F-32): *Revista* e *Liga* com domicílio na livraria e mais na sua traseira, com porta à rua da Galeira, 23)— «a defensa dos interesses morais, materiais, políticos, económicos e sociais da Galiza». À parte a interessante actividade política da Liga, com feitos como o erguemento do monumento aos Mártires de Carral (o 22 de Maio de 1904, F-31), cabe resenhar aqui
1904 o seu activismo cultural, plasmado em actuaçons como a homenagem (coroaçom) a **Curros** (do
1903 21 de Outubro de dito ano, no Teatro Principal), ou o impulso decissivo para a criaçom da
1905 *Escuela Regional de Declamación* e da *Academia Gallega.*

1897 Dito ano saem, do prelo de **Carré,** as *Odas de Anacreonte,* primeira obra de envergadura traduzida para o galego (directamente do original) polo erudito bergondense **Florencio Vaamonde Lores** (F-34). Este ano, e das mesmas prensas, dito autor tira a lume o *Resume da Historia de Galicia,* primeira história em galego do nosso país que inclue o tamém primeiro ensaio em galego de história da nossa literatura e, assimismo, é o primeiro texto didáctico em galego. (O repetido
1894 autor publicara, na Havana e em 1894, *Os calaicos,* epopeia sobre a defensa protagonizada por Maria Pita).

1898 Hai constância, na mentada *Revista Gallega,* de que aqui já se utilizava por esta época a bandeira da Galiza como hoje é oficial: a sua origem parece estar no pavilhom (ou matrícula) do porto corunhês, o qual, anteriormente, ostentava a cruz de Santo André (velho padroeiro dos mareantes locais) e suprimira um dos braços da aspa a petiçom do Governo imperial ruso, que tinha idéntico pavilhom naval (F-37).

1900 Do prelo da *Casa de la Misericordia* e por conta do editor **Andrés Martínez,** sai, em dous tomos, a *Crónica troyana. Códice gallego del siglo XIV* (F-35), o mais importante texto da nossa prosa medieval, comentado polo vianês **Manuel Rodríguez Rodríguez;** (curiosamente, tamém aqui saiu, em 1985, a ediçom de Ramóm Lorenzo, a cargo da Fundaçom Barrié).

1903 O 18 de Janeiro e no Teatro Principal apresenta-se a recém fundada (polo actor ferrolám **Eduardo Sánchez Miño)** *Escuela Regional de Declamación* com a obra *¡Filla...!,* de **Galo Salinas:** é o primeiro intento sério de criar um teatro galego. Dito ano estrea-se, a segunda da Escola, no mesmo cenário e o 18 de Julho, *A ponte,* drama em dous actos e em prosa do sadense **Manuel Lugris Freire** (F-46), que inícia a prosa dramática galega (Tip. *La Constancia,* Maria Pita, 18, dito ano).

Nestas últimas décadas e primeiras do XX, durante mais de cinquenta anos, a *Reunión Recreativa e Instructiva de Artesanos,* popularmente *Circo de Artesáns* (F-40), situada, desde fins do XIX no palácio dos Cábria-Vilela, Santo André quase Pórtico, hoje desaparecido o edifício primitivo), sociedade decana do país, já dissolvido o *Liceo Brigantino,* é o que leva o protagonismo cultural na cidade, com iniciativas diversas (por exemplo, a homenagem a **Murguia,** nos seus 80 anos —17-5-913—, ou os monumentos a **Concepción Arenal** —17-9-916— e a **Pondal** —16-8-915—), e eventos nos seus salons (conferências, recitais, exposiçons, concertos...), muitas vezes abertos a solenidades da Academia Galega, e polos que passou, a dúzias, e além da espanhola, o mais graúdo da nossa intelectualidade (galega e) galeguista e mais da portuguesa (como botom-de-mostra, velaí as duas conferências que **Castelao** pronunciou (1920 —F-45— e 1923), a primeira no decurso da exposiçom, ali mesmo, do seu álbum *Nós).*

1905 Por iniciativa de **José Fontenla Leal** (F-39) e **Manuel Curros Enríquez,** criador e primeiro presidente, respectivamente, da *Asociación Iniciadora y Protectora de la Academia Gallega* da Havana, o 4 de Setembro, no Consulado (F-38), celebra-se a reuniom constitutiva da *Academia Gallega,* que tem como primeiro domicílio o andar principal da rua Rego da Auga, 38 (F-41), e apresenta-se publicamente, baixo a presidência de **M. Murguia,** no Circo de Artesáns, o 30 de Se-
1906 tembro do ano seguinte.

1907 No último trimestre nace aqui o movimento agrarista *Solidaridad Gallega,* com os seus órgaos, fundados o mesmo ano, *Galicia Solidaria* e *A Nosa Terra* (F-36, a primeira) e a publicaçom bilíngüe do *Catecismo Solidario* —cartilha redactada e talvez editada por **E. Carré,** da *Junta solidaria* corunhesa, ao jeito do precedente *Catecismo do Labrego,* que consegue umha enorme difussom (a 1.ª ed. já é de 10.000 exemplares). Numha das campanhas políticas de *Solidaridad,* **M. Lugris Freire** pronúncia, em Betanços, o primeiro mítin em galego da História. (E nom é que queiramos incluir a Vila dos Cavaleiros na Corunha).

1909 Com o baptismo do *Teatro Principal* como *T. Rosalia Castro* inicia-se a série de homenagens a galegos e galeguistas, continuada com os monumentos a **Pondal** (já citado), a **Murguia** (1933), e **Curros** (1934), e, modernamente, a **Luís Seoane** (1984) e a **Castelao** (1986)...

1912 Com o precedente (referido a indústria, comércio e artes), em 1909, da Exposiçom Regional de Compostela, e, nomeadamente da artística galega deste ano em Madrid, tem lugar aqui (entre Agosto e Setembro na Escola Da Guarda) a primeira (esta chamada provincial) de umha série de *Exposiçons de Arte Galega* (1917, 1923...), que contribuirám nom pouco ao ressurgimento desta faceta cultural (F 42/43/44).

1915 O jurista corunhês **José Pérez Porto** (F-47) dá cabo aos trabalhos da *Comissom* de Galiza para a compilaçom do Direito Civil de seu, publicando agora e aqui a *Memória El Derecho foral de Galicia,* que servirá de baseamento para a vigente *Compilación de Derecho Civil Especial de Galicia* (Lei de 2-12-963).

1916 **Antón Villar Ponte:** *Nacionalismo gallego. Nuestra afirmación regional* (F-50/51), duas ediçons seguidas (1.ª, *Tip. Obrera,* Socorro, 3, hoje J. Canalejo; 2.ª, *La Voz de Galicia,* dito ano) é o ambientador para a criaçom, o 18 de Maio, e no domicílio nessa altura da Academia (F-41), de *Os Amigos da Fala na Cruña,* primeira das *Irmandades da Fala,* e, o 14 de Novembro seguinte, do seu portavoz *A Nosa Terra* (a segunda). (Ver Apêndice). (F-48-49-52).

1916 Segundo afirma M. Casás (tacitamente corroborado por Estrada Catoyra), presidente à sazom (1913-19) do Circo de Artesáns, na *Gran Fiesta de la Música Gallega* organizada por dita sociedade no campo de touros o domingo 20 de Agosto, diante de mais de 10.000 almas (o aforo completo), e por coros de Ferrol *(Toxos e Froles)* e de Lugo *(Cántigas e Aturuxos),* entoou-se pola primeira volta ante tanta gente o nosso Hino, aqui composto um quarto de século atrás, ainda vivo o autor da letra, **E. Pondal.**

1916 O 1 de Setembro seguinte, celebra-se, organizada polo mesmo Circo no Teatro Rosalia, umha brilhante *Festa da Poesia,* em honra da nossa poeta nacional e para recaudar fundos para o monumento a erigir-lhe em Compostela, na que participam, entre outros, **Vázquez de Mella** e o **marquês**

F-38. Ainda nom era tal Museu o Consulado quando se fundou nel a Academia Galega.

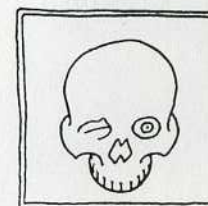
F-39.

F-40.

F-41. No andar principal deste edifício do Rego da Auga, número 38 albergou-se a Academia Galega até que, a proposta do concelhal Iglesias Roura, lhe fôrom cedidas algumhas salas do novo Palácio Municipal da Corunha. No mesmo local fundarom-se as Irmandades da Fala, segundo consta na placa que se aprécia na fachada do baixo. (Colaboraçom de Foto Blanco).

F-42/43/44. Encabeçamentos para a I e III Exposiçons por Cortés e cartel para a II por Sobrino.

PUBLICACIÓS DA REAL ACADEMIA GALLEGA

ALFONSO R. CASTELAO

HVMORISMO
DIBVXO·HVMO
RÍSTECO
CARICATVRA

CONFERENCIA
MARZO - 1920

LITOGRAFÍA E IMPRENTA ROEL, S. A.
A CRUÑA

F-45. Capa do próprio Castelao para a sua conferéncia de 1920, que ainda foi publicada individualmente em 1961.

F-46.

F-47. Busto em escaiola de Pérez Porto por Asorey (o de mármore acha-se no Colégio Notarial da Corunha).

F-48/49. Ramón e Antón Villar Ponte, por Villar-Chao e por Castelao, respectivamente.

NACIONALISMO GALLEGO

Nuestra 'afirmación' regional

Apuntes para un libro, hechos por Antonio Villar Ponte

TIPOGRAFIA OBRERA, LA CORUÑA

F-50.

NACIONALISMO GALLEGO

(Apuntes para un libro—Segunda edición)

Nuestra afirmación regional

Por ANTONIO VILLAR PONTE

IMPRENTA DE "LA VOZ DE GALICIA"

LA CORUÑA 1916

F-51.

OS AMIGOS DA FALA GALLEGA

ESTATUTOS

OUXETO E FINS

I.—Esta sociedade nomearase OS AMIGOS DA FALA GALLEGA, e terá por ouxeto:

a) Falar entre os asociados o idioma gallego, espertando por él a afición e amor dos fillos de Galicia.

b) Traballar por todol-os medios pra que os boletís gallegos adiquen periódicamente unha seición pra que os escritores da fala gallega poidan dar a conecer as suas producciós; e traballar tamén hasta que os Amigos da Fala na Cruña, poidan ter un boletín pol-o menos cada quince días.

c) Acostumar aos asociados á escribir na nosa fala, facéndose pol-o menos unha vez cada seis meses lectura dos traballos en prosa ou verso, no seo do Consello ou n-unha festa d'asociados; e cando o traballo o mereza o seu autor recibirá o agasallo de MESTRE DA FALA.

d) Sempre que sea convenente, ou o tempo o permita, faranse espedicios en días de festa ás nosas aldeas, pra que á contemplación de Galicia labradora esperte a enxebreza nos AMIGOS DA FALA, e todol-os demais actos de traballo e propaganda que o Consello acorde.

e) Cando a situación da Sociedade o permita, fomentarase o conecemento da musica tradicional e propia da terra.

f) Todol-os actos de lexítima propaganda serán feitos sómente en aquel fin, e todol-os aniversarios farase unha visita á tumba dos grandes cultivadores da fala que haxa na localidá, pra manter d'este xeito nas nosas almas o culto do galleguismo.

D'OS SOCIOS

II.—Pra ser socio necesítase ser nado ou oriundo de Galicia, ter quince anos pol-o menos, e prometer solenemente o cumprimento dos fins d'esta asociación.

III.—A admisión faráse precisamente por votación secreta entre o Consello.

IV.—A cuota será d'unha peseta ao trimestre. Cando o Consello o crea convenente variaráse á cuota.

XUNTAS XENERAES

V.—Cada ano faráse unha xunta xeneral ordinaria pra dar conta da xestión e do estado económico da Sociedade, e as xuntas xeneraes cando o estime convenente o Consello ou pidano a quinta parte dos asociados.

As convocatorias faranse pol-o menos dous días antes da reunión, e ésta celebrarase calquera que sea o número de concurrentes.

Nas xuntas xeneraes ordinarias farase a renovación dos Conselleiros que cesen.

DO CONSELLO

VI.—O Consello componeráse de seis socios, n-esta maneira: Conselleiro 1.°, Conselleiro 2.°, Secretario, Tesoureiro e dous vocales mais.

VII.—Os individuos do Consello renovaranse por mitade cada ano, quedando estabrecido o orde pra o renovamento sucesivo pol-o primeiro sorteo; e poderán ser reelexidos para os mesmos ou distintos cargos.

VIII.—O goberno e direición da Sociedade corresponde ao Consello; podendo este resolver todol-os asuntos, o mesmo os referentes da relaciós esteriores como os do réxime interno, e pol-o tanto pode tamen estabrecer relaciós fraternaes con todal-as asociaciós análogas de Galicia ou de fora; nomear quen as represente dentro d'Has; admitir representantes das ditas sociedades no seu seo; e propoñer ou axudar ao estabrecimento na terra galliega d'unha hirmandade entre todal-as agrupaciós afins.

IX.—O Consello gobernará d'este xeito:

a) Axuntaráse pol-o menos unha vez cada mes, e mais veces sempre que o convoque o Conselleiro 1.°, e pidan dous vocales ou o soliciten doce asociados.

b) Nas sesiós de primeira convocatoria non se poderán tomar acordos se non se reunen a mitade dos seus individuos; mais nas de segunda, poderán tomar acordos calquera que sea o número dos reunidos.

X.—Os individuos do Consello desempeñarán os cargos d'acordo co'a sua desinación.

DISPOSICIÓS XENERAES

XI.—O socio que falte aos deberes de tal, será primeiramente advertido, e se reiterase a falta, poderá ser espulsado pol-o Consello, que dará conta na primeira xunta xeneral.

Estes estatutos poden ser renovados en xunta xeneral, á proposta do Consello ou a petición da cuarta parte dos socios pol-o menos.

A Cruña, 18 de Mayo de 1916.

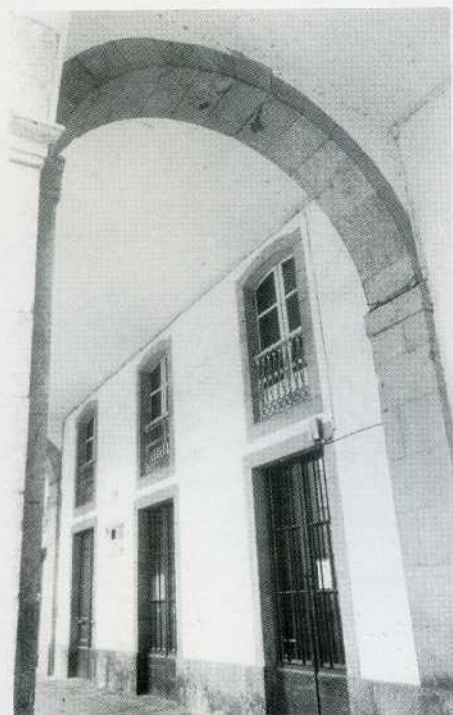
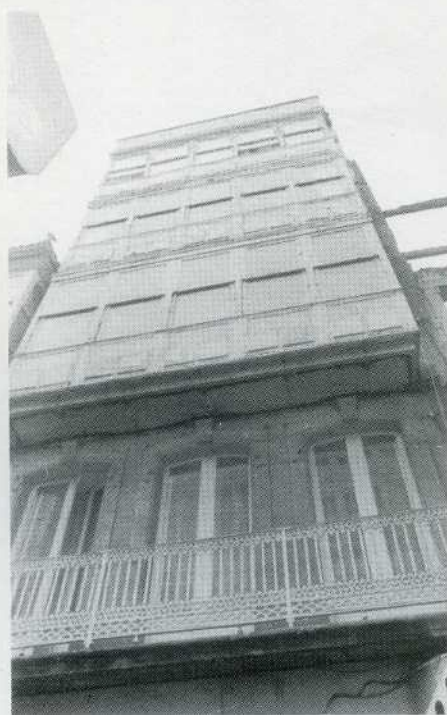
F-52.

F-53. Fernando Osorio por Castelao.

F-54.

F-55. Neste baixo de Maria Pita, 17, residiu prolongadamente a Irmandade da Fala corunhesa e mais o seu Conservatório Nacional de Arte Galega. (C. Foto Blanco).

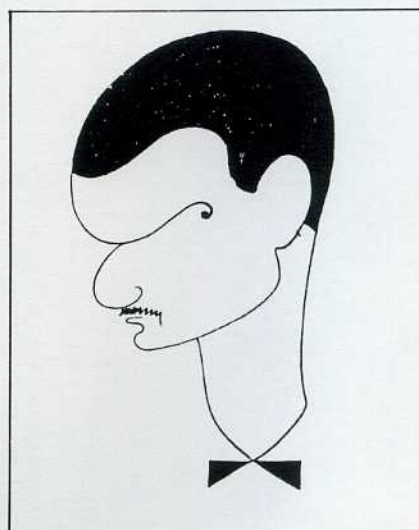
F-56. A estoutro edifício e primeiro andar da rua Real, 36 trasladou-se a Irmandade da Fala, local polivalente onde radicárom, ao tempo ou sucessivamente, A Nosa Terra, as editoriais Lar e Nós, a escola galega e mais o Partido Galeguista. (C. Foto Blanco).

F-57. No baixo de Linares Rivas 50, (onde hoje radica a tenda de Isidoro Mira) estava instalado o prelo corunhês (1927-1931) da editorial Nós. (C. Foto Blanco).

F-55.

F-56.

F-57.

F-58.

F-59.

F-60. Cabanillas por Castelao.

F-61. Peña Novo por Cebreiro.

F-62. Leandro Carré por Cebreiro.

LAR

REVISTA QUINCENAL

DIREITOR: LEANDRO CARRÉ
ADEMINISTRADOR: ANXEL CASAL

Ano I — 29 Novembre 1924 — N.º 1

A MIÑA MULLER

NOVELA ORIXINAL E INÉDITA

POR

Wenceslao Fernández Flórez

(Portada de CAMILO DÍAZ)

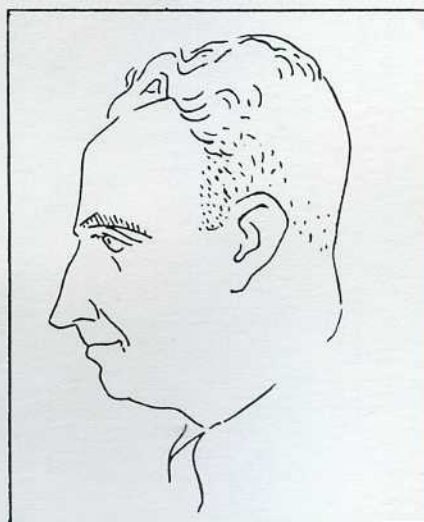
IMPRENTA MORET
Marina, 28
A CRUÑA

F-63.

HISTORIA : SINTÉTICA
DE : GALICIA : POR
RAMÓN : VILLAR : PONTE

1927

EDICIÓN : NÓS : A CRUÑA

F-64.

F-65. Ângelo Casal por Maside.

F-66. Juan González por Bagaria.

DICCIONARIO
GALEGO-CASTELÁN
POR
Leandro Carré Alvarellos
Correspondente da Real Academia Gallega e do Instituto Histórico do Minho
Membro do Seminario de Estudos Galegos

TOMO I

EDICIÓN LAR -- A CRUÑA -- 1928

F-67.

Vocabulario
Castellano-Gallego
DE LAS
Irmandades da Fala

Imprenta Moret - Galera, 48
LA CORUÑA

F-68.

F-69. Bronze de Suárez Ferrin por Ramón Conde.

de Figueroa, Murguia, Francisca Herrera, Rey Soto, Alejandro Barreiro, M. Casás, Barcia Caballero, Filomena Dato...

1918 Fundaçom no mesmo Circo e polo seu presidente, **Casás** (F-58), e mais por **Fernando Martínez Morás** (F-59), do *Instituto de Estudios Gallegos,* que, do 24 ao 31 de Agosto do ano seguinte
1919 desenvolve aqui o *I Congreso de Estudios Gallegos,* com interessantes aportaçons internacionais.

1919 O 22 de Abril e no *Pabellón Lino* (F-54) apresenta-se publicamente o *Conservatorio Nazonal de Arte Galego,* baixo a direcçom do corunhês **Fernando Osorio Docampo** (F-53), com *A man*
1917 *de Santiña* de **Ramón Cabanillas** (F-60). Tamém por estos anos o cadro de declamaçom do re-
a cém fundado coro *Cántigas da Terra,* dirigido aquel por **Leandro Carré** e **José Iglesias Roura,**
1924 fazia representaçons em galego. O grupo de teatro da Irmandade cambiará de Conservatório para *Escola Dramática Galega* e de direcçom (para **L. Carré**) a partir de 1922.

1919 Do prelo de *El Noroeste* (Real, 26 e Galeira, 21), sai —como folhetim de *A Nosa Terra* núms. 105/109— *Arte e galeguismo,* primeira obra em galego publicada por **Castelao,** texto da conferência que pronunciara, no local da Irmandade da Fala, com o ensejo da mostra pictórica de **Imeldo Corral** (no Circo), e que se reproduz a continuaçom deste trabalho.

1920 O 7 de Julho —com três meses de retrasso, por ter sido impugnado— e como conseqüência das eleiçons do 8 de Fevereiro, possessiona-se do cargo de concelhal pola Corunha o vilalvês **Luís Peña Novo** (F-61), por quem se falou o nosso idioma pola primeira volta no ámbito institucional, primeiro edil nacionalista galego até que, o 1 de Outubro de 1923, o despoja o golpe de Primo de Rivera da tenência de alcaldia (que vinha desempenhando desde Fevereiro). (Antecedente do 19 de Abril de 1979, em que Domingos Merino Mejuto toma possessom como primeiro alcalde nacionalista —e socialista desta— de qualquer cidade galega na história do nosso país).

1922 Zincke Hnos. publica a *Gramática do idioma galego,* de **Manuel Lugris Freire,** a primeira em galego e a única exequível durante 45 anos (2.ª ed., por Moret, Galeira, 48, de 1931).

1923 No Consulado, o 18 e o 19 de Março, tem lugar a V Assembleia das Irmandades da Fala, mais exactamente, da *Irmandade Nazonalista Galega.* E, um mês escaso antes do citado golpe primo-riverista, em *A Nosa Terra* do 15 de Agosto, saem as *Bases das Escolas do Insiño Galego* (ver Apêndice).

1924 Em Real, 36-1.º funda-se, polos corunheses **Leandro Carré Alvarellos** (F-62) e **Ângelo Casal** a editorial *Lar,* que, publicando umha obra (quincenal de primeiras, mensual depois), quase sempre novela (até um total de 40 entre os mais de 50 volumes que totaliza o seu catálogo até 1928), é, depois de *Céltiga* de Ferrol, a primeira editora galega em galego, por modesta que ela for, com continuidade, e precedente da editorial *Nós,* bem mais ambiciosa. Em *Lar* saírom primeiras ediçons de obras tam singulares como *Cousas* (1.ª versom) de **Castelao,** ou *O Mariscal* de **Cabanillas** e **A. Villar Ponte...** tendo começado, em 29 de Novembro, com *A Miña muller* (F-63) de **Wenceslao Fernández Flórez.**

1927 Com o precedente da anterior experiencia, **Ângelo Casal Gosenje** (F-65) funda, em Setembro, a editorial *Nós,* que já desde antes se ocupava de imprimir e administrar a revista ourensá homónima e, desde agora, o órgao corunhês *A Nosa Terra* e o boletim compostelám *Arquivos do Seminario de Estudos Galegos* —segundo nos esclarece Dobarro Paz. Da editorial di Fernández del Riego que foi «o principal centro de irradiaçom do mundo das nossas letras» e **Castelao** diria do seu director que «**Casal** por Galiza fixo mais que todos nós». (Ver Apêndice). Como mostra dessa importáncia, e limitando-nos à etapa corunhesa, diremos que do seu prelo saírom, sucessivamente —44, mais da metade do total e as principais— obras como: *O Galo* de **Luís Amado Carballo,** *De catro a catro* de **Manoel António,** *Os camiños da vida* e *Arredor de si* de **Ramón Otero Pedrayo,** *O porco de pé* de **Vicente M. Risco,** *Cousas* (2.ª versom) e *Cincuenta homes por dez reás* de **Castelao,** *Poesias* de **Manuel Leiras Pulpeiro,** *Nemancos* de **Gonzalo López Abente,** *Abellas de ouro* de **Xosé Lesta Meis,** *Contiños da terra* de **Ken Keirades,** *Beiramar* de **Armando Cotarelo Valledor** ou *Vieiros* de **Ricardo Carvalho Calero,** último volume este impresso na Corunha e leva data do 6 de Maio de 1931. O labor editorial iniciara-se o 25 de Novembro de 1927

com a *Historia sintética de Galicia* (F-64) de **Ramón Villar Ponte,** seguida, o 10 de Dezembro, dos *Linoleums* de **Xaime Prada Losada,** cujo álbum de gravuras, com os peculiares precedentes das *Cousas* de **Castelao** (do ano anterior, segundo vimos) e de um número extraordinário da revista pontevedresa *Alborada* (de 25-7-922), seguramente se poda considerar o primeiro livro de arte editado no país.

1928 Talvez como última publicaçom da editorial *Lar,* sai o *Diccionario Galego-castelán* de **Leandro Carré** (F-67), o primeiro em galego e de certa extensom, amais de ser o único disponível durante 30 anos.

1930 No local da Irmandade tem lugar a VI Assembleia Nacionalista.

1930 Por iniciativa do clérigo de Cúntis **José Toubes Pego,** fundador, em 1917, de *El Ideal Gallego,* cria-se a parróquia de Sam Pedro de Meçonço, talvez a primeira dedicada modernamente a um personagem galego, estabelecendo-se na antiga e humilde de Santa Luzia, nas ruas Juan Flórez e Castinheiras d'Abaixo.

1931 No fervor do processo estatutário (a meio caminho entre a I, de 4 de Junho, e a II Assembleia Pró Estatuto de Autonomia, de 25 de Outubro, celebradas no T. Rosalia), o alcalde acidental, **Juan González Rodríguez** (F-66), publica, o 24 de Julho, e com referência à festa nacional do 25, o primeiro bando municipal em galego na história do país, segundo se reproduz (F-70) (de *A Nosa Terra,* 1-9-31).

1933 Publica-se por Moret o primeiro *Vocabulario castellano-gallego* (F-68), das Irmandades da Fala (embora nom o assine) devido ao betanceiro **Salvador Mosteiro Pena.**

1936 Tamém será o nosso Concelho, em sessom do 22 de Abril, presidida polo alcalde **Alfredo Suárez Ferrín** (F-69), que iniciará o processo plebiscitário aprovando, por unanimidade, a seguinte moçom: 1.° Determinar a mais rápida forma de convocatória e celebraçom do plebiscito para o Estatuto da Galiza. 2.° Que o Concelho da Corunha destine 50.000 pesetas para contribuir aos gastos de propaganda e mais que se originem por mor deste assunto. 3.° Invitar a todos os Concelhos galegos para que contribuam com quantidades proporcionais aos seus ingressos. *(A Nosa Terra,* 24-4-36).

1949 Exposiçom *100 anos de arte en Galicia* (celebrando o centenário da *Academia Provincial de Bellas Artes Nuestra Señora del Rosario,* desde 1984 de âmbito galego), da que foi precedente a Expo. Regional de BB.AA. de Compostela (1941).

1949 1949, 1963, 1970: três fitos no complexo industrial-cultural do Castro de Samoedo (Ossedo-Sada), que, pese a nom ficar no nosso alfoz, polo seu grau de consubstancialidade com A Corunha nom podemos deixar de mencionar: em ditas datas fundam-se, respectivamente, as *Cerámicas do Castro,* as *Ediciós do Castro* e o *Museu Carlos Maside* (hoje de Arte Contemporánea), cujo promotor essencial foi o compostelám **Isaac Díaz Pardo** (F-72), com a colaboraçom do galego-argentino **Luís Seoane López** (F-71).

1953 a 1958 Segunda época do cadro de declamaçom (em galego) do coro *Cántigas da Terra.* Nos anos seguintes surgiriam diversos grupos teatrais: o da *A.C.I.* (**Antonio Naveira Goday,** 1959), *Tespis* (**José Redondo Santos,** 1961), *O Facho* (**Manuel Lourenzo Pérez,** 1965) e *Teatro Circo* (do mesmo, 1967), entre outros, nom todos unilíngües em galego.

1955 O *Ballet Gallego de La Coruña,* fundado anos atrás polo ourensám **José Manuel Rey de Viana,** fai a sua apresentaçom pública na cidade, para, com os anos, levar a nossa presença aos mais diversos países.

1956 No verao (e segundo se recolhe em *La Voz de Galicia* de 2-5-89) o jornalista mezquitense **Augusto Assía** logra que se produza a primeira transmissom radiofónica em galego, polas ondas de *Radio Juventud de Galicia,* da Corunha.

1957 Fundada em 1951, a *Asociación Cultural Iberoamericana* (A.C.I.) começa, baixo a presidência do corunhês **Miguel González Garcés** (F-73) umha intensa actividade cultural: é entom (segundo G. Garcés) quando dá ali o lourençanês **Francisco Fernández del Riego** (F-74) a primeira conferência em galego na Corunha da pós-guerra (e da Galiza?).

UN BANDO EN GALEGO

Por ser o primeiro documento d'este caraiter que se escribe en galego damos á pubricidade o bando que o alcalde da Cruña pubricou o Día de Galicia. Cobizamos que o exempro cunda en toda Galicia sin necesidade de agardar a que o bilingüismo sexa decretado oficialmente.

"Cibdadans cruñeses:

Mañán é o Día de Galicia o Día en que todol-os galegos de corazón e de alma poñen cheos de fe a sua alma, o seu corazón e as suas arelas nos novos destinos da Nai Terra, á que deben ir sempre 'os nosos mais nobres e mais outos pensamentos. Agora, como endexamais podemos decir que os tempos foron chegados pra que Galicia, dona de si mesma, escriba no libro da sua his-

toria as pixinas inmorrentes do seu cobizado rexurdimento.

N'istes istantes verdadeiramente históricos en que estamos vivindo horas que parescen horas de eternidade, a capital galega non podo amostrarse indifrente diante da era de renacencia que se aveciña pr'o noso país.

A Cruña, baluarte da libertade, tén unha limpa e longa executoria de republicanismo e galeguismo, pois soupo manter en toda a sua enxebreza a abelencia republicana e galega como ningunha outra cibdade galega. Frente ós asoballos monarquicos que non poderán repetirse mais, puxo sempre que quiso a sua xurdia forza de libre cibdadanía, podente cando sabe exercitarse no contraste da vontade popular.

Esta proba de esperitoal e sinceira democracia ten que servirnos hose pra facer ver que seguimos sendo os que fomos e pra amostrar que o noso pasado ó exempro do noso presente e garantía do noso porvir.

Chamados a formar, dentro do novo réxime d'unha España Republicana, Federal e grande, unha Galicia próspera digna e arelante de vivir a sua vida propia e de gobernarse a sí mesma, libre de estranas inxerencias pra todo o que é do seu, debemos erguer o corazón porenriba de todal-as humanas cativeces, pra facernos merecentes dos vindeiros días que a sorte nos apara.

Como alcalde accidental coido cumprir unha obriga do cárrego, relembrándolle ós meus conveciños a asinalada data de mañán, que é o Día consagrado ós eisal tazós galegas e a todo o que sea honrar e grorificar a Galicia e a todo galego.

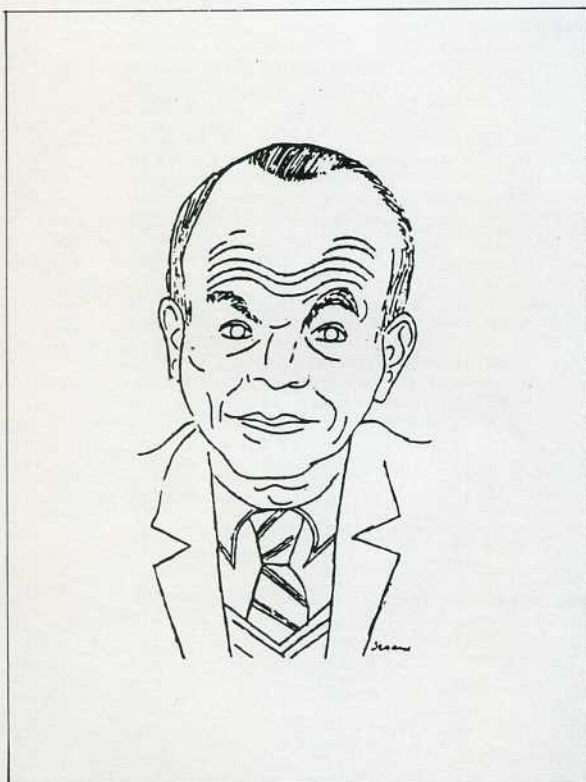
Sei que os cruñeses non han mester rogos pra ratificar unha vez mais o seu amor a Galicia i-os seus vellos ideales; e por eso estou convencido de que no Día grande de mañan, Día de festa íntima i-espiritoal, latexarán todol-os corazós en aceso homenaxe â Nosa Terra; haberá en todol-os pensamentos un úneco pensamento de gratitude ademirativa para todol-os galegos ilustres que contribuiron a formar a concencia galega d'estas horas solemnes; terán un afervoado recordo todol-os cibdadans que morreron con afans de libertade e que non poideron disfroitar da emozón d'estes momentos; sentirán as nosas xuventudes o esporazo do estímulo pr'as loitas do futuro, e sairán de todol-as almas, mais que de todol-os beizos, un ¡Viva España Repubricana e Federal! e un ¡Viva Galicia Nai'e Señora Nosa!

A Cruña, 24 de Xulio de 1931.

O voso alcalde accidental, Xoán González Rodríguez.

F-70.

F-71. Seoane por Seoane.

F-72. Díaz Pardo por Seoane.

F-73. González Garcés por Seoane.

F-74. Fernández del Riego por Vizoso.

F-75.

F-76.

A PALABRA DE DEUS

EVANXELIOS

TRADUCCIÓN DO ORIXINAL GREGO

POR

XOSÉ MORENTE TORRES

E

MANUEL ESPIÑA GAMALLO

CANÓNEGOS DA R. E I. COLEXIATA DA CRUÑA

Editorial SEPT

Santiago MCMLXV

F-77.

A xornada pro autonomía

Chamamento a todos os galegos

Irmáns galegos:

Estamos a vivir días importantes para o futuro do noso país. Importantes, pois logo de tantos anos de silencio e de opresión a nosa voz pode e debe ser escoitada.

O centralismo que os galegos viñemos padecendo aparentemente calada e resiñadamente dende hai séculos, gobernados dende os despachos de Madrid, débese tronzar para sempre. Pois para Galicia e o seu pobo non trouxo máis que marxinación, asoballamento, esquecemento, probeza, en suma.

Emigraron e siguen a emigrar os nosos mellores homes e mulleres. Emigran os nosos aforros. Emigran as nosas riquezas. Emigran as nosas ideas. O noso territorio é unha e outra vez sometido á rapiña máis descarada. Galicia é presa da máis noxenta espoliación. Nin tansiquera o noso idioma e a nosa cultura teñen dereitos.

Solo remataremos con todo eso si os galegos nos unimos e dispoñemos de poderes para decidir o que máis nos conveña. E a autonomía é hoxe o único camiño posible para iniciar a recuperación dos nosos dereitos como pobo diferenciado, e a posibilidade de que sexamos nós os que poñamos solucións aos nosos problemas.

A autonomía, que debemos considerar como o reconocemento dun dereito conquistado polo pobo galego no ano 1936 e que nunca pudo exercitar.

Autonomía para ser máis nosos e así tamén poder ser máis de todos. Autonomía para que os traballadores do mar, da terra e da industria obteñan unha distribución máis xusta do froito do seu traballo escravo e sufrido. Autonomía hoxe, para ter unha terra máis nosa, con máis xusticia e con máis solidaridade nun futuro prósimo. Para que a Nosa Terra escomence a ser nosa.

Mulleres e homes, mozas e mozos, nenas e rapaces, traballadores do agro, do mar e da industria, do comercio e da cultura, veciños das cidades, vilas e parroquias, galegos todos, acudide á Cruña o domingo día 4, ás 12 da mañán na Plaza de Portugal, para dar unha mostra clara de afirmación do noso desexo de ser galegos con plenitude de dereitos.

Acudide todos, homes e mulleres de Santiago, Malpica, Carballo, Betanzos, Ferrol, Cee, Arzúa, A Cruña..., galegos da beiramar e da montaña, para dar unha resposta exemplar. Para dar mostra de que pertenecemos a unha comunidade que quere perpetuar a súa existencia como tal dentro da solidaridade cos outros pobos do Estado español e de que éste é o inicio dun novo camiño.

Acudide todos, e que o catro de Nadal non haxa un balcón nin unha fiestra sin a bandeira da Terra. Esa bandeira azul e blanca que xuntamente coa nosa lingua ainda non nos queren reconocer os que nos mandan.

Que a loita que viñeron sostendo durante anos as conciencias máis vivas do país teña o eco que merez na manifestación do domingo. Xunguidos todos, collidos das mans, co propósito firme de iniciar unha nova etapa da nosa vida colectiva para conquerir a Galicia feliz, próspera e segura de si que Castelao, dende o seu panteón do cimiterio bonaerense da Chacarita, sigue a soñar.

¡GALEGOS, A NOSA TERRA É NOSA!

¡VIVA GALICIA!

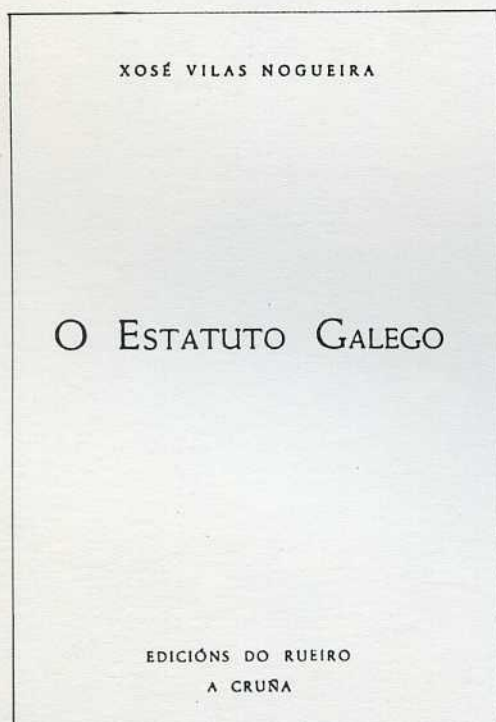
Comisión xestora manifestación pro autonomía

A Cruña, 30 de Santos do 1977

F-78.

XOSÉ VILAS NOGUEIRA

O ESTATUTO GALEGO

EDICIÓNS DO RUEIRO
A CRUÑA

F-79.

F-80. Cartel de Xosé Díaz.

MANIFESTO DA PLATAFORMA GALEGA DA CULTURA

E un feito a marxinación e opresión cultural que Galicia sofre. Esta situación sigue a se manter polos continuos atrancos que ten de aturar a libertade de expresión en xeral e a cultura en particular. Tampouco resultan esperanzadoras as cativas perspectivas da futura autonomía, á que temos de lle dar un contido verdadeiramente popular.

Entendemos a actividade cultural como un obxetivo de primeiro orde cara acadar a liberación integral do noso pobo. Compre daquela recuperarmos a nosa identidade, potenciando o noso herdo histórico na percura da súa actualización e posterior desenvolvemento.

A permanencia deste asoballamento cultural ten o seu orixe na dependencia económico-política que, xunto ao sometemento do propio idioma polo oficialmente establecido, nos impón o centralismo estatal do capital monopolista. A folclorización sistemática das nosas auténticas manifestacións ven sendo o medio máis claro de neutralización da creatividade popular.

Diante deste ruín estado de cousas, atopámonos cunha doble falla: por unha banda, de medios e canles pra o rexurdimiento da cultura galega e, pola outra, dunha unidade e coordinación das forzas progresistas que o farían posible.

Xa que logo, vemos a necesidade de que as forzas políticas, sindicais, AA.VV., agrupacións culturais culturais e demáis organizacións de base se artellen pra facer frente a esta situación.

Propoñemos como obxetivo fundamental o espallamento e participación popular a todos os niveis da creación cultural en Galicia. Acordamos, daquela, constituir na Cruña a **Plataforma Galega da Cultura,** esforzándonos para que a nosa iniciativa medre e se extenda por toda a nación galega.

Agardamos tamén o apoio daqueles que dalgún xeito poidan colaborar nesta tarefa de resurdimento da cultura en Galicia.

Proposta á que prestan o seu apoio:

F-81.

Proposta á que prestan o seu apoio:

Agrupacións Culturais: Agrupación Cultural "O Facho", Colectivo de Xornalistas "Mancomún", Asociación Cultural Betanceira, Sociedad Recreativa y Cultural de Sada, Centro Cultural y Recreativo de Perlío, Asociación de Oleiros, Equipo de Cine "Imaxe", Colectivo de Imaxe.

Grupos de Teatro: O Facho, Tespis, Tarastora, Escola Dramática Galega, Patronato do Pedrón de Ouro, Asociacións de Veciños da Cruña.

Sindicatos: Sindicato Galego da Información, Sindicato de Artistas Plásticos, Comisións Obreiras de Galicia, Confederación de Sindicatos Unitarios de Traballadores, Sindicato Galego de Traballadores do Ensino.

Frentes Culturais: Partido Socialista Galego, Partido Obreiro Galego, Movemento Comunista de Galicia, Partido do Traballo de Galicia, Liga Comunista Revolucionaria.

cuadernos da ⓔ escola dramática galega

N.º 1 A Coruña, maio, 1978.

O TEATRO INFANTIL GALEGO

Poucos esforzos se levan feito no campo do teatro infantil galego. A primeira xeneración que deu unha alternativa escénica ao teatro nacional foi a das Irmandades da Fala, coa creación, en 1919, do Conservatorio Nazonal de Arte Galega, chamado logo Escola Dramática Galega. Daquela, todo ao longo dos anos 20, o movemento teatral das Irmandades, cunha nómina importante de autores e conxuntos dramáticos que recorrian as vilas de Galicia, non chegou a plantexar o asunto do teatro infantil, en parte por falla de medios para realizar tal experiencia, en parte porque subsistia o prexuicio de considerar ao neno como un simple aspirante a home, que non tiña un mundo propio.

No noso tempo, a evolución que se operou neste concepto, mesmo nos paises menos desenvolveitos, parecia prometer unha boa xeira para o teatro infantil. Non aconteceu así na nosa Terra, por unha chea de circunstancias que agora non imos debrullar. Hoxe o noso propósito non é o de entrar no complexo mundo da análise sociolóxica, senón o de ofrecer algúns datos que axuden a centrar o tema cara un futuro debate. Que sen dúbida ha ter que xurdir.

PUBLICACIONS

Astra o ano 1973, que é cando sae do prelo a obra de Carlos Casares AS LARANXAS MAIS LARANXAS DE TODAS AS LARANXAS, premiada no I Concurso da Agrupación Cultural O Facho, da Coruña, non se publica ningún texto de teatro para os nenos galegos, se exceptuamos os ensaios de Teatro escolar do arcebispo Lago Gonzáles: EL NOMBRE DE JESUS, bilingüe, publicado na prensa en 1886, e o sainete galego CALABAZAS datado en 1881; a farsa AGROMAR, de J. Acuña —seudónimo de Xosé Filgueira Valverde—, aparecida en 1936, ou as pezas poéticas de Manuel Maria: BARRIGA VERDE, 1968; Autos do Taberneiro, do Mariñeiro e da Costureira, polas mesmas datas..., que non son especificamente infantis, anque anuncien unha vocación que se concretaria en dúas pezas estreadas en 1976 polo grupo ESPANTALLO, de Sarria: AUTO DO MAIO ESMAIOLADO e AVENTURAS E DESVENTURAS DUNHA ESPIÑA DE TOXO CHAMADA BERENGUELA.

Outras publicacións foron ainda promovidas por O Facho. Trátase da obra de Bernardino Graña SINFARAININ CONTRA DON PERFEUTO, mencionada no I Concurso, e mais de VIAXE AO PAIS DE NINGURES, de Manuel Lourenzo, premiada no II. Estas pezas, xunto coa de Casares, foroñ editadas por Galaxia, empresa que tamén publicou OS ANXOS COMENSE CRUS, obra de Jorge Dias traducida ao galego por Daniel Cortezón (1973), e mais o tomo de Eduardo Blanco Amor TEATRO PRA A XENTE (1974), onde se inclúe FAS E NEFAS, OU O CASTELO ENMEIGADO NUMERO 5000 E PICO, "fantasia escolar pra nenos dun colexio luxoso, e pra ser representada por actores entre doce e catorce anos".

As pezas citadas, xunto coas que compoñen o tomiño MONICREQUES (1974), de Pura e Dora Vázquez, e os orixinais ou traduccións que van aparecendo na revista infantil VAGALUME, resumen, salvo erro ou omisión involuntarios, a historia das publicacións teatráis infantis na nosa lingua.

F-82.

As rúas da Cruña

POR UN NOMENCLATOR —
—URBANO GALEGO RACIONAL—
— E DEMOCRATICO

partido
socialista galego

F-83.

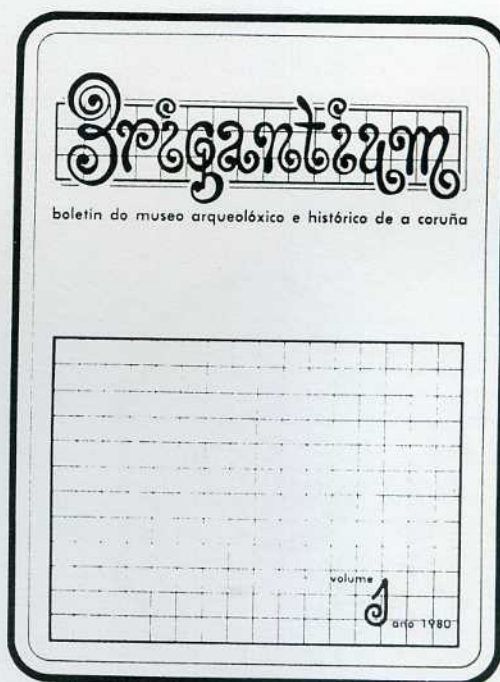
MAN COMÚN

NUMERO CERO · MAIO 1980 · CEN PESETAS

RECOMPOSICION DO CENTRO
EN GALIZA

ESTATUTO:
¿E POSIBEL NEGOCIAR?

A REAL DIGNIDADE DO
DIA DAS LETRAS GALEGAS

F-84.

F-85.

DIALECTICA
DO DESENVOLVIMENTO:

NAÇOM, LÍNGUA
CLASSES SOCIAIS

Por RAMOM L. SUEVOS

F-86.

AGÁLIA

REVISTA DA ASSOCIAÇOM GALEGA DA LÍNGUA

NÚM. 1

Primavera 1985

F-87.

LUZES

de Galiza

N.º 0. XULLO 1985. 200 PTAS.

O Cavalo do orgullo

ARDE O NOROESTE

Que pasa no Noroeste? Hai raizes ardendo. Hai luzes de neón e altos labirintos de gangrena. Que pasa no Noroeste? Hai vieiros que sinalan unha ebriedade secreta, hai roces de cruxol, hai luas, hai vorazidade e corrosión. Entran no labirinto novas bocas, novas vozes. Que pasa no Noroeste? Escoce o asfaixo xordo, os bairros erguen barricadas de cítrica emoción, cain as paredes gotosas, escorre o úbere atroz. Os faraóns naufragan, o catetismo esgota-se, a horterada subtil da alienación ten os pantalóns caídos, o cú de fóra. Que pasa no Noroeste? Hai cobras alucinadas polos xardins da noite, hai ratos e lampreias nas abóbadas do Sol, hai fulminantes súbitos como lóstregos, hai camellos ferozes devorando carrocismo sen demora, frustración como alcool. Que pasa no Noroeste? Unha tribo nación, un labirinto harmonioso, unha luz nacarada sobre unha raíz insólita, unha patada de astros nun despertar fastuoso. Pero que carallo pasa no Noroeste? Milleiros de caimáns devorando esperanza nas escolas, nenos que albiscan abrelatas na sopa, vozes que se erguen, luzes, rios de neve xorda, crueza que se alza para arrasar a aurora, estourantes patadas contra a boca.,

O NOROESTE ARDE. RAIZES EBRIAS DO SOL ARDEN NA AURORA.

Mohicánia: ***LOIS PEREIRO, SEN MEDO ANTE O PENALTI***

(Páxina 7)

ONDE SE VAI POR AQUÍ?, PERGUNTA LAMAZARES

(Páxina 17)

HOXE EN LUZES

«A reforma das pensións, analizada resentidamente por A. R. Reixa». (Pax. 4).

«Xesús González escrebe sobre crítica, vaidades, profesores e outras podredumes». (Páx. 2).

«¿Perversión? Iso depende, según Antón Baamonde». (Páx. 3).

«Rosalía de Castro en contra do ano Rosaliano». (Páx. 6).

LUZES de Galiza
Número 0. Xullo 1985

Edita:
Ediciós do Castro

Domicilio:
O Castro-Sada-A Coruña
Telfno. 620837

Dirección:
Manuel Rivas

Consello de redacción:
Lino Braxe, Xavier Seoane

Deseño gráfico:
Xosé Díaz

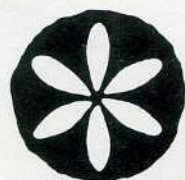
Imprime:
Gráficas do Castro/Moret

Depósito Legal: C - 812 - 1985

Colaboran neste número:
Xavier ALCALÁ, Antón BAAMONDE, Luis BERICUA, Lino BRAXE, Vari CARAMÉS, Xan CASABELLA LÓPEZ, Xosé CHAO REGO, ENCINAR, Manuel FACAL, Carlos GARCÍA BAYÓN, Xesús GONZÁLEZ GÓMEZ, Antón LAMAZARES, Xurxo LOBATO, Xosé M. MARTÍNEZ OCA, Carlos Paulo MARTÍNEZ PEREIRO, Reimundo PATIÑO, Lois PEREIRO, PGBLLÁS, Henrique RABUNHAL, Moncho RAMA, A. R. REIXA, Manuel RIVAS, Guillerme RUBINOS, Xavier SEOANE, M. VILARIÑO.

F-88.

DESENROLO SIN DESTRUCION
* ADEGA *

AGRUPACION
CULTURAL
ALEXANDRE BOVEDA
ATENEO
DA CO
RUÑA

RUADA

teatro luís seoane

A CORUÑA

F-89.

1963 A *Real Academia Gallega,* por iniciativa do mesmo **Fernández del Riego,** institue o *Dia das Letras Galegas* para cada 17 de Maio. Funda-se, em Dezembro, a *Agrupacion Cultural O Facho* (F-75) que, em 1968 e em 1973, respectivamente, cria os primeiros concursos de promoçom da literatura de e para nenos na história do país e, em 1969, em colaboraçom com a *A.C. O Galo,* de Compostela, publica, en *El Ideal Gallego,* o que se reputa como primeiro curso de galego (feito em espanhol) num meio de tal difussom; tendo iniciado, em 1964, os proveitosos cursos públicos de idioma, dos primeiros na Galiza.

1965 Com o título *A palabra de Deus* (F-77) e baixo o selo editorial de SEPT de Compostela, a imprensa Moret tira a luz, em Dezembro, a primeira traduçom directa dos evangélios feita polos

1966 coengos **Xosé Morente Torres,** de Coirós, e **Manuel Espiña Gamallo,** de Cerdedo, que, o 27 de Novembro do ano seguinte, vam iniciar, pola primeira volta em Galiza de um jeito permanente —e com o precedente, em Compostela, o mês anterior, do párroco do Castinheirinho—, a celebraçom de missas católicas em galego, na igreja das Capuchinas.

1966 O corunhês **Pedro Barrié de la Maza** cria a *Fundación* do seu nome, que, embora maiormente em espanhol e nomeadamente desde 1971, tem prestado importantes serviços à cultura galega. (Cumpre sublinhar como o Banco Pastor, seguindo a tradiçom de pré-guerra, veu sendo a única entidade corunhesa a içar a bandeira pátria o Dia da Galiza). Anos mais tarde *Caixa Galicia* (ainda *Caja de Ahorros de La Coruña y Lugo)* desempenhará um sinalado labor de mecenato cultural.

1968 Tamém do obradoiro de Moret sai a ediçom tetralíngüe (galego-catalano-euskera-espanhola) e promovida por *O Facho,* da *Declaración universal dos Dereitos do Home,* rememorando o 20° aniversário de dito acontecimento.

1970 Nestes anos A Corunha tem importante peso no tímido nacimento do cine galego.

1970 *O camiño de abaixo,* do corunhês **Xohán Casal Pardo** (F-76), e de *Ediciós do Castro* e impresso em Moret, será um livro (póstumo) inovador na nossa literatura.

1972 Entre o 23 e o 28 de Outubro celebra-se, na sede do Colégio Provincial de Advogados (Audiência de Galiza), o *I Congreso del Derecho Gallego,* organizado pola *Academia Gallega de Jurisprudencia y Legislación* (fundada aqui o 27 de Março de 1967).

1973 Celebra-se no Palácio Municipal a exposiçom *Arte Joven de Galicia* (desde o 19-7).

1974 O 15 de Fevereiro, no local social do *Centro Deportivo de Santa Lucía,* e baixo a presidéncia de **Domingo Quiroga Rios, Xosé M. Beiras Torrado** e **Jenaro Dalda González,** celebra-se a primeira reuniom da que sai a Comissom Gestora da *Asociación para a Defensa Ecolóxica de Galicia* (ADEGA) (F-89), apresentada pouco depois na Faculdade de Económicas de Compostela.

1975 Com o primeiro estudo sobre dito fenómeno, *O Estatuto galego* (F-79), de **Xosé Vilas Nogueira,** impresso em Ponte-Vedra, estrea-se aqui *Ediciós do Rueiro.*

1976 Da autoria do corunhês **Xosé L. Laredo Verdejo,** sai do prelo de *La Voz de Galicia* (Concepción Arenal, 11) a primeira *Historia de Galiza (I. Os nosos devanceiros)* em galego e para a segunda etapa de E.G.B.

1976 Em Setembro inícia os primeiros passos a *Asociación Cultural Alexandre Bóveda* (F-89) e, o ano
1977 seguinte, em Abril, o pujante *Ateneo da Coruña Curros Enríquez* (F-89).

1977 Merecerá a pena citar a multitudinária manifestaçom por um Estatuto de Autonomia digno que, como nas mais vilas da Galiza, tem aqui lugar o 4 de Dezembro? (F-78/80).

1977 Nessas datas nace a *Escola Dramática Galega* (com domicílio em Santa Teresa, 18, baixo), que, à parte as suas funçons didáctica e de representaçom teatral, vem tirando do prelo, desde Maio
1978 do ano seguinte, os seus famosos *Cadernos* (F-82), o primeiro deles intitulado *O teatro infantil galego,* da autoria de **M. Lourenzo.**

1977 Aquel ano tem lugar, incardinada na anual Feira do Livro estival, umha mostra e venda de livros portugueses por conta do livreiro **Fernando Arenas Quintela.**

1978 Saem aqui e no mesmo prelo de *La Voz de Galicia:* 1) um livrinho, *As ruas da Cruña. Por un nomenclátor urbano galego, racional e democrático* (F-83), que, emanada do *Partido Socialista Galego,* é a primeira proposta no país em tal sentido; e 2) um livro, *O galego hoxe. Curso de*

Língua, da responsabilidade da *A.C. O Facho,* que é tamém o primeiro das suas características e que, em curto prazo, alcançou nove ediçons e grande tiragem.

1979 Com o precedente do selo discográfico corunhês *Abrente* (1977), en Dezembro cria-se *Ruada* (F-89), primeira editorial fonográfica galega (com domicílio na rua Nuestra Señora de la Luz, 18, baixo), que, no decurso de três anos, edita uns 50 discos e cassettes da nossa música popular e académica.

1980 O Facho propom a instituiçom do *Dia da Nosa Fala,* para cada 18 de Maio (ver ano 1916), como necessário complemento do Día das Letras Galegas.

Este mesmo ano nacem: o Boletim *Brigantium* (F-85) (órgao do *Museu Arqueológico e Histórico «Castelo de Santo Antom»),* dirigido polo próprio director do Museu, o carvalhinhês **Felipe Senén López Gómez** (quem, desde esse cargo, leva a cabo, de anos atrás, umha eficazíssima difussom dos nossos valores); e a revista *Man Común* (F-84), da mao de *Ediciós do Rueiro,* dirigida polo galego-andaluz **Xosé António Gaciño Barral.**

Tamém agora é que se funda *Editorial Atlántico,* que é a primeira em publicar, sistematicamente, livros de arte galega.

1981 O 26 de Agosto inaugura-se a *Sala de Teatro Luís Seoane* (F-89), maismente destinada ao teatro galego e a primeira estável no país (sita na rua Alfredo Vicenti, 5) com *A casa das tres luas,* de **Ramón Otero Pedrayo.**

1982 Estabelece-se aqui, em Setembro, a *Livraria Couceiro* (da Praça do Livro), primeira da Galiza dedicada exclussivamente à venda do livro galego e do português. (Em Fevereiro do ano anterior tivera lugar, por conta do Facho, a *I Mostra do Livro Luso-Brasileiro,* na Sala de exposiçons da Casa da Cultura).

1983 Com *Dialéctica do desenvolvimento: naçom, língua, classes sociais* (F-86), de **Ramom López-Suevos,** de Gráficas Vénus, de Mesoiro, inaugura aqui o seu fundo editorial a *Associaçom Galega da Língua* (AGAL), que tamém tira na mesma, desde 1985, a revista *Agália* (F-87), e, em 1990, o primeiro estudo global sobre *Apelidos galegos.*

No mesmo ano 83 nace, responsabilidade de *Ediciós do Castro/Moret,* a revista *Luzes de Galiza* (F-88), dirigida polo corunhês **Manuel Rivas Barrós.**

1984 Nace a editorial *Algália* con dous poemários de **Bernardino Graña.**

1985 E,inda que radicando no imediato Perilho, a editorial *Via Láctea,* cujas primeiras publicaçons forom *Coa xente miúda* I e II e *Galego* I e II, todos quatro da equipa *Esteo.*

1986 Constituída legalmente em Compostela, fixa aqui a sua sede a *Federación de Asociacións Culturais Galegas,* nascida quatro anos atrás, da que cabe considerar antecedente indirecto a *Plataforma Galega da Cultura* (F-81), aqui constituída (16-5-78) e seqüela local a *Mesa Cultural da Coruña* (3-2-84).

Dito ano, com data 19 de Março, e por obra do magistrado **Gonçalo de la Huerga Fidalgo,** produz-se, na Audiência Territorial da Corunha, a primeira sentença em galego da história.

1988 A começos de ano nasce a *Asociación Galega de Compositores.*

1991 O 4 de Abril, a Comissom Parlamentar Institucional do Parlamento de Galiza aprova a institucionalizaçom do *Dia de Castelao,* para cada 30 de Janeiro, proposto desde A Corunha o ano 90 e celebrado aqui desde 1989.

Em Maio surgem: a editorial Bahia, com o livro de **Manuel Portas Fernández** *Língua e sociedade na Galiza,* e com *Metáfora da metáfora,* de **María Xosé Queizán,** a coleçom de poesia *Espiral Maior.*

Apêndice.

BREVE INFORME SOBRE OS DIVERSOS LOCAIS QUE OCUPÁROM AS DIFERENTES ORGANIZAÇONS GALEGUISTAS DA CORUNHA NO PERÍODO 1916-1936

Constituída a (1.ª) *Irmandade dos Amigos da Fala* no local da *Real Academia Gallega,* sito daquela (antes de se instalar, para 50 anos, numhas dependências do Palácio Municipal) em **Rego da Auga, 38-1.º** (F-41), ali ficou até passar (1918) ao quiosque do Passeio de Méndez Núñez ou *Relleno* (onde o actual Hotel Atlántico, que mais tarde ocuparia o *Cinema-Salón Coruña* (1)), parte central do citado pavilhom, de onde se trasladaria a **Maria Pita, 17 bº** (F-55) (com entrada tamém pola **Marinha, 6,** actual empresa Cal Pita, onde estivera, na década 1880/90 o primeiro *El Noroeste* e onde estaria, depois, o escultor Escudero): foi neste local, no que radicou 5 anos (1919-1924), que se instalou o teatro da Irmandade, , sucessivamente chamado *Conservatorio Nazonal de Arte Galego* (1919-1922) e *Escola Dramática Galega* (1922-1926), com o cenário na parte mais alta, contra a Praça. (Brevemente, cumpre resenhar os teatros Rosalia Castro e Emília Pardo-Bazán —este onde *Obras del Puerto,* com fachada principal à actual rua Ambrósio Feijoo— e mais o *Pabellón Lino* —no sítio da actual Estaçom Marítima/Sala de Exposiçons municipal—, como lugares de representaçons teatrais galegas, e o Circo de Artesáns —velho edifício no mesmo emprazamento do que o de hoje— como local de conferências e exposiçons).

Chega o ano 1924: a Irmandade e mais o periódico *A Nosa Terra* estabelecem-se em **Real, 36-1.º** (F-56) (redacçom e administraçom), local onde, simultaneamente, se funda a editorial *Lar;* tanto esta como o órgao das Irmandades terám o prelo em **Franja, 34.** (2). Em Real permanecerá este complexo até o infausto ano 36, em que se produz o assalto (e queima de livros, correspondência, quadros —tal *O Abráquico,* de Castelao—, um painel de C. Díaz Valinho representando *A Justiça,* dous baixo-relevos em gesso —*A volta da sega,* um deles— de seu irmao Indalécio...) (3). No mesmo local radicava, desde a sua fundaçom (1931) o *Partido Galeguista.* E na traseira a *escola primária* que Casal atendia, e que foi a primeira em galego de que se tem notícia (ver as *Bases* de *A Nosa Terra).* Assim, Casal era a alma mater, como colaborador ou como realizador, de umha múltipla actividade: escola, editorial, periódico (onde era decissivo o labor de Vítor Casas, a cujo nome figurava mesmo o contrato do aluguer do local)... tudo a conviver ali e surgido no seio da Irmandade.

No ano 1927 separam-se os sócios fundadores de Lar, Leandro Carré e Ângelo Casal: aquel fica com o prelo da rua da Franja e este instala o da flamante editorial *Nós* em **Linares Rivas, 50** (F-57) (se bem Real, 36-1.º segue a ser a redacçom e administraçom), isto até o ano 31 em que se traslada a Compostela, forçado por razons técnico-económicas. A respeito de *A Nosa Terra:* na cabeceira figuram, sucessivamente, os seguintes domicílios: **Cantom Grande, 16-bº** (Casa de Moore); **Rego da Auga, 38-1.º; Pº de Méndez Núñez; Maria Pita, 17-bº,** e **Real, 36-1.º**; salvo o primeiro e efémero domicílio, os mais já sabemos eram os da própria Irmandade da Fala. Tocante aos prelos, forom, sucessivamente: La Voz de Galicia, Roel, Tipografía Obrera, El Noroeste, Villuendas (Betanços), El Noroeste e Moret; quando o prelo é o próprio nom figura: desde 1925 será o da Franja, desde 1927, o de Linares Rivas, que começa a figurar como tal prelo ainda em 1930, se bem brevemente, pois em Maio de dito ano o periódico imprenta-se novamente em Villuendas, para passar a Ponte-Vedra em Março de 1932... e re-integrar-se ao prelo de Nós, em Compostela, no seguinte 1933.

NOTAS:

(1) Assim como *La Terraza* inteira foi para Sada, umha parte deste quiosque foi para Carvalho, à hora de edificar o Hotel Atlántico anterior ao de hoje. Este dado do local do *Relleno* foi proporcionado por J. Marinhas del Valle.

(2) Contodo, os primeiros volumes de Lar imprentam-se em Moret, daquela recém-nacida e instalada na Marinha, 28, canto da Casa de Paredes com a acera do Governo Civil (onde até estes anos radicou umha tabacaria: dado de J. Marinhas).

(3) Dados de Luís Seoane e J. Marinhas, quem lembra, assimesmo, a cabeça representando a Porteiro Garea, de grandes dimensons, em gesso do mesmo Indalécio, que ao cair no local de Maria Pita rompeu irremissivelmente.

BIBLIOGRAFIA

A NOSA TERRA. Colecçom re-editada em nove tomos por Edman/Edivar, A Corunha, 1988.

BARREIRO FERNÁNDEZ, X. R. *Galicia contemporánea (ss. XIX-XX). Historia política,* tomo I, pp. 51 e 62. Ed. Nós, A Corunha, 1982.

BUGALLAL Y VELA, J. *Origen y evolución de las armas de Galicia. La bandera de Galicia.* Ed. Hidalguía, Madrid, 1981.

CAAMAÑO, M. & RZ. PAMPIN, X. M. *Pro e contra da litúrxia en galego.* Ed. Sept, Ponte-Vedra, 1980.

CARBALLO CALERO, R. *Historia da literatura galega contemporánea.* Ed. Galaxia, Vigo, 2.ª ed., 1975.

CARRÉ ALVARELLOS, Luis. *Manuel Curros Enríquez.* Ed. Galicia, Buenos Aires, 1953.

CARREIRA, X. M. & BALBOA, M. *150 anos de música galega.* Ed. Xunta de Galicia, Ponte-Vedra, 1979.

CASÁS FERNÁNDEZ, M. *Episodios gallegos.* Ed. Galicia, Buenos Aires, 1953.

ESTRADA CATOYRA, F. *La Reunión Recreativa e Instructiva de Artesanos en sus 83 años de vida.* Imp. El Ideal Gallego, A Corunha, s/d (1930).

FERNÁNDEZ DEL RIEGO, F. *Ánxel Casal e o libro galego.* Ed. do Castro/Moret, Sada, 1983. (Inclue como apêndice o catálogo da Ed. Nós).

GONZÁLEZ LÓPEZ, E. *El águila gala y el buho gallego.* Ed. Galicia, Buenos Aires, 1975.

GRAN ENCICLOPEDIA GALLEGA, voces: ADEGA, CATECISMO SOLIDARIO (J.A.D.), DERECHO (RCP), FOLKLORE GALLEGO, IRMANDADES DA FALA (J.G.B.), LIGA GALLEGA (R.M.S.), VEIGA IGLESIAS (F.L.A.L.). Ed. S. Cañada, Compostela/Gijón, s/a.

LEDO ANDIÓN, M. *Prensa e galeguismo: da prensa galega do XIX ao primeiro periódico nacionalista.* Ed. do Castro/Moret, Sada, 1982.

LOURENZO, M. & PILLADO, F. *O teatro galego.* Ed. do Castro, Sada, 1979.
Dicionário do teatro galego. Ed. Sotelo Blanco, Barcelona, 1987.

MONTERROSO DEVESA, X.-M. *Galiza: história de cen anos.* La Voz de Galicia, 1982/83.
Castelao na Corunha. Revista Monográfica de Cultura, n.º 2, Do Castro/Moret, Sada, 1986.
A Galiza cultural na primeira endécada de A Nosa Terra. A Nosa Terra, núm. extra, Rio Tinto, Portugal, 1988.

POSSE, J. A. *Memorias del cura liberal D. Juan Antonio Posse, con su discurso sobre la Constitución de 1812.* (Ed. de R. Herr). Ed. Siglo XXI, Madrid, 1984.

RABUNHAL, H. & MONTERROSO, X.-M. *Jenaro Marinhas del Valle: testemunha de umha lealdade* (in Agália, n.º 18, A Corunha, 1989).

ROCA CENDÁN, M. *Lois Peña Novo.* Ed. do Castro/Moret, Sada, 1982.

SANTOS GAYOSO, E. *Historia de la prensa gallega 1800-1986.* Ed. do Castro/Moret, Sada, 1990.

VILARIÑO, D. & PARDO, V. *O libro galego onte e hoxe.* Ed. Universidade de Santiago, Compostela, 1981.

AGRADECIMENTOS:

A D. J. Marinhas, a Aracéli Corsanego, ao Museu de Ponte-Vedra, ao Arquivo Histórico da Corunha e mais ao Instituto Padre Sarmiento de Estudos Galegos.

Reproduz-se, em fac-similar, e sem comentários —incluidas as gralhas e as omissons do tipógrafo— este texto recuperado da conferência proferida por Castelao na Irmandade da Fala da Corunha o 25-10-919.

IRMANDADE DA FALA

ARTE E GALEGUISMO

CONFERENCIA

DADA POR

Alfonso R. Castelao

NA EXPÓSICIÓN DE IMELDO CORRAL

NA CRUÑA O 25 D'OUTONO DO 1919

Tip. de EL NOROESTE

LA CORUÑA

Arte e Galeguismo

Cumplindo un deber de outo patriotismo, ou mellor dito ainda, d'un matriotismo que aceso levo sempre n'o peito, vou falar en galego.

> Na fala doce e sentida
> Antre bicos deprendida,
> N'o colo de miña nai,

que dixo o poeta da raza.

Pra que vos fale en galego abonda qu'eu sexa un d'os que traballan pra erguer a concencia durmiñenta d'a nosa persoalidade nazonal; mais eu agora non, vou a falar coma galeguista senon coma namorado d'un Arte que sendo rexional pudera conquerir universalidade.

Un idioma non é somente un xeito d'eispresión. Se así fose habería que matar o galego, e dispois, pol-as mesmas razós, teríamos que matar o castelán, atá que atopásemos c'o idioma que

tivese o máis outo creto centífico, o máis grande valor bibliográfico. Non; un idioma non é somente un xeito d'eispresión, é tamén unha fonte de Arte. ¡Quén fose poeta pra decirvos o qu'é un idioma! Eu, artista, por non ollar cegada unha fonte de Arte teño que defender a fala d'os nosos abós.

Cando coidaba qu'o mundo non iña máis alá d'os montes que vían os meus ollos de neno, eu ainda non deprendera o castelán. Por iso pra min ten o galego unha saudade morna que me lembra o tempo lonxano e felíz d'a miña crianza, o tempo felíz de todol-os homes, quizaves mais feliz pra min, que son aldeán. Por iso, por sere aldeán galego, defendo a fala d'os nosos abós.

O Arte galego non é, non, faguer cousas de asunto galego. En Alemania estrenouse, xa fai anos, unha ópera que se chamaba «Rosa de Pontevedra»; mais a ópera, ¡non ten volta!, era alemana. Sorolla pode ir ô Xapón á pintar unha escea d'o Yoshiwara; mais o que pinte Sorolla non será, ¡que vai sere!, pintura xaponesa. Pra qu'haxa pintura galega—que ainda non-a hai—é preciso pintar en galego, d'a mesma maneira que pra sermos donos d'unha literatura galega, xenios d'a nosa raza escribiron en galego. O Arte é un, e a literatura, com'a música e a pintura galega non poden sere máis que xeitos d'eispresión d'unha mesma beleza: á

d'a nosa terra. E sendo eu un d'os que traballan pol-o conquerimento d'un Arte galego, teño que defender a fala d'os nosos abós.

Podería perguntársenos: ¿Valle-Inclán é artista galego? ¡Xa o vexo!; mais Valle-Inclán pensando, sentindo y-escribindo en galego, publica somente unhas traducións literaes en castelán; y-eu chámolle artista galego porque presinto, vexo, c'os ollos d'a i-alma, as suas obras escritas en galego. Podería preguntársenos tamén: ¿Rey Soto é un poeta galego? Non e non; poeta galego é-o Ramón Cabanillas, é-o Noriega Varela. Rey Soto é un poeta castelán nado en Ourense, moi bó, moi xenial, se queredes ¡pero alleo. E como eu cobizo pra miña terra un Arte seu, defendo a fala d'os nosos abós.

Algúns escribidores nados en Galicia, que nin son galegos nin artistas, no se fartan de ceibar moreas de prosa querendo fanar con razós podres, valeiras de senso, o qu'é froito d'o sentimento. Istes turistas n'a sua terra, que describen ou pintan un paisaxe galego coa mesma quentura espiritual con que pintarían unha roda de moer café, son froitos merados d'a nosa terra, á quén nón val-a pena de chantarll'os dentes. A centralista Francia bateu as maus d'alegría cando veu rexurdir o xenio da Provenza no Arte milagreiro de Mistral. En troques ¡xa non digo n'a

Hespaña!, n'a mesma Galicia, hai esborranchadores que non queren o rexurdimento d'a fala d'ó Rey Sabio; mais.... ¡que ll'imos faguer!, istes malos patriotas non poden darnos as normas d'o sentimento. E coma eu son bó galego, defendo a fala d'os nosos abós.

E costume chamar galegos á todol-os que nacen en Galicia; mais eu coido, e vos tamén, que non abonda seren nados n'unha terra pra seren fillos d'ela. Decíame un dibuxante andaluz de moito miolo, querendo eispricar a morriña: «os bós galegos tendes raices n'a terra; mais isas raíces son elásticas, de tanta elasticidade que vos deixan dare mil voltas ô redor d'o mundo e alentando en chan alleo estades sempre vivindo n'os vosos eidos». E ollade coma n'este dito d'un andalúz que comprende a nosa saudade, encérrase unha chea de cousas. E certo: os bós galegos botamos raíces á beira d'o berce; mais non com'os arbres, non com'a edra que apreix'as pedras d'o pazo ou d'a chouza onde nascemos. As raices nosas son finiñas coma fios; o vicio d'a raza lévanos lonxe d'o lar, d'a terra mesma que nos don'a forza, sen qu'en ningures atopemos acougo pr'as nosas tristuras; e cando cansos d'a loita non podemos ir adiante sempre temos o camiño d'a volta que turra por nós c'unha forza mistereosa. E n'a volta ô lar énchense os nosos desexos. Os galegos non temos

a luz d'a espranza diante de nós, témola detrás de nós, enriba d'o pazo ou d'a chouza onde nascemos. As miñas raíces non son fíos; son chicotes, que non me deixan tansiquera sahír d'a terra de meus abós. Tan namorado d'a miña terra tiña que falarvos en galego.

Por sere enxebre non vayades á coidar que m'atraco de lacón con grelos, que teño saudade d'o pantaión de boca de cadela e d'as cirolas de liño, ou qu'antre neto e neto d'o bó tinto sáenme arrotos de carraxe contr'as pobres terras de Castela. Non; os bós galegos damos un paso atrás, mais é pra tomar pulo e non caer espaturrados n'a lameira. Os enxebres d'agora queremos unha cultura galega. E sendo eu enxebre tiña que falarvos en galego.

N'iste intre teme sen coidado a oficialidade ou non oficialidade d'a lingua galega. Eu vou á falar de Arte e por iso a miña i-alma galega falará n'o seu idioma.

* * *

Fallo eu d'o olfato que moitos teñen pra engayolar con verbas que lles saen d'a boca coma lindas adoas de vidrio, prégovos, denantes d'o empezo d'esta miña engadella literaria, un pouquiño de simpatía e de bondade pra min. Pouco afeito como estou á istes trafegos d'as letras ond'a música trunfa moitas veces por riba d'as ideas, ben

sei, con tristura, que non son quén pr'amostrarvos meus sentimentos cubertos con aquelas xoyas que fan pasmar âs xentes.

***

O azo que teño empúrrame á mostrar os meus sentimentos; iles irán encoiriños, medoñentos os pobres; mais as suas guedelliñas louras, os seus ollos azúles, o aquel de bondade e de verdade que n'eles se vexa quizaves fagan abalar os corazóns irmáns. Y-esto sô encheríame d'unha fondísima ledicia.

Denantes e dispois de que o alemán Bansugarten dese nome á Estética alá pol-o ano de 1735, déronse mil definicións d'o Arte e amañáronse outras tantas teorías estéticas. Sería de pouco proveito meternos n'elas, pois ou llechamamos malas a todas ou atoparíamos que as mellores trúcanse. Pra nós, qu'estamos limpos de toda filosofía, o Arte é o Arte e nada máis. (Algunha vez íñamos ser revolucionarios).

Empregarmos a cotío a verba beleza, anque non seipamos de certo o que quêr dicir, encachándoa n'a nosa fala nada máis que pra desenrolar mellor o noso traballo que máis ideas alleas terá que ideas miñas.

Cando s'escoita dicir á moitos lacoeiros de miolo de trapoll «eu tal», «eu cal», había que preguntarlle: pero... ¿vostede é persoa? Pois o primeiro que

ten que sere un home pra têr o «eu» é sere persoa. ¡ E hay tan poucas... !

Pois ben ; ise «eu» d'os homes que son persoas, n'o Arte é o que se chama estilo. Unha chea de virtuosos din á cotío ; «o meu Arte tal», «o meu Arte cal», e traballo custa non chantarllas n'a cara : pero... ¿ vostede ten persoalidade ? Pois o primeiríño de todo que debe têr un artista é persoalidade.

Dí Le Dantec : «Se nos poñemos n'o terreo centífico afinzaríamos, sen dúbida ningunha, a dicir que a parte persoal que teña todo traballo de imitación é unha mostra de cativez». E respondelle Jean d'Udine : «Poñéndonos n'o terreo centífico é certo canto dí ; mais se nos poñemos n'o terreo d'o Arte non-o é. N'o primeiro caso o que se busca é unha obra literal, o eco, o «calco» d'os ritmos naturaes, a análisis d'estos ; namentras que n'o outro caso xa non son isos ritmos, por si mesmos, os que nos intresan, senón a emoción que nos deron, os ritmos persoales que despertaron en nós. A Cencia traballa pol-a verdade ; o Arte somente tén sede d'estilo». E xa sabemos que o estilo é a mais outa eispresión d'a persoalidade.

Pra sere artista fai falla sere «un vibrador pasivo, un resoador espontáneo» e ademais sentir n'o peito a «vountade de facer», ou mellor ainda, a voluptuosidade de facer duradeiras as

emocións suxeridas» ; pois, como sigue dicindo d'Udine : « o Arte debe sere unha imitación d'a Natureza ; mais isa imitación debe sere a d'a aitividade d'o home diante d'o fenómeno e non a imitación d'o fenómeno mesmo».

Moitas veces homes de bó gosto roubando anaquiño eiquí e anaquiño alá chegan a faguer ou arrombar un estilo que por sere fillo de moitos pais, parécenos que non ten pai. Por iso comple dicir que sendo o estilo a eispresión d'a persoalidade non son a mesma cousa, anque Buffón dixo que «o estilo é o home». A persoalidade é cousa máis fonda que o estilo ; a persoalidade non se fai nin se arromba con anacos alleos ; a persoalidade nasce e medra n'o seu ambente. Os galegos moi galegos, por sermos galegos nada máis, xa podemos têr persoalidade e melloral-a pol-a contemplación á cotío d'o paisaxe, nai d'a raza, mestre d'os sentimentos. ¿ Temos un paisaxe noso ? Pois logo podemos têr persoalidade ¿ O noso paisaxe é orixinal ? Pois logo nós podemos ser orixinales. Non hay máis que tér a «vountade de facer» («a voluptuosidade» de traducir, valéndonos d'un xeito d'eispresión, as nosas emocións suxeridas pol-o paisaxe. Aloumiñando aeito a nosa enxebreza, sen afociñar laidamente diante d'as modas alleas, podemos chegar á conquerir un Arte noso, que sexa á carón d'os outros, o

que o noso paisaxe é á carón d'os demáis paisaxes d'o mundo.

Pol-a nogalla vergoñosa d'os ananuxos que dirixen pol-a forza ô pobo galego, tan enxebre, tan forte, tan vidente o tan artista, as nosas forzas morren com'os ríos n'o mar; mais a potencialidade d'a raza non debala e ainda podemos chegar ô curuto d'a sona, com' alá n'os nosos séculos de ouro, se voltamos os ollos âs nosas tradicións e poñemos o azo de sermos, n'un porvir ventureiro qu'erga labarada d'antusiasmo en todol-os corazóns artistas e bós. Afetá que o pobo galego había deixar a sua enxebrera e o pobo galego, mainamente, sigueu gardando o tesouro folk-lórico d'a nosa terra pra qu'oxe ou mañán, homes voltos d'o erro noxento de coidárense cativos por seren enxebres, recollan anadas coa semente que souperon gardar coma ouro os nosos abós paisanos.

Dí Bernardo G. Barros: «A orixinalidade non é máis que unha sinceridade posta ô servicio d'un ollar individual. A miudo iste ollar é sinceridade d'un fato de homes; y-entón nasce a escola».

Pousade o entendimento enriba d'estas liñas alleas e dicídeme se co-a sola vountade de querer voltar a sere fillos d'a terra non abrangueríamos o froito cobizado. ¡Un ollar individual...! Nós témol-o xa; o que non temos é o desexo

d'a sinceridade e d'aquela seremos sempre unhas monas d'imitación.

Non ten volta. Desviados d'a terra por non querer ser miñocas faguémonos monas, e ôs nosos paisanos que teñen un arte seu, máis verdadeiro e máis outo, fitámolos dende a nosa maxinada outura cultural sen reparar que iles viven e que teñen un Arte qu'é a «espresión d'o sentido d'a sua vida».

Escoitade unhas verbas de Tolstoi: «Pódese dicir que houbo un Arte nazonal xudío, grego, exipcio, chino e indio. Tamen-o houbo n'a Rusia atá Pedro o Grande e n'o resto d'a Europa atá o século XIII e XIV. Mais dende que a clás máis outa ficou sen fé ningunha, non houbo máis que dous Artes: o d'o pobo e o d'a clas d'os homes escollidos. D'aquela non viveu a humanidade sen Arte n'os tempos novos, senón que somente viviron sen Arte as xentes outas d'a nosa sociedade europea e cristián».

E ollemos coma Tolstoi alumea o noso verdadeiro camiño. Nós tamén tivemos o noso Arte denantes d'o século XIV, o Arte máis grande d'as terras d'Hespaña, c'unha subxetividade que nunca pudo conquerir o castelán, e c'un feitizo aloumiñante que somente podería têr as suas raíces n'a Provenza. Dend'entón n'a nosa terra tamén temos dous artes: o d'o pobo aldeán e o d'os homes sabidos e lídos da cibdá.

N'as aldeas resoan os alalás saudosos-
namentras n'as vilas e cibdás fan fume
n'os corazóns tocatas tan feiticeiras
com'aquela habanera d'un músico de
Betanzos, que se chamaba: «Ay, que
me se pierde el gusto».

¿As cibdás galegas teñen algún arte?
Pensando con Hútchensón que dí que:
«a beleza nada ten que ver co-a bonda-
de e moitas veces é sua nemiga», pode-
mos dicir que quizaves teña algún. Pen-
sando con Tolstoi xa víchedes que non
ten ningún.

Deixándonos de funambulismos máis
ou menos filosóficos e falando con sin-
xeleza, imos a fitar a vida d'as xentes
escollidas d'as cibdás galegas. Hai ho-
mes que mercan libros que veñen de
fora, hay homes que van ôs concertos
de boa música; istes homes gorentan o
Arte. Cinco, dez, vinte... homes en ca-
da cibdá gorentan o Arte alleo; mais
ningún fai Arte noso. N'as cibdás gale-
gas non hay artistas. En troques, hai-
nos en calquera curruncho aldeán, por-
que os aldeáns teñen persoalidade.

Dí Jean d'Udine: «Pídelle á un fe-
rreiro d'aldea que che forxe un carabel
pr'adornar, per exempro, un petador
d'a tua porta. Cicais o ferreiro non
faga máis que unha imaxe moi basta
d'a fina corola; mais se ten gosto e sen-
timento d'as proporcións a sua obra
non deixará de ser artística, pois ô es-
coller os elementos floraes pra imital-os

en ferro, poñerá n'eles o siñal d'a sua
persoalidade. En troques, un plateiro
moi xeitoso, ô imitar as máis pequeni-
ñas follas d'o carabel non será máis
que un servil imitador, un traballador
sen espírito».

D'artistas d'a cepa deste plateiro es-
tán inzadas as nosas cibdás.

N'as nosas cibdás galegas non se fai
Arte: imítase o Arte d'outros pobos
mellor dirixidos. Dá noxo fitar coma
tendo nós un antigo estilo arquiteitó-
nico nin soupemos rexuvenecer a tra-
dición, nin soupemos seguil-a, nin, ô
rifar con ela, puxemos un gran d'area
n'a creación d'unha nova que sexa a
eispresión d'as ideas d'o noso século.
Rifamos co-a tradición sen facer unha
nova tradición, e ainda temos fachenda
en sermos d'o século XX e ter unha
cultura que, pol-o demais, tampouco é
nosa. Sen o relixioso antusiasmo pol-a
Natureza, sen o amor ô noso paisaxe,
mal podíamos faguer «paisaxes arqui-
teitónicos». Pra Ruskín ningunha obra
arquiteitónica é fermosa coma non pa-
reza sahir d'o chan e axeitarse â na-
tureza onde s'erga; mais Ruskín ainda
non chegou ô miolo d'os nosos homes
d'a cibdá.

Ninguén vai sere tan tolo que coide
qu'os novos tempos non requeren novos
sistemas d'estructura; eu penso con
Fiorens-Gevaert que «debemos voltar ô
instinto d'o neno, desenrolando as suas

individualidás e pra iso poñámonos diante d'a Natureza e d'a realidade. Nada de copear ornamentos gregos nin archivoltas oxivaes; somente a Natureza. E por natureza non entendemos sô a cópea d'os elementos decorativos que dan as plantas e a figura, senón tamén o estudio d'as nosas necesidades, d'os nosos materiaes, que pode sere a maneira de chegar á creación d'un estilo».

Eu ben sei que os novos tempos requeren novas construcións pois coma dixo Viollet-le-Duc: «os inxenieiros que fixeron as locomotoras non pensaron imitar as dilixencias»; mais eu non vexo tansiquera ningunha falsificación d'o noso Arte vello. Eu non vexo máis que casas de boa pedra, traballadas pol-os mellores canteiros d'o mundo, postas en ringleira coma unha comparsa d'o antroido en que cada un se vistise co-a roupa que ll'emprestaron.

A min faime choutar de carraxe ise andacio d'o chamado «chalet», onde viven os nosos homes de diñeiro e... os nosos ministros. ¡A tales casas tales homes! Parece mentira que ninguén fixese ainda unha casa galega; mais o conto é que namentras en Baskonia e ainda en Santander rexurde a sua arquiteitura, eiquí que temos mil pazos antigos que poden ser a base d'un estilo de casas de campo, fanse somente tartas de pedras, ananuxos de cemento, grilleiras de ladrillo... E así viven os

nosos homes de diñeiro. Fan casas pra viviren dos cartos ganados ou herdados, n'os eidos que mais ll'acomodan; mais non sinten a necesidade d'a casa propia. Fan casas por vanidade, por orgullo; mais non teñen o sentimento d'o fogar propio, pois iste sentimento está mantido pol-o cariño ôs eidos e iste cariño abonda pra que o fogar d'un non sexa alleo ô paisaxe d'a terra onde querem os gorentar a vida e dispois morrer. ¿Qué por falla de cultura artística se fan casas alleas pra fogares propios n'a terra propia? ¡Pobres homes ricos... !

Non quero falar d'a obra destructora d'os nosos cregos n'as irexas. Se as cousas non cambean, axiña ficaremos sen o noso tesouro arqueolóxico, d'o que non restarán nin siquera fotografías.

Hainos tan parvos que lle mandan dar unha man de cemento á sua casa de canteiría pra imitar dispois canteiría, que ven a sere o mesmo que darlle purpurina ô verdadeiro ouro.

¿Queredes unha proba fonda de que a clás de homes escollidos en Galicia non tén nin migalla de sentimento artístico? Ahí tendes o moumento de Montero Ríos n'a chamada Atenas de Galicia, e prêto d'él o Pórtico d'a Gloria. N'a praza d'o Hospital, sonada no mundo enteiro, érguese a obra d'o mestre Mateos, pra lembranza d'os ho-

sos séculos d'ouro, e n'o medio e medio d'a praza un alcalde de Compostela, qu'é catedrático d'a Universidade galega, traballou con todol-os seus folgos pra erguer a máis outa vergonza d'os galegos d'ó século XX.

O movimento centralizador e internazonal â xunta, iñan en camiño de matar as arelas artísticas d'as nazóns. En tralismo e pervertidas por aires de fora iñan en camiño de cegar todal-as fontes de Arte. E fenómeno universal que n'a nosa terra fixo verdadeiros estropicios.

Fiorens-Gevaert din-os n'o seu libro «O arte d'hoxe» falando d'a reaición contr'o movimento centralista e internazonal: «Fixémonos en que a revoluzón estética estaba n'a nazón que mellor soupo gardar a sua autonomía e o seu caraiter antigo: en Inglaterra. Agardábase unha reforma máis outa e algunhos artistas belgas emprendero-n-a valentemente. Os belgas mantúveronse sempre nemigos d'o centralismo; as primeiras cibdás teñen unha individualidade moi marcada e os artistas que traballan en Gante, en Amberes, en Bruxas, non sintiron ningún desexo d'emigraren a Bruxelas».

O pobo belga renovou a sua tradición facendo Arte belga e o pobo galego que ten as raices n'a terra e os ollos n'o estranxeiro ou en Madrid, rifou coa tradición loitando valentemente, fera-

mente, pra desfacerse d'a sua persoalidade que o sistema centralista hespañol condena coma nemiga d'o progreso.

Os artistas que queren facer «arte universal» pensan sempre en Madrid comá se fosen amas de cría que deixan os fillos propios pra manteren fillos alleos.

Moito se fala d'o Arte universal; mais todo Arte ten a sua patria, todo Arte é o froito d'algunha terra. Ahí tendes a teoría de Taine que non por estético senón por historiador lle daremos creto. Esquencíame d'un arte que somente por aceda bulra se lle pode chamar universal; refírome ô Arte que non pode ser entendido por tod-o mundo, nin siquera pol-os chamados intelixentes. Eu non rifo con ise Arte; eu quero pousar eiquí a razón de que non fai falla que un Arte, pra sel-o, teña por forza que bater o corazón de todo-l-os homes. Poucos xenios foron entendidos pol-os homes d'o seu tempo e se como así foron xenios. O conto está en faguer obras de arte e dispois xa chegarán a conquerir universalidade.

Isé medo que teñen moitos galegos de que facendo cousas galegas non poidamos chegar a Madrid é a mostra máis baruda d'a sua falla de sentimento artístico, de cultura estética e de sociabilidade. Eu coido, en troques, que faguendo obras galegas, en canto sexan

de certo boas obras de Arte, irán pol-o mundo adiante. Eu non me teño en tan pouca cousa, coma galego namorado d'a miña raza, que con chegar a Madrid o noso Arte xa poidera morrer satisfeito. Non; eu cobizo moito máis; eu quixera que o nome d'a nosa Galicia ben amada, fose moito máis alá d'as terras de fala castelán.

Dinos Tolstoi: «O Arte é unha maneira de irmandade anrt'os homes que os axunta n'un mesmo sentimento, e, pol-o mesmo, é indispensabel pr'a vida d'a humanidade e pr'o seu progreso».

E dinos máis adiante: «As cantigas d'un home d'o Tibet ou d'un xaponés no me comoven tanto com'á un tibetano ou á un xaponés; mais comóveme. Tamén dame fonda emoción a pintura xaponesa, a arquiteutura india e os contos árabes».

E se nós(os galegos, tivésemos un Arte que fose tan suxeridor coma é o paisaxe d'os nosos eidos, chegaríamos á Rusia pra bater o corazón de Tolstoi, d'a mesma maneira que chegou o Arte xaponés, o Arte indio e o Arte árabe.

E diciamos denantes que todo Arte ten a sua patria, que todo Arte é froito d'algunha terra. «No artista—dinos Jean d'Udine—hay a trasformación d'unha emoción en siños, y en nós hay a trasformación d'ises siños en emoción» E Tolstoi, rifando co as escolas que teñen por ouxeto ensiñar o Arte,

dinos tamén: «Mais o Arte é faguer sentir á outros homes os sentimentos d'o artista ¿Coma, pois, pode ensiñarse iso n'as escolas?» De maneira que son sentimentos ou emocions o qu'eispresa o artista. ¿E quén lles da ôs homes os sentimentos que teñen? Pol-âs miñas contas, én non perdend'o tempo con razós centíficas qu'atoparíamos de camiño, a terra ou mellor dito o paisaxe é quen vai traballando, pouco a pouco, os sentimentos d'os homes, a terra é a que dá persoalidade. A razón de que o Arte galego dea máis emoción ôs galegos que ôs alleos non pode sere máis que a de xuntar mellor a maneira de aitividade d'o artista galego co-a d'os demais galegos, pois todos nós temos n'o peito os mesos ritmos suxeridos pol-o paisaxe, todos nós temos n'o sentimento, qu'é fillo d'a terra, os mesmos matices.

Se o Arte é fillo d'o paisaxe e d'o temperamento d'o artista, d'a mesma maneira que o vexetal é fillo d'a terra e d'a semente, ben poidera qu'alguns parvos d'eiquí fosen xenios n'outros paisaxes idóneos.

Que os homes d'a cibdá se decaten que o progreso verdadeiro non pode ir car'a unidae, senón car'a harmonía; que os homes d'a cibdá non ollen ôs nosos paisanos coma se fosen cousas. Eles, os paisanos, teñen o seu Arte ben definido e os homes d'as cibdás galegas

non levan a vida humán ningún sentimento novo, grande e xeneroso. Á nosa música galega é d'os paisanos, tamén temos unha poesía popular e danzas populares que fan de Galicia unha terra bendecida por Deus e loubada pol-as fadas. ¿E que fixeron os nosos artistas d'as cibdás? Nada, nada, nada. Somente temos bós poetas galegos porqu'a poesía non requer estudios, pois, coma dí non sei quen, «se se tratara d'a cencia d'os libros abondarían dez minutos pra saber escribir en verso»; e com'a poesía nasce n'a terra, nós temos unha poesía nosa, coma temos pifieiros n'os montes y-erbas n'os campos. A pintura non é Arte d'o pobo; a pintura non nasce antr'os toxos d'o monte, e por iso Galicia, dona d'un Arte seu, non ten pintura, porqu'as cibdás non saben crear artistas. E agora compre dicir que as cibdás galegas non teñen artistas por non seren galegas. Foran galegas as cibdás d'a nosa terra e axiña xurdiría un «Arte universal» forte ô mesmo tempo saudoso, que nos erguería d'a miseria espiritual en que vivimos.

Fallas as cibdás de verdadeira cencia non crían máis que virtuosos: matan artistas e manteñen malos falsificadores de artes alleos.

Eu, c'os anos que teño (que non son moitos) vin xurdir alguns artistas cheos de arelas pol-o conquerimento

d'un nome ben ganado, e vin tamén coma iña morrendo o seu espírito n'as escolas de arte. Cando espertou n'eles o desexo de seren artistas faguían sempre cousas d'a terra: monicreques de barro, dibuxos de carballos, muiñeiras..., e dispois n'as escolas iñan deixando a sua i-alma n'os estudios pra rematar en virtuosos d'o aceite de liñaza, ou virtuosos d'o yeso, ou compoñedores de polkas pra bandas... ¡E unha desfeita! Dá verdadeiro noxo pensar com'o verme d'o centralismo foi comendo solermiñamente o galeguismo d'as cibdás e d'as vilas nosas.

Dende fai alguns anos escóitase falar de pintura galega ¿Ula? Eu non-a vexo en ningures; eu somente vexo que Baskonia xurde c'unha pintura baruda e chea de zume d'as terras fortes d'o norte; mais non vexo a pintura galega ¿Onde está a nosa escola de pintura? ¿Coma se chama o pai d'a nosa pintura? ¿Qué táboas ou que lenzos se pintaron en galego? ¿Onde están os nosos primitivos ou pol-o menos os nosos Adans? Eu non vexo máis que a falla, a necesidade, d'unha pintura nosa; eu vexo n'os galegos pintores o bon desexo de voltaren ôs primeiros pulos d'a sua i-alma, e teño pra min que xurdirá unha escola de pintura galega, barudamente enxebre. (1) Eu ve-

(1) Dispois d'escribir iste traballi-

xo que os galegos pintores que denantes andaban buscando en terras alleas tipos e paisaxes, veñen agora á Galicia; pero veñen n'o vrán. As obras que se chaman galegas teñen unha migalla de vrán en Galicia. Son paisaxes de sol, son mullères de panos moi rmarea-

---

ño caiu n'as miñas maus un libro do ilustre críteco portugués Xosé de Figueiredo, sobor do pintor Nuno Gonçalves. N'estes derradeiros anos falouse moito do pintor portugués, dende atribuirlle a paternidade do «home do vaso de viño» do Museo do Louvre atá facel-o mestre de Corredoirà... Clasificado coma pintor da escola flamenga e non coñecendo de vista o seu Arte, non podía decatarme do que Gonçalves foi e ainda pode ser pra nós. Despois de fitar reproducións d'as suas táboas e lêr o que del escribiu Figueiredo temos que pensar que Gonçalves foi o cume d'unha escola, que [illegible] fluencias flamenga e máis italianas, podemos considerar como nosa. Tamén podémos decatarnos do que perdeu d'espirito a pintura ô pasar de Gonçalves â Velazquez ou de Portugal á Castela e o que ganaría o Arte se nós soupésemos seguir o camiño d'ese xénio da raza. As conxeturas de Figueiredo, mantidas pol-o optimismo de Oviedo Arce, sobor da eisistencia d'un-

dos e de moito côr. Mais... comple que veñan os pintores n'o inverno, cando as pedras d'as casas reven auga, cando están despidos os albres; comple que veñan cando renasce o verde d'os campos e os piñeiros d'os montes semellandos candieiros xigantes teñen n'as ponlas millares de velas; comple que veñan tamén cand'a terra cheira versos

---

ha pintura galega que â forza deben de influir en Gonçalves, cando Galicia era o corazón da cultura peninsular, parés que se van trocando en feitos c-o descubrimento d'alguns frescos dos séculos XIV e XV n'algunha irexas nosas. N'o tocante ô caráuter flamengo da nosa pintura dine Risco n'unha carta: «Non compría a infuencia de ningún pintor, nin que Van Eyck viñese â Portugal nin que ningún portugués nin galego fose â Flandes pra se pareceren os nosos pintores ôs flamengos. Iso faino o clima. A brétema tên â forza que nos facer coloristas como fixo ôs flamengos e máis ôs venecianos. Iso xa o oservou Taine i-é un lugar común».

Istas derradeiras notas non desfán senón que inzan a razón d'as miñas razóns, pois elas demostran qu'esquecemos a nosa tradición e que somente voltando á ela atoparemos o verdadeiro camiño.

de Francis James, denantes que o arado enterre as floriñas d'as leiras, denantes que se muchen as flores d'os toxos; comple que non fuxan d'eiquí sen gozar d'a vendimia e d'as esfolladas, sen fitar as follas d'as viñas, roxas com'amapolas. Comple que os pintores coñezan Galicia pra pintala. Comple que os galegos teñan n-o peito o sentimento d'o paisaxe, pra seren artistas, pois coma dixo Federico Amiel «todo paisaxe é un estado d'o ánimo».

Paréceme á min que imos xa pol-o bó camiño, ô menos, n'o que se refire á pintura. Oxe os nosos pintores xa pensan en vír eiquí n'as vacacións d'o Nadal. Agardemos á que atopen a beleza d'o inverno en Galicia e dispois que vivan eiquí tod'o ano.

¿E Madrid?, diredes. Pois... Madrid pode ser a feira, anqu'eu coido que faríamos mellor feira en París, Londres, New York....

Estes soños meus poden faguerse realidades en poucos, moi poucos, anos de traballo. Son indubidables as nosas boas condiciós pr'a pintura e o dibuxo, somente fai falla escoitar á cotío os latexos d'a terra natal, sentir n'a sangue unha renovazón d'a vida en cada primaveira, unha morte saudosa en cada outono.

Eu non sei pintar, nin quero saber pintar; mais sinto o noso paisaxe e podo decirvos que o pouco que valo, dé-

bollo á estar deitado n'os piñales, deixando qu'a Natureza entrase dentro de min. S'eu deprendese á pintar, eu sería pintor; mais se deprendese n'unha escola de Madrid o «Arte de pintar» ou mellor dito «o oficio de pintor» teño pra min que nunca faría nada bó. E debo confesarvos, c'o corazón n'a man, qu'eu refuxieime n'a caricatura porque este Arte é o máis suxetivo de todos, é o mais novo, é o qu'ainda non pode ensiñarse. En min perdeuse un pintor, e non-o sinto ¡abofé! pois gozo moito máis tendo dentro de min as obras que non hei faguer d'o que gozaría faguendo obras que non levase dentro.

Moi custoso, por non dicir imposible, sería coñecer a liña onde a habilidade testa c'o Arte e por iso moitos abrangueron o nome de artistas sin sel-o verdadeiramente. Non fai falla estruchar o miolo pra lembranos d'algúns virtuosos que conqueriron sona de ilustres artistas non sendo máis que bós falsificadores de obras de Arte, ou imitadores d'a natureza ouxetiva. As verbas «está ben pintado» é a gabanza máis fría qu se lle pode adicar á unha obra de Arte.

Sendo a pintura un xeito d'espresión d'a beleza, qu'é suxetiva, somente pode deixar de ser oficio n'os que levan n'o peito o aflato aceso d'o Arte. Se o Arte non fose máis que a copia

d'a natureza ouxetiva e á min me desen á escoller antre un lenzo imitando unha sandía e unha sandía verdadeira, eu collía a sandía, a non sere que vendéndolle o lenzo á calquera rico pudese mercar moitas sandías, pois da'quela collería o lenzo.

Un bó pintor que non leve-nada no peito é coma eses mestres que sabendo moita gramática e moita retórica nunca souperon engader un sô anaquiño ô caudal d'a literatura. Pra min, a pintura que non pasa d'os ollos, calquera Arte que non me fure os sentidos pra sentir n'o miolo a indución psicolóxica, non é Arte.

Xa o dixo Guyán: «Arte é tod-o que fai bater o corazón humán». N'o espírito d'as obras é onde está o Arte d'elas. Repousar os ollos na forma, n'a codia, sen chegar ô miolo, non é de bóscatadores de obras de Arte.

O pintor que ô mesmo tempo sexa artista non pode de ningunha maneira faguer obras de Arte se non chega ô miolo d'as cousas. Falando d'os pintores non abonda que sepan ollar as cousas, é preciso qûe as sintan, que as queiran ou que as odien; pero que teñan d'as cousas escollidas por eles o coñecimento enteiro d'a sua vida, d'a sua i-alma. Non abonda tampouco que se pinten as cousas tal coma son, e non tal coma se ollan, según queren novas escolas de pintura. O que cumple é

pintar as cousas que nin se ollan nin son. «Pois isa cousa rara—din-os Jean d'Udine—ise «non sei que falta» necesarïo pra xurdir o xenio creador é, nada mais, qu'a aptitude de producir en fórmulas inéditas emocións de orden sentimental ou sensacións de un campo sensorial alleo ô campo en que nos eispresamos: pois toda inspiración é un fenómeno de transposición e que ten por base fisiolóxica a sinestesia».

Ollemos o paisaxe e sintamos a sua vida.

Xa sabemos que o paisaxe non tén de certo realidade ouxetiva. As mañáns que rin, as tardes que choran, o día que morre, a luz qu'esmorece, non son mais qu'estados d'a i-alma.

Maxinémonos diante d'un paisaxe. E n'o intre en que a terra, pra se durmire, vaille virando as costas â luz, e o fume d'as tellas, mesto é leitoso, vaise esparexando n'o fundo d'o val. Non é cousa d'o outro mundo pintar o que ven os ollos qu'han seren comestos d'os vermes; pero n'o paisaxe hay mais cousas que fitar. Pois n'aquel muiño cantareiro dous namorados dánse o primeiro bico e n'aquel pazo d'o castiñeiro seco oubean os cans.

Outro máis. E noite de luar; n'a beira d'unha encrucellada de lênda, un cruceiro tén arrentes de si, a mesa de pedra onde pousan os mortos pra botarllo o responso; por antre os piñei-

ros amóstrase a ria maina; a luna está pendurada d'a poula d'un piñeiro. O pintor ten qu'evocar algo máis que unha visión, pois n'a mesa de pedra d'o cruceiro aquela mesma tardiña pousaron o corpo morto d'un rapáz qu veu d'o servicio; un estudante de crego vai pensando por aquela congostra n'a moza d'o pano roxo que lle roubou a vocación. E ô lonxe escóitase un alalá.

Outro máis ainda. E unha mañanciña. Os montes de lonxe teñen azules de Patinir; as xestas e os toxos poñen as suas motiñas amarelas n'a diviña sicromía verde d'o paisaxe. Moitas cousas máis ten o paisaxe, que poden seren evocadas pol-o artista que sexa máis que un virtuoso d'o aceite de liñaza, pois n'unha poula d'aquela maceira o melro de Gurra Xunqueiro «lucidio e xovial» ainda, agarda pol-o abade d'aldea pra darlle os «bons días»; choveu onte: as campanas d'a irexa depenican unha muiñeira, e pol-os carreiriños d'as veigas d'acolá embaixo, as formiguiñas negras e roxas veñen â misa.

Lembrome d'unha obra de Llorens, a máis galega de todal-as qu'eu coñezo. O arquiteito Palacios e máis eu estábamos ala n'a Corte diante d'o lenzo, cabeliños, ollando un meigo val d'a Coruña afundido n'o orballo, e tal forza evocadora tiña o paisaxe pintado

que, de súpeto, a morriña de nós os dous estalou cantando ô mesmo tempo e n'o mesmo ton aquel alalá:

> Como chove meudiño
> Como meudiño chove...

Istè fenómeno de «sinestesia» qu'espertou en nós aquil desexo de cantar un alalá longo gris e saudoso, demostra o Arte da obra.

Pol-o que dí Guyán: «atopamos bela a Natureza é maxinámola viva, e, n'o dondo representármola baixo unha forma humán. Pódese dicir, inzando aquelas verbas de Terencio: «non m inspira intrés máis que o humán»: se pra embelecer o Universo non houbera máis que o peso,, o número e a medida, ficaríamos indifrentes diante d'él e n'outro libro tamén nos dí: «E preciso «animar» a Natureza, d'outra maniera non-os di nada. Os nosos ollos teñen unha luz sua e non ven senón o que alumean c'o seu resprandor».

Pra pintar Galicia ten que sentirse, non d'outra maneira se comprende qu'algúns pintores de sona, chegados de fora, declarasen inpintables os paisaxes galegos. Son inpintables prà eles; mais non pra nós. Son inpintables pra quén non comprende máis que o roxo, o azul e o amarelo; mais son pintables pra quén está afeito á distinguir mil matices difrentes d'o verde, dend'o cuasi amarelo atá o cuasi azul. Eu

collería por unha orella á quen dixese que Galicia non pode pintarse e levaríao diante d'o cadro «As tentaciós do San Antón», de Patinir, pra que deprendese coma pode pintarse un paisaxe verde e sen sol. E ainda sobor do si Galicia tén ou non cór ha imoito que falar. Lémbrome de que vindo n'o tren fai algúns outonos, 'denantes de chegar á Ourense, ollei un monte todo cheo de viña alumeado pol-o sol amarelo d'a tardiña e o monte semellaba cuberto c'un manto cardealicio, de tal côr que mesmo parecía un fondo de conto oriental. Non falemos xa d'as nosas gayas romaxes aldeans, onde os côres arremoíñanse de tal xeito
nosas romaxes poden atopar asunto as máis novas manieras de pintura. Non; Galicia ten côr se queremos buscal-o.

Unha ducia de literatos declarou femia o paisaxe galego, non sei se querendo gabar a sua fermosura ou criticar a sua falla de forteza. Se quixeron loubar a sua fermosura e lle chamaron femia ben se olla que non visitaron a costa d'a morte ou as beiras d'o Sil e d'o Miño, pois entón dirían qu'en Galicia hay o paisaxe femia eo paisaxe macho. A min teme sen coidado iso d'o do senso d'o paisaxe; pero n'o fundo d'a custión presíntese o desexo de seguir mantendo a ficción d'a grandeza castelán. Non e non; o paisaxe galego, macho, femia, ou ermafrodita, é o pai-

saxe más fermoso d'a Hespaña e un d'os mellores d'o mundo.

***

E agora comple que a miña xenreira, a miña carraxe de bó galego estoupe eiquí maldecindo ô malfadado centralismo que, atafegando a nosa persoalidade nazonal, non deixa medrar unha escola de Arte gallego que tería de nascer fatalmente pol-a forza evocadora d'o noso paisaxe. Mais... ¿qué lles importa ôs homes d'o noso Estado as cousas d'o Arte? O Arte non tén fronteiras e ô famento y-esguniado pobo d'a Hespaña abóndalle co as corridas de touros, que fan de nós un Estado pintureiro, único n'a Europa civilizada.

Todo hespañol é un rexionalista, d'a mesma maneira que todo bó rexionalista é bó patriota. Non quero inzar a razós d'esta proposición con verbas de homes de creto n'o terreo d'o pensamento, pois son verdades evidentes anqu'o Estado non-as queira reccoñecer. Non querendo fitar as rexións naturaes, deberon dividir o chan hespañol, pr'os fins d'a administración e goberno, en anaquiños máis regulares: cadradiños, triángulos... ¡Habería que ollar dispois n'o mapa as provincias c'os seus coloriños, dándolle ô chan hespañol un aspeuto máis xeométrico, máis estético dentro d'a conceución estética d'o Es-

tado hespañol! Esta iñorma salvaríanos d'a vergonza de amostrar ô mundo un mapa d'o chan hespañol que se asemella â capa d'un pobre de pidir pol-as portas, tan chea de remendos de trapo, que non lle quedou siquera un anaquiño d'o que foi capa nova alá n'os tempos d'o noso poderío ventureiro

Xa sabemos que os homes d'o Estado non pousaron os ollos n'a persoalidade d'as rexións que compoñen o chan hespañol pra chegar á unha harmonía que faga d'a Hespaña unha terra rica de matices en todol-os campos d'a aitividade humán, nin siquera souperon aprobeitarse d'os homes que pol-o seu acedo traballo, e sen acucia oficial, chegaron a conquerir nas Cencias o creto de sabios. E se a Cencia c'o seu caraiter de útil que tén, non lles importa ôs homes que mandan ¿qué lles había de importar o Arte?

O Estado fixo canto pudo pra matar a persoalidade d'as rexións e nós, os hespañoles, rexionalistas sempre, pouco fixemos tamén pra facelas xurdir.

Eiquí en Galicia cando imos â Universidade deixámanos de galeguizar de tal maneira qu'alguns barballoeiros chegan a perder o acento.

Cando algún rapaz sale artista aguiloan-o pra que fuxa d'a terra, dicíndolle: ¿E qué, vas deprender eiquí? Vaite, home, vaite e non perdal-o tempo.

Algunhas veces—moi poucas—unha Diputación dalle catro mil reás ô ano pra que poida facerse artista n-o estranxeiro ou en Madrid. ¿E qué pasa? Cando saen de Galicia son artistas virtuaes e cando volven de fora somente son pintores, escultores, falsificadores d'Arte... Se o rapaz, artista en potencia, vai a deprender pintura á Roma, volve d'ala sabendo moitas cousas d'o oficio, tantas cousas que xa pode pintar tod-o que vexan os seus ollos d'a terra; mais... os paisaxes seus terán sempre a luz d'Italia. Cand'o seu esprito sinteu a primiera acucia d'o Arte pol-o poder evocador d'o paisaxe nativo, mandámolo fora a deprender o xeito d'eispresión d'ese Arte, sen fixarnos que cando van, levan o espírito domeable e cando volven tráeno teso. D'esta maneira non faguemos máis que imitadores, traballadores sen espírito.

N' Esposición d'Arte galego d'a Cruña, un abogado de bastante sona, abrindo a boca con verdadeiro pasmo diante d'un cadro «ben pintado», díxome berrando moito pra que o sentisen ben todos: ¡Qué traballo máis brutalmente feito! Fíxese, vostede... ¡se talmente parace unha fotografía! Eu respondinlle con algunha sorna: Pois Peladán dixo que «a fotografía demostra a parvada do realismo». Mais o meu home non pechou os beizos e sigueu ceibando pol-o buraco d'a boca tod'a par-

vada vileza d'os homes que pisaron as aulas, como din eles. Tamén coidan algúns qu'o mérito d'as obras está n'a cantidade do traballo que custou facelas. «¿Non demostran as obras máis grandes d'o mundo que foron feitas con facilidade? ¿Non-os din ben âs claras que non houbo n-elas un gran «esforzo» senón unha gran «facultade?» pergunta Ruskín. Pero un home com'o abogado de marras responderíalle axiña:

—Eu de Arte non ll'entendo nada; eu d'Estética estou limpo de todo; eu non lle sei máis que de pleitos.

I-estes homes son os que dirixen as nosas cibdás e as nosas vilas. Eles son os donos d'os cartos que manexan as nosas diputacións e os nosos auntamentos. E con istes homes tan limpos do Estética e tan lixados de política, Galicia seguirá sendo un criadeiro de carnó humán pr'a eisportación.

Tod'o mundo quêr saber de arte dispois de confesaren que de Arte non saben unha palotada, e ainda se rin d'os tolos artistas con aquil de homes cordos, ben seguros de que as estrelas foron feitas nada máis que pra regalia d'os seus ollos.

E non coidedes queo paisaxe está sen defensa oficial, non. O concello de Rianxo mandoulle tirar un piorno á meu pai, piorno erguido n'a sua propiedade, que daba á un camiño de carro, pois... (así dicía a órden) «esta clase de artefactos situados a la faz de los caminos públicos son de un pésimo efecto al ornato». Meu pai non concordou c'o concello parecéndolle que os piornos non están mal âs beiras d'os camiños, sobor todo cando están cheos de millo; máis a Comisión provincial e dispois o Gobernador foron d'o mesmo parecer d'o Concello. Eu propoño que os homes amantes d'o paisaxe felicitemos ô ex-gobernador interino, don Xaquín Sagasetã de Ilurdor pol-a sua resolución axeitada ôs ditados d'unha Estética orixinal.

Se botamos unha lixeira ollada sobor d'o enseño d'o Arte e d'a Estética que se dá en todal-as nacións civilizadaas e dispois pousamos os ollos n'a Hespaña... Boeno ¡eu non quero pensar siquera n'esto, pois non sei onde me levarían os meus comentarios. Abonda dicir que se n'a Corte se dá un enseño verdadeiramente abafante d'a persoalidade eiquí n'a nosa terra non se dá ningún enseño d'o Arte nin d'a Estética. Esquecíanse de que n'as escolas enséñase gramática, n'os Institutos retórica e n'o preparatorio de Dereito literatura.

O que aprenden os rapaces n'a escola vou a demostrárvolo contándovos o que me pasou a min en Rianxo. Iña pol-a veira d'o mar e uns mariñeiros chamáronme pra que lles lêra o periódico. Eu línllo e coma atopase co-a verba «gramática», un mozo qu'andivera

comigo á escola, preguntoume: «A gramática ¿non é aquel libro...? ¿non t'acordas? Aquel libro que dicía: Nominativo laralalá, genitivo la lalará la la; los la.

—¿De qué sirve o enseño da retórica n'os Institutos? «Quén pensa agora—dinos Ruskín—en enseñar ôs homes á seren poetas? ¿en facer poetas valéndonos de recetas? Iso ademais de que en literatura a decadencia chámase retórica.

Non; non lle deben nada á retórica deprendida, os nosos poetas. En troques poida sere que lle deban á retórica deprendida a incomprensión que d'a boa poesía teñen os nosos homes de carreira.

N'a Universidade galega non hai siquera unha cátedra de língoa galega nin se estudia a poesía trovadoresca d'o cielo galaico-portugués que tanto influia n'a literatura castelán. Lembrádevos de que fai anos creouse unha cátedra de catalán pr'a Universidade de Barcelona e na mesma data crouse unha de língoa galaico-portugués pr'a Universidade de Madrid.

O perfeicionamento d'a lingua nosa é cousa que nin lles vai nin lles ven ôs nosos homes d'a cibdá.

O Claustro ordinario de Santiago pideu mòitas cousas ô Ministro cando se fixo o Estatuto d'a Universidade; máis eu non vin antre tantas peticións a d'unha cátedra de Galego.

Os sabios d'a Atenas galega son así; e ainda non sei coma os catedráticos d'as patoloxías, d'as químicas, d'as matemáticas, d'os dereitos romanos, non pidiron unha cátedra de Esperanto.

Eses homes cheos de progreso e valeiros de perfeición, amantes d'o esperanto e d'o trampitán ou sinxelamente tan patrioteiros que non poden ollar unha parede branca sen desexos d'apañar un carbón y-escribir n'ela un «Viva Hespaña»; digo qu'eses homes sinten por nós un noxo tremendo; e todo pol-a fala.

Ben está qu'haxa un Arte galego que os paisanos levên zocos e que se toque a gaita n'as carballeiras... mais iso d'a fala e cousa merecente de catro azoutas.

Mais «¿qu'é o Arte d'un pobo—di B. Croce—senón o conxunto de todal-as producións artísticas? ¿Qu'é o caraiter d'un Arte—d'o Arte grego ou d'a literatura provenzal—senón a fisonomía común a tales producións? ¿Cómo poderesponderse á esta pregunta máis que faguendo a historia d'o Arte, d'a literatura, d'as línguas en aición?»

Non vexo, pois, coma se pode querer un Arte galega cando non queremos a fala, qu'é o mellor que temos.

Homes de testa de ferro: Lembrádevos d'aquelas verbas dirixidas ô Emperador romano: «Tú, César, civitateun dare potes homini, verbo non potes!

Unha língua asoballada por outra ca-

tro séculos arreo ten dereito a desentangarañarse, pois tantos séculos de proba moito din d'a sua vitalidade. Seguir impôndo o castelán pra todo atá pra rezar, iso si que me parece cousa merecente de catro azoutas.

Pois, coma nós, dí B. Croce: Impôr a língua modelo é impôr a inmovilidade d'o movimento. Cada un fala, debe falar, según os ecos que as cousas despertan n'o seu espírito, según as suas imprevisións; querer trocar unha verba por outra de outro orixen que responda âs suas impresións, é falsear as impresións. A custión d'a unidade d'a língua é insolubel por repousar n'un falso conceuto d'a língua, pois a língüa non pode ser un arsenal de armas útiles y-escentilantes, coma non-o é tampouco o vocabulario que por moi progresivo que sexa e por moita utilidade que nos done, é cimeterio de mortos máis ou menos embalsamados, conxunto de abstraccións».

E quen vai falar d'escolas de pintura, dibuxo, escultura? Quen s'atrevería á pedir un conservatorio de música? Co-as escolas de Madrid abonda, anqu'a algúns coma min nos pareza que sobran.

¿Lembrouse alguén de que n'a nosa terra temos os mellores canteiros d'o mundo pra crearen en todal-as cibdás, y-en algunhas vilas, escolas de Artes e Oficios? Ises canteiros que traballan n'a

pedra c'un xeito herdado de pais á fillos, que atá teñen unha língoa (verbo d'os argas) que fixo cabilar á moitos estranxeiros, non lles importa ôs nosos homes que mandan.

As nosas Diputacións dan pensións que non chegan pr'á mantenza d'os pensionados ¿E non era millor que con ises cartos e algúns mais fundasen unha escola en Galicia onde os artistas traballasen n'o seu ambente?

Eu coido que somente n'un rexime de autonomía integral se podería chegar á realidade d'os soños meus. Nada de autonomía municipal que os zugadores d'a política convertirían n'o intre en autonomía d'o Concello. Nada de autonomía universitaria que se convirta en autonomía d'o claustro. Teño pra min que somente n'unhas cortes verdadeiramente galegas homes desleigados d'a política centralista hespañola, traballarían acito pol-o conquerimento d'un Arte que sendo moi galego sería tamén moi universal. Eu coido que c'unha autonomía verdadeira d'a Universidade galega, estatuida por Galicia e non pol-os catedráticos que compoñen o claustro (metá d'eles alleos), os nosos homes de carreira serían enxebres e d'aquela as nosas vilas e cibdás dándose unha forte aperta co-as aldeas farían xuntos un pobo barudo, forte, non somente pr'á Hespaña senón tamén pr'a Humanidade.

Dixen.

TRADIÇOM NACIONALISTA NA CIDADE DA CORUNHA

Por Jenaro MARINHAS DEL VALLE (*)

Confesso comparecer ante vós escaso de documentaçom a respeito do tema que me foi proposto: A TRADIÇOM NACIONALISTA DA CORUNHA, o qual pode ser tomado como umha desconsideraçom para com a audiência que tem a extrema cortesia de vir a escuitar-me; mas nom é assim —tal atitude sería imperdoável—, a verdadeira causa radica no comedido do meu sentimento localista que fai que a minha erudiçom —deficitária en toda matéria— o seja tamén em conhecimento de vivências locais; e nom se derive desta declaraçom que seja eu persoa pouco amante da minha cidade e desinteressada da sua história, dos seus problemas e das suas utopias; tamém que veja no localismo algo nefando que deve ser proibido e erradicado como erva nociva. Nom, mas o considero digno e constructivo. Pouco se pode acreditar no amor à humanidade de quem despreça o indivíduo, no amor à naçom de quem nom ama a sua aldeia.

No tempo da emigraçom às Américas, o galego que partia e se instalava no país elegido, proido de saudades do seu lugar paupérrimo perdido em descaminhos do mundo, pouco a pouco ia tomando trato e contato com outros galegos igualmente saudosos dos seus respectivos lugarejos. Juntos descobriam que todos aqueles lugares que levavam prendidos na alma de cada um formavam umha alma coletiva que se chama Galiza, umha nacionalidade que se chama Galiza, e nom tardavam em constituir esses modelos de sociedades que se chamam Centros Galegos. Partindo do seu localismo aldeám arribavam ao nacionalismo. Reconheciam a sua Naçom ao tempo que esqueciam o Estado: a Espanha de que lhes falaram na escola e no quartel de tropa. Confirmavam-se galegos.

O que o localismo tem de mau é servir a miúdo de máscara para ocultar interesses de exclussivo proveito persoal aparentando defender os da coletividade. A Galiza é pródiga em personalismo porque na sua idiosincrásia tem destacada presença o individualismo, que se manifesta tanto na construçom isolada das suas moradias como na emigraçom: soluçom individual de um problema social. O personalismo constitue a face indigna do individualismo, individualismo que em si mesmo representa umha nobre defesa da íntima liberdade do ser humano frente à avalancha uniformadora da masa, do partido, da seita ou do sindicato.

□ □ □

Dizemos que é tradicional aquilo que tem umha remota origem e, sem necessidade de prova documental, circula como verdade histórica. A tradiçom nom há de ser umha miragem do passado, há de ser realidade perene que esté presente e activa na vida a na conciência popular, herdança cultural que passa de geraçom a geraçom com a mesma naturalidade que de pais a filhos passam rasgos fisionómicos e temperamentais. Nom é pranta cultivada em invernadeiro, é flor silvestre que brota espontânea em terreiro de domínio público e se oferece à livre aceitaçom de qualquer passante.

Quando umha tradiçom precisa de apoio e subvençom oficial para se manter é que já deixou de ser tradiçom, morreu porque o povo se desinteressou dela e o que o povo deixa morrer nengumha autoridade será capaz de o ressuscitar. As tradiçons nascem, se desenvolvem e fenecem. Quando umha tradiçom se oficializa momifica-se, daí que o tradicionalismo se confunda a miúdo com algo retrógrado e conservador, quando é mais certo que toda tradiçom de hoje é de algum modo conseqüência de umha revoluçom de onte. Consumada a revoluçom a tradiçom esquece-se e morre.

O povo conserva as tradiçons que levam em si um gérmolo de protesta contra o que trata de o premer, ou de resistência ao que pretende assimilá-lo ou desviá-lo da própria canle. Polo contrário, desbota as tradiçons frívolas e carentes de valor idiosincrático.

O aparecimento de Cristo a dom Afonso Henriques na batalha de Ourique ou a intervençom de Santiago Apóstolo na de Clavijo podem servir de exemplo de tradiçons bastardas que nom chegárom a interessar ao povo. Nom passárom de supercherias, meras invençons de clerecia com marcada finalidade política a benefício das monarquias; transmitidas polas crónicas escritas, mas nunca pola voz divina do povo. O povo é simples; mas nom é fácil manté-lo no engano, sabe muito bem distinguir o que lhe é consustancial do que apenas é perifolho, ornato ou disfarce que se lhe aplica sem o seu consentimento. Pode deixar-se levar por umha emoçom provocada e momentânea; mas passado o momento esquece-a e nom trasmite a emoçom espúria: nom dá pé à tradiçom.

A cultura rebanhega do franquismo tratou de reviver algumhas tradiçons mortas, mas como o povo nom é animal carronheiro que se alimente de cadáveres, tudo quedou em farsa folclórica e aborrecida carnavalada a destempo. Sempre será inútil bater em tambores de tradiçom com esperança de que o povo desande caminho, o povo nunca desanda, aparta qualquer obstáculo por tradicional que seja ou aparente ser e continua o seu avanço, nunca cede terreno conquistado e pode parodiar o rei francês dizendo: «Eu sou a tradiçom».

Escreveu Eloi Luís-André: *«La tradición es energía potencial atesorada por y para la subsistencia histórica del pueblo; aquello que a través del tiempo, mantiene su unidad, identidad, potencia y permanencia. Por la tradición las nuevas generaciones y las viejas se reconocen como productos vivos de una placenta maternal común»* (1).

Admitamos a tradiçom como umha corrente de rio: sempre a mesma e sempre outra. Actuemos pensando nom tanto nas tradiçons recebidas com nas que podamos legar aos que nos sucedam, porque se as nossas novidades arraigam no povo el fará delas tradiçom.

Missom de todo intelectual é facilitar-lhe ao povo o encontro com a sua auténtica imagem, procurar que poda distinguir-se entre os demais e evitar que se estranhe por matos descarriados que o conduzam à mestiçagem e à perda total da própria personalidade. Manter as tradiçons vivas como corrente sanguínea do organismo nacional e enterrar as que teimam por subsistir já apodrecidas baixo a tutela oficial, que as utiliza como áncora ou lastre retardador da marcha do povo cara ao progresso e à liberdade individual e colectiva.

Feitas as anteriores pontualizaçons em volta da tradiçom nom estará por demais fazer algumhas outras sobre o nacionalismo.

□ □ □

O povo sabe que é povo; o que já nom sabe com tanta evidência é que constitue umha Naçom; e enquanto ao Estado considera-o alheio a si, nom lhe reconhece autoridade para impor-lhe obrigaçons

(1) Como o nome de Eloi Luís-André nom lhes dirá grande cousa aos mais jovens, convirá um inciso para dizer que foi um catedrático e publicista ourensám que prodigou a sua firma nos diários de Galiza durante o primeiro terço deste século baixo temas de problemática galega que recolheu em grosso volume intitulado GALLEGUISMO, LUCHA POR LA PERSONALIDAD NACIONAL Y LA CULTURA. Declarava-se *«nacionalista gallego; pero dentro de la unidad española»*.

Nom aprovo polemizar com mortos, até me parece alevoso e desonesto estabelecer controvérsia com quem nom pode controversar, usar do seu turno de réplica, por tanto o que vai seguir nom atinge a Luís-André senon aos que hoje disfrutam de boa vida e concordam com o contraditório nacionalismo dele.

Se a unidade espanhola existe nom cabe mais nacionalismo que o nacionalismo espanhol, desde o do senhor Blas Piñar até o do Partido Socialista Español. A justificaçom do nacionalismo galego, catalám ou vasco, é precisamente a nom existência da unidade espanhola, a heterogeneidade dos povos peninsulares que de nengum jeito podem ver-se unificados, ainda bem que nom rechacem a uniom, e aspirem a unirem-se; mas em Europa, nom em Madrid.

e muito menos aceita ter deveres para com el. Por isso defrauda-o sempre que pode e contrabandeia sem que estime que tal proceder menoscaba a sua honestidade. Nom acerta a ver um delinqüente num contrabandista. Para o povo, burlar as ordenanças do Estado pode ser ilegal, mas nom imoral.

A rês da vissom popular, o Estado nom forma parte da sua corporaçom, é um parasita ou samesuga que o chucha e preme.

O nacional é criaçom do povo miúdo, o estatal é artifício de caciques e levitas. Mentres o Estado tende à autarquia a Naçom sustenta-se sobre a anarquia.

A Leibnitz nom lhe oferecia dúvida que um cego pudesse falar pertinentemente das cores. Nom duvidemos de que o povo, os individualistas, visionários, poetas e anarquistas, todos apolíticos, podam falar pertinentemente de questons políticas que os próprios políticos nom podem perceber. Porque sem as lunetas que lhes presta o Partido sumem-se numha cegueira intelectual absoluta. Por isso, nom é disparatado pensar que o anarquismo poda chegar a governar o mundo.

Sentir-se anarquista é afirmar-se como indivíduo, resistir-se a ser apanhado, engolido e deglutido pola sociedade, polo partido, o sindicato, a seita religiosa, a cultura oficial ou a opiniom imperante. Sentir-se anarquista é sentir-se livre, ceivo; mas nom desvinculado, que um ser humano nom é cometa errante, antes astro com órbita e luz própria. A órbita do ser humano é a Naçom, a pátria. Nom a que tremola bandeiras, canta hinos gloriosos, dispara canhons e estabelece alfándegas... nada disso. Dizer pátria é dizer origem comum, estirpe, família. Rechacemos toda pátria que assente na raça, na história, na política e ainda na geografia. Nom existe mais pátria que a cultural. Se o nosso povo galego se trasladasse a outro lugar do planeta levando a sua bagagem cultural, língua, tradiçons, saudades... Galiza seguiria existindo; mas se no actual solar se impussesse umha cultura estranha, Galiza deixaria de existir.

Toda luita nacionalista, como a anarquista, vai contra o Estado; e ao nacionalismo, como ao anarquismo, nom se chega por via democrática senom pola aristocrática, pola selecçom dos melhores. Um verdadeiro anarquista será sempre um aristócrata, como no fundo de todo aristócrata há um anarquista. Recordaredes o Principe Kropotkin. O dom Juan Manuel Montenegro, de Valle-Inclán é um anarquista, nom como Bakunin, mas é anarquista.

Por outra parte convém salientar que a aristocracia nom está renhida com a democracia, mais bem a complementa e sublima para nom vermo-nos governados pola chusma. O verdadeiro inimigo depredador da democracia é a burocracia, principal sostem de todo o regime totalitário. O Estado omnipotente, benquerido na Espanha oriental castelhano-aragonesa, é desapetecido pola ocidental luso-galaica, como assim o reconhecia Luís Peña Novo há mais de sessenta anos: *«Mientras el espíritu español es mesiánico y se orienta a la autocracia y a la dictadura, porque necesita una explicación sobrenatural para todos los fenómenos y necesita ver el airón del caudillo ondeando sobre las masas frenéticas y sumisas, el espíritu gallego se orienta hacia el gobierno popular y detesta todos los caudillajes porque significan la negación de su sentido liberal».*

O espíritu galego parece cominar-nos com esta paradoja: Nom sejades democratas, a democracia é umha tirania disimulada; mas defendede a democracia. Dentro do espírito galego sempre arrolado pola dúvida, empenha-se umha luita constante entre individualismo e colectivismo.

□ □ □

Cada animal é fiel à sua espécie, unicamente o homem discrepa do homem, diferencia-se, descarria da manada e é neste descarrio que manifesta a sua superioridade sobre os brutos que caminham atentos e sumissos à reata. O homem é um animal que disputa, dize-nos o grande Herculano. Contra o que afirmam os que da associaçom tiram lucro e poder, o ser humano é o menos social de quantos seres povoam a Terra. Unicamente os mediocres sentem necessidade de associarem-se e com freqüência para algo que nom passa de umha mediocridade. Umha mente superior (aristocrática) estará pronta a colaborar; mas renúe associar-se. A colaboraçom nom exige umha entrega total senom de umha parte de nós, nom absorve completa e inteiriça a personalidade do indivíduo. A colaboraçom limita-se à obtençom de umha finalidade concreta e sempre pode dar um fruto importante, da associaçom nom

resulta mais cousa que o enfrentamento dos associados com os nom associados. Deste modo toda associaçom resulta paradojalmente antisocial.

Em defesa da associaçom alega-se que da uniom nasce a força. De primeiras, eticamente, nom se tratará tanto de ter força como de ter razom e, em segunda, unir-se nom é igual que associar-se. Na uniom conservamos a própria hierarquia, constituimos um parentesco, somos pares, somos todos iguais. Na associaçom o primeiro que fazemos é nombrar umha Junta Directiva, sometemo-nos a umha burocracia.

□ □ □

O nacionalismo é um sentimento e umha ideologia, com o significado que a ideologia assigna Gramsci: *«uma concepção do mundo que se manifesta implicitamente na arte, no direito, na actividade económica, em todas as manifestações da vida individual e colectiva»*. Pode ser um sentimento ideológico; mas de maneira nengumha umha ideologia sentimental, que aquí a ordem dos factores si altera o produto.

Amais desse contido de carácter universal, comum a todos os nacionalismos, o nacionalismo galego que é o que agora temos em causa, salienta outras características que lhe som específicas, tais como o celtismo, o lusismo e o lirismo.

Evidentemente podem nom dar-se as tres em conjunto ou darem-se com mais ou menos intensidade, tamém pode faltar em absoluto algumha delas e ainda haverá quem manifestamente hostil a umha ou a outra, sendo esta hostilidade tam demostrativa da sua existência como a adesom a ela.

Procuremos ver de que jeito se manifestam.

Os epítomes de *História de España* que no meu tempo nos faziam aprender na escola davam a Península povoada por duas raças: Iberos e Celtas, os Iberos na banda de Levante, os Celtas na do Poente. Nom deviam andar muito descaminhados nessa divisom porque de um lado dá-se Raimundo Lulio, Jaime Balmes, Eugenio D'Ors e do outro Prisciliano, Francisco Sanches, Leonardo Coimbra.

O celtismo foi criticado, combatido e negado por gentes que nom acertárom ou nom quissérom compreender a sua verdadeira significaçom. O celtismo é independente de umha afirmaçom categórica de descendência racial de um povo celta do que a História nos dá escassas e contraditórias notícias. O celtismo galego, dentro do nacionalismo, nom precisa de base histórica algumha porque, ainda no suposto de nunca haver existido um povo celta na antiguidade, existiria hoje um povo céltico em Galiza. Historiadores e nacionalistas falam de celtismos diferentes, como um médico e um poeta nom se referem à mesma cousa quando pronunciam a palavra coraçom. O coraçom do poeta está longe de ser um músculo sanguinolento. E quando na linguagem vulgar falamos de algumha persoa e opinamos que tem bom coraçom, será ridículo que um cardiólogo venha a desmentir-nos metendo-nos polos olhos um electrocardiograma demonstrativo de que estamos equivocados. Tal é o que fai algum cronista para negar o celtismo galego.

Dentro da península hispánica chamamos celtismo a umha característica diferencial do que se conhece como iberismo. Desde umha posiçom europea distinguimos um como espírito atlántico e o outro como espírito mediterrâneo. Dous mares que banham distinta geografia e distinta psicologia.

A Galiza perdeu, ou, senom tanto, adormeceu a sua personalidade quando deixou de mirar para o mar, o seu mar. Mentres povos pequenos como ela, Holanda, Inglaterra, Portugal, se fizerom grandes pola sua afeiçom marítima, a Galiza ficou rezagada e empobrecida por seguir a aventura terrestre dos reinos de Leom e Castela. Nom era o seu destino, nem o é ainda hoje, caminhar terra adentro, verdadeiro caminho de perdiçom. O seu caminho de salvaçom estava na rota de Ocidente, seguindo a marcha solar como estrela condutora de umha epifania própria, nunca seguir como espolique de a pé as cavalgadas castelhanas que em maridagem com Aragom brindavam por Oriente: ainda o propósito das carabelas de Colom ero o de chegar a Oriente!

As conquistas espanholas no continente americano, em Ocidente, forom empresa de extremenhos, lusitanos irmaos de raça dos navegantes portugueses empenhados nas descobertas que Camões, de clara estirpe galega, cantou nas estrofes d'Os Lusiadas.

E com isto abandonamos o celtismo, atlantismo ou como se lhe queira chamar e passamos ao lusismo.

□ □ □

Lusismo e castelhanismo som os dous polos de atracçom e repelência que marcam a escura história de Galiza, oscilante de um a outro como um péndulo que já se movia nervoso nos arredados tempos do medioevo. Quando, trás da morte violenta de dom Pedro *el Cruel* de Castilha, a nobreza galega (o povo nada contava em aquelas idades) se dividia entre legitimistas, assistidos por dom Fernando I de Portugal, e bastardistas, com apoio dos franceses, partidários de dom Henrique de Trastámara como rei de Castilha. Na pugna houve quem se passou de um a outro bando com a mesma facilidade com que agora mesmo os políticos, herdeiros de aqueles cavaleiros turbulentos, transitam de partido a partido, que mais que partidos parecem partidas.

Nom sempre serám absolutamente censuráveis estes traspassos que a gente chama *cámbio de chaqueta,* porque quem se encontre apertado num casaco que lhe vem estreito fará bem em tratar de vestir um que lhe facilite os movimentos e a quem lhe venha largo e folgado um calçom político compreendemos que busque um à sua medida. O mau, o perverso, está em aqueles que ao *cambiar de chaqueta* tiram previamente do seu bolso a carteira para dar-lhe resguardo na algibeira do chaleque. Algo semelhante era o que faziam aqueles nobres cavaleiros que se deixavam seduzir polas famosas mercés de dom Henrique, que as repartia a maos cheas, despojando dos seus legítimos benefícios à velha nobreza galega, que nom lhe era adita, para oferecé-los aos magnates castelhanos e galegos castelhanistas que o proclamavam rei.

Hoje as mercés nom som condados e castelos, som governadurias, delegaçons, alcaldias, escanos parlamentares que os partidos oferecem aos seus partidários, e, de convir, a alguns independentes que gostosamente passam a depender. Modernizárom-se as prebendas; mas os prebendados em nada variárom; nada, certamente, há de novo baixo o astro solar.

As crónicas de Fernão Lopes guardam memória de dous corunheses entre os cavaleiros galegos que aderirom à causa de Fernando de Portugal, que hoje podemos denominar lusistas: Dom Joám Fernandes de Andeiro e dom Nuno Freire de Andrade, que personificam o lusismo da própria cidade da Corunha recebendo com grande entusiasmo e adesom popular, a chegada do rei português e durante dous anos se mantendo resistente às forças castelhanistas de dom Henrique de Trastámara, a quem facilitou a vitória a cobardosa retirada de dom Fernando aos seus lares lisboetas.

Ainda hoje nestas terras compreendidas entre o Cabo Finisterre e o Cabo Ortegal, que fórom solar da tribo dos ártabros, mantem-se a simpatia lusófila com mais intensidade que no resto da Galiza incluida a zona raiana da fronteira que politicamente nos separa. O bardo Pondal nom falou unicamente por si, foi portavoz do ancestro popular.

Todos os doutrinantes do nacionalismo galego salientam e aceitam a irmandade galego-portuguesa. Verdade que encontra dificuldades para abrir-se passo entro o vulgo que nom conta com mais letras que as proporcionadas por umha educaçom centralista interessada em fazer ver a simpatia lusófila como estrangeirizante. Como um delito de lesa pátria espanhola, dentro da que a pátria galega apenas é umha sucursal sem poderes decisórios de nengumha classe.

E vamos com o lirismo.

□ □ □

Para Castelao a frase «Deixemo-nos de lirismos» é umha frase anti-galega. Para Joám Vicente Viqueira o lirismo é a nota fundamental da alma da Galiza. Sendo assim nom podia deixar de manifestar-se marcadamente no nacionalismo especificamente galego. Aparece tempranamente nos versos dos nossos poetas da renascença. Inicialmente o nacionalismo galego é exclussivamente lírico, todo feito diferencial é cantado, todo problema socio-económico é cantado, com lamúria umhas vezes, outras com jogoralidade, e nunca ou rara vez se pensa em resolvé-lo: cantando é como escorrenta o medo o caminhante solitário nas trevas da noite. Por longo tempo predominou um nacionalismo de poetas e só recentemente, agora mesmo, começa a brotar um nacionalismo de economistas, sociólogos, pedagogos, políticos. Os poetas dérom a voz de alarma, tocárom a rebato na conciência galega e acordou o nacionalismo activo, que começa a pisar terra firme, que trata de situar Galiza no mundo por direito próprio e nom repara em luxar-se no lameiro da política embargada polos grandes partidos centralistas, com os que há de enfrentar-se em manifesta desvantagem.

Os poetas viam em Galiza umha Dulcinea ideal, imaculada e cativa. Convém que se veja a Aldonza Lorenzo real, enzoufada polo trabalho rude, que precisa de ser polida e culturada. Dom Quixote nom cavalgou por terras de Galiza, o quixotismo arremetedor de moinhos de vento fai rir os galegos, porque na Galiza nom há que procurar combate com gigantes. Na actual política galega nom há gigantes, nom há mais que cabeçudos. Desairosos cabeçudos que bailam com passinho miúdo o *chotis* madrilenho como mandam os castiços: sem extralimitar-se do reduzido quadrilátero dum baldosim; mas som imcapazes da acrobacia requerida pola moderna música rockeira.

Nom nos deixemos de lirismos, mas sejam economistas, pedagogos, sociólogos e políticos nacionalistas os nossos trovadores.

E já é tempo de ver o nacionalismo com olhos locais como exige o título convocativo desta reuniom.

□ □ □

Se nos deixamos levar um pouco da fantasia, ou muito, porque à fantasia nom se lhe pode aplicar taxa nem comedimento, —ela precisa de voar libérrima, tam libérrima que chega a ser voo sem asa, sem peso de ave que lhe lastre a toma de alturas a onde nom alcance a gravidade terrestre...— levados por ela poderemos concluir que a Corunha nasce de um combate em defesa das próprias essências nacionais, em defesa do próprio clam. Um combate legendário entre Hércules e Geriom. Forma-se a cidade em torno á tumba de um heroi vencido: umha torre pétrea. Tumba que só excedem em monumentalidade as tumbas piramidais dos faraons egípcios. Podemos ver em Geriom um caudilho oestrímnio, a personificaçom do atlantismo que se defende contra a invasom do espírito mediterrâneo personificado em Hércules. Dous espíritos contrapostos: um traça ângulos, arestas, a estabilidade cúbica do Partenom; outro procura a curva, o círculo mural dos habitáculos das citânias castrejas. Arte clássica frente a arte barroca. A Galiza já era barroca antes de que a humanidade descobrisse a arte barroca. Patente o barroquismo do seu litoral e da sua orografia, igualmente o da sua psicologia. Diz bem dom Eugenio D'Ors que *«el espíritu barroco no sabe lo que quiere»*. Quanto de nom saber o que se quer há na saudade!

Mas nom será preciso cavalgar o poldro desbocado da fantasia nem intentar a espreita através nas névoas inescrutáveis que envolvem a pré-história. Venhamos a época mais esclarecida, menos longínqua no tempo e encontraremos prova de ser velha a preocupaçom da cidade da Corunha pola defesa da dignidade, da personalidade e da autodeterminaçom de Galiza.

A primeira protesta de que temos notícia escrita contra a usurpaçom do voto em Cortes de Galiza polos procuradores da cidade de Zamora, parte do Concelho da Corunha, segundado polo de Betanços, e consta em carta que, com data de quinze de Fevereiro do ano 1520, dirigem os nossos edis ao rei Carlos I, na que dizem: *«suplicamos a vuestra magestad no dé crédito a la dicha ciudad* (Zamora) *a ninguna cosa que em nombre de este reyno aya pedido o pidiere»*, e concluem pedindo ser ouvidos em justiça contra Zamora *«por ponerse, como se pone syempre em querer hablar por este reyno tan antiguo como es este de Galizia»*. Como se vé latita já no texto deste escrito umha defesa terminante da personalidade galega e do seu direito a manifestar-se ela própria. Revela umha actitude corunhesa bem aproximada do que hoje chamamos nacionalismo.

Chamamos-lhe assim desde tempo muito recente, antes tivo outros nomes que se forom relegando a medida que o conceito que expresavam levedava, tomava corpo adulto e entrava em fase de revolta. Hoje o nacionalismo é umha revolta e como tal ainda está nascendo, será obra das mocidades actuais, carece por tanto de tradiçom como nacionalismo integral e revolucionário; o de antes era doutrina, gritaria e literatura, bastante literatura.

O humorista corunhês Wenceslao Fernández Flórez acudiu prontamente ao chamamento das Irmandades da Fala e figurou alistado no grupo da Corunha. No boletim A NOSA TERRA (números 40/41, ano 1917) escrevia em galego seu (sabido é que umha novelinha sua foi traduzida por Carré): *«O sentimento nazonalista está basado nunha realidade étnica e histórica que non se pode suprimire nin da que se pode prescindire antoxadizamente. Ningún sentimento, por outra parte, pode sere tan nobre nin tan confesabre. Antes que nengunha cousa, por enriba de todo, hai que sere nazonalistas, profundamente, sinceramente, abnegadamente nazonalistas. O demáis é estare entregado ôs Poderes Centrales»*. A declaraçom nom pode ser mais contundente, deveremos admitir que foi ditada pola sin-

ceridade, que no momento de ser escrita era sentida; mas o entusiasmo inicial durou-lhe pouco a dom Wenceslao: em quanto que respirou os ares do Guadarrama... tudo ficou em literatura.

Miremos com cautela para os que irrompem num partido, numha seita o numha ideologia com arrebatada força ciclónica, tudo arrasando para situar-se em posto de vanguarda. A miúdo nom tardam em rezagar-se como asustados da própria audácia. Som mais de fiar os que se acercam por passos contados e avançam sem obsessom de deixar-se ver.

Se assentamos que o nacionalismo galego tal como agora o concebemos carece de tradiçom, nom descartamos que tenha raízes, que anteriormente existam atisbos, indícios de que na sociedade corunhesa estava a germolar a consciência de ser galegamente distinta, a aspiraçom redentora de Galiza. Querendo recolher indícios, digamos que na Corunha se celebrarom os primeiros Jogos Florais, em 1861; na Corunha foi posto em cena por primeira vez um drama em língua galega; na Corunha publicou-se por primeira vez um bando municipal em galego; na Corunha funcionou a primeira escola de instrucçom primária integramente em língua galega, regentada por Ângel Casal; na Corunha criou-se a mais numerosa das Irmandades da Fala e a que se mantivo por mais tempo em pé; na Corunha, em fim, reuniu-se no passado século o grupo apelidado «Cova Céltica», onde, por boca de Pondal, se lhe chamou naçom a Galiza por primeira vez. Mas foi-se-me rezagando um dado significativo que convém salientar, em 1920 resulta elegido concelhal Luis Peña Novo polo povo da Corunha. Apresentado como nacionalista, é a primeira vez que em Galiza acede a um posto público um nacionalista polo voto popular. A Federazom de Mocedades Nacionalistas de Galiza, aflorou nos anos da segunda república espanhola; mas antes, muito antes, constituira-se na Corunha umha «Xuventude Nazonalista» que, segundo deixa saber em A NOSA TERRA de 30 de Dezembro de 1917, *«ten mente de sair â defensa do ideal galeguista en todos os terreos, sendo como a gardadora do fogo sagrado do rexionalismo integral»* (2).

A Corunha foi a cidade galega que mais se viu invadida polo aluviom de gentes procedentes de outras províncias, maioritariamente da meseta central, gentes que vinham a ocupar cárregos na Administraçom civil e no Exército, a integrar a classe que mais se deixa ver na sociedade cidadá, maiormente quando a cidade é pouco populosa. Esta tona forasteira contribuiu em grande medida a fomentar a impressom de cidade desgaleguizada, que foi propagada nom sempre com honesta finalidade. O certo é que era essa umha impressom superficial e inteiramente desacorde com a realidade. O verdadeiro povo corunhês, ou melhor, o povo verdadeiramente corunhês mantivo os seus rasgos de galeguidade e nom se deixou desvirtuar polo senhoritismo estranho que mais de umha vez tivo a ousadia de falar por ele.

Falou nos tempos dictatorias nos que a política centralista acentuou-se na implacável perseguiçom de todo particularismo periférico; fala hoje em mais felizes tempos de sufrágio universal. Porque o centralismo sempre contou com meios para colocar, de algum jeito «democrático», personagens do seu feitio à frente dos postos de autoridade e representatividade. Daí que o galeguismo do povo corunhês se veja em todo momento oscurecido por esses «representantes», mais obrigados para com o partido capaz de acimá-los que para com o povo eleitor. Pois admitamos que o povo os elegiu, ora bem, como defesores dos seus interesses económicos, nom como representantes dos seus sentimentos.

O povo mostra a sua galeguidade quando pode fazê-lo livremente, anárquicamente, sem autoridades que o presidam e dirijam. Foi o povo por iniciativa espontânea o que seguiu multitudinariamente os restos de Curros Henriques e os de Antom Vilar Ponte: que nom eram corunheses de nacimento, mas representavam a suas ánsias de ser e proclamar-se galego total.

Se importante é um líder, tanto ou mais importante é a base popular que o sustenta, sem a qual o líder estará condenado ao fracasso. Na revoluçom de 1846, o levantamento militar, com dom Miguel Solis ao seu frente, nom dize todo o que com aquela revolta se pretendia. Os militares perseguiam o

(2) A esta X.N. pertencerom Alfredo Canalejo e Álvaro Cebreiro. Ten-me falado Alfredo de que esta agrupaçom durou aproximadamente dous anos e acabou porque o seu objectivo nom era limitar-se à cidade da Corunha, pretendia a formaçom de grupos em todas as vilas da Galiza; mas nom achou acolhimento *em nengumha*. Em vista do fracasso, a X.N. extinguiu-se, como umha candeia que se apaga por falta de oxígeno. Perguntamo-nos: onde está essa superiodidade nacionalista das demais cidades galegas a respeito da Corunha? Tanto Álvaro como Alfredo eram muito novos. Canalejo tem-me citado alguns nomes dos dirigentes, que nom lembro, porque nom se tratava de intelectuais, senom de gente do povo, desse povo ao que se lhe quer negar sentimento nacionalista.

derrocamento da ditadura do general Narváez; mas o povo, os civis que segundavam em Galiza a insurgência militar, pretendia algo mais: eram gentes aditas ao que entom se chamava provincialismo, sentimento que agora vemos personificado na figura um tanto nevulosa do betanceiro Antolim Faraldo. Sem esse condimento aquela aventura nom teria passado de ser umha militarada mais de tantas como regista a triste história moderna de Espanha.

O provincialismo corunhês era de grande importância e tinha por centro de conspiraçom a casa de dona Joana de Vega, Condessa de Mina, que traguia de cabeça ao governo central, o qual, respondendo às denúncias do governador militar da praça, deu ordem de que *«se la vigile y si diese motivo legal para proceder contra ella se la juzgue con arreglo a las Leyes»*. O Capitám General pede medidas mais drásticas: *«por la salva proporción que tiene esta interesada en conspirar sin que corra el menor peligro, debo manifestar a V.E. que continuará siempre del mismo modo, y tendremos dentro de la capital de Galicia la mansión de la Dirección de las conspiraciones, si no se toma la providencia de hacerla confinar a país lejano en el extranjero»*.

Nom se tomou tam dura providência mercé ao apoio que lhe prestavam os consulados de França e os afectos de que ainda gozava no Palácio Real. O prestígio da Condessa arroupou em nom pequena medida as actividades dos elementos provincialistas da Corunha. Prestígio em parte herdado do pai, —partidário e amigo de Porlier, que com tantos e tam bons amigos contou na Corunha, onde ainda hoje um clube leva o seu nome—, e de resto adquirido polo seu próprio talante liberal e progressista.

Quando o triunfo da ditadura de Narváez, era dona Joana aia da rainha e dom Agustin Argüelles tutor. Ambos presentárom a dimissom dos seus cárregos; mas mentres dom Agustin alega cobardosamente *«falta de salud»* a continuaçom a Condessa, dando-lhe umha liçom de valentia, dize: *«Yo también, señora, tengo el sentimiento de separarme de vuestra majestad; pero no porque mi salud me prive de continuar teniendo la honra de serviros, sino porque mi conciencia no me lo permite»*. Umha dimissom nestes términos, quando a última guerra civil a teria levado directamente ao paredom de fusilamento, porque à hora de matar o general Franco tinha menos reparo que o general Narváez.

O provincialismo, que deu carácter galego ao levantamento militar passado polas armas em Carral, é um embriom do actual nacionalismo nascido das mesmas ideias liberais e progressistas, por quanto nunca pode ser autoritário nem reaccionário, como maliciosamente é apresentado por alguns inimigos que à nobre luita descoberta preferem a emboscada caluniosa.

Provavelmente nom acertei a levar a cabo a missom que me foi encomendada de salientar a tradiçom nacionalista do povo corunhês, porque penso que, nom sendo inferior à de qualquer outra vila galega, tamém nom se lhe pode atribuir umha neta superioridade. Em toda Galiza o nacionalismo mais é, polo de agora, um produto de qualidade que de cantidade. Mais importante que a tradiçom é a sucessom, a projecçom no futuro; e a sucessom está hoje garantida na Corunha pola agrupaçom O Facho, pola Associaçom Cultural Alexandre Bóveda, pola Escola Dramática Galega, pola assistência maioritariamente juvenil a todo acto de afirmaçom galega.

Sem renegar do passado, digamos com Viqueira: *«Miña Galicia non é que a foi, é a que será»*.

Galiza nunca foi, nunca escreveu própria história, desangrou-se fazendo a história dos reinos de Leom e Castilha, da Espanha absolutista e de duas Repúblicas que nom quissérom ser federais.

A Galiza que será há de ser segundo o comportamento das novas geraçons, mais livres, mais lúzidas e mais constantes do que foi a minha que poucos exemplos vivos vos oferece para serem seguidos.

(*) Este texto procede de umha conferência, que nom chegou a se pronunciar, destinada às Jornadas de Maio de 1987, organizadas na Corunha pola Federacion de Asociacions Culturais Galegas.

XOHAN CASAL: OS FROITOS DA NÉVOA

Foi o xenio da lingua, nese encontro raizal do home coa fonte do propio pensamento, quen lle deu a Xohan Casal a dimensión humana necesaria para sentir-se dun povo e dunha terra. Para tomar consciencia de si.

Un organismo maltratado, enfermo, como é o dunha nación irredenta, vai criando sempre os anticorpos, as defensas para sobrevivir. A lingua propia leva en si a semente da liberación e arrepónse no decorrer dos séculos para atopar a sua canle natural, a libre expresión do seu sentir, a rebeldía, ainda inconsciente, na escrita e na palabra. Escritores houbo e hai que sendo retóricos na lingua de Castela, foron e son revolucionarios na propia. Brañas, Murguía, Rosalía mesmo, son exemplos claros da forza natural dun idioma oprimido.

A lingua sobrepónse á pluma ou a palabra e expresa afervoadamente as ansias do corazón que a mente trata de atafegar, de disfrazar, de constreñer. —

E dicir, un home que como Brañas escribía no castelán requintado da época podía berrar de súpeto:

"Ergue Galiza, ergue-te e anda... como en Irlanda" e
e non era máis que o veículo da forza libertaria do
propio idioma.
Na Sociedade o fenómeno apresenta-se dun xeito similar:
Hai, ainda nas épocas da máis escura repressión, un grupo
que representa con dignidade, todo aquelo que lle é esencial
ao verdadeiro ser da pátria. Voces senlleiras, mas verda-
deiros pontos de referencia, para que nós poidamos agora
mesmo ser quen somos e sentir o que sentimos.
Non sei se foi Casal, pois, quen descobreu a língua ou
foi a língua a que animou no seu corazón magoado e deu-lle
esa luzada derradeira, o resplendor da vela que se acaba,
para facer imortal a sua palabra, e deixar firmes nos ana-
queis do tempo o encontro definitivo do home consigo mesmo.
O apalpar hum intre na nervadura ferida da sua identidade.
Estou a olla-lo ainda agora, feble e cordial - con esa
madurez e serenidade do mozo que ten a certeza dunha
morte pronta - amparado pola forza disimulada de Rei-
mundo Patiño, e escoito a sua palabra repousada o
seu analise sempre certeiro de calquer tema literario -
era un gran coñecedor das avangardas - ou da Sociedade
alienada na que tiñamos que conviver.

3

A cidade da Coruña — esta Coruña tan mal entendida e inxustamente xusgada as mais das veces — don mostras, mellor quezais que ninguna outra da Galiza, de criar os anticorpos que unha sociedade mutante, corrupta ou gangrenada por influencias extranas, necesita para manter a sua autenticidade, e irradiar ainda algo de seu aos demais estamentos da Sociedade galega.
Non teria que dar mais que catro ou cinco referencias, que estou seguro son o basamento, o alicerce, da nosa persoalidade histórica de hoxe.

O Album da Caridad de 1.861, primeira escolma da poesia do Rexurdimento.

A Cova Céltica, do vello Carré Aldao, de entre os dous séculos, de que sairon as primeiras organizacions que lle deron forma à nosa cultura: A Academia (hoxe tan perdida), a Escola Dramática Galega, e Editorial Lar e Cantigas da Terra.

As Irmandades da Fala do 1.916, xerme e semente do nacionalismo arnovador que ainda agora nos serve de guieiro.

O Facho, Asociación cultural que hoxe nos acolle

e da que todos vós sabedes a andadura, cando era obrigado andar con solta.

E tamén dun grupo, no seu tempo, de mozos soñadores dun soño que agora imos descifrando con mais claridade e esperanza: Estou a falar de Xohan Casal, de Reimundo Patiño, de Enrique Iglesias, de Pepe Parga, de Eduardo Sánchez, de min mesmo. E outros, que formaban grupos menos comprometidos, pero que andaban dalgunha maneira, preocupados pola noso cultura nos diferentes eidos.

Certamente o entorno socio-político da Coruña nos anos cincuenta non era doado. Gobernados militarmente por un musulmán (ainda que para o caso é o mesmo), civilmente por un requeté devaluado, e municipalmente por un delegado permanente do Caudillo — e dicir, un caudillo en pequeno —, controlada a povoación decotío por ser sede de veran, de pesca e de caza do Señor de Meirás, era difícil calquer exposición cultural, e menos política, que non estivera axustada aos programas oficiais do Estado.

Habia, pois, que andar con moito tento, e deixarse pasar, as mais das veces, por persoeres pinto-

5

rescos – falar galego era pintoresco – e andar nas catacumbas á percura dalgunha persoa afín para contar as nosas coitas ou os anguriantes proxectos de futuro.

A Real Academia Gallega era totalmente irreal. Non quer dicir que non houbera membros dignos de aprecio e de respeto. Vivía aínda un dos fundadores, e había outros que eran académicos silenciados. Os que soaban eran comentaristas de futbol e de crónica social (bodas e bautizos) que o único que aportaron ao noso idioma foi a piqueta demoledora programada desde o goberno central. O momento histórico non daba para mais, pero aínda agora a cousa non se compuxo.

Así e todo o fermento da galeguidade estaba vivo: os vellos patrimonios da Cova Céltica e das Irmandades da Fala deixaran a súa semente e nas tertulias dos cafés ou das tabernas atopabamos de vez en cando a algún dos seus descendentes e unha aperta de irmandade dábanos o alento de seguir adiante e de esperar tempos mellores (sempre temos esa ilusión): Os Carré Alvarellos, os Vilar-chao, Lugrís, Martínez-Barbeito mesmo, amparaban calisquer

agromo de sentimento e farol da nosa cultura, (e algúns da nosa liberación.)

Alvaro Cebreiro, xa enfermo, falaba-nos de Manoel Antonio e do manifesto "Mais Alá". Don Uxío Carré Alvarellos, vello patriarca que eu tanto amei, acolliánnos na sua casa de Eirís, construida no sitio mesmo onde os feixistas asasinaran ao seu fillo, e dabanos sempre unha leición de humanidade e de amor á patria.

Ainda vivia Doña Gala, a filla de Rosalía, e eu sinto agora a emoción revivida de bicar a sua man polo que representaba.

Son puntos de referencia, mas son puntos de referencia válidos cando a patria anda perdida e andamos atentiñando o camiño.

E de agradecer a Alvaro Cunqueiro, que visitaba a cidade con frecuencia, o pulo que lle deu á nosa ~~cultura~~ literatura desde As Crónicas do Sochantre, que fixo a unha boa parte da burguesía coruñesa a ler por primeira vez en galego. Vin de ver a figura forte e campechana de Don Ramón Otero Pedrayo, pasar polos cantons repartindo apertas, e nos nosos corazóns de rapaces sentir que algo noso está aí, que o espíritu da

7

terra estaba vivo. Os encontros con Manuel María e Novoneyra...
Ninguén recitou nunca Cousas de Castelao: "Era nun louvano porto do norte"... "O galo negro" de Cabanillas ou "Os antroqueses" de Iglesias Freire, coma aquel vello amigo e compañeiro que se chamaba Eumedre. Con él, con Payon e Pucho Ortiz fixera-se a primeira representación na Galiza de "Os vellos non deben de namorarse!"
Logo, con Antonio Naveira, puxeramos en escea (eu andaba de apuntador) o Don Hamlet de Cunqueiro despois de mil voltas coa censura...

A grande meta literaria dos escritores coruñeses de entón era triunfar en Madrid, e moitos foron-se e nunca mais se soubo deles. Afortunadamente.

Este era o mundo de Xohan Casal, o noso mundo, e eu sei que o seu corazón xa lastimado, descobreu un día o inquedo lóstrego da fala, a chamada da Terra, e dou-no íntegro á sua causa, mentras o corazón lle durou.
Unha patria asoballada, eria, pois, sempre, os anticorpos que a fagan sobrevivir. A sua permanencia pode ser larvada, mais aflora sempre en diferentes

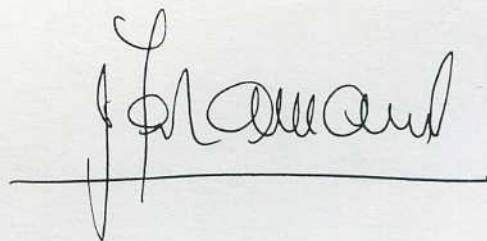
expresións. 8

Aínda no campo das artes que naquel tempo floreceran, A Coruña dou a sua fonda esencia de galeguidade (unha historia que está por facer) e a obra supera moitas veces ao mesmo autor ideolóxicamente, na súa autenticidade: A obra de Sobre, de Lago Rivas, de González Pascual, de Xosé Lois, de Xerardo Porto, de Mariano García Patiño, a grande obra de Urbano Lugrís tan perdida, a de Vilar chao e Abelenda, deron-lle á Coruña un esplendor, que noutro país non sometido, tería resonancia universal.

Ficou a semente e o facho. E digo O Facho no dobre sentido da palabra.

No trascurso da vida, a xente decátase da raigame perdida en aventuras exteriores, e volta outra vez ao seu eido, ao seu berzo, como fai o animal da manada. Recuperamos voces que andaban alleas, sentimentos que andaban atafegados e que xurdiron puros da súa propia fonte.

Agora mesmo, enfrentados a un estamento oficial tan denigrante como o de entón, A Coruña está

dando unha mostra viva e magnífica da sua esencia galega: Asociacións Culturais, grupos teatrais, músicos de valía, voces novas afincadas no íntimo da Galiza están a soar mais fortes que nunca.
Saído nelas a Xulio Valcarcel, a Fernan-Vello, a Monterroso Devesa, a Pilar Pallares, a Xavier Seoane, a Manolo Rivas, a Xulio Bejar, Lino Braxe, Mato Fondo, Salinas Portugal, Anxeles Penas, Alvarez Torneiro, Alfredo Gallego e o verso inconsutil e claro de González-Garcés.
¿e cantos mais?.

A Coruña está viva. Galiza está viva. E diso algo se lle debe tamen a Xohan Casal. A conciencia emana às veces, do descoñecido, do que non se sente, do que se percibe a traveso do alento que fica dos que foron. Por algo a sua presencia está hoxe connosco.
E triste ter que dicir nomes que de fronte nos doen nos labres, que se pronuncian ainda coa dunha ferida aberta: Reimundo Patiño, Xohan Casal, compañeiros, o xuramento está en pé.
Galiza é unha tarefa na que o voso nome e sempre un exemplo, unha espora, un vieiro aberto

10

de cara o futuro.

E xa ninguen nos pode deter.

19/5/86. ANTÓN AVILÉS DE TARAMANCOS.

Dita polo autor na sala Luís Seoane, o 21-5-86, no primeiro acto do ciclo de homenagem ao autor corunhês, organizado por *Asociación de Escritores* e *Mesa Cultural da Coruña.*

O FACHO

a agrupacion cultural

Memória 1963-1991

«O FACHO» NA MEMORIA

Por Manuel CAAMAÑO SUÁREZ

Cando hai agora 28 anos naceu a Agrupación Cultural «O Facho», só un escaso número de xente moza —non máis de vinte— apostaba daquela por unha vida medianamente longa da primeira sociedade cultural galeguista de posguerra en A Coruña e a segunda en Galicia.

Mais velaquí que o chamamento que fixeran dous mozos coruñeses —Henrique Harguindey e Andrés Salgueiro— naquel verán/outono de 1963 callou nunha apaixonante obra encarreirada a facer país, consolidándose como unha institución viva e activa que se fixo presente e actuante non só en A Coruña senón que en toda Galicia.

A ETAPA FUNDACIONAL

Non foi doada certamente, para os fundadores, a posta en marcha. Se reparamos naqueles tempos ben se ve que o medio en que nacía aquela iniciativa xuvenil non era nada propicio a manifestacións galeguistas. A hostilidade dos gobernantes era total e manifesta, presidindo a súa actuación controladora unha caste de despotismo, e non precisamente ilustrado.

Mais o entusiasmo, o idealismo, a entrega xenerosa e as vixilias daqueles sementadores non admitían valados que detuveran o pulo que neles alentaba con forza. Foi con esa actitude, operando con intelixencia certa e pasiño a pasiño, como a mensaxe anovadora que traían foi penetrando nas mentes e nos corazóns dos coruñeses que enxergaban o territorio de A Coruña como parte integrante da nación galega, que se decataban que Galicia era a agra común de tódolos galegos.

Os riscos e cambadelas daquela época, na que a máxima manifestación diferencialista tolerada (e ás veces fomentada desde o poder) era a folklórica, foron sorteados con acerto. A aquela primeira etapa fundacional seguíronlle outras, nas que a resistencia á asimilación centralista fíxose vigorosamente, baseándose nun labor eficaz que foi compartido e imitado por xentes diversas en edade, sexo, procedencia social e ideolóxica.

Non serei eu, e menos nesta ocasión na que os traballos continuados de 28 anos se recollen polo miudo nesta Memoria, quen saliente o feito de que unha institución non oficial chegue a ter unha vida ininterrumpida tan longa. Mais o certo é que neste país noso de xentes pasivas, ensoñadoras, hipercríticas e miméticas do alleo, nesta terra onde tantas iniciativas morren ou esmorecen a pouco de botarse a andar, o cumprir perto de tres décadas mantendo unha liña continuada de labor fecundo e rigoroso cara os obxectivos fixados é, cando menos, ben meritorio.

LABOR NOS 28 ANOS

Eses 28 anos que agora se están a cumprir foron vividos con esforzado alento e sentido solidario polos responsábeis da agrupación, soportando perigos certos ata a desaparición física de Franco. Para nos decatar do labor levado a cabo, que logrou despertar en moitos cidadáns coruñeses e galegos a

conciencia e o orgullo de pertenza a un país con personalidade propia, abonda con follear esta Memoria e reparar nos epígrafes máis destacados. Suliñaría entre eles:

Os moitos cursos de galego de carácter público desde o 1964 (ano no que o venerable galeguista don Leandro Carré abreu a serie) e os primeiros en Galicia nos dous xornais radicados na cidade; as ducias de conferencias e mesas redondas onde os mellores especialistas trataron sobre a problemática de Galicia en tódolos eidos da súa vida colectiva; a promoción e creación dunha literatura e teatro infantís que, amais, permiten hoxe dispor dun verdadeiro arsenal lingüístico e lexicográfico na agarda de que algún universitario se decida a traballar nel; a introducción do galego por primeira vez na literatura socio-económica, propiciando traballos e cavilacións a todos cantos tuveran algo que decir sobre esa temática, ofrecéndolles a oportunidade de pasaren pola tribuna da sociedade; a introducción do galego nos xornais e na radio; a promoción do teatro representado, creando un dos primeiros grupos teatrais de posguerra; o facer posible coas súas actividades que se publicaran tantos libros como anos de vida está a cumprir; a reivindicación permanente do uso da lingua no ensino e na vida de cada día; a promoción da criación poética coa descoberta de novos valores; o fomento da convivencia e a discusión civilizada mediante as tertulias semanais dos xoves; a popularización da cultura; a descoberta de valores literarios, poéticos, teatrais, do deseño, etc., etc.

CONCIENCIA NACIONALISTA

Todo o labor contido nesta Memoria, recollido coa meticulosidade habitual de «O Facho», tódolos traballos realizados, toda a contribución a conformar unha conciencia nacionalista, leváronse adiante, en tódolos tempos do decorrer da súa vida, sen dependencias de ningún tipo. As axudas que foron chegando lográronse derramando tempo e esforzos que cristaizaron nun labor serio e rigoroso merecedor da acollida entusiasta por parte de moitas xentes e institucións.

Ó longo dos vinteoito anos de actividades, «O Facho» mantúvose alonxado das servidumes de calquera institución ou organismo, refugando as incitacións interesadas que de cando en vez lle chegaban. E anque permaneceu independiente da política partidista, como lle aconteceu a outros grupos culturais nacionalistas, levaba cabo de si, por razóns obvias na etapa franquista, unha fasquía prepolítica que lle fixo servir de abeiro a toda canta iniciativa se lle propuxera tendente a facer presente a Galicia nación.

«O Facho» fixo xermolar, co entusiasmo e a esforzada adicación dos seus mozos e mozas e dos seus fieis colaboradores veteranos, a mensaxe que os fundadores sementaron no ano 1963 logrando, incluso, que o seu influxo sobardara o marco coruñés e que moitas outras zonas da xeografía galega sentiran o seu alento concienciador como propio.

CODA

Nesta hora leda da presentación da recolleita na letra impresa do fecundo quefacer de vinteoito anos de vida, «O Facho» mantén o roteiro fundacional. Roteiro que na mesma cidade, vangarda sempre de todo canto movemento tencionara o ben de Galicia, trazaron os que promoveran os Xogos Frorais do século pasado, os membros da Cova Céltica, os fundadores da Real Academia Galega, os nacionalistas das Irmandades da Fala... Mantén o mesmo roteiro que posibilitou que nos tempos modernos a cidade dos Pondal, Murguía, os Villar Ponte, Lugrís Freire, Viqueira, Luís Seoane, e outros, seguira a servir de facho aceso en moitas ocasións para ver de acadar algún día unha Galicia dona de si.

A Coruña, Outono de 1991

PEQUENA HISTÓRIA

En Agosto de 1963, dous mozos estudantes, **Enrique Harguindey Banet** e **Andrés Salgueiro Armada,** dirixiron-se, polos xornais e emisoras da cidade a todas as persoas interesadas pola cultura e o idioma de Galiza, invitando-as a se integrar e traballar en equipo. (Asi o recollemos, cun par de exemplos, no capítulo correspondente).

Segundo conta o sócio número 1, un daqueles dous impulsores, eles foran motivados por un libro da editorial Galaxia que viron no escaparate da libraria Zincke Hnos. (onde a actual Arenas): das impresions de ambos xurdiu a ideia que, meses despois, cristalizaria nese chamamento.

Chamamento que tivo tal eco que, coa pretension de constituir unha sociedade, se formou, no mes de Outubro, unha Comision organizadora, integrada por:

Xosé Alberto Corral Iglesias
Enrique Harguindey Banet
Xosé Miguel Harguindey Banet
Roxelio Martínez Jiménez
Leopoldo Rodríguez Regueira
Andrés Salgueiro Armada

Mercé à sua xestion constituiu-se oficialmente a Agrupacion Cultural O FACHO, recebindo, con data 18 de Decembro de 1963, a comunicacion da aprobacion dos estatutos da sociedade.

Voltando ao rego, digamos que o 23 de dito mes de Decembro se celebrou na Casa da Cultura a 1.ª Xunta Xeral na que participaron:

Xosé Miguel Harguindey Banet
Leopoldo Rodríguez Regueira
Xermán Muñiz Castro
Enrique Iglesias Conde
X. Alberto Corral Iglesias
Elena Rosa López Meneses
Fernando Arambillet García
Maximino Cacheiro Varela
Xosé Luis Cardero
Manuela Corral Villar
Antonio Freire Longueira
Enrique Harguindey Banet
Xosé Ramón Isasi Méndez
M.ª Elena López Prado
Antonio Loureiro Veira
Roxelio Martínez Jiménez
Eduardo Martínez Suárez
Mario Orjales Pita
Xosé Luis Rodríguez Pardo
Andrés Salgueiro Armada
Arximiro Vázquez Guillén

formando os seis primeiros a 1.ª Xunta Directiva, segundo se especifica no capítulo final.

O nome e o logotipo. Aquel escolleu-se, talvez, con relacion à Torre de Hércules, transmutada nun conceito e vocábulo que, con enxebreza, definia algo que pretendia difundir a cultura própria do país e en liberdade, dous valores que fenderian, sen dúbida, a cerrazon daqueles anos escuros.

Parece ser que a plasmacion do símbolo funde ese facho cun sol a se pór sobre unha leira, tal como a concebiu **Reimundo Patiño** nun sol-por campesino. Pense-se que o logotipo, por esas ironias, se vulgarizou en posicion invertida, mais se o pomos en forma correcta, logo se verá o que o seu autor quixo expresar.

AGRADECIMENTO

— Aos integrantes de sucesivas Xuntas Directivas que axudaron a concretar tantos aspectos de tantos anos.

A

Cursos de idioma galego

ANTORCHA Y GUÍA

«Facho» quiere decir, en gallego, la antorcha que se enciende en una torre para señal o guía. Es un nombre muy adecuado para una asociación creada en una ciudad famosa por su faro y en una comarca donde hay tantas torres y balizas marítimas; por añadidura tiene un significado simbólico: intenta señalar un camino.

La primera consecución de «O Facho» fue despertar el interés de las jóvenes de La Coruña que, salvo excepciones, se interesaban tanto por la lengua gallega como por la primera camisa que vistieron.

VICTORIA ARMESTO
(En *La Voz de Galicia,* 28-8-70)

(Por M. - S. de las agrupaciones culturales "O Facho", de La Coruña, y "O Galo", de Santiago)

CURSO DE GALEGO

Realizado polo equipo de Lingua da Agrupación Cultural «O Facho»

Ramón Piñeiro, por Seoane.

Leandro Carré, por Cebreiro.

Carvalho Calero, por Seoane.

1964

I

(14-9-64 / 17-11-64)

Impartido na sala de exposicions da Casa da Cultura, por **Leandro Carré Alvarellos,** con duas conferéncias, unha de **Ramón Piñeiro** e outra (con motivo da clausura e entrega de diplomas) de **Ricardo Carballo Calero.**

1965/66

II

(2-11-65 / Maio-66)

No mesmo local, foi impartido por **Xosé Luís Rodríguez Pardo**, e complementado, a partir do 6-5-66, cun curso de Literatura contemporánea a cargo de **Marino Dónega Rozas.**

1967

III

(8-2-67 / Abril-67)

Celebrou-se no Instituto Nacional de Bacharelato (feminino) Eusébio Da Guarda, a cargo dos dous colaboradores do II curso, sendo apresentado polo director do centro, **Antonio Respino Díaz.** (E pudo-se facer mercé à axuda do Xefe de Estudos do Instituto, **Felipe Herrero Alegret,** baixo o rubro de actividade de expansion cultural, superando as dificuldades postas polo Governador Civil de turno).

1967/68

IV

(7-11-67 / Febreiro-68)

No mesmo centro que o anterior, estivo a cargo de **Xosé L. Rodríguez Pardo** e **Ramiro Cartelle Álvarez,** un por cada un dos grupos nos que, dada a alta tasa de inscriptos, houbo que repartir aos alunos.

1969

V

(21-2-69 / 16-5-69)

A partir deste V até o núm. XIII os cursos serán organizados polos Institutos de Ensino Médio (feminino e masculino), coa nosa colaboracion e terán lugar sempre no Eusébio Da Guarda.

Dada a crecente matrícula, as clases estiveron esta volta a cargo de **Manuel Vidán Torreira,** auxiliado por **Luz Pozo Garza, Xosé Manuel Rodríguez Pampín** e **Ramón Fraga García,** todos profesores do Instituto masculino, cuxo director, **Enrique Míguez Tapia,** apresentou o curso, clausurando-se coa entrega de diplomas polos directores dos dous Institutos, director do curso, secretário da Academia Galega e presidente do FACHO, e coa leitura, por alunos do centro, baixo a direccion do profesor **Rodríguez Pampín,** da *Antígona* de **Anouilh,** en version de **Franco Grande** e **Beiras Torrado.**

1969/70

(30-4-69 / 19-2-70)

Simultaneamente co anterior e o seguinte, e promovido por nós e realizado conxuntamente por O FACHO e O Galo, levou-se a cabo, en *El Ideal Gallego,* e por **Ramón Fraga Garcia** e **Antón Santamarina Fernández,** un curso de 95 leccions que foi, segundo cremos, ainda utilizando o español como veículo, a primeira experiéncia de clases de língua galega en Galiza nun meio de masas como é un xornal. Formaba parte da seccion *Do idioma galego,* completada por dous concursos de redaccion (un deles infantil) e o inquérito *A língua galega e as novas xeracions.*

1970

VI

(6-2-70/17-3-70)

Estivo a cargo de **Ramón Fraga Garcia,** abrindo-o **Ricardo Carballo Calero** e clausurando-o **Constantino Garcia González.**

1971

VII

(22-3-71/17-5-71)

A cargo de **Ramón Fraga Garcia** e **Xosé Manuel Rodríguez Pampín,** clausurou-se o Dia das Letras, coa apresentacion do método *Gallego 1,* do *Instituto de la Lengua Gallega,* por **Guillermo Rojo Sánchez,** e reseña bio-bibliográfica e leitura de poemas de **Gonzalo López Abente** polo Grupo de Teatro O FACHO.

VII Curso de idioma.

X Curso de idioma.

(Maio-1971)

Na Escola Normal e por iniciativa do profesor do centro **Manuel Espiña Gamallo,** impartiu un cursiño de língua para alunos do mesmo, o directivo **Xosé Luís Rodríguez Pardo.**

1972

VIII
(23-2-72/17-5-72)

A cargo dos mesmos que o VII, clausurou-se coas intervencións de **Enrique Míguez Tapia** e **Leandro Carré Alvarellos** e coa apresentación, tamén por **Guillermo Rojo Sánchez,** dos libros *Gallego 2* e *Lecturas Galegas 1,* do *I.L.G.* e unha semblanza bio-bibliográfica e leitura da obra de **Valentin Lamas Carvajal,** no Dia das Letras, polo Grupo de Teatro O FACHO.

1973

IX
(12-3-73/17-5-73)

Foi impartido polos mesmos profesores que os anteriores e mais por **Luz Pozo Garza,** inaugurando-se coa intervencion de **Ramón Lorenzo Vázquez** e clausurando-se cun adianto do libro *Gallego 3,* do *I.L.G.,* apresentado por **Xosé Luís Couceiro Pérez.** Nesta ocasion houbo tamén curso de aperfeizoamento.

1974

X
(16-4-74/30-5-74)

A cargo de **Pilar Rodríguez Varela,** o Dia das Letras impartiu unha leccion **Antón Santamarina Fernández,** clausurando-se o dia 30, coa presenza dos directores dos Institutos e do presidente e do tesoureiro da Academia Galega, coa habitual entrega de diplomas e a representacion, polo Grupo de Teatro O FACHO, de *O mendiño e o can morto,* de **Bertolt Brecht,** en version de **Xosé L. Rz. Pardo.** Tamén houbo un curso de aperfeizoamento.

(28-4-74/30-6-74)

Baixo a direccion das sócias **Rosario Belda Otero** e **Sabela Vázquez Fandiño,** celebrou-se, no local social, un cursiño de língua para nenos.

1975

XI
(4-3-75/15-5-75)

Dada a grosa matrícula, superior ainda e só comparábel à dos cursos V e VIII, este estivo a cargo de **Pilar Rodríguez Varela** e **Ramón Fraga Garcia,** intervindo no acto de clausura e Dia das Letras **Enrique Míguez Tapia,** que fixo unha evocacion da vida e da obra de **Xoan Manuel Pintos,** alguns membros da nosa Agrupacion coa leitura de poemas e máis o Grupo de Teatro O FACHO coa representacion de *O cantar dos cantares ou Galicia 1948* de **Eduardo Blanco Amor.**

1976

XII
(27-2-76/14-5-76)

Impartido por **Pilar Rodríguez Varela, Margarita Vila Mosquera, Manuel Felpete** e **Xosé M.ª Dobarro Paz,** constou tamén dun curso de aperfeizoamento. Clausurou-se cunha leitura de poemas de **Ramón Cabanillas** polo Grupo de Teatro O FACHO e un recital de cantigas galegas por **Antón de Santiago** e **Ramiro Cartelle.**

1976/77

XIII
(10-11-76/11-3-77)

A cargo de **Pilar Rodríguez Varela, Manuel Felpete** e **Xosé M.ª Dobarro Paz.**

1977/78

(6-11-77/16-5-78)

Co ensino do galego, a partir do curso 77/78, na Escola Oficial de Idiomas da Coruña, O FACHO, estimando cuberta unha etapa no seu labor de difusion do noso idioma —con máis de 1.600 alunos matriculados nos 13 cursos e un eco tal que se ten recebido correspondéncia, relacionada cos cursos, desde lugares tan lonxanos e dispares como Istambul e Nova Iorque (ver Memória 1970-75, páx. 6)— e ante a novidosa oportunidade que se lle brindaba, optou por volcar o seu esforzo divulgativo nun meio de comunicacion de primeira magnitude.

Este Curso de galego, dunha expansion inusitada (pois que pudo ser seguido por muitos máis

leitores dos que se inscreberon formalmente), levou-se a cabo a través de *La Voz de Galicia,* estando a cargo da *Equipa de Lingua do FACHO,* formada por **Pilar Rodríguez Varela, Xavier Alcalá, Sabela Vázquez Fandiño** e **Xosé-M.ª Monterroso Devesa** e apoiada polas ilustracions de **Siro.**

Constou de 122 leccions, 11 probas, 12 semblanzas de galegos ilustres e 15 entregas de vocabulário, procedendo-se a publicar a correccion da proba final (14-6-78) e ao conseguinte envio de diplomas a boa parte dos mil e pico de examinandos (dos cuase sete mil alunos inscritos, sendo o primeiro destes o estudante coruñés **Xesus Serantes López).**

O curso, debidamente corrixido e aumentado, foi recollido en libro, co título de *O galego hoxe.*

1980/81

(17-11-80/Abril-81: ordinario; 20-11-80/25-5-81: especial)

Este curso, organizado conxuntamente co Ateneo da Coruña, celebrou-se, nos niveis ordinário e especial, no Instituto Da Guarda, estando a cargo, respectivamente, de **Inés Salvado Pérez** e de **Xoán C.Rábade Castiñeira,** clausurando-se, o 29-5-81, cunha leccion de **Xosé Luis Rodríguez.** Os exames do curso especial (homologado pola Xunta de Galiza en 16-5-81), celebraron-se o 8-6-81.

1982

(1-3-82/24-5-82)

Celebran-se os II cursos en colaboracion co Ateneo da Coruña e esta volta no Coléxio PP. Salesianos e no Instituto de E.M. Mixto Ramón Menéndez Pidal (Zalaeta), constando de tres niveis: ordinário e especial (para mestres, desglosado en 1.º e 2.º ciclo), celebrando-se os exames no citado Coléxio, o 16-6-82, coa incomparecéncia do inspector da Consellaria.

Estes cursos impartidos por **Xoán C. Rábade Castiñeira,** por **Ineś Salvado Pérez** e polo noso directivo **António Gil Hernández,** xa non serian homologados oficialmente, se ben foron entregados os correspondentes diplomas o 15-7-82, ocasion na que **Francisco Salinas Portugal** falou, no Ateneo, para os alunos sobre *A poesia portuguesa de avanguarda e a sua relacion coa galega.*

1985

(9-4-85/Maio-85)

Un cursiño de aperfeizoamento lingüístico e literário, de 20 horas, é impartido, no noso local social, por **Xosé-M.ª Monterroso Devesa.**

B

Concursos literários e artísticos

«O FACHO» E A TORRE DE HÉRCULES

Non soio a Torre de Hércules alumea na noite e marca camiños entre tebras. Nos sinos culturais cheos de marexadas e vendavales, como outra Torre de Hércules, érguese tamén un faro vixiante, pulo da máis afervoada vontade de servicio cultural, símbolo dunha Galicia inmorredeira chea de peculiaridades xenuinas dentro da gran e rica variedade cultural da comunidade española, e iste faro chámase «O Facho».

Facho precisamente dise en galego dos outeiros dos montes onde se encenden facheiros para dar señais, xa na costa, xa terra adentro; coma o penedo onde se ergue a nosa Torre. Facho en castelán quer decir tamén «antorcha», e aínda que nestes tempos a asociemos axiña con olímpica, non esquezamos que, por moitas corredoiras de Galicia, os fachucos siguen alumeando os pasos dos nosos labregos.

O Facho naceu, precisamente, —foi unha das primeiras organizacións deste tipo en Galicia—, para que, non tan soio na corredoira, sinón tamén na rua ciudadán, tan amenazada polo esnobismo e a sofisticación, os cruñeses se asolaguen dentro de si e enxerguen a xenuinidade de ser de galegos.

X.M.R.P.

(En *La Voz de Galicia*, 28-5-72)

Marinhas del Valle, por Seoane

Rafael Dieste, por Díaz Pardo.

Marino Dónega, por Seoane.

Concurso Nacional de Contos Infantis O FACHO.

Co nome de *Concurso de Contos Infantis O FACHO* estabeleceu-se en 1968, coa pretension de axudar a fomentar e promover a criacion dunha literatura infantil galega, tendo carácter anual e sendo de sempre patrocinado pola *Caja de Ahorros y Monte de Piedad de La Coruña y Lugo,* hoxe *Caixa Galicia* (oscilando a dotación económica entre as iniciais 9.000 e as 125.000 pesetas de 1992).

O Concurso constou, desde o princípio, de duas modalidades: A) contos para nenos e B) contos dos nenos. Da III à XXI edicion esta seccion dividirá-se en dous apartados: 1) rapaces de 10 a 15 anos e 2) nenos de menos de 10 anos. Desde a XXII edicion as idades pasan a conformar tres apartados: 1) de 12 a 14, 2) de 9 a 11, e 3) de 6 a 8 anos. (Segundo as posibilidades económicas, ten-se outorgado un ou dous prémios en cada apartado).

A partir da XIV edicion os xurados que evaluaron os traballos comezaron a ser de composicion mixta: aos adultos uniron-se rapaces. (Daquela tamén se decidiu substituir por libros —e ocasionalmente cassettes e discos— os prémios monetários na seccion B).

Convocado en todos os xornais de Galiza no primeiro trimestre do ano, e concurso veu-se fallando o 17 de Maio (Dia das Nosas Letras), o 18 de Maio (Dia da Nosa Fala) ou, ultimamente, a finais de dito Mes da Nosa Cultura.

O eco deste concurso exemplifica-se coa participación nel de xente dos diversos países de destino habitual da nosa emigración, asi como coa informacion que frecuentemente nos teñen solicitado estudosos da matéria, a última vez, sen irmos mais alá, desde Ontario (Canadá).

Índice de participacion, por modalidades, no Concurso de Contos Infantis:

CONCURSO	**TRABALLOS APRESENTADOS**		
Núm.	**A) Para nenos**	**B) De nenos**	**Total**
I	38	10	48
II	82	16	98
III	48	20	68
IV	31	13	44
V	52	11	63
VI	58	39	97
VII	44	7	51
VIII	85	11	96
IX	70	8	78
X	58	311	369
XI	37	36	73
XII	33	55	88
XIII	40	54	94
XIV	42	37	79
XV	45	30	75
XVI	34	108	142
XVII	46	90	136
XVIII	24	106	130
XIX	46	35	81
XX	12	38	50
XXI	58	115	173
XXII	14	64	78
XXIII	39	82	121
XXIV	46	55	101
Totais	1.082	1.351	2.433

1968

I

Xurado: **Ricardo Carballo Calero, Xohana Torres, Marino Dónega Rozas, Jenaro Mariñas del Valle, Xosé L. Rodríguez Pardo.** Secretário: o da Agrupación.

Prémios e Mencions honoríficas:

A) 1.° *A galiña azul,* de **Carlos Casares Mouriño,** de Xinzo de Límia. (Unha adaptacion teatral desta obra foi estreada na Coruña, en 1976, polo *Grupo Teatral Semente,* dirixido por **Rosario Belda Otero).**

2.° *Tobi e o ben,* de **Lucila Alén,** de Fermosas (Vilar de Condes-Carballeda de Ávia).

3.° *A nau do lonxano país,* de **Xohán Bernárdez Vilar,** de Vigo.

M.h. *Margariliña,* de **Inés Armesto Pérez,** de Barcelona.

M.h. *O vento,* de **Emílio R. Gregorio Fernández,** de Compostela.

B) 1.° *Contos da aboa,* de **Román Torreiro González,** de Rendal (Arzua).

2.° *A sorte dun pescador,* de **Pura Fernández,** de Ferreirous (Fonfria-A Fonsagrada).

3.° *O can de Larapito,* de **Xúlio Guardado Mirás,** de Compostela.

M.h. *O pintor,* de **Emílio Alonso Pimentel,** de Lugo.

M.h. *A nena das mil monecas,* de **Sara Alonso Pimentel,** da mesma.

M.h. *Aventuras de Flechiña,* o can valente, de **Xesus Alonso Pimentel,** da mesma.

M.h. *O ladrillo,* de **Xúlio Guardado Mirás.**

M.h. *O coello e os amigos,* de **Alberto Mirando Lago,** de Gontade (Oia-Vigo).

M.h. *Cuentos del prisionero,* de **Xurxo Pedrosa Rua,** de Vigo.

M.h. *O Tio Xareque,* de **Xosé Villamarín Iglesias,** de Ourense.

1969

II

Xurado: **Marino Dónega Rozas, Jenaro Mariñas del Valle, Manuel Espiña Gamallo, Xosé L. Rodríguez Pardo, Ramón Fraga Garcia.** Secretário: o Tesoureiro da Agrupacion.

Prémios e Mencions honoríficas:

A) 1.° *O león e o paxaro rebelde,* de **Bernardino Graña Villar,** de Tarragona.

2.° *Estreliña do mar,* de **Dora Vázquez Iglesias,** de Ourense.

3.° *O neno que soñou cunha illa,* de **Xohán Bernárdez Vilar,** de Vigo.

M.h. *O domador,* de **Inés Armesto Pérez,** da Coruña.

M.h. *O sapo Cro-cro,* de **Manuel Blanco Rábade,** de Lugo.

M.h. *O rei que queria contos,* de **Bernardino Graña Villar.**

M.h. *A Pitusa e os outros,* de **Emílio R. Gregorio Fernández,** de Compostela.

M.h. *Un niño de carriciña,* de **Antonio Taboada Táboas,** de Redondela.

B) 1.° *Sempre é millor o soñado,* de **Federico Román Alonso,** de Ourense.

2.° *Un Xan que deixa de ser Xan,* de **Román Torreiro González,** de Rendal (Arzua).

3.° *Os dous compadres,* de **Xoán R. Fernández Saavedra,** de Lugo.

M.h. *A desgracia de Xoseíño,* de **Emílio Alonso Pimentel,** de Lugo.

M.h. *As ranciñas xoguetonas,* de **Xesus Alonso Pimentel,** da mesma.

M.h. *O trasgo,* de **Francisco Campos Freire,** de Lugo.

M.h. *Contos dos mouros,* de **Xesus Corredoira** e **Francisco Campos Freire,** da mesma.

M.h. *A princesa Branca-Rosa,* de **Pura Fernández,** de Ferreirous (Fonfria-A Fonsagrada).

M.h. *O conto de Xanín,* de **Trinidad Fernández,** da mesma.

M.h. *Un casamento,* de **Xosé Francisco Paz Rodríguez,** de Lugo.

1970

III

Xurado: **Marino Dónega Rozas, Jenaro Mariñas del Valle, Xosé Fernández Ferreiro, Ramón Fraga Garcia, Xosé L. Rodríguez Pardo.** Secretário: o Tesoureiro da Agrupacion.

Prémios e Mencions honoríficas:

A) 1.° *Luarela,* de **Álvaro Paradela Criado,** de Freixeiro (Naron).

2.° *Miúdo e a campaíña dos grilos,* de **Emílio R. Gregorio Fernández,** de Compostela.

3.° *Un novo amencer,* de **Isaac Alonso Estravís,** de Albacete.

B) 1) 1.° *Maruxa e a compaña,* de **M.ª Beatriz Sanmartín Vázquez,** da Coruña.

2.° *A Xoaniña e o grilo,* de **Xoán A. Garcia López,** de Chapela (Teis-Vigo).

B) 2) 1.° *Xoga connosco, xitaniño,* de **Sara Alonso Pimentel,** de Lugo.

2.° *O labrador e o lobo,* de **Xosé M. Ramil Enríquez,** de Pácios (Baamonde).

M.h. Escola Nacional de Pácios (Baamonde), pola sua exemplar e destacada participacion.

1971

IV

Xurado: o mesmo da III edicion.

Prémios e Mencions honoríficas:

A) 1.° *O espantallo,* de **Xosé Agrelo Hermo,** de Torea-Abelleira (Muros).

2.° *A morte do cuco,* de **Rafael Velasco Rodríguez,** da Coruña.

3.° *Historias dun mariñeiro bon,* de **Xaime López Arias,** de Sárria.

B) 1) 1.° *O pincel máxico,* de **M.ª Esther Monterroso Martínez,** da Coruña.

2.° *Camiños lamacentos,* de **Xosé M. Díaz Garcia,** de Lugo.

B) 2) Ficou deserta esta categoria.

M.h. Instituto Nacional de Ensino Meio Mixto Agra do Orzán, da Coruña, pola sua entusiasta e numerosa participacion.

1972

V

Xurado: o mesmo que nas duas edicions anteriores.

Prémios e Mencions honoríficas:

A) 1.° *O bosque de Ouriol,* de **Arcádio López-Casanova,** de Valéncia.

2.° *Crarisca,* de **M.ª Victoria Moreno Márquez,** de Pontevedra.

3.° *O tempo pasado,* de **Benito Varela Jácome,** de Compostela.

M.h. *O anano e o pichón,* de **Xosé Francisco Grande,** de Ourense.

M.h. *Faisquiña,* de **Paco Martín,** de Lugo.

M.h. *Choniño,* de **Francisco Taxes Prego,** da Coruña.

B) 1) único. *E ten fame, señor?,* de **Luz Galocha Seivane,** de Bretoña (A Pastoriza-Lugo).

M.h. Instituto N.E.M.M. Agra do Orzán, da Coruña.

B) 2) único. *Nunha chouza de ramas viven Mariano e a sua aboa,* de **Fermín Vázquez Castro,** da Coruña.

1973

VI

Xurado: **Marino Dónega Rozas, Xosé Fernández Ferreiro, Ramón Fraga Garcia, Xosé L. Rodríguez Pardo, Xaquín Villar Calvo.** Secretário: o Tesoureiro da Agrupacion.

Prémios e Mencions honoríficas:

A) 1.° *Sabeliña e os ratos,* de **Paco Martín,** de Bretoña (A Pastoriza-Lugo).

2.° *Pousafoles,* de **Xosé Vázquez Pintor,** de Coiro (Cangas).

3.° *As pombas coa cometa,* de **Manuel Lueiro Rey,** de Pontevedra.

M.h. *O pomar de Amorín,* de **Eliseo Alonso,** de Goián (Tomiño).

M.h. *Oriel,* de **Arturo Lezcano,** de Ferrol.

M.h. *Xurxo,* de **Siro López Lorenzo,** de Ferrol.

B) 1) único. *A fraga dos paxaros faladores e a fraga leopardicia,* de **Xela Arias Castaño,** de Vigo.

B) 2) único *A rula de Xavarís,* de **Fermín Vázquez Castro,** da Pasaxe (A Coruña).

M. especial. Coléxio Inmaculada-Cisneros, da Coruña, pola sua entusiasta e exemplar participación, recomendando à entidade organizadora agasalle con exemplares de contos premiados en anteriores concursos a cada un dos alunos do curso 6.° de E.X.B. do mesmo.

1974

VII

Xurado: **Marino Dónega Rozas, Pilar Rodríguez Varela, Xosé Fernández Ferreiro, Xosé L. Rodríguez Pardo, Xaquín Villar Calvo.** Secretário: o Tesoureiro da Agrupacion.

Prémios e Mencions honoríficas:

A) 1.° *Zoca, Zoqueira,* de **Xoán Babarro González,** de Muxia.

2.° *Un soño,* de **Xosé S. Estévez Porto,** de Cangas.

3.° *O cometa que voltou ó mencer,* de **Agustín González López,** da Coruña.

M.h. *A lebre albiña,* de **Antonio Francisco Simón,** da Coruña.

M.h. *Conto, contiño,* de **Manuel Trigo Diaz,** de Vilagarcia.

M.h. *Bulebule,* de **Rafael Velasco Rodríguez,** da Coruña.

M.h. *Historia dun tolo que sabia tocar o clarinete,* de **Fiz Vergara Vilariño,** de Santalla de Lóuzara (Samos).

B) 1) único. *Os dous curmáns,* de **Susana Antón Mandayo,** de Pontevedra.

B) 2) único. *Os lobos de Montelén,* de **Xesus Vázquez Castro,** da Pasaxe (A Coruña).

1975

VIII

Xurado: o mesmo que o da VII edicion.

Prémios e Mencions honoríficas:

A) 1.° *O cataventos,* de **M.ª Victoria Moreno Márquez,** de Pontevedra.

2.° *O cabaliño que fuxira do curro,* de **Eliseo Alonso,** de Goián (Tomiño).

3.° *A estrela e a frol,* de **Xavier Rodríguez Barrio,** de Compostela.

M.h. *O Roxón,* de **Roberto Blanco Valdés,** da Estrada.

M.h. *Anduriña branca,* de **Xosé Dono Iglesias,** de Paris.

M.h. *O conto das miñas pitas,* de **Ana M.ª Fernández Martínez,** de Muxia.

M.h. *O castelo das tres adiviñanzas,* de **Xosé M. Martínez Oca,** da Coruña.

M.h. *O anano e o xigante,* de **Fiz Vergara Vilariño,** de Santalla de Lóuzara (Samos).

B) 1) único. *Estreliña do mar,* de **Carlos Canosa Lorenzo,** de Muxia.

B) 2) único. *As aventuras de Xoán, Miguel e Marcos,* de **Marcos Arias Castaño,** de Vigo.

M.h. Departamento de Linguaxe do Coléxio Nacional de Muxia.

M.h. Escola Graduada de Sárdoma (Vigo).

M.h. Colexio Nacional Ponte da Pasaxe, de Perillo (Oleiros).

1976

IX

Xurado: **Marino Dónega Rozas, Pilar Rodríguez Varela, Sabela Vázquez Fandiño, Xosé Fernández Ferreiro, Xosé L. Rodríguez Pardo.** Secretário: o Tesoureiro da Agrupacion.

Prémios e Mencions honoríficas:

A) 1.° *Cascabel, o cabaliño do circo,* de **Dora Vázquez Iglesias,** de Ourense.

2.° *Xocas, astronauta,* de **Xosé Fuentes Alende,** da Ermida (Cúntis).

3.° *Ao mellor voltan tamén as anduriñas,* de **Agustin Fernández Paz,** da Coruña.

B) 1) único. *A galiña e o raposo,* de **Alícia López Carril,** de Muxia.

B) 2) único. *O tolo do monte,* de **Xoán Tejo Cobas,** de Santeles (A Estrada).

1977

X

Xurado: **Marino Dónega Rozas, Pilar Rodríguez Varela, Margarida Vila Mosquera, Sabela Vázquez Fandiño, Xosé-M.ª Monterroso Devesa.** Secretário: o Tesoureiro da Agrupacion.

Prémios e Mencions honoríficas:

A) 1.° *Os amigos do cabeceiro,* de **Ana M.ª Fernández Martínez,** de Muxia.

2.° *Dous esguiriños,* de **Manoel Riveiro Loureiro,** da Coruña.

3.° *Papá Johnny,* de **Tucho Calvo,** de Compostela.

B) 1) 1.° *O amigo,* de **Alicia Serantes Gómez,** de Fene.

2.° *O espantapaxaros,* de **Luisa Fidalgo Rodríguez,** de Quines (Melon).

B) 2) 1.° *O grande tabeiron,* de **Breogán Riveiro Vázquez,** da Coruña.

2.° *O casamento do sapo e a rá,* de **Elvira Fernández Garcia,** de Gres (Vila de Cruces).

M.h. aos Colexios Nacionais de Barro (Pontevedra), Pontecaldelas, Pontedeume, Sárria e Vila de Cruces.

1978

XI

Xurado: **Marino Dónega Rozas, Rosario Belda Otero, Xosé M. Martínez Oca, Ramón Fraga Garcia, Xoán I. Taibo.** Secretário: o Tesoureiro da Agrupacion.

Prémios e Mencions honoríficas:

A) 1.° *O pallaso parado,* de **Xoán Guisán Seixas,** da Coruña.

2.° *Cuca, a viaxeira,* de **Manoel Riveiro Loureiro,** da Coruña.

3.° *O Lito e máis as bestas aceleradas,* de **Alberte Avendaño Prieto,** de Vigo.

B) 1) 1.° *Eu vou-vos contar un conto,* de **Xosé R. Garcia Bustelo,** de Iria Flávia (Padron).

2.° *Xan e as galiñas,* de **Eulália Rocha Fraga,** de Foz.

3.° *A rosa resucitada,* de **Fernando Basichi Asensi,** de *Cidade dos Rapaces Agarimo,* Arteixo.

B) 2) 1.° *Dentes grandes,* de **M.ª Paz Quiroga Labrada,** de Foz.

2.° *O paisano bó e o cego,* de **M.ª Carmo Paz Sampedro,** de Aguiño (Ribeira).

M.h. *Conto mariñeiro,* de **Eva Santamaria Dios,** de Aguiño (Ribeira).

M.h. aos Colexios Nacionais de Foz e a Póvoa do Caramiñal e máis à *Cidade dos Rapaces Agarimo,* Arteixo.

1979

XII

Xurado: o mesmo que na edicion anterior. Secretário: o da Agrupacion.

Prémios e Mencions honoríficas:

A) 1.° *O rei de nada,* de **Sabela Álvarez Núñez,** de Lugo.

2.° *Historia dunha castaña chamada Muxica,* de **Fiz Vergara Vilariño,** de Santalla de Lóuzara (Samos).

3.° *Carta zoolóxica a Ermelinda,* de **Xoán Guisán Seixas,** da Coruña.

B) 1) 1.° *Moisés,* de **M.ª do Carmo Gil Chan,** de Portomouro (Val do Dubra).

2.° *O espantapaxaros, o can e o Sr. Manuel,* de **Eliseo Rojo Cid,** da *Cidade dos Rapaces Agarimo,* Arteixo.

3.° *A utilidade de Burriño,* de **Marta Villamar Soto,** da Coruña.

B) 2) 1.° *O mestre,* de **Belén Rodríguez Blanco,** de Lugo.

2.° *O gato,* de **M.ª Tojeiro Ares,** de Cabanas.

M.h. ao Colexio Nacional da Póvoa do Caramiñal.

1980

XIII

Xurado: **Xosé Fernández Ferreiro, M.ª do Carmo González Hortas, Constantino Rábade Castiñeira, Manuel Rivas Barrós.** Secretário: o da Agrupacion.

Prémios e Mencions honoríficas:

A) 1.° *O país dos rios,* de **Xesus Pisón Villapol,** da Coruña.

2.° *A cova da serpe,* de **Sabela Álvarez Núñez,** de Compostela.

3.° *O rescate das palabras,* de **Agustin Fernández Paz,** de Mugardos.

M.h. *O anxo do Anxo,* de **David Calvo Ruiz,** de Viveiro.

M.h. *O Pitís,* de **Manoel Riveiro Loureiro,** da Coruña.

M.h. *O xoubaniño do mar,* de **Xesus Vázquez Pintor,** de Cangas.

B) 1) 1.° *A pelota,* de **Breogán Riveiro Vázquez,** da Coruña.

2.° *A lancha máis rápida,* de **Ramón Gato Hermida,** de Mugardos.

3.° *Cando eu era unha cativa,* de **M.ª Teresa Piñeiro Mirás,** de Padron.

M.h. (consistentes no disco *Aló cando os animais falaban,* de **Manuel Lourenzo,** por xentileza da editora *Ruada),* aos contos remetidos por: **Isabel Cousiño Baleirón,** da Póvoa do Caramiñal; **M.ª Luz Garcia Cajete,** do Barqueiro (Mañon); **M.ª Carmo Garcia Pichel,** de Cesta (Ardaña-Carballo); **Lourdes Hermida Mouzo,** de Berdeogas (Dumbria); **Francisco Ledo Lemos,** de Chantada; **Encarnacion Liste Coto,** da Póvoa do Caramiñal; **Salvador Pérez Garcia,** da mesma; **M.ª Victoria Quiroga Labrada,** de Foz; **Xacinto Saavedra López,** de Mugardos; **M.ª Dolores Tubío Varela,** de Rianxo; **Marta Villamar Soto,** da Coruña; asi como aos Colexios Nacionais de Carnota, A Póvoa do Caramiñal (dous) e Rianxo.

B) 2) 1.° *O ollo cansado de cerrar-se,* de **Beatriz Arnejo Guardado,** de Portomouro (Val do Dubra).

2.° *O rato pillabán,* de **Maria Arnejo Grille,** da mesma.

1981

XIV

Xurado: **Carme Vázquez Castro, Carlos P. Martínez Pereiro, Constantino Rábade Castiñeira** e os rapaces **Patricia Pena Monelos** e **Agustin Rodríguez Carro.** Secretário: o da Agrupacion.

Prémios e Mencions honoríficas:

A) 1.° *Abesouro Z-23,* de **Agustin Rodríguez Caamaño,** da Coruña.

2.° *Conto dun Mougán e dun Roubapolos,* de **Xosé Luís Martínez Pereiro,** da Coruña.

3.° *Unha gaivota en terra adentro,* de **Fiz Vergara Vilariño,** de Santalla de Lóuzara (Samos).

B) 1) 1.° *O home que se foi,* de **Severino,** *da Cidade dos Rapaces Agarimo,* Arteixo.

2.° *O mundo através dun vidro,* de **M.ª Xosé Pascual Castro,** de Vigo.

3.° *Pedrito e o mono,* de **Pedro Varela Sergade,** da mesma *Cidade dos Rapaces.*

B) 2) 1.° *O boli maravilloso,* de **Olga Osorio Iglesias,** de Lugo.

2.° *O soño de Xaime,* de **Ana López López,**de Sárria.

1982

XV

Xurado: **M.ª do Carmo González Hortas, Xoán I. Taibo, Joám Guisán Seixas** e os rapaces **Eduardo Vidal Blanco** e **Alberte Martínez Pellicer.** Secretário: a da Agrupacion.

Prémios e Mencions honoríficas:

A) 1.° *A leenda do Faro,* de **Fina Rouco Puentes,** da Coruña.

2.° *Boliche,* de **Siro López Lorenzo,** de Ferrol.

3.° *O planeta Ceboleiro,* de **Concha Blanco Blanco,** de Cee.

M.h. Ao conxunto de contos remetidos por **Manuel Lorenzo González,** de Arcade (Soutomaior).

B) 1) 1.° *Carta á cadela Maquiavela,* de **Xavier Lama López,** de Guntin.

2.° *As bebidas brancas,* de **M.ª Luz Cajete Garcia,** do Barqueiro (Mañon).

3.° *A viaxe dun peso polos petos de vários españois,* de **Antonio Diéguez Castro,** da Coruña.

B) 2) 1.° *Don Chafalleiro,* de **Marta Arnejo Grille,** de Portomouro (Val do Dubra).

2.° *Os animais do bosque,* de **M.ª Xosé Cancela Garcia,** da mesma.

1983

XVI

Xurado: **Jurjo Torres Santomé, Manuel Caamaño Suárez, Fina Rouco Puentes** e a rapaza **Ana Antonio e Souto.** Secretário: a da Agrupacion.

Prémios e Mencions honoríficas:

A) 1.° *Cartel de cego dun home indestrutíbel,* de **Xosé Luís Martínez Pereiro,** da Coruña.

2.° *O Ventomareiro,* de **Xosé Ares Villanueva,** de Vilagarcia.

3.° *Os habitantes de Nepecifonilándia,* de **Concha Blanco Blanco,** de Cee.

B) 1) 1.° *A rapaza que queria ser grande,* de **Begoña Ferreiro Bermúdez,** da Coruña.

2.° *O menosvintevello,* de **Marta Arnejo Grille,** de Portomouro (Val do Dubra).

3.° *Que grande amigo!,* de **Lourdes Freiría Barreiro,** de Pontecaldelas.

B) 2) 1.° *Os números e o neno,* de **M.ª Isabel Rodríguez Martínez,** de Bouzas (Vigo).

2.° *A botella chistosa,* de **Ana López Salgado,** das Neves (A Capela).

M.h. aos Coléxios Nacionais de O Barco de Valdeorras, A Capela, Catoira, Anxo da Guarda (A Coruña), Patrocínio de San José (Lugo), Pontecaldelas e Portomouro.

1984

XVII

Xurado: **Francisco Pillado Mayor, António Santamariña Delgado, Xosé Luís Axeitos Agrelo** e os rapaces **Nuria Caamaño Roig, Ana Pillado Vega** e **Cilla Lourenzo Modia.** Secretário: a da Agrupación.

Prémios e Mencions honoríficas:

A) 1.° *O demo presumido,* de **Xesus Pisón Villapol,** da Coruña.

2.° *Corazón de laranxa,* de **Xosé Enrique Costas González,** de Ferrol.

3.° *As mapoulas e o vagalume,* de **Xavier Rodríguez Barrio,** de Lugo.

B) 1) 1.° *Dulámi*, de **Cristina Vázquez.**

2.° *Trapalladas de vellos*, de **Marta Otero Fernández**, de Compostela.

3.° *E foi-se*, de **Ana M.ª Vázquez Díaz**, de Cee.

B) 2) 1.° *O conto da vella*, de **Paula Rodríguez Corchado.**

2.° *Ramón o gordinfleiro*, de **Ana Peleteiro Pensado.**

3.° *A língua que non falaba*, de **María Neira Barral**, de Compostela.

M.h. aos Coléxios Nacionais de Catoira, Cee, San José de Cluny (Compostela) e A Sardiñeira (A Coruña).

1985

XVIII

Xurado: **António Santamariña Delgado, Xesus Pisón Villapol, Francisco X. Fernández Naval** e os rapaces **Isabel Martínez Pellicer** e **Iago Alcalá Baillie.** Secretário: a da Agrupacion.

Prémios e Mencions honoríficas:

A) 1.° *Hestória de Fertolpo*, de **Alfonso Álvarez Cáccamo**, de Vigo.

2.° *O rei Morcego*, de **Xosé Ares Villanueva**, de Vigo.

3.° Deserto.

B) 1) 1.° *Viaxe á morte*, de **Paula Carballeira Cabana**, de Maniños.

2.° *A enfermidade do chocolate*, de **Patricia Rojas Meijomil**, de Ferrol.

3.° *No palleiro*, de **Sandra Mota Ceruelo.**

B) 2) 1.° *As aventuras de Cristina*, de **Cristina Miraz Vázquez**, de Ferrol.

2.° *Conto*, de **Rosa M.ª Rivera Ramóndez**, de Ferrol.

1986

XIX

Xurado: **Luciano Rodríguez Gómez, M.ª do Carmo González Hortas, Xulio López Valcárcel.** Secretário: a da Agrupación.

Prémios e Mencions honoríficas:

A) 1.° *A cidade sulagada*, de **Antón R. Castro**, de Zaragoza.

2.° *A sopa de pedras*, de **Alfonso Álvarez Cáccamo**, de Vigo.

3.° *A mona que ollaba para a lua*, de **Chiño Casas González**, de Marin.

B) 1) 1.° *Que neniña loira!*, de **Paula Carballeira Cabana**, de Maniños (Fene).

2.° *A fuxida do escritor Luis*, de **Viriato Riveiro Vázquez**, da Coruña.

3.° *Rebelión na obra*, de **Xavier Riotorto Suárez**, de Areal (Larin-Arteixo).

B) 2) 1.° *Folerpiña de neve*, de **Natália Camprubí Estebo**, da Coruña.

2.° *Rosiña fixo máxia*, de **Maria Canosa Blanco**, de Cee.

1987

XX

Xurado: **Xesus Pisón Villapol, Alexandre Ripoll Anta, Xavier Meilán Pita.** Secretário: a da Agrupacion.

Prémios e Mencions honoríficas:

A) 1.° *O pirata Malaquías*, de **María García Yáñez**, de Casal (Tameiga-Mós).

2.° *O lápiz que non queria ser pequeniño*, de **Mercedes Regadío López**, de Vigo.

3.° Deserto.

B) 1) 1.° *O meigo*, de **Paula Carballeira Cabana**, de Maniños (Fene).

2.° *Viaxe ao mundo dos libros*, de **Anxélica Ayala Oca**, de Cee.

3.° *Formigas*, de **Xavier Riotorto Suárez**, de Areal (Larin-Arteixo).

M.h. *O pequeno planeta*, de **Natália Camprubí Estebo**, da Coruña.

B) 2) 1.° *O home dos globos*, de **Maria Canosa Blanco**, de Cee.

2.° *Conversa co libro*, da mesma.

1988

XXI

Xurado: **Ana M.ª Fernández Martínez, Rosario Belda Otero, Joám Guisán Seixas, Manuel Caamaño Suárez.** Secretário: a da Agrupacion.

Prémios e Mencions honoríficas:

A) único. *A escola de Medrapouco*, de **Divina Novio**, de Aldrei (Marrozos-Compostela).

XXI CONCURSO NACIONAL DE CONTOS INFANTÍS "O FACHO"

A Agrupación Cultural O FACHO, co patrocinio de CAIXA GALICIA, convoca a XXI edición do Concurso Nacional de CONTOS INFANTÍS «O Facho», de acordo coas seguintes

BASES

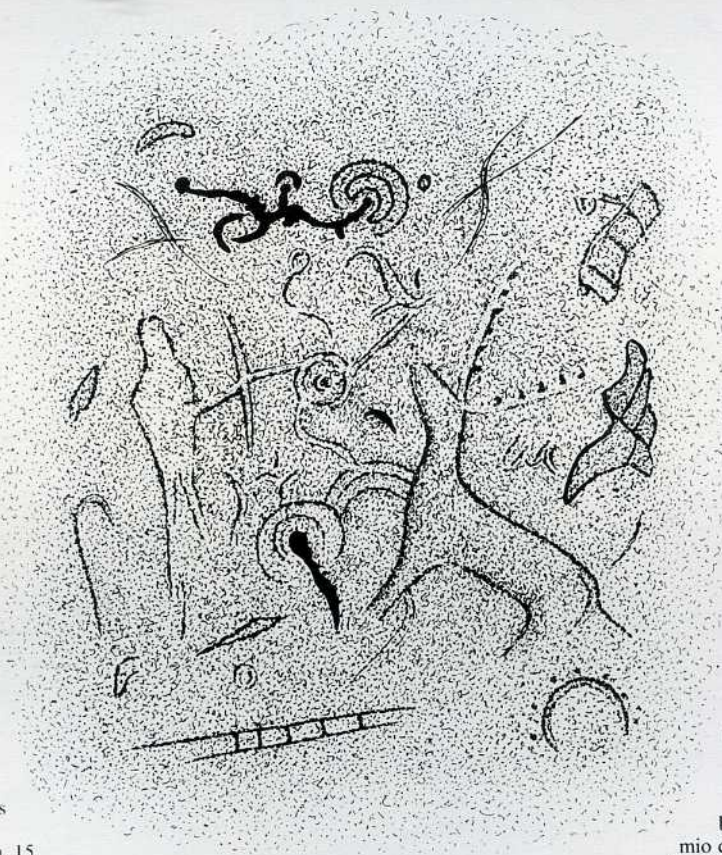
1.ª O Concurso consta de dúas seccións:

a) Contos para nenos sen limitación de idade.

b) Contos de nenos, que consignarán a idade ao pé do traballo que manden, subdividindo-se esta modalidade en dous grupos:

1) Nenos entre 10 a 15 anos; 2) Nenos de menos de 10 anos.

2.ª Os traballos, de tema libre, deberán ser inéditos e escritos en idioma galego. Cada concursante poderá mandar cantos contos quixer, non podendo exceder cada conto de 6 fólios, mecanografados a dobre espazo.

3.ª Os orixinais mandarán-se por triplicado, baixo plica, se así o desexar o concursante, entrando en concurso unicamente aqueles traballos que teñan ingreso no domicilio da Agrupación Cultural O FACHO —Federico Tapia, 12-1.º C, A Coruña, ou apartado de Correio n.º 46—, antes do dia 1.º de Maio de 1988.

4.ª Os prémios serán como segue:

a) Contos para nenos: Un único prémio de 50.000 Ptas.

b) Contos de nenos: Prémios consistentes en lotes de libros e cassettes:

1) Entre 10 e 15 anos: Un primeiro prémio de un lote de libros e cassettes; un segundo prémio de un lote de libros e un terceiro prémio doutro lote de libros.

2) De menos de 10 anos: Un primeiro prémio de un lote de libros e un segundo prémio doutro lote de libros.

5.ª O FACHO reserva-se o direito á publicación dos contos no periodo de 18 meses, computados desde o coñecemento público do fallo.

6.ª O fallo dará-se a coñecer a fins de Maio, mes no que se veñen celebrando diversos actos en torno á nosa Cultura.

7.ª A A. C. O Facho reserva-se o direito de designar o Xurado que ha fallar os prémios, así como o sistema de elección dos contos gañadores.

8.ª A participación neste concurso supón a aceitación expresa das presentes Bases.

B) 1) 1.° *Sobraba un,* de **Mercedes Castro Díaz,** de Ferrol.

2.° *A morte do mar,* de **Paula Carballeira Cabana,** de Maniños (Fene).

3.° *Segredos dunha árbore,* de **Raquel López Caneda,** de Compostela.

B) 2) 1.° *A cidade de Biulguilia,* de **María Cid Álvarez,** de Ourense.

2.° *As pulgas e o País dos Xigantes,* de **Rocío Garcia Casalderrey,** de Lérez (Pontevedra).

M.h. aos Coléxios Nacionais de Arteixo, Cee, Monelos (A Coruña), Foxo-A Estrada, San Rosendo (Ferrol), A Piringalla (Lugo), Lagoas-3 (Ourense) e de Prácticas Feminino (Pontevedra).

1989

XXII

Xurado: **Francisco X. Fernández Naval, Paula Carballeira Cabana** e os rapaces **Iria Taibo Corsanego, Viriato Riveiro Vázquez** e **Daniel Bembibre Belda.** Secretário: o presidente da Agrupacion.

Prémios e Mencions honoríficas:

A) 1.° *O sumidoiro Calcarrúas,* de **Antonio Reigosa Carreiras,** de Lugo.

2.° *80 centímetros cúbicos,* de **Henrique M. Rabunhal Corgo,** da Coruña.

B) 1) 1.° *As aventuras de Estucheiro, Gominola e Negreiriña* de **Noelia López López,** de Arteixo.

2.° *Superplof,* de **Belén Garcia Iglesias,** da mesma.

B) 2) 1.° *O rio misterioso,* de **Maria Canosa Blanco,** de Cee.

2.° *Un amigo nas estrelas,* de **Raquel Belinchón Álvarez,** de Vigo.

B) 3) Deserto.

M.h. ao Coléxio Nacional de Arteixo.

1990

XXIII

Xurado: **Luisa Villalta, Henrique M. Rabunhal Corgo,** e os rapaces **Carmo Candales Hermida, M.ª Isabel Guillén Espejo** e **Jorge Maceira Pedreira.**

Prémios e Mencions honoríficas:

A) 1.° *A galiña, o lagarto e o burro,* de **Manuel Lorenzo González,** de Paredes (Vilaboa-Pontevedra).

2.° *Nin boi, nin vaca,* de **Carmela Otero Vilas** e **Magdalena de Rojas Silva,** de Compostela.

M.h. *A estrela que baixou á terra,* de **Paula Carballeira Cabana,** de Maniños (Fene).

B) 1) 1.° *Buscando a felicidade,* de **Natália Camprubí Estebo,** da Coruña.

2.° *Nin galo, nin pomba,* de **Rita Viqueira Pérez,** de Ferrol.

B) 2) 1.° *O paxaro e a volvoreta,* de **Marta Rodríguez Álvarez,** do Burgo (Culleredo).

2.° *O bául do avó,* de **María Canosa Blanco,** de Cee.

B) 3) 1.° *As aventuras da calculadora Calqui,* de **Cristina Rodríguez Álvarez,** do Burgo (Culleredo).

2.° *O caramelo de menta,* de **Ana Canosa Blanco,** de Cee.

M.h. aos Coléxios Nacionais de Arteixo, Ramón de la Sagra (A Coruña) e Meloxo-Ogrove.

1991

XXIV

Xurado: **Rosa Garcia Vilariño, Pepe Carballude, Xabier P. Docampo** e os rapaces **Sabela González Herráiz, Iria Taibo Corsanego** e **Patricia Varela Fernández.** Secretário: a directiva **Pura Tejelo Núñez.**

Prémios e Mencions honoríficas:

A) 1.° Deserto.

2.° *Historia dun neno godo e delgado,* de **Xosé L. Martínez Pereiro,** da Coruña.

B) 1) 1.° *Desexo azul,* de **Natália Camprubí Estebo,** da Coruña.

2.° *Silencio musical,* de **Maria Canosa Blanco,** de Cee.

B) 2) 1.° *Unha noite máxica,* de **Saida Gelpi Rivero,** de Ourense.

2.° *A caixa de cores,* de **Iria Balayo Abeijón,** de Noia.

B) 3) 1.° *O enano e a sua coroa de cristal,* de **Beatriz Agulla Menduiña,** de Bueu.

2.° *Dous irmáns,* de **Humberto Sieira Rodríguez,** de Cee.

M.h. *Na escola,* de **Ana Canosa Blanco,** de Cee.

M.h. ao Coléxio Público desta vila, pola sua ampla participación.

□ □ □

Concurso de redaccion organizado por *El Ideal Gallego* coa colaboracion do FACHO.

1969/70

Inserido na mesma seccion *Do idioma galego* en que se publicou o curso de língua (ver capítulo A) convocou-se o 21-12-1969 e fallou-se o 22-2-1970 un *Concurso de redaccion en idioma gallego* con duas modalidades: 1) para persoas de calquer idade, sobre o tema *Descripcion xeográfica dunha comarca ou zona urbana galega;* e 2) para nenos até os 15 anos, con tema libre. Os prémios consistiron en libros galegos.

Xurado: **Eugenio Pontón,** por *El Ideal Gallego,* e **Ramón Fraga Garcia** e **Manuel Caamaño Suárez** polo FACHO.

Prémios:

1) 1.° *Polas terras das Nogais,* de **Xaime López Arias,** de Sárria.

2.° *Recunchos de nosa terra: Ortigueira,* de **Rafael Hernández Rodríguez,** da Coruña.

3.° *Noia,* de **Xosé Agrelo Hermo,** de Torea-Abelleira (Muros).

4.° *Sárria e o seu val,* de **E.L.P.,** de Sárria.

5.° *Polas terras de Sobrado dos Frades,* de **Lois Rodríguez Garcia,** de Compostela.

2) 1.° *As navidades na nosa Galiza,* de **M.ª Elena Fuentes Vaamonde,** de Lema (Arzua).

2.° *A matanza do porco,* de **M.ª Xosé Martínez Barro,** da Coruña.

3.° *Unha aldea pequena,* de **Elvira Rial Pombo,** da mesma.

4.° *O santo de Maripepa,* de **M.ª Rosario González Santamaria,** da mesma.

5.° *A Cruña,* de **M.ª Xosé Lage Roel,** da mesma, todas catro alunas de 1.° de B.U.P. no Instituto Agra do Orzán.

Os traballos foron publicados no mesmo xornal e seccion na sua totalidade.

□ □ □

Concurso Nacional de Teatro Infantil O FACHO.

Coa denominacion de *Concurso de Teatro Infantil O FACHO* institui-se sob pretexto de a Agrupacion cumprir os dez primeiros anos de vida, convocando-se, antecipadamente, no último trimestre de 1972, e en todos os xornais de Galiza. Estabeleceu-se coa aspiracion de axudar a criar un, até enton inexistente, teatro infantil en galego, contando, xeralmente, co patrocínio de *Caixa Galicia,* daquela *Caja de Ahorros y Monte de Piedad de La Coruña y Lugo* (oscilando a dotación económica entre as iniciais 25.000 e as 75.000 pesetas de hoxe). Tendo periodicidade bianual, o concurso veu-se fallando habitualmente o 25 de Xullo, Dia da Pátria (salvo na 1.ª edicion, en que se deu a coñecer o fallo o 1.° de Abril), até a IX edicion, en que, por reaxustes do calendário xeral dos nosos concursos literários (1), pasa a fallar-se o 1.° de Outubro. O prémio foi sempre único, excepto na 1.ª edicion en que, na convocatória, se previa a concesion de tres mencions honoríficas, mencions que, ainda sen preveren-se, se teñen outorgado máis veces. Excepcionalmente tamén se outorgou compartido ex-aequo (IV edicion).

---

(1) Calendário actual dos Concursos Literários do FACHO:

CONCURSO	DATA CONVOCATÓRIA	DATA LÍMITE	DATA FALLO
Contos	1 Marzo	1 Maio	1 Xuño
Teatro	1 Xuño	1 Setembro	1 Outubro
Poesia	1 Outubro	1 Novembro	1 Decembro

1973

I

Xurado: **Rafael Dieste González, Ramón Piñeiro, Jenaro Mariñas del Valle, Valentin Arias López, Antonio Concheiro Caamaño.** Secretário: o presidente da Agrupacion.

Prémio e Mencions honoríficas:

Prémio único. *As laranxas máis laranxas de todas as laranxas,* de **Carlos Casares Mouriño,** de Ourense. (Publicada por Ed. Galaxia e estreada polo Grupo de Teatro O FACHO o mesmo ano, en Ribadávia).

Mencions honoríficas:

1. *Sinfarainín contra D. Perfeuto,* de **Bernardino Graña Villar,** de Reus (Tarragona). (Estreada polo Grupo de Teatro do I.N.B. de Padron, con direccion do autor, en 1975).

2. *O roubo do aparello,* de **Euloxio Rodríguez Ruibal,** de Compostela. (Esta obra, co título de *Un invent extraordinari,* foi estreada en Barcelona pola Compañia *Jocs a la Sorra,* en version catalana de **Jordi Coca** e **Jaume Melendres,** a fins deste mesmo ano 73).

3. *Don Rato busca un obreiro,* de **Dora Vázquez Iglesias,** de Ourense.

Obras de publicacion recomendada:

4. *O profesor das estrelas,* de **Ana M.ª Fernández Martínez,** da Coruña.

5. *Os Reis do Panchito,* de **Olimpio Arca Calda,** da Estrada.

6. *A mentira,* de **Carlos Garcia Gonçálvez,** de Caritel (Pontecaldelas).

UN INVENT EXTRAORDINARI

Basada en l'obra «O Roubo do aparello» d'**Euloxio R. Ruibal**
Segons la traducció de **Jordi Coca**
Diàlegs de **Jaume Melendres**
Revisió, realització i representació de **Jocs a la Sorra**

La representació que avui us oferim dins el XIV Cicle de Teatre de Cavall Fort, es basa en una obra escrita en llengua gallega per un jove autor, Euloxio R. Ruibal. Aquesta obra es diu **O roubo do aparello,** és a dir, «El robatori de la màquina», i va obtenir una menció honorífica en un concurs de teatre infantil, convocat per l'Agrupació Cultural «O FACHO», de la Corunya.

Euloxio R. Ruibal va enviar un exemplar de la seva obra a l'Institut del Teatre de Barcelona, on va tenir ocasió de conèixer-la un jove escriptor català, Jordi Coca, el qual, amb molt d'entusiasme, en va fer una traducció fidel, que era el que creia que havia d'arribar al públic. Però el teatre, segons que ens diu el mateix Jordi Coca, és un món complicat, en el qual intervenen tants factors i tantes persones que difícilment arriba a l'escena allò que l'autor havia escrit. I, així, l'obra que ara veureu representada, resulta força allunyada de l'original d'Euloxio R. Ruibal. Tothom, però, hi ha treballat amb entusiasme i convicció i així estem segurs que us arribarà un espectacle digne i que els esforços de tots plegats no hauran estat fets perquè sí.

1975

II

Xurado: **Rafael Dieste González, Jenaro Mariñas del Valle, Xohana Torres Fernández, Valentin Arias López, Víctor Fernández Freixanes.** Secretário: o presidente da Agrupacion.

Prémio único. *Viaxe ao País de Ningures,* de **Manuel Lourenzo,** da Coruña. (Estreada polo *Grupo de Teatro Xuvenil Semente,* do Coléxio Compañia de Maria, da Coruña, baixo a direccion de **Rosario Belda Otero,** en 1977).

1977

III

Xurado: **Jenaro Mariñas del Valle, Manuel Lourenzo, Amália Gómez Vázquez, Rosario Belda Otero, Xosé Manuel Rabón Lamas.**

Prémio e Mencions honoríficas:

Prémio único. *A benfadada historia de Coitado Bamboliñas,* de **Xulio González Lorenzo,** de Vigo. (Esta obra foi estreada, o ano seguinte, e baixo a direccion de **Manuel Lourenzo,** como primeiro espectáculo de recén criada *Escola Dramática Galega,* da Coruña).

Mencions honoríficas:

1. *O Rei Bandullán,* de **Ana M.ª Fernández Martínez,** da Coruña. (Estreada polo *Grupo de Teatro O Toxo,* de Quines (Melon), o ano seguinte, en Ribadávia).

2. *Un dia na vida de Vladimiro e o seu can Trotsky,* de **Xosé Luís** e **Carlos Paulo Martínez Pereiro,** da Coruña.

3. *Xáxara, Peituda, Paniogas, Tarelo, o Rapaz e o Cachamón, ou Como trocar en rato pequecho ao meirande xigantón,* de **Roberto Vidal Bolaño,** de Compostela. (Estreada en 1979 polo *G.T. Antroido).*

1979

IV

Xurado: **Jenaro Mariñas del Valle, Antonio Concheiro Caamaño. Amália Gómez, Rosario Belda Otero, Xosé M. Rabón Lamas.** Secretário: o presidente da Agrupacion.

Prémio único, compartido ex-aequo:

O vendedor de xanelas, de **Xoán Guisán Seixas,** da Coruña, e *Todos os fillos de Galaad,* de **Manuel Lourenzo,** da mesma.

1981

V

Xurado: **Francisco Pillado Mayor, Rosario Belda Otero, Miguel Pernas Cora, Xaquin Villar Calvo.**

Prémio e Mencions honoríficas:

Prémio único. *Viva Lanzarote,* de **Manuel Lourenzo,** da Coruña. (Estreada, en 1984, polo *G.T. Saiñas,* de Xove).

Mencions honoríficas:

1. *Ruada das papas e o unto,* de **Roberto Vidal Bolaño,** de Compostela. (Estreada dito ano, e baixo a direccion do autor, por *G.T. Antroido*).

2. *A fraga encantada,* de **Xosé Vázquez Pintor,** de Cangas.

1983

VI

Xurado: **Dolores Rei Teixeiro, Xosé Redondo Santos, Sabela Vázquez Fandiño.**

Prémio e Mencions honoríficas:

Prémio único. *¡Grande invento para saír do aburrimento!,* de **Ana M.ª Fernández Martínez** e **Xoán Babarro González,** da Coruña.

Mencion honorífica. *O Premexentes non pode cos paxaros rebezos,* de **M.ª Pilar Campo Domínguez,** de Lugo. (Estreada, o ano seguinte, polo *G.T. Casás,* de Lugo, baixo a direccion de **M.ª Teresa Campo Domínguez).**

1986

VII

Xurado: **Jenaro Mariñas del Valle, Xosé Manuel Rabón Lamas, Xosé-M.ª Monterroso Devesa.** Secretário: a da Agrupacion.

Prémio único. *Os soños das cidades,* de **Manuel Lourenzo,** da Coruña.

1988

VIII

Xurado: **Xaquin Campo, Miguel Pernas, Dolores Rei.** Secretário: a da Agrupacion.

Prémio e Mencions honoríficas:

Prémio único. *O bosque máxico de Xabarin,* de **Manuel Lourenzo,** da Coruña.

Mencion honorífica. *A história xamais contada de Brancaneves e o rei Artur,* de **Constantino Rábade Castiñeira,** da mesma.

1990

IX

Xurado: **Francisco Pillado Mayor, Xosé Luís Martínez Pereiro, Xoán M. López Eiris.** Secretário: **Francisco X. F. Naval,** directivo da Agrupacion.

Prémio e Mencions honoríficas:

Prémio único. *A estranha e misteriosa história de Otunga e os otunguenhos,* de **Joel R. Gómez,** de Milladoiro (Ames).

Mencion honorífica. *A chave do Gran Xefe,* de **Estevo Creus Andrade,** de Cee.

□ □ □

Concurso Nacional de Poesia O FACHO.

Naceu en 1978 coa denominacion de *Concurso de Poesia Nova,* indo dirixido a poetas noveis e en lembranza do cincuentenário de *De catro a catro* de **Manuel António,** poeta a quen se lle dedicaria, en 1979, o Dia das Letras, volume saído do prelo nesta cidade.

Este certame ten carácter anual e celebra-se no último trimestre do ano (salvo a 1.ª edicion que se convocou con certo adianto. Nas tres primeiras edicions constou de tres prémios, pasando desde a IV a ser de prémio único, tendo oscilado a sua dotacion económica entre un total inicial de 20.000 pesetas para os tres poemas e as actuais 40.000 coas que se galardoa o poema premiado. Ocasionalmente ten-no subsidiado Caixa Galicia.

Como dato anedótico do eco deste concurso, cabe citar o feito de ter participado nel mesmo un compatriota residente en Zámbia.

1978

I

Xurado: **Salvador Garcia-Bodaño, Xaquin Villar Calvo, Xavier Alcalá, Xosé Ramón Pena, Xosé Devesa.**

Prémios:

1.° *Para escarnho e maldizer,* de **Manuel Rivas Barrós,** de Castro de Elviña (A Coruña).

2.° *Denantes,* de **Víctor Vaqueiro Fojo,** de Vigo.

3.° *Naufraxo,* de **Miguel Mato Fondo,** da Coruña.

1979

II

Xurado: **Salvador Garcia-Bodaño, Xaquin Villar Calvo, Ramiro Cartelle Álvarez, Xosé Ramón Pena, Manuel Rivas.**

Prémios:

1.° *Retomo o fio de tempo,* de **Pilar Pallarés,** de Culleredo.

2.° *Dentro dos ollos sen vida,* de **Luis Rei Moure,** da Coruña.

3.° *Soneto do mais fermoso amor,* de **Xesús Pisón Villapol,** da mesma.

1980

III

Xurado: **Amalia Gómez, Manuel Rivas, Xavier Seoane.** Secretário: o da Agrupacion.

Prémios:

1.° Deserto.

2.° *Carta ao meu amigo...,* de **Edmundo Díaz Conde,** de Ourense.

3.° *Pensamento da noite,* de **Eloi Caldeiro Díaz,** de Sárria.

M.h. *Na parede de granito rosáceo,* de **Xosé António López Teixeiro,** de Vigo.

1981

IV

Xurado: **Cesáreo Sánchez Iglesias, António Gil Hernández, Xaquin Villar Calvo.**

Prémio e Mencions honoríficas:

Prémio único. *Meditación na soedade,* de **Miguel A. Fernán-Vello,** da Coruña.

Mencions honoríficas:

1. *Fagamos unha cruz sen senso,* de **José M.ª Bouzó Fernández,** de Vigo.

2. *Tempo de onte,* de **António Chaves Cuíña,** de Cambados.

3. *Pedídeme axiña outra espranza,* de **Ana M.ª Romaní Blanco,** de Compostela.

1982

V

Xurado: **Pilar Pallarés, Xavier Seoane, Miguel A. Fernán-Vello.** Secretário: **Pura Tejelo Núñez,** directiva da Agrupacion.

Prémio e Mencions honoríficas:

Prémio único. *Atrocity exhibition,* de **Lois S. Pereiro,** de Monforte de Lemos.

Mencions honoríficas:

1. *Ulises,* de **Manuel Lourenzo.**

2. *Viena,* de **Luis Rei Moure.**

3. *Bosque de plastilina,* de **Xosé Enrique Rivadulla Conde.**

4 *A gárgola trousou unha vieira,* de **Ghilhelme Trocado,** os catro da Coruña.

1983

VI

Xurado: **Xulio López Valcárcel, Luciano Rodríguez Gómez, Miguel A. Mato Fondo.**

Premio e Mencions honoríficas:

Prémio único. *Cunqueiro,* de **Eusebio Lorenzo Baleirón,** de Laíño (Dodro).

Mencions honoríficas:

1. *«Children's corner» Debussy (1908),* de **Júlio Béjar.**

2. *Esta é a oda a Ariadna ausente,* de **Lino Braxe Mandiá** ambos da Coruña.

1984

VII

Xurado: **Ánxeles Penas, Cesáreo Sánchez, Manuel Rivas.**

Prémio e Mencions honoríficas:

Prémio único. *Que algum dia o desastre estoupe em frio,* de **Flor Maceiras,** da Coruña.

Mencions honoríficas:

1. *«Morte em Venécia»,* de **Júlio Béjar,** da Coruña.

2. *Entre a palabra e a carne,* de **Xosé M. Millán Otero,** de Moaña.

3. *Erato luna,* de **Xosé Enrique Rivadulla Conde,** da Coruña.

1985

VIII

Xurado: **Pilar Pallarés, Ignácio Pérez Pascual, Xavier Seoane.**

Prémio e Mencions honoríficas:

Prémio único. *«Acougar nesta hora que tirita recordos...»,* de **Inmaculada António e Souto,** da Coruña.

Mencions honoríficas:

1. *Ahnogebsland,* de **Júlio Béjar,** da Coruña.

2. *Sombra de outono,* de **Antón R. Castro,** de Zaragoza.

1986

IX

Xurado: **Francisco Salinas Portugal, Cesáreo Sánchez, Miguel A. Fernán-Vello.** Secretário: a da Agrupación.

Prémio e Mencions honoríficas:

Prémio único. *A tarde infausta do cabaleiro namorado,* de **Antón R. Castro,** de Zaragoza.

Mencion honorífica. *Nós voltaremos ás montañas do Este,* de **Xosé M. Millán Otero,** de Compostela.

1987

X

Xurado: **Xosé Luis Axeitos Agrelo, Luís Pérez Rodríguez, Xúlio López Valcárcel.** Secretário: a vicesecretária da Agrupacion.

Prémio único. *Amor ou fado é cuase igual en dous sonetos,* de **Andrés Fernández Places,** de Sanxenxo.

1988

XI

Xurado: **Pura Tejelo Núñez, Xúlio López Valcárcel, Xavier Seoane.**

Prémio e Mencions honoríficas:

Prémio único. *Estamos de festa,* de **Xavier Cordal Fustes,** da Coruña.

Mencions honoríficas:

1. *Poemas do bairro,* de **Xosé António Lozano Garcia,** da Coruña.
2. *O soño,* de **Francisco Souto,** de Compostela.

1989

XII

Xurado: **Luís Pérez Rodríguez, Xosé Pérez Mondelo, Luciano Rodríguez Gómez.**

Prémio e Mencions honoríficas:

Prémio único. *Retrato de muller con navios ao fondo,* de **Xosé Manuel Millán Otero,** de Moaña.

Mencions honoríficas:

1. *Unha pomba,* de **Francisco Alonso Villaverde,** de Vigo.
2. *Na face do tempo,* de **Fernando Díaz-Castroverde Gómez,** da Coruña.

1990

XIII

Xurado: **Pilar Pallarés, Xesus Pisón Villapol, Xavier Cordal Fustes.** Secretário: a da Agrupacion.

Prémio único. *Cançom do homem que olha o Desterro cara a cara, em Mitilene,* de **Pedro Millán Casteleiro,** da Coruña.

1991

XIV

Xurado: **Xosé Luís Axeitos, M. A. Fernán-Vello, Pedro Milhám Casteleiro.** Secretário: o presidente da Agrupacion.

Premio único. *Por tanto mirar o solpor de abril,* de **Antonia López García,** de Ferrol.

□ □ □

Concurso de Contos de Terror «Edral».

Por iniciativa do Colectivo Xuvenil Edral (ver dito capítulo), convoca-se este concurso, coa idea de fomentar un campo até enton pouco sementado na nosa literatura e dirixido a autores noveis.

Pretendeu ser anual, celebrando-se, indistintamente, no primeiro ou no segundo trimestre do ano, alcanzando as tres edicions, e outorgando un único prémio de 15.000 pesetas.

1983

I

Xurado: **Manuel Rivas Barrós, Xosé M. Martínez Oca.** Secretário: **Xavier Meilán Pita,** por *Edral.*

Prémio e Mencions honoríficas:

Prémio único. *Árbore en Ebranda,* de **Xúlio Fontecha,** da Coruña.

Mencions honoríficas:

1. *Príncipe branco,* de **Lino Braxe Mandiá,** da Coruña.

2. *Un intre de evasion,* de **Ramón Caride Ogando,** de Compostela.

3. *Outro dia,* do mesmo.

4. *Ponte de Gondi,* de **Manuel Rei Romeu,** de Vilancosta (Berres-A Estrada).

5. *Noite infernal no convento de Belvis,* do mesmo.

1984

II

Xurado: **Xoán I. Taibo, Xúlio L. Valcárcel, Breogán Riveiro Vázquez.** Secretário: o mesmo do xurado anterior.

Prémio único. *Unha ave hai na noite,* de **Inmaculada António e Souto,** da Coruña.

1986

III

Xurado: **M.ª Xesus Diéguez Rojo, Xosé M. Martínez Oca, Francisco Pillado Mayor.** Secretário: o mesmo dos dous concursos anteriores.

Prémio único. *Ortia,* de **Rosario Pita Villares,** da Coruña.

□ □ □

Concurso Nacional O FACHO de Cómics para Nenos.

1980

Convocado en Marzo de 1980 e fallado en Outubro, co fin de promocionar o cómic infantil en galego e contribuir asi à difusion do noso idioma e à plenitude do su uso desde a infáncia, como complemento dos concursos literários infantis xa existentes. Só se celebrou esta I edición, ante a pouca fortuna alcanzada ao intentar-se, de acordo co indicado nas bases, a publicacion dos traballos premiados, non obstante apareceren alguns en *La Voz de Galicia.* Outorgaron-se, a máis dos tres prémios instituídos, de 30.000, 20.000 e 15.000 pesetas, várias mencions honoríficas, segundo o seguinte detalle:

Prémios:

1.° *A insólita aventura de Manoliño catro ás,* de **Francisco Jaraba Bará,** da Coruña.

2.° *O conto galáctico,* de **Xoán Carlos López Domínguez,** de Lugo.

3.° ex-aequo, *A illa dos carballos,* de **Xosé Carreiro Montero,** de Vigo e *No país do rei Miño,* de **Xan González,** da Coruña.

Mencions honoríficas aos traballos de:

1. Coléxio Nacional de Mugardos.

2. **Siro López Lorenzo,** de Ferrol.

3. **M.ª Encarnación de Pablo Anaya,** de Vigo.

4. **Lalo Vázquez Gil,** de Vigo.

5. **Pedro Viéitez, Xesus Zas, Carlos Bernárdez** e **Xosé M.ª Rodríguez,** de Cangas.

Mostra Concurso de Cómics e Fanzines «Edral».

1985

Celebrado, a iniciativa do citado Colectivo Xuvenil, no segundo trimestre de 1985, foi dotado con un prémio, por cada modalidade, de 15.000 pesetas.

Xurado: **M.ª Xesus Diéguez Rojo, Luís Bericua Tomás, Xavier Seoane.**

Modalidade de Cómics:

Prémio único. *A fronda de Lug,* de **Carlos Silvar,** da Coruña.

Accésits:

1. *Colour box.*

2. *O criador.*

Modalide de Fanzines. Deserta, pasando a sua dotacion a cobrir os accésits da outra modalidade.

C

Actos e iniciativas diversas

(DESCUBRIR GALICIA ÓS SEUS FILLOS)

Galicia tivo sempre, no que vai de século, organizacións capaces de descubrila ós seus fillos. Na Coruña de principios do vinte foi aquela orgaización exemprar que se chamóu Irmandade da Fala, que se estendéu por todo o territorio galego, e, nesta cidade, fixéronse por entón moitas esperencias que hoxe, pasados moitos anos, repítense e téñense por novedade.

Cambearon os tempos e os probremas culturaes e de todo outro tipo continúan sendo no fondo os mesmos. Polo ano 60, ou denantes, tíñase fundado A Gadaña, onde se xuntaban poetas e artistas, e no 63 fúndase O Facho.

LUIS SEOANE
(En *La Voz de Galicia*, 30-3-75,
figuracion dedicada a M. Caamaño Suárez)

(Grande parte desta actividade deu lugar à edicion de programas de man que non se detallan).

1964

O que se pode considerar primeiro acto desta índole é o recital que, o 27 de Abril de 1964 e no Circo de Artesáns, deron **Bernardino Graña, Salvador García-Bodaño** e **Arcadio López Casanova** dos seus poemários, por enton inéditos, *Profecia do mar, Ao pé de cada hora* e *Palabra de honor.*

Durante o ano tiveron lugar diversas xuntanzas, coa exposición, por membros da Agrupacion, de temas acerca da problemática do país; en algunhas destas xuntanzas deu-se leitura a fragmentos de duas novelas inéditas do asociado **Silvio Santiago.**

1965

O FACHO celebrou o Dia das Letras cunha Feira do Libro Galego no Canton Grande. Esa mesma tarde, o presidente da Agrupacion interveu no acto literário en honor de **Pondal,** organizado no Circo de Artesáns pola Academia.

No Dia de Galiza promovemos duas emisions extraordinárias: às 21,15 en Rádio Nacional de España e às 23,05 en Rádio Coruña.

1966

O Dia das Letras organizamos no Canton Grande a Feira do Libro Galego. E à tarde, no Circo de Artesáns, un acto de homenaxe a **Añon,** apresentado polo presidente, e consistente nunha conferéncia de **Arcadio López Casanova** sobre *Vida e obra do poeta Francisco Añon* e un recital de poemas deste precursor por **Andrés Rey.**

Marcou este o comezo da série de actos que O FACHO realizará en diante, até 1977, para celebrar o Dia das Letras, editando desde agora un programa de man con textos da figura de turno.

De tres conferéncias constará o ciclo de homenaxe a **Valle-Inclán** no seu centenário, celebrado no Circo de Artesáns no mes de Novembro:

1. Dia 8. *Testimonios galegos sobre Valle-Inclán,* por **Ricardo Carballo Calero.**
2. Dia 12. *O mundo galego no espello de Valle-Inclán,* por **Francisco Fernández del Riego.**
3. Dia 21. *Raíz galega na obra de Valle-Inclán,* por **Sebastián Martínez-Risco.**

1967

Un segundo ciclo de 4 conferéncias desenvolveu-se no mesmo lugar, e foi dedicado a **Manuel Lago González,** de quen viña de cumprir-se (1965) o centenário, contando coas adesions de **Otero Pedrayo** e do bispo de Mondoñedo-Ferrol:

1 Marzo, 31. *Lago González e os estudos bíblicos,* por **Xesús Precedo Lafuente.**

2. Abril, 4. *Lago González, arcebispo en contra do antigaleguismo lingüístico,* por **Manuel Vidán Torreira.**

3. Abril, 7. *Lago González, arcebispo precursor do Concílio Vaticano II,* por **Xosé Morente Torres.**

4. Abril, 24. *Lago González, poeta galego,* por **Xosé F. Filgueira Valverde.**

O Dia das Letras celebra-se coa xa habitual Feira do Libro Galego e colaborando nos actos levados a cabo, diante do seu monumento, en homenaxe a **Curros Enríquez,** polo Coléxio Nacional do seu nome.

À tarde, o asociado **Emilio Vila Agra,** representando à Agrupacion, interveu no acto que, organizado pola Academia, tivo lugar no Conservatório local.

A continuacion, e no Circo de Artesáns, desenvolvémos o seguinte programa:

1) Conferéncia de **Xosé Manteiga Pedrares** sobre *Vida e obra de Manuel Curros Enríquez;* 2) leitura de poesia nova de e por **Manuel Maria** e **Alfonso Gallego;** e 3) Recital de poemas de **Curros** por **Andrés Rey.**

No mesmo Circo de Artesáns, o 24 de Maio, **Xosé L. Méndez Ferrín** fala sobre *O idioma galego nun sistema racional de insino.*

De a cabalo entre 1967 e 1968 desenvolve-se, no Circo de Artesáns, o ciclo *Problemática do idioma galego,* complementário do IV Curso de idioma, coa novidade da celebracion de colóquios co público ao remate das conferéncias:

1. Novembro, 10. *O problema lingüístico na Galicia de hoxe,* por **Alfonso Álvarez Gándara.**

2. Decembro, 15. *O galego e o castelán no seu contesto real,* por **Xesus Alonso Montero.**

1968

3. Febreiro, 6. *A Iglesia e as linguas vernáculas,* por **Manuel Espiña Gamallo.**

Coa xa clásica Feira do Libro Galego no Canton Grande e coa publicacion do fallo do I Concurso de Contos Infantis O FACHO (fallo que se fará desde agora, neste Dia), inicia-se a celebracion do Dia das Letras, que continua, en colaboracion coa Academia, cun acto literário no Circo de Artesáns, apresentado polos presidentes da Academia, **Sebastián Martínez-Risco,** e do FACHO, dando o paso à conferéncia de **Ramón Otero Pedrayo** sobre *Vida e obra de Florentino L. Cuevillas.*

Problemática económico-social galega, titulou-se o ciclo de 6 conferéncias celebrado no paraninfo do Instituto Da Guarda no mes de xuño:

1. Dia 6. *Desenrolo industrial de Galicia,* por **Carlos G. Otero Díaz.**

2. Dia 11. *A reforma agraria do minifundio,* por **Odón L. Abad Flores.**

3. Dia 15. *Algunhas refleisións encol da economía pesqueira galega,* por **Domingo Quiroga Ríos.**

4. Dia 18. *A problemática sociolóxica do medio rural galego,* por **Mario Orjales Pita.**

5. Dia 25. *As institucións xurídicas e a vida económica e social,* por **Sebastián Martínez-Risco Macias.**

6. Dia 27. *O problema da planificación económica,* por **Xosé M. Beiras Torrado.**

O 20 de Setembro, lembrando à grande ferrolana no seu 75° cabodano, **Victoria Armesto,** apresentada por **Marino Dónega,** falou, no Circo de Artesáns, sobre *Concepción Arenal e nós.*

No mesmo recinto, e culminando a série de realizacions do FACHO en comemoracion do 20° aniversário da Declaracion Universal dos Direitos do Home, intitulado pola O.N.U. Ano Internacional dos Direitos Humanos, tiveron lugar, o 10 de Decembro, Dia da Declaracion, duas conferéncias:

1. *Fundamentos filosóficos dos Dereitos do Home,* por **Xosé Manteiga Pedrares.**

2. *A Eirexa e os Dereitos Humáns,* por **Manuel Espiña Gamallo.**

1969

No Dia das Letras, celebra-se a habitual Feira do Libro Galego, no Canton Grande, e o acto literário, tamén tradicional, no Circo de Artesáns, apresentado por **Manuel Vidán Torreira,** que cedeu a voz a **Luz Pozo Garza** e a sua conferéncia sobre *Unha lembranza do poeta Noriega Varela.*

Nos salons de dito Circo tivo lugar, o 26 de Setembro, un recital de Nova Cancion Galega, a cargo dos xóvenes coruñeses **Miguel E. Pérez** *(Quique),* **Xurxo X. Montes** *(Xurxo),* **Xosé M. Iglesias** *(Xosé),* **Alfredo Sueiro** *(Alfredo)* e **Marcos.**

1970

O ciclo en duas etapas *Un país, unha cultura* desenvolveu-se con 2 conferéncias e un cursiño en 1970 e outras 3 conferéncias en 1972, todas elas no Circo de Artesáns, excepto a cuarta, que tivo lugar no salón de actos da Cámara de Comércio, Indústria e Navegacion, e o cursiño, no local da Agrupacion, segundo o seguinte detalle:

1. Xaneiro, 10. *A música no folklore galego,* ilustrada con cancions, por **Hipólito de Saa Bravo.**

2. Agosto, 7 a Setembro, 15 (10 sesions). Seminário *Aportacions pra un estudo sociolóxico de Galicia,* dirixido por **Andrés Salgueiro Armada,** coa colaboracion de **Marino Dónega Rozas,** do secretário da Agrupacion e do directivo **Xosé L. Rodríguez Pardo.**

3. Agosto, 14. *Galicia, libro aberto,* con referéncia ao seu recente libro *La marginación de Galicia,* por **Valentin Paz-Andrade.**

1972

4. Maio, 24. *O aforro e a inversion na Galicia,* por **Ramón Barral Andrade.**

5. Novembro, 2. *A planificacion rexional e* Galicia, por **Xesus B. Pena Trapero.**

6. Decembro, 16. *Notas pra un estudo da literatura infantil,* por **Carlos Casares.**

1970

Patrocinada pola Agrupacion, celebra-se, entre o 18 e o 27 de Abril, na sala de exposicions do Concello, unha mostra plástica do escultor **Manuel Coia** e do pintor **Xosé Lodeiro.**

Celebrou-se o Dia das Letras cos habituais Feira do Libro Galego, no Canton Grande, e acto literário no Circo, no que **Xosé L. Franco Grande** desenvolveu o tema *A xeneración precursora de Manuel Valladares.*

Nun trimestre de a cabalo entre 1970 e 1971 desenvolveu-se, no salon de actos da Cámara de Comercio, o ciclo de 5 conferéncias *O cooperativismo,* segundo o seguinte calendário:

1. Novembro, 20. *O cooperativismo como sistema de produción,* por **Xosé M. Beiras Torrado.**

2. Novembro, 27. *A cooperación e a escola rural,* por **Valentin Arias López.**

3. Decembro, 4. *Realidade cooperativa nunha comarca de Galicia,* por **Maximino Viaño García.**

4. Decembro, 10. *As cooperativas campesiñas de explotación comunitaria,* por **Avelino Pousa Antelo.**

1971

5. Xaneiro, 22. *Cooperativismo e desenrolo comunitario,* por **Mario Orjales Pita.**

O Dia das Letras celebra-se, esta volta, no Instituto Da Guarda, dentro do acto de clausura do noso VII Curso de idioma, coa apresentacion do libro do Instituto da Língua Galega *Gallego-1,* a cargo de **Guillermo Roxo,** e unha leitura de poemas de **Gonzalo López Abente** polo Grupo de Teatro O FACHO.

1972

No salón de actos do Coléxio Provincial de Avogados, no mes de Marzo, inaugura-se o ciclo *Cultura e sociedade,* ciclo que non pudo levar-se máis adiante da segunda conferéncia, quedando asi:

1. Dia 23. *As raíces lingüísticas de Galicia,* por **Isidoro Millán González-Pardo.**

2. Dia 28. *Cultura popular e saber ilustrado en Galicia,* por **Carlos Baliñas Fernández.**

O Dia das Letras tornou a celebrar-se no Instituto Da Guarda, coa apresentacion, no acto de clausura do noso VIII Curso de idioma, dos libros *Gallego-2* e *Lecturas galegas-1,* a cargo de **Guillermo Roxo,** do I.L.G.; e máis cun recital, polo Grupo de Teatro, da obra de **Valentin Lamas Carvajal.**

1973

No salon de actos da Cámara de Comércio, o 6 de Marzo, apresentou-se o libro *O atraso económico de Galicia,* de **Xosé M. Beiras Torrado,** que abria a coleccion *Alén Nós,* de Editorial Galaxia.

O 10 de Abril, no mesmo recinto, tivo lugar unha sesion divulgatória da xénese, desenvolvimento e conclusions do *I Congreso de Direito Galego* —que se celebrara aqui, do 23 ao 28 de Outubro do ano anterior—, sesion que, introducida polo noso asociado **Manuel Iglesias Corral,** presidente da *Academia Gallega de Jurisprudencia y Legislación,* estivo a cargo dos congresistas **Sebastián Martínez-Risco, Ramón Carballal Pernas, Xosé A. García Caridad, Gonzalo de la Huerga Fidalgo, Marino Dónega Rozas** e **Xosé L. Rodíguez Pardo.**

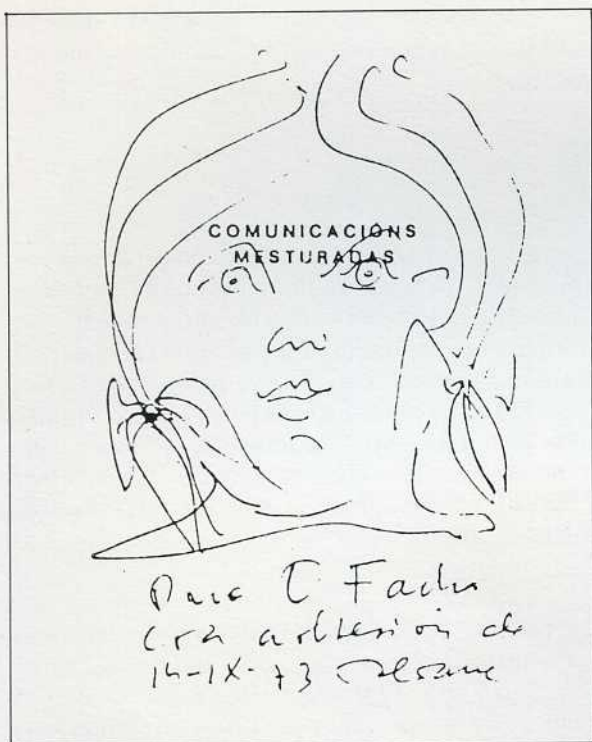
Mesa-redonda sobre Teatro galego (28-2-75), con O home que falaba vegliota, *de* Reimundo Patiño, *como telon de fondo.*

Homenaxe a Castelao (1975).

No marco da clausura, no Instituto Da Guarda, do noso IX Curso de idioma, celebra-se o Dia das Letras coa apresentacion, por **Xosé Luis Couceiro Pérez,** dun avance do libro a saír *Gallego-3,* do I.L.G.

O 18 de Maio, co mesmo motivo, e no Circo de Artesáns, disertou sobre *O Arcebispo Lago González, un precursor do Vaticano II en Galicia* **Manuel Espiña Gamallo.** (Lembre-se como nós xa celebráramos a **Lago** o ano 1967).

O 7 de Setembro, no mesmo recinto, **Xosé Lois García Fernández** falou sobre *Os dereitos humáns na época actual.*

O 14 de Setembro, patrocinada por nós, organizou-se, na Libraria Arenas, o acto de dedicatória das tres últimas publicacions de **Luís Seoane:** *Comunicacións mesturadas, Un feixe de dibuxos case esquecidos* e *Oito testas e dez paisaxes.*

Entre Novembro deste e Xullo de 1974 desenvolveu-se, no salón-biblioteca do Coléxio de Avogados, o ciclo máis ambicioso dos celebrados até hoxe, *A Galicia rural na encrucillada,* constando de 15 conferéncias, de acordo co seguinte detalle:

1. Novembro, 30. *Novas consideracións encol do enfermo galego,* por **Domingo García-Sabell.**

1974

2. Febreiro, 1. *O goberno da Galicia rural. Institucións,* por **Gonzalo de la Huerga Fidalgo.**

3. Febreiro, 15. *Capitalismo e cooperativismo actuando na Galicia rural,* por **Avelino Pousa Antelo.**

4. Marzo, 1. *O IRYDA, a sua influencia e o seu futuro na Galicia rural,* por **Odón L. Abad Flores.**

5. Marzo, 15. *A escola rural en Galicia,* por **Valentín Arias López.**

6. Marzo, 29. *O medio rural galego e a sua arquitectura,* por **Xosé M. Gallego Jorreto.**

7. Abril, 9. *O crego rural en Galicia,* por **Xaquín Gómez Barros.**

8. Abril, 19. *Galicia e os Plans de Desenrolo,* por **Xosé B. Pena Trapero.**

9. Abril, 26. *Dous mundos: o urbán e o rural. Relacións entre ambos,* por **Xosé Manteiga Pedrares.**

10. Maio, 2. *Consideracións sobre as alternativas da poboación galega. Industrialización e poboación rural,* por **Camilo Nogueira Román.**

11. Maio, 14. *Homes da vila na aldea. Comportamento e incidencia,* por **Xosé Vilas Nogueira.**

12. Maio, 31. *O trasfondo xurídico de Galicia,* por **Xosé L. Rodríguez Pardo.**

13. Xuño, 21. *Crise da casa. Como sistema de produción e máis de convivencia,* por **Mario Orjales Pita.**

14. Xullo, 5. *O papel do escendente agrícola na economía galega,* por **Ramón López-Suevos.**

15. Xullo, 12. *A emigración galega,* por **Xosé M. Beiras Torrado,** precedido por unhas palabras do Decano do Coléxio **Manuel Iglesias Corral,** clausurando o ciclo.

O 3 de Abril celebrara-se, na Casa da Cultura, un recital de cantigas galegas por **Antón de**

Santiago, acompañado ao piano por **Ramiro Cartelle,** que tamén apresentou competentemente e de xeito didáctico cada un dos *lieder,* que foron:

Un sospiro **(Berea** e **Martínez González).**

Meus amores **(Baldomir** e **Golpe).**

Sen niño **(Rodulfo** e **Rosalia Castro).**

Unha noite na eira do trigo **(Alonso Salgado** e **Curros).**

Un adiós a Mariquiña **(Castro Chané** e **Curros).**

A neniña **(Lens** e **Martínez González).**

Coita (ou *Mariñeiros,* de **García Abril** e **Álvaro de las Casas).**

Aureana do Sil **(Mompou** e **Cabanillas).**

A Meiga (romanza) **(Guridi** e **Romero/Shaw,** en traducion de **R. Cartelle).**

O laio do que se alonxa **(Groba** e **Iglesias de Souza).**

Alalá dos lugueses **(Freire** e popular).

Este recital repetiu-se en 1976 en várias ocasions: 14 de Maio, 5 de Agosto...

O Dia das Letras esta volta xa se contaba coa audicion radiofónica Da Terra e dos tempos, que se lle dedicou à festa, como tamén un acto académico, no marco do noso X Curso de idioma, no Instituto Da Guarda, onde, tras dunhas palabras da profesora do mesmo, pronunciou unha licion extraordinária **Antón Santamarina Fernández,** finalizando o acto coa leitura de fragmentos da obra de **Johán Vicente Viqueira.**

O 29 de Maio, cumprido un mes apenas do histórico 25 de Abril, tivo lugar, no Pabellón de Deportes de Riazor, un recital de cancions polo cantautor angolano **Luís Cilia,** que iniciou con esta nosa a série das suas actuacions por toda Galiza, e co seguinte programa:

Aqui ficas
Pobre Martinho
O menino negro não entrou na roda
Sou barco
Recuso-me
É preciso avisar toda a gente
Dia não
Exílio
Canção final, canção de sempre
Poema a boca fechada
Caminho longe
Fecundou-te
Gabriel
Clamor
Voz suspensa
Ponte conquistada. Perdas insignificantes
Sei que me esperas
Herança
Minha terra, minha espada
Adeus, trigo
Margem esquerda
Há-de haver
Ternura
Serventês
Venham leis
Fala do home nascido
Cántico de um novo mundo
Pátria, lugar de exílio

HOMENAXE A CASTELAO

Xa a fins deste ano inician-se os actos comemorativos do 25° cabodano de **Castelao** coa edicion dunha tarxeta de saudacion para o Nadal e Aninovo.

1975

Aos tres dias do aniversário, o 10 de Xaneiro, ten lugar, no Circo de Artesán, o acto comemorativo, consistente nunha mesa-redonda na que participaron, apresentados polo noso presidente: **Ramón Piñeiro López** *(O pensamento de Castelao),* **Marino Dónega Rozas** *(Aspectos da obra literária de Castelao),* **Ramón López-Suevos Fernández** *(A economía galega na obra de Castelao)* e **Salvador García-Bodaño Zunzunegui** *(Castelao, artista gráfico).*

Do 7 ao 28 de Febreiro celebrou-se, dedicado a **Castelao,** e coa colaboracion do Grupo Teatro Circo, o I ciclo *O teatro galego hoxe,* de conferéncias (4), mesas-redondas (2) e representacions teatrais (7), na sala de exposicions da Casa da Cultura (números 1, 4, 5, 7, 8, 10, 11 e 13) e no Teatro da Caixa (números 2, 3, 6, 9 e 12), segundo se detalla:

1. Dia 7. *Evolución, historia e logros do teatro galego,* por **Manuel Maria.**

2. Dia 8. *A farsa do cigarrón,* traballo colectivo, polo G. T. infantil Martín Códax, de Vigo.

3. Dia 8. *Encol do teatro infantil galego,* por **Antonio Concheiro Caamaño, Xulio González Lorenzo** e **Xosé M. Rabón Lamas,** moderando o directivo **X.L.R. Pardo.**

4. Dia 10. *Zardigot,* de **Euloxio R. Ruibal,** polo G. T. Circo.

5. Dia 12. Segunda funcion do mesmo.

6. Dia 13. *A forza dos alisios e contralisios, montana e tramontana, ciclos e contraciclos, furacáns, tornados e torbelliños ou Sopre, Sr. Segredario,* de **Pablo Rz. Crespo** e **Fernando Rz. Madriñán,** adaptacion de *Proceso en Jacobusland,* de **E. Blanco-Amor,** polo G. T. Rosalia de Castro, de Compostela.

7. Dia 14. *Sobre o porvir do teatro galego,* por **Xosé L. Franco Grande.**

8. Dia 18. *Análise do feito teatral galego,* por **Manuel Lourenzo.**

9. Dia 20. *O Cantar dos cantares ou Galicia 1948,* de **Eduardo Blanco-Amor,** polo G. T. O FACHO.

10. Dia 21. *Teatro e sociedade,* por **Miguel Pérez Romero.**

11. Dia 24. *Zardigot,* terceira funcion.

12. Dia 27. *A noite vai como un rio,* de **Álvaro Cunqueiro,** pola Agrup. Teatral Tespis.

13. Dia 28. *Encol do teatro galego,* por **Rafael Dieste, Ánxeles Penas, Manuel Lourenzo** e **Antonio Concheiro.**

Fecha-se a série de actos en homenaxe a **Castelao** coa *Mostra de Cómic galego na Cruña,* que ten lugar, na sala de exposicions da Casa da Cultura —ao tempo de se desenvolver ali parte do ciclo sobre teatro— do 18 de Febreiro ao 1 de Marzo, con obra de **X. Barro, X. Campos, L. Esperante, X. Díaz, R. Lázaro, X. Marín, R. Patiño** e **Roxo.**

No decorrer da mesma celebran-se dous actos:

1. Dia 2. *Humor gráfico, caricatura e cómic galegos,* por **Siro.**

2. Dia 18 (clausura). Apresentacion polos seus autores, do libro de cómic *2 viaxes,* de **Reimundo Patiño** e **Xaquín Marín;** seguida dunha mesa-redonda sobre o cómic galego, coa participacion de **Xosé Barro, Reimundo Patiño, Xaquín Marín, Xesus Campos** e **Xosé Díaz.**

O 21 de Marzo, no Teatro da Caixa, tivo lugar un recital de cancions por **Miro Casabella,** co repertório seguinte:

Cantiga d'amigo
Dona Eusenda
Don Gaiferos
A lavandeira
Elvira Pérez **(João Romeu de Lugo)**
A Lopo xograr **(Martin Soares)**
A solteiriña
A unha doncela fea **(Afonso X)**
Cantiga d'escarnho **(Afonso X)**
Ora ei mengua de compaña **(Afonso X)**
Dona Teresa López **(Afonso Soares)**
As tres comadres
Pombas feridas I **(L. Pimentel)**
Pombas feridas II **(Cabanillas)**
Miserere **(Cabanillas)**
A Gran Muralla **(Cabanillas)**
O Mariscal **(Cabanillas)**
O meu país **(X. M. Casado)**
Fábula do rei-rei **(Isaac Ferreira)**
Fuxen **(Isaac Ferreira)**
Ti, Galiza **(Costa Clavell)**
Pobo e Terra **(R. Casabella)**
Canción de cuna **(Pimentel)**
Exilio **(Manuel Alegre)**
Olla, meu irmau **(Arístides Silveira)**
Romance incompleto **(C. Emílio Ferreiro)**
Goethe **(Celso Emílio Ferreiro)**
Porta **(Arístides Silveira)**
María Soliña **(Celso Emílio Ferreiro)**
Galicia **(Garcia-Bodaño)**
Adeus **(Garcia-Bodaño)**

O 18 de Abril, no salon de actos do Coléxio da Compañia de Maria, celebrou-se unha mesa-redonda sobre *Os montes veciñais en man comun,* coa participacion de **Ramón Carballal Pernas, Claudio Movilla Álvarez, Eliseo Miguélez Díaz** e **Carlos Martínez Alonso.**

O 16 de Maio, no salon-biblioteca do Coléxio de Avogados, apresentou-se na Coruña o libro *A Galicia rural na encrucillada* (que fora apresentado pola primeira volta en Compostela, na

Entrega do II Prémio de Teatro O FACHO, no marco da Mostra de grabados (1975): Rz. Caamaño, Caamaño Suárez, Villar, M. Lourenzo, Antón de Santiago, Bembibre, Charo Belda, Tomás Pena.

Homenaxe a Luís Seoane (1977): (De pé), Villar, Seoane, Dónega, Arambillet, Eduardo Martínez, Caamaño, Cartelle, Rz. Pardo; (1.ª fila), Rabón, Tomás Pena, Jenaro Marinhas.

Faculdade de Ciéncias Económicas, o 29 de Abril anterior), o cal contén 13 das 15 conferéncias do noso ciclo homónimo (faltando as de **Pena** e **Manteiga**).

Interviron no acto catro dos participantes e autores: **Abad Flores, Beiras Torrado, Gallego Jorreto** e **Rz. Pardo**, precedidos no uso da palabra por **Xosé González Dopeso.**

O 21 seguinte o libro será apresentado na Asociacion Cultural de Vigo. Axiña alcanzaria os primeiros postos de venda.

Entre Maio e Xuño desenvolve-se, na Casa da Cultura, o ciclo *Galicia e a muller galega,* coas seguintes catro conferéncias:

1. Maio, 23. *O ensino das línguas vernáculas,* por **Maria Victoria Moreno Márquez.**

Abortada pola autoridade gubernativa a conferéncia que **Maria Xosé Queizán Vilas** ia dar o dia 30, sobre *Situación da muller na família e na sociedade,* tivo lugar a

2. Xuño, 3. *Os dereitos da muller e a sua problemática en Galicia,* por **M.ª das Mercés Suárez Díaz.**

3. Xuño, 6. *A Eirexa galega e a muller,* por **Marta García de Leániz.**

4. Xuño, 19. *A cultura galega hoxe,* por **Teresa García-Sabell Tormo.**

Do 7 ao 17 de Xullo, no noso local social, tivo lugar unha *Mostra de grabados,* con obra de **Perfecto A. Estévez, Xaquín Marín, Eloy Lozano, Quesada, Aurichu, Antón Sobral, Liño Cabezas, Xosé Guillermo, Reimundo Patiño, Santigo Mayer, I. Basallo** e **X. Nieto.**

1976

O 6 de Febreiro, na aula de cultura Lume, tivo lugar a apresentacion do libro *Xoguetes pra un tempo prohibido,* de **Carlos Casares,** novela gañadora do concurso Galaxia, comemorativo dos 25 anos da fundacion da editorial viguesa.

O 13 de Febreiro, na mesma aula, apresentou-se, polo seu autor, o libro *Nova conciencia na Igrexa Galega,* de **Xosé M. Rodríguez Pampín.**

O 22 de Abril, na mesma, tivo lugar a apresentacion do libro *No cadeixo,* polo seu autor, **Paco Martín,** e mais por **Xavier Alcalá.**

O 4 de Maio, no decorrer do Curso de idioma, **Xavier Alcalá** fala, no Instituto Da Guarda, sobre *Situacion actual da língua galega e a sua normalizacion.*

O 8 de Maio celebrou-se, na Casa da Cultura, como preámbulo do ciclo de homenaxe a **Cabanillas,** polo Dia das Letras e no seu centenário, unha mesa-redonda sobre *O ensino en Galicia,* na que interviron **Valentín Arias López, Eduardo Gutiérrez Fernández, Gonzalo Vázquez Pozo** e **Xaime Barreiro Gil.**

(Cumpre lembrar que este ano, como ocorrerá no 77 e no 79, O FACHO fará o esforzo de publicar un folleto con obra do personaxe e reseña bio-bibliográfica).

Entre o 12 e o 20 de Maio desenvolveu-se, no mesmo escenário excepto a terceira, o ciclo de 3 conferéncias que se detalla:

1. Dia 12. *A poesia de Ramón Cabanillas,* por **Xavier Carro.**

2. Dia 17. *O nacionalismo da poesia de Cabanillas,* por **Xosé L. Franco Grande.**

3. Dia 20. *O teatro de Ramón Cabanillas,* por **Manuel Lourenzo** (na aula Lume).

O 15 de Xuño, **Marino Dónega Rozas** apresenta, en Lume, o seu libro *Poesias. Escolma de Ramón Cabanillas.*

O 12 de Xullo, tamén na aula Lume, apresentou-se o noso folleto *Informe... Urquiola,* da equipa *Trasmallo,* estando o acto a cargo de **Fernando González Laxe, Xulio Pardellas, Alicia Carballido** e **M.ª Carme Martínez.**

O 3 de Novembro, **Víctor Fernández Freixanes** apresenta, en Lume, de man do noso presidente, *Unha ducia de galegos.*

Na Casa do Mar, o 16 de Novembro, celebrou-se unha mesa-redonda sobre *Problemas actuais da Galicia mariñeira,* coa intervencion de **Alfredo Fernández Prieto, Xulio Pardellas de Blas** e **Fernando González Laxe,** apresentados polo noso presidente.

Con anterioridade à mesa, tivo lugar a apresentacion, polo autor, do libro *Problemas da pesca costeira galega,* do próprio **González Laxe.**

Entre Novembro deste ano e Marzo de 1977 celebra-se o ciclo itinerante de mesas-redondas *Galicia: unha terra, un pobo, unha fala:*

I. Na Sociedade R. e I. da Gaiteira (ciclo completo).

1. Novembro, 12. *Galicia, unha língua, unha cultura,* por **Xosé-M.ª Monterroso Devesa;** *Idioma galego e conciencia solidaria,* polo presidente do FACHO; *A língua galega hoxe,* pola directiva **Sabela Vázquez Fandiño.**

2. Novembro, 19. *O teatro galego,* polo directivo **Xaquin Villar Calvo,** seguido da representacion de *O cantar dos cantares,* de **E. Blanco-Amor,** polo G. de Teatro O FACHO.

3. Novembro, 26. *A economía galega,* por **Fernando González Laxe;** *A industrialización de Galicia,* por **Xavier Alcalá;** *O aforro galego,* polo secretário da Agrupacion.

4. Decembro, 3. *A política en Galicia,* polo directivo **Xosé L. Rz. Pardo;** *O mundo sindical en Galicia,* polo directivo **Xosé Bembibre Regueiro;** *A emigración galega a Europa,* polo directivo **Tomás Pena Castelo.**

1977

II. Na Universidade Laboral celebraron-se unicamente duas mesas, as números 1 e 3, o 22 de Xaneiro e o 4 de Febreiro, respectivamente.

III. No Instituto de E. M. Feminino de Ferrol e no Coléxio Lestonnac, organizado pola Delegacion do Coléxio de Aparelladores e Arquitectos Técnicos, somente se deron as mesas números 1 e 4, o 4 e o 25 de Marzo.

IV. Na Sociedade Gandeira *La Unión y la Honradez,* de Mesoiro, o 5 e o 26 de Marzo seguintes, celebraron-se os actos números 3 e 2.

V. Na Asociacion Cultural Domingo de Andrade, de Cee, celebrou-se, o 26 de Marzo, a n.º 4.

1976

O 26 de Novembro do ano anterior, no marco do noso XIII Curso de idioma, no Instituto Da Guarda, **Xosé-M.ª Monterroso Devesa** falara sobre *Galiza para alleos e própios.*

E o 29 seguinte, na aula Lume, **Xavier Alcalá** fai unha exposicion, con diapositivas, sobre *O País de Gales: un país á procura das suas señas de identidade.*

1977

Na aula Lume ten lugar, do 14 ao 28 de Xaneiro, unha *Mostra de debuxos* de **Siro.**

O 21 de Xaneiro, no Quiosco Alfonso, parece ter tido lugar un pase de filmes galegos de **Carlos L. Piñeiro** *(Equipo Imaxe): Illa* 1976 e *A Ponte da verea vella* (1977).

Coa colaboracion, novamente, do Grupo Teatro Circo e agora tamén de várias Asociacions de Viciños da cidade, celebra-se, entre Xaneiro e Febreiro, o *II ciclo de Teatro Galego,* de acordo co seguinte calendário:

1. Xaneiro, 29. A. VV. Bárrio das Flores. *O Cantar dos cantares,* de **E. Blanco-Amor** e recital de poemas de **Ramón Cabanillas,** polo G. T. O FACHO.

2. Febreiro, 5. A. VV. Bens. *Amor e crimes de Xan o Panteira,* de **E. Blanco-Amor,** polo G. T. Antroido, de Compostela.

3. Febreiro, 11. Local do FACHO. *O artellamento dos grupos teatrais galegos,* mesa-redonda coa participacion de **Roberto Vidal Bolaño, Amparo Gómez Cores** e **Xosé Agrelo Hermo.**

4. Febreiro, 25. A. VV. Atochas-Monte Alto. *O longo viaxe do capitán Zelta,* obra colectiva baseada nun conto de **Xaquin Marín,** polo G. Teatro Circo.

5. Febreiro, 27. A. VV. San Roque-Cidade Escolar-Labañou. *Metá e metá,* de **Xosé Agrelo Hermo,** polo G. T. Candea, de Noia.

Na aula Lume apresenta-se, o 17 de Marzo, e polo seu autor, o libro *Estrutura da pesca costeira galega,* de **Fernando González Laxe.**

O 28 do mesmo mes e máis o 1 de Abril, na sala do Coléxio da Compañía de María, teñen lugar senllas sesions de cine galego, co pase dos seguintes filmes: *O cadaleito* (**E. R. Baixeras,** 1977), *O herdeiro* (**M. Gato,** 1976), *Fendetestas* (**A. F. Simón,** 1975), *Retorno a Tagen Ata* (**E. Lozano,** 1974), *O pai de Migueliño* (**M. Castelo,** 1977) e *Illa.*

O 13 de Maio inaugura-se, no local social, para clausurar-se o 23 seguinte, unha *Mostra de publicacions infantis galegas,* cunha mesa-redonda, apresentada polo presidente da Agrupacion, levada por **Paco Martin** (polo suplemento *Axóuxere),* **M.ª Cruz Carballido Barral** (polo método *Picariños)* e **Xosé Fortes Bouzán** (pola revista *Vagalume).*

O 18 de Maio tivo lugar, no Instituto Da Guarda, o acto literário, apresentado polo presidente da Agrupacion, no que interviron **Marino Dónega Rozas** e **Ramón Piñeiro López,** para falaren sobre *Anton Vilar Ponte e as Irmandades da Fala* (no dia en que se cumprian 61 anos da sua fundacion na Coruña), e con motivo de se lle dedicar, ese ano, ao patriota viveirense o Dia das Letras.

En data indeterminada, **Siro** apresenta o seu álbum *Os sete pecados capitais.*

1978

O 16 de Xaneiro envia-se unha série de inquéritos a directores de máis de 90 colégios privados de E.X.B. da província, sobre o emprego do galego no ensino, contestada só por catro dos encuestados.

O 17 de Xullo ten lugar, no local social do FACHO, a apresentacion do noso libro *O galego hoxe* polos membros da *Equipa de Língua* que o realizou (salvo **Siro),** aos que precedeu no uso da palabra o presidente da Agrupacion, acompañado do vicepresidente.

O 8 de Agosto seguinte, procede-se, no marco da Feira do Libro (Xardins), à firma-dedicatória masiva de exemplares de dito libro.

O 2 de Agosto, os membros da Directiva **Xaquin Villar Calvo, Xosé-M.ª Monterroso Devesa** e **Miguel Pernas Cora,** sob pretexto de entregar ao Delegado Provincial do Ministério de Educación y Ciencia un exemplar do libro *O galego hoxe,* fan-lle chegar a preocupacion do FACHO polo traslado de mestres galegos fora de Galiza.

O 24 de Outubro ten lugar, na libraria Nós, a apresentacion, polo seu autor e máis por **Xosé M. Martínez Oca,** do libro *Homes de ningures,* de **Xoán I. Taibo,** que o ano seguinte alcanzaria o Prémio da Crítica española.

O 7 de Novembro o Patronato do Pedron de Ouro, Eds. do Castro e O FACHO apresentan, na libraria Nós, o tomo que recolle os relatos galardoados no II Concurso Modesto R. Figueiredo, *A fundición e outras narracións,* da autoria de **Xavier Alcalá, Xosé M. Martínez Oca, Xoán I. Taibo** e **Xavier Rodríguez Barrio** (único ausente no acto).

En colaboracion coa Plataforma Galega da Cultura, O FACHO desenvolve, no local da Asociacion de Viciños dos Mallos-Sagrada Família-Estacion, e en Novembro, unha Semana da Cultura Galega, co seguinte calendário:

1. Dia 14. *A literatura galega,* por **Xosé Ramón Pena Sánchez.**
2. Dia 15. *A língua galega,* por **Carmen Vázquez Castro.**
3. Dia 16. *O cine galego,* por **Carlos L. Piñeiro.**
4. Dia 17. *Os nomes galegos das ruas da Cruña,* polo secretário do FACHO.
5. Dia 18. *Historia de Galicia,* polo vicepresidente da Agrupacion.

O 4 de Decembro leva-se a cabo, no paraninfo do Instituto Da Guarda, a entrega de prémios

I Dia da Nosa Fala (1980).

Mostra do livro luso-brasileiro (1981).

do I Concurso de Poesia Nova O FACHO, coa intervencion de **Bernardino Graña,** quen falou sobre *Poesia lírica e amorosa.*

1979

Como adesion ao Ano Internacional do Neno e do Xoven, O FACHO publica, o 11 de Febreiro, na folla *Arco da Vella,* de *El Ideal Gallego,* os *Direitos do Neno* no noso idioma. A raíz disto, no conxunto do monumento do Neno, de **Mon Vasco,** inaugurado, por iniciativa da UNICEF, pouco despois, nos Xardins de Méndez Núñez, incluiu-se unha outra placa cos direitos en galego, no lugar da única que ia ir en español (hoxe ambas desaparecidas).

Como unha adesion máis, findando o ano sai o noso libro *Contos pra nenos.*

O Dia das Letras, no paraninfo do Instituto Da Guarda **Xosé Ramón Pena,** autor do folleto dedicado por nós ao poeta rianxeiro, dá unha conferéncia sobre a *Significacion de Manoel-Antonio na literatura galega,* à que segue un recital de poemas do mesmo na voz de **Andrés Rey.**

O 18 de Outubro, no salon de actos de FENOSA, realiza-se a entrega dunha edicion especial para traballadores de dita empresa de *O galego hoxe,* intervindo o director xeral, **Julián Trincado Settier, Antonio Remeseiro** polo comité de traballadores, os membros da equipa autora **Rodríguez Varela** e **Alcalá** e o presidente da Academia.

O 16 de Novembro, no Quiosco Alfonso, ten lugar, sob-pretexto da entrega de prémios do II Concurso de poesia, un acto literário consistente nunha conferéncia de **Xosé Luís Méndez Ferrin** sobre *Horizontes novos da poesia galega,* e na leitura, por integrantes do Grupo de Teatro, dos poemas galardoados.

O 13 de Decembro, no mesmo local, ten lugar a conferéncia de **Xosé Puentes González** acerca de *O Estatuto de Autonomia.*

O 21 de Decembro, na aula de cultura de Caixa Galicia, dá **Siro** unha conferéncia con diapositivas sobre *Simplicissimus e Gulbransson: influéncias europeas en Castelao.*

1980

O 29 de Xaneiro, na mesma aula da Caixa, ten lugar unha mesa-redonda sobre *O idioma galego no ensino,* coa participacion de **Xoán Carlos Verdini Deus, M.ª Pilar Garcia Negro** e **Sabela Vázquez Fandiño,** apresentados polo secretário da Agrupacion.

O 31 de Xaneiro, no local social, celebra-se a apresentacion do noso libro *Contos pra nenos,* a cargo de **Manuel Caamaño Suárez, Bieito Ledo, Rosario Belda Otero** e **Ramón Fraga García.**

O 22 de Febreiro ten lugar, na aula da Caixa, unha mesa-redonda sobre *Panorámica do teatro galego,* a cargo de **Miguel Pernas Cora, Manuel Lourenzo** e **Santiago Fernández,** apresentados polo director do Grupo de Teatro O FACHO.

O 20 de Marzo, na mesma Caixa, **Alfonso Pereyra** pronúncia unha disertacion sobre *Mapas paleolíticos en Galiza?*

No mesmo recinto celebra-se, o 18 de Abril e por **António Gil Hernández,** unha conferéncia sobre *As normas lingüísticas da Xunta: aspectos técnicos e dimension política.*

No Quiosco Alfonso ten lugar, o 12 de Maio, e abrindo as novas (I) Xornadas do Rexurdimento, a mesa-redonda *Por uns meios de comunicacion galegos,* a cargo de **Xosé Antonio Gaciño Barral** (imprensa), **Constantino Cabanas** (rádio) e **Xosé Luís Castro** (television), apresentados polo presidente da Agrupacion.

Seguen as Xornadas cun concerto de canto e piano, o dia 13 e na igrexa de San Nicolás, a cargo da soprano **M.ª Teresa del Castillo,** acompañada por **Ramiro Cartelle,** co seguinte repertório:

Cantares vellos e novos de Galicia: Soedades, A mala fada, Canto de Berce, Afrixida, Canta o galo, Bágoas e sonos, ¡Pesóulle!, Non te quero por bonita, A bordo, A sorte **(Marcial del Adalid e Fanny Garrido/popular).** *Un tema popular: !Adiós, meu meniño!* **(Marcial del Adalid),** *Adieu, va, mon homme!* **(Maurice Ravel).** *Seis baladas galegas: As lixeiras anduriñas, Doce sono, Negra sombra, Lonxe da terriña, Unha noite na eira do trigo, O pensar do labrego* **(Xoán Montes** e **S. Golpe, R. Castro, A. X. Pereira** e **M. Curros).** *Cantigas: En Mai, Fleurs d'amour, Premier printemps, Rosa de Abril, ¡Ay, mi amor!* **(Andrés Gaos** e **Heine, Gaos** e **R. Castro).** *Para piano só: 2.ª barcarola* e *Resignacion* **(Del Adalid),** *Luz* **(José Estarrona),** *Canto de berce* **(Gaos).**

A peza de **Ravel** foi estreia mundial neste acto.

O dia 16 **Andrés Rey** dá, na Delegacion de Cultura (praza de Pontevedra), un recital de 24 poemas de **Francisco Añon, Rosalia Castro, Eduardo Pondal, Manuel Curros, Ramón Cabanillas, Luís Seoane,** e **Celso E. Ferreiro,** así como de seis cousas de **Castelao.**

O cuarto acto das Xornadas ten lugar o 17, na Caixa Galicia, consistindo nunha conferéncia de **Xesus Alonso Montero** sobre *As Irmandades da Fala.*

O 18 de Maio, instituído por nós este ano como Dia da Nosa Fala, culminan estas Xornadas do Rexurdimento co descobrimento, no baixo da casa número 38 da rua Rego da Auga, dunha placa co seguinte texto:

> *O 18 de maio de 1918*
> *fundou-se aquí a primeira das*
> *Irmandades dos Amigos da Fala*
> *ao impulso dos nacionalistas galegos*
> *Antón e Ramón Vilar Ponte*
> *(1881-1936) (1891-1953)*
> *Homenaxe da Agrupacion Cultural O FACHO*
> *18 de Maio - Dia da Nosa Fala - 1980*

(Cumpre esclarecer que a fundacion tivo lugar no 1.º andar e que en lugar de 1891 debera constar 1890, como ano correcto). Entre a multitude, asistiron ao acto **M.ª Teresa Villar Chao,** sobriña e filla, respectivamente, dos fundadores, alguns dos co-fundadores, como **Benito Ferreiro,** o alcalde da Coruña, un representante da Deputacion Provincial, o presidente do Pedron de Ouro e o presidente da Academia, facendo a apresentacion do acto o presidente e máis o secretário do FACHO. Desde Caracas chegou-nos unha calorosa testemuña do fillo de Antón, **António Villar Chao** *(Tonecho,* no mundo do deporte).

O 6 de Xuño ten lugar, no local social, o acto de entrega dos prémios do noso XIII concurso de contos.

O 13 do mesmo mes, **Paulino Pérez Mendaña** falou, na Caixa, sobre a *Situacion sanitária actual en Galiza.*

O 9 de Xullo, no local social, realiza-se a apresentacion do número 0 do boletin societário *Arco da Vella.*

No mes de Outubro celebra-se, na Caixa, un ciclo de conferéncias sobre *Arquitectura rural galega,* de acordo co seguinte calendário:

1. Dia 17. *Importáncia da arquitectura da Galicia rural,* por **Manuel Caamaño Suárez.**
2. Dia 24. *As construcions populares galegas e o seu coñecimento,* por **Begoña Bas López.**
3. Dia 30. *Significado artístico da arquitectura popular galega,* por **Felipe Senén López Gómez.**

Do 20 de Outubro ao 6 de Novembro ten lugar, na aula Lume, a mostra dos traballos apresentados ao noso Concurso Nacional de Cómics para Nenos, no marco da cal, aquel primeiro dia, se procedeu à entrega dos prémios aos galardoados.

O 22 de Outubro, na libraria Nós, **Manuel Suárez Suárez,** secretário do Patronato da Cultura Galega, de Montevideu, falou sobre *Galicia no Uruguai: de El Viejo Pancho ao Patronato da Cultura Galega,* apresentando o libro editado por

Homenaxe a Curros ao pé do seu monumento (1983). Esquerda: Rivadulla, Tomás Barros, Víctor F. Sampedro, Xúlio Valcárcel. Direita: Seoane, Villar, Fernán-Vello, Valcárcel.

aquela entidade da emigracion *El Viejo Pancho: un gallego en la poesía nativista oriental*, de **Pedro R. Barreiro.**

Xavier Alcalá fala, o 28 de Novembro e na Caixa, sobre *A revolucion electrónica*.

O 5 de Decembro apresenta-se no local social do FACHO o libro *Pacífico Sul*, polo presidente da entidade promotora, **Gustavo Santiago Valencia** e por **Xoán I. Taibo, Xosé Ramón Díaz Sánchez** e **Román Raña Lama**, autores dos relatos contidos no tomo, gañadores do V Concurso Modesto R. Figueiredo, do Patronato do Pedron de Ouro.

1981

O 30 de Xaneiro, **Felipe Arias Vilas**, director do Provincial de Lugo, fala, na Caixa, sobre *Os museos de Galicia e a sua problemática*, apresentado polo directivo **Fernando López-Acuña López.**

Sob pretexto do IV centenário do pasamento de **Luís de Camões** e tamén do centenário de *Follas Novas* de **Rosalia** e *Aires da miña terra* de **Curros** (todos tres eventos do ano anterior), e máis para facermos público recoñecimento da doación, polo Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, de 250 volumes, constitutivos dunha pequena biblioteca-piloto portuguesa, incorporada à nosa Biblioteca Castelao (outros 65 volumes foron-nos doados meses despois pola Fundação Gulbenkian, tamén de Lisboa), O FACHO organizou, entre o 1 e o 13 de Febreiro, na sala de exposicions da Casa da Cultura, a *Mostra do Livro Luso-brasileiro* (na que a presenza do Brasil foi apenas testimonial, pola nula resposta da sua Embaixada en Madrid e mercé à cesion temporal de parte da sua biblioteca brasileira por **Carlos Sixirei**, de Xavestre-Trazo).

Mais non só foi a Mostra (que, despregada por 14 vitrinas horizontais e ilustrada con fotografias gran-tamaño e cartaces, supuxo un esforzo sen precedentes e contou con outras invalorábeis axudas, a salientar a da libraria Couceiro, de Compostela, e a do próprio director da Casa da Cultura, à vez que tivo un marcado eco nos meios, mesmo na rádio e na television portuguesas, e houbo de ser prorrogada dous dias), senon o ciclo de actos que se realizaron no seu marco, oficialmente clausurado polo embaixador de Portugal en Madrid, **João de Sá Coutinho Rebelo Sotto Maior**, *conde de Aurora*, e que foron os seguintes:

1. Dia 1. *A ascendência galega na literatura portuguesa: de Camões a Pessoa, de Alfredo Guisado a Augusto Abelaira*, por **José António Fernandes Camelo** (leitor de Portugués na Universidade compostelá).

2. Dia 3. *Área lingüística galego-portuguesa: unidade e diversidade*, por **José Luís Rodríguez Fernández.**

3. Dia 5. Leitura, por **M.ª Teresa da Silva Evangelista**, de poemas dos autores portugueses **Camões, Júlio Dinis, Teixeira de Pascoais, Cesário Verde, Pessoa, Eugénio de Andrade, António Gedeão, José Afonso**, do angolano **Geraldo Bessa Vitor** e do brasileiro **Thiago de Mello.**

4. Dia 10. *Cultura popular e culturas africanas no Brasil*, por **Carlos Sixirei Paredes.**

5. Dia 11. *España e Portugal nas origes da literatura galega moderna*, por **Ricardo Carballo Calero**, na sesion de clausura presidida polo embaixador, o presidente do FACHO e o alcalde en funcions da Coruña.

O 25 de Febreiro, na Caixa, tivo lugar a apresentacion, polo próprio autor e polo presidente da Agrupacion, dos álbums de **Siro** *Coas Raíces na terra* e *Homes e mulleres*, falando o debuxante ferrolán sobre *O humorismo en Galiza*.

Na Delegacion de Cultura, **Constantino Rábade Castiñeira**, falou, o 26 dese mesmo mes, sobre *Evidéncia e actualidade do fenómeno OVNI*.

No noso local social celebra-se o ciclo *Colóquios coa Mocidade*, dirixido nas tres primeiras sesions polo presidente do FACHO, de acordo co seguinte calendário:

1. Marzo, 11. *A parella*.

2. Marzo, 17. *Parella e convivéncia*.

3. Marzo, 25. *Parella e reproducion*.

4. Abril, 1. *O desencanto*, apresentado por **Manuel Miragaia**, consistiu nunha mesa-redonda

coa participacion de representantes de organizacions xuvenis, por esta orde: **Pilar Senén** e **Alberto Valin** (independentes), **Miguel Pellicer** (XCG), **Enrique Pena** (UCD), **Estanislao Fontenla** (MGR), **Carlos Marcos** (NN.GG. de AP), **Carlos Aller** (CNT) e **Camilo Rodríguez** (independente).

5 Abril, 15. *Iniciación à comprensión da música clásica,* por **Antón de Santiago.**

6. Maio, 6. *O movimento ecoloxista,* por **Manolo Fraga** (Natureza).

O 13 de Marzo, na Caixa, **Manuel González Vidal** fala sobre *Historia da Galicia pesqueira.*

As II Xornadas do Rexurdimento comezan o 15 de Maio coa charla que o secretário da Agrupacion dá, na Caixa, sobre *Os nomes das ruas da Coruña.*

Como segunda xornada, o 17 de Maio descobriu-se, no primeiro andar do número 126 da rua do Orzán, unha placa co seguinte texto:

> *Aqui naceu*
> *Andrés Gaos Berea*
> *1874-1959*
> *figura universal do*
> *nacionalismo musical galego*
> *Agrupacion Cultural O FACHO*
> *18 Maio 1981*
> *Dia da Nosa Fala*

Despois dunhas palabras do presidente da Agrupacion, a Banda Municipal da Coruña interpretou a peza de **Gaos** e **Rosalia Castro** *Rosa de abril* e máis o noso hino. Desde Buenos Aires, o fillo do maestro **Gaos** remeteu-nos cordialísima carta de agradecimento.

Seguen as Xornadas o 18 coa mesa-redonda, tamén na Caixa, *Por uns meios de comunicacion galegos,* na que participaron, moderando o vicepresidente do FACHO, **Xosé Luis Castro** (televisión), **Manuel Rivas** (xeral), **Cándido Barral** (rádio) e **Xosé António Gaciño** (imprensa); sendo esta a segunda que se fai sobre o tema (a primeira fora precisamente un ano atrás).

O 5 de Xuño ten lugar, no local social, a entrega dos prémios do noso habitual concurso de contos.

Finalizan as Xornadas o 11 de Xuño cun novo recital de poemas portugueses, esta vez na Caixa, na voz da mesma **M.ª Teresa da Silva Evangelista**, agora con obras de: **Fernando Pessoa** e os seus heterónimos, **Eugénio de Andrade, José Régio, António Gedeão** e **José Afonso** (Portugal), **Thiago de Mello** (Brasil), **Geraldo Bessa Vítor** (Angola), **Ovídio Martins** (Cabo Verde) e **Francisco José Tenreiro** (São Tomé), nun total de 22 poemas.

O 23 de Xullo ten lugar, na aula Lume, a apresentación por **Xavier Seoane** do libro de **Manuel Miragaia**, *Xénese e apocalipse.*

O 7 de Novembro e no Hotel Atlántico, coorganizada por *La Voz de Galicia* e O FACHO e coordenada polo noso vicepresidente, tivo lugar a mesa-redonda *O idioma galego e a rádio,* na que participaron **Juan Monge** (R. Galicia, Cad. SER, Compostela), **Benito Vázquez** (R. Cadena Española), **Manuel Pedro Barreira** (RNE) e **Víctor F. Freixanes** e **Xúlia Díaz** (ambos de R. Popular, Cad. COPE, en Vigo e Ferrol, respectivamente). As intervencions, transcriptas por **Torre Cervigón,** foron publicadas a toda plana en LVG do 19 seguinte.

No teatro Luís Seoane, o 21 de Decembro, celebra-se a entrega dos prémios do noso concurso de poesia coa leitura dos poemas premiados, realizada por actores da compañia titular da sala, e precedida por una conferéncia de **Manuel Maria,** sobre *Vision da poesia galega contemporánea, desde a posguerra até os nosos dias.*

1982

O 28 de Xaneiro apresenta-se no local social o cassette *Puff,* con música e xogos infantis galegos adaptados ao programa de preescolar, acompañado dunha guia didáctica, todo da autoria de **Carmen López Taboada** e **Manuel Rico Verea,** con música do Grupo *Fuxan os Ventos,* un

de cuxos integrantes, **Mini,** estivo presente no acto xunto con **M. Rico.**

Unha homenaxe ao poeta rianxeiro levou-se a cabo o 1 de Febreiro na sala Luis Seoane, organizada por nós e a cargo do *Grupo Tespis*, consistente nunha leitura de poemas de *De catro a catro* e na proxeccion do filme curto *Manuel Antonio*, de **Xosé Antón Jiménez,** con intervencións de **Santiago Prego** e **Xavier Villaverde** sobre *Os problemas do cine en super-8 e do cine galego en xeral* e *Manuel Antonio o aparecido,* respectivamente.

No Coléxio Maria Barbeito, do Ventorrillo, e suspiciado pola Comision de Cultura da Asociacion de Pais de Alunos, levou-se a cabo, organizado polo FACHO, nos meses de Febreiro e Marzo, o ciclo Cultura para todos, proxectado para os bairros da cidade, co seguinte calendário:

1. Febreiro, 12. *História da Coruña,* polo noso vicepresidente.

2. Febreiro, 19. *Sexoloxia e reproducion,* polo presidente da Agrupacion.

3. Marzo, 12. *Os instrumentos tradicionais galegos,* por **Fernando López-Acuña López.**

Este ciclo, que aqui quedou interrompido por razons alleas ao FACHO, repetiu-se nalguns outros bairros. Consta-nos, por exemplo, que na Asociacion de Viciños dos Mallos-S. Família-Estacion se impartiu a charla número 2 o 16 de Marzo.

O 1 de Marzo, cabodano do escritor mindoniense, O FACHO, A. C. A. Bóveda, Escola Dramática G., Luis Seoane e Tespis organizan, naquela Sala, unha *Evocacion de Cunqueiro,* con duas conferéncias de **Manuel Rivas** e **Xosé-M.ª Dobarro Paz** e a representacion de *A noite vai como un rio,* dirixida por **Xosé Redondo.**

Cultura galega e empresa foi unha mesa-redonda organizada o 5 de Marzo na Caixa con: **Isaac Díaz Pardo** (Cerámicas do Castro), **Manuel Caamaño Suárez** (Ed. Escola Aberta), **Xulián Maure** (Eds. Xerais de Galicia), **Felipe Senén** (Promocións Culturais Galegas) e **Uxio Fernández** (Ed. Ruada), apresentados polo noso presidente.

No Centro Fonseca, organizamos, o 30 de Marzo, a conferéncia do portugués **Aníbal Pinto de Castro** sobre *Eça de Queirós e a narrativa portuguesa do seu tempo.*

Iniciando cedo as III Xornadas do Rexurdimento, na Caixa, o 23 de Abril, **Xosé Ramón Barreiro Fernández** falou sobre *Os pronunciamentos do século XIX e o levantamento galego de 1846.*

A iniciativa nosa, o Concello da Coruña coloca, no vestíbulo do Teatro Rosalia Castro, o 25 de Abril e no marco da I Festa da Poesia, unha placa co seguinte texto:

Promovidos por
José Pascual López Cortón
celebraron-se aqui o 2 de Xullo de 1861
os primeiros XOGOS FLORAIS DE GALIZA
que deron lugar ao Album de la Caridad
fitos fundamentais do Rexurdimento
cultural e da nosa conciencia nacional.
Concello da Coruña, 25 - Abril - 1982

O 14 de Maio, seguindo as Xornadas, **Xosé Manuel Beiras Torrado** fala, na Caixa, sobre *Nacionalismo e economia galega.*

O Dia da Nosa Fala realizan-se dous actos:

1. Descobrimento, polo noso presidente, no número 21 da rua Juana de Vega, e lembrando que ese ano se cumpririan, o 20 de Decembro, os 75 da estreia pública do noso hino na Habana, dunha placa do teor seguinte:

Aqui morou
os seus derradeiros anos o poeta
Eduardo Pondal
1835 - 1917
autor da letra do
Hino Nacional Galego
Homenaxe da Agrupacion Cultura O FACHO
18 de Maio Dia da Nosa Fala 1982

O actor **Andrés Rey** recitou, no lugar, uns poemas, como adianto do

2. Recital de poemas do bardo bergantiñán, en total 31, por dito actor, na Delegacion de Cultura.

Seguen-se as Xornadas coa apresentacion (prevista en princípio para o 31 de Maio), o 14 de Xuño, na Sala L. Seoane, do noso volume *Teatro para nenos. Prémios de teatro infantil O FACHO.*

Como último acto destas Xornadas, hai que reseñar a entrega de prémios do noso concurso de contos, realizada no noso local social o 18 de Xuño seguinte.

Entremédias, tamén en Maio, celebrara-se, organizado por nós e outras cinco entidades —Alexandre Bóveda, A.G.A.L., A.S.-P.G., Ateneo e Escola Dramática— a *Homenaxe Nacional ao Profesor Ricardo Carballo Calero,* que se distribuiu por outros tantos locais, a saber:

1. Dia 19. *Algunhas consideracions sobre o labor lingüístico do Profesor Carballo Calero,* por **José Martinho Montero Santalha** (no Ateneu).

2. Dia 21. *Carballo Calero como crítico literário,* por **Francisco Rodríguez Sánchez** (Delegacion de Cultura).

3. Dia 24. *Leitura de textos de Ricardo Carballo Calero:* poéticos (por **Aracéli Herrero Figueroa)** e teatrais (por Escola Dramática), introducidos por **Xoán C. Verdini Deus** (Teatro L. Seoane).

4. Dia 25. *O mito do enxebrismo,* por **Jenaro Marinhas del Valle** (Ateneu).

5. Dia 27. *Pondal, profeta do iberismo,* polo próprio **Ricardo Carballo Calero** E como adesion à nosa lembranza do poeta da Ponte-Ceso (Caixa Galicia).

6. Dito dia. Ceia-homenaxe nun restaurante de Riazor, oferecida polo noso presidente no nome dos organizadores e materializada nunha artística peza do ceramista **Francisco Pérez Porto,** dando-se leitura às máis de 250 adesions de toda a parte.

O 22 de Xuño, no noso local ten lugar un colóquio en torno à traxectória e perspectivas do semanário *A Nosa Terra,* con responsábeis do mesmo.

No acto de entrega de diplomas aos alunos do curso corrente de idioma, pronuncia, na sede do Ateneu, o 15 de Xullo, unha conferéncia sobre *A poesia portuguesa de vangarda e a sua relacion coa galega,* **Francisco Salinas Portugal.**

O 22 de Outubro, **Gonzalo de la Huerga Fidalgo** fala, na Caixa, sobre *A Administracion territorial na Galicia autonómica.*

Entre o 25 de Outubro e o 10 de Decembro deste ano, durante 7 semanas e no paraninfo do Instituto Da Guarda, desenvolve-se o *Seminário de Divulgacion Cultural O FACHO,* de unha hora diária e co seguinte calendário:

1. Outubro, 25 a 29. *Arqueoloxia e antropoloxia galegas,* por **Felipe Senén López Gómez.**

2. Novembro, 2 a 5. *Arquitectura popular galega,* por **Manuel Caamaño Suárez.**

3. Novembro, 8 a 12. *Belas Artes,* por **Xavier Seoane Rivas.**

4. Novembro, 15 a 19. *A poesia galega,* por **Luciano Rodríguez Gómez.**

5. Novembro, 22 a 26. *Miscelánea:*

Dia 22. *As alternativas enerxéticas na Galiza,* por **Xavier Alcalá.**

Dia 23. *Percorrido histórico pola Coruña I. (até o século XIX),* polo vicepresidente da Agrupacion.

Dia 25. *Glosa do teatro galego: desde as orixes à mostra de Ribadávia,* por **Francisco Pillado Mayor.**

Dia 26. *Ecoloxia e proteccion da natureza,* por **Víctor Miguel Rodríguez.**

6. Novembro, 29 e 30. *As orixes do cine mudo,* por **Luis Quiroga Valcarce.**

Decembro, 1 a 3. *Orixe, desenvolvimento e situacion actual do cinema galego,* por **Miguel Castelo Agra.**

7. Decembro, 6 a 10. *Xeografia e História de Galiza:*

Dia 6. *Percorrido histórico pola Coruña II (século XX),* polo mesmo que o 1.

Dia 7. *História moderna*, por **Alberto Martínez López.**

Dias 9 e 10. *Xeografia de Galicia*, por **Augusto Pérez Alberti.**

O 19 de Novembro ten lugar, no Instituto Da Guarda e no marco do noso I Seminário, na semana dedicada a dito xénero literário, a entrega de prémios do concurso de poesia O FACHO.

O 24 de Novembro, na Caixa, **Xosé Sesto López** apresentado polo noso presidente, falou sobre *Alexandre Bóveda.*

O 14 de Decembro, tamén na Caixa, **Ramón López-Suevos** falou sobre *Aspectos diferenciais do colonialismo na Europa Ocidental.*

1983

O 27 de Xaneiro, na Caixa, **Antón Avilés de Taramancos,** apresentado polo noso presidente, falou sobre *Vivéncias de Colómbia en poemas galegos,* referindo-se principalmente ao seu libro inédito *Cantos caucanos.*

O 23 de Febreiro, **Cipriano Jiménez Casas** fala-nos, na Caixa, sobre *A fase terminal da vida: sabemos morrer?*

O 24 de Febreiro, en colaboracion coa Trattoria Fratelli, oferece-se ali un recital poético a cargo de **Ánxeles Penas, M. A. Fernán-Vello, Xúlio Valcárcel** e **Xosé Devesa.**

Na Caixa, o 22 de Marzo, **Eliseo Miguélez** fala sobre *Impacto do ingreso no Mercado Comun sobre o agro galego.*

Do 13 ao 25 de Abril estivo aberta, na aula da Caixa, a mostra: **Siro** e **Xaquin Marin:** *dibuxos de humor,* que se organizou coa nosa colaboracion e foi inaugurada por unhas palabras de **Domingo Garcia-Sabell** e unha conferéncia de **Clodio González Pérez** sobre *O humorismo gráfico galego até os nosos dias.*

Patrocinado polo Concello e na sua sala de exposicions, organizamos, o 29 de Abril, como *Homenaxe á Galicia traballadora,* con motivo do 1 de Maio, un recital poético con **M. A. Fernán-Vello, Lino Braxe, Manuel Rivas, Xavier Seoane, Xúlio Valcárcel** e **Xosé Devesa.**

O 26 de Abril, na Caixa, ten lugar a conferéncia de **Fidel Vidal** sobre *As condutas suicidas.*

O 16 de Maio ten lugar, na aula Lume, a apresentacion, polo noso presidente, **Felipe Senén,** o noso directivo **M. A. Fernán-Vello** e o próprio autor, do libro *Alba de auga sonámbula,* de **Xulio L. Valcárcel.**

Xa no marco das (IV) Xornadas do Rexurdimento, cumpre mencionar a colocacion, no baixo do número 14 da Rua Santo Agostiño (por lamentábel error a mesma foi colocada na casa contígua, número 16), e con motivo do 150° aniversário do nacimento deste patriota galego, dunha placa do seguinte teor:

Aqui viveu e morreu
Manuel M. Murguia
1833 - 1923
impulsor do Rexurdimento
nacional de Galiza
Agrupacion Cultural O FACHO
18 Maio Dia da Nosa Fala 1983

No acto, ao que asistiron o Cronista oficial da cidade e a Banda Municipal, participaron o noso presidente e o Concellal de Cultura.

O 20 de Maio, na Direccion de Cultura (praza de Pontevedra), ten lugar a conferéncia de **Xusto G. Beramendi** sobre *Pasado e presente do pensamento de Murguia.*

Para tamén comemorar o 75 cabodano de **Curros,** o 27 de Maio tivo lugar, ao pé do seu mo-

numento, un recital poético, apresentado polo presidente do FACHO e apoiado polo Concello, no que participaron: **Vítor Sampedro, Lino Braxe, Enrique Rivadulla, María Díaz Vidal, M. A. Fernán-Vello, Xavier Seoane, Xúlio Valcárcel, Manuel Rivas** e **Tomás Barros.** Ao remate do cal, a Banda Municipal interpretou o noso hino e o coro Cántigas da Terra fixo unha oferenda floral.

O 3 de Xuño, cerrando as Xornadas, na aula da Caixa procedeu-se à entrega dos prémios do noso habitual concurso de contos.

O 16 deste mes, **Antón Alonso Núñez** pronunciou, no local social, unha conferéncia acerca de *Esperanto e galeguismo,* durante a cal foi apresentada a traducion de *Retrincos* de **Castelao** à língua auxiliar internacional, baixo o nome de *Vivéroj* ou *Anacos da vida.*

Seguindo cos actos de homenaxe a **Murguia** iniciados nas Xornadas de Maio, con motivo do seu 150° aniversário, no mes de Agosto, patrocinada polo Concello e a Direccion de Cultura, en cuxo local tivo lugar, celebrou-se, entre o 11 e o 20, unha *Mostra de pintura,* inaugurada coa leitura, por **José Redondo Santos,** dun texto do Cronista oficial da cidade e un concerto da Orquesta de Cámara municipal con obras de **Mozart, Bach** e **Groba.**

O dia 16 tivo lugar un recital dos poetas: **Ánxeles Penas, María Díaz Vidal, Xúlio Valcárcel, Tomás Barros, Xosé Devesa** e **Álvarez Torneiro** (este na voz de **Andrés Rey).**

O dia da clausura ofereceu un outro concerto, con obras de **Mozart, Soutullo** e **Vert, Albéniz, Fz. Caballero, Montes, Brage** e **A. Gundín/P. Asensi,** a orquesta de pulso e pua da Agrupacion Musical Albéniz.

Na mostra participáron: **Gloria de Llano, Ánxeles Penas, Fina Mantiñán, Raquel López, Villaverde Pumar, Isolino Seoane, J. Fernández Sánchez, Tomás Barros, A. Yebra de Ares, Gancedo, José Francisco, José Luís Martínez, Manuel Caridad** e **Lola Artamendi.**

O 28 de Setembro, no local social, realizou-se a entrega dos prémios do noso concurso de teatro.

A entrega dos prémios do concurso de poesia, que tivo lugar o dia 3 na Caixa, marcou o comezo da série de actos cos que se celebrou, en Decembro, o 20° aniversário do FACHO, segundo este calendário:

1. Dia 3. Entrega de prémios e recital de poemas a cargo de **Bernardino Graña, Luz Pozo, S. Garcia-Bodaño, Manuel Maria, Uxio Novoneyra** e **Avilés de Taramancos,** coa auséncia de **Xosé L. Méndez Ferrín** (quen enviou expresiva adesion) (Caixa), seguido de ceia onde se leron outras adesions como as da AGAL e Alexandre Bóveda, na Galiza e o Patronato da Cultura de Montevideu e a *Hermandad Gallega* de Caracas, na outra Galiza.
2. Dias 9 a 17. Exposicion fotográfica sobre a galeria coruñesa con mesa-redonda alusiva, o dia 14 (ver capítulo do Colectivo Edral) (Sala Luís Seoane).
3. Dia 15. *As Agrupacions culturais: problemática e futuro,* mesa-redonda, moderada polo presidente do FACHO, coa intervencion de **Xosé Manuel Beiras Torrado, Manuel Caamaño Suárez, Xosé Antonio Gaciño Barral** e **M.ª Pilar García Negro** (Caixa).
4. Dia 21. Inauguracion, no noso local, da mostra, que dias antes se despregara no escaparate da libraria Colón, co material gráfico producido polo FACHO neses vinte anos (publicacions e folletos de toda índole).
5. Dia 23. Concerto de música folc a cargo de *Derradeiro Duan* (ver Colectivo Edral) (Salesianos).
6. Emision dunha peza de cerámica alusiva.

Nota. O libro *Contos dos nenos galegos,* apresentado ainda seis meses despois, viña a marcar o colofon deste 20° aniversário.

Cumpre salientar o tratamento que *La Voz de Galicia* e *Antena-3* prodigaron à celebracion (ver capítulo correspondente).

1984

O 25 de Marzo O FACHO planta un carballiño —de vida efémera— nos Xardins de Méndez Núñez, en lembranza do poeta uruguaiano **Julio J. Casal,** o seu libro *Árbol* e a sua revista *Alfar,* en cuxo acto participan **Miguel González Gar-**

cés e **Xosé-M.ª Monterroso Devesa,** glosando vida e lendo alguns dos poemas, como o que segue, traducidos ao galego e publicados na ocasion polo FACHO. Aderiron à celebracion ADEGA e Natureza:

O carvalho

Apousei a cabeça
no tronco
do carvalho... Descia-me
até o espírito
o celme de umha música de estrelas.
Dentro do tronco havia
umha garganta de cristal:
Cantava
desenfiando-se, um colar de pedras
de países lonjanos.
Era um balbor de festa.
Umha ledize
de áuga e raíz.
Um esfregar de pálpebras de pétalas
de recendos recém amanhecidos.
O tronco era um oco de séculos,
umha buguina de ecoar antergo.
Os páxaros já mortos
do jardim
retornaram à vida.
Gaiola rechoucheira era o carvalho.
E eu sentia no ouvido
um tremor de penugens
e um alvoroço colegial de bicos.

No 5.º cabodano de **Luís Seoane** vários colectivos da Coruña e de Ferrol, O FACHO entre eles, e o Museu Carlos Maside, coa apoio da Deputacion Provincial e da Consellaria de Educacion e Cultura, organizan un ciclo que se desenvolve no mes de Abril, do seguinte xeito:

1. Dia 3. *Mostra homenaxe dos artistas galegos a Luís Seoane* (La Terraza): **Xúlio Maside, Santiago Mayer, Xusto Moreda, Ánxeles Penas, Reimundo Patiño, Felipe Criado, Eládio Mosquera, Felipe Senén, Xaquin Marín, J. Fernández Sánchez, Lola Padín, Fermin Encinar, Perfecto Estévez, Lago Rivera, Tomás Barros, Manuel Torres, Pérez Carballo, Fina Mantiñán, Manuel Moldes, Prieto Nespereira** e **F. Pérez Porto.**

2. Dito dia. *Introducion à obra e pensamento de Luís Seoane,* por **Ricardo Carballo Calero,** no mesmo local.

3. Dia 4. *Luís Seoane e o teatro,* por **Francisco Pillado Mayor,** seguido de *O irlandés astrólogo,* de **Luís Seoane,** escenificado pola Cía. titular (Direccion de Cultura).

4. Dia 5. Inauguracion dunha mostra da obra gráfica, bibliográfica e deseñística de **Luís Seoane,** e mesa-redonda sobre *A cultura galega no exílio,* coa participacion de **Carmen Muñoz de Dieste, Marino Dónega Rozas, Francisco Fernández del Riego** e **Domingo Garcia-Sabell** (Museu Carlos Maside, O Castro).

Un ciclo dedicado a **Afonso X o Sábio,** no VII centenário do seu pasamento, —muito mellor traído que o académico de catro anos atrás co Dia das Letras—, desenvolveu-se co seguinte guion:

1. Abril, 25. *Presencia da Coruña e de Galicia na obra do Rei Sábio,* por **Miguel González Garcés** (Direccion de Cultura).

2. Abril, 27. *A comedia humana nas cantigas de Santa Maria,* por **Bernardino Graña** (Direccion de Cultura).

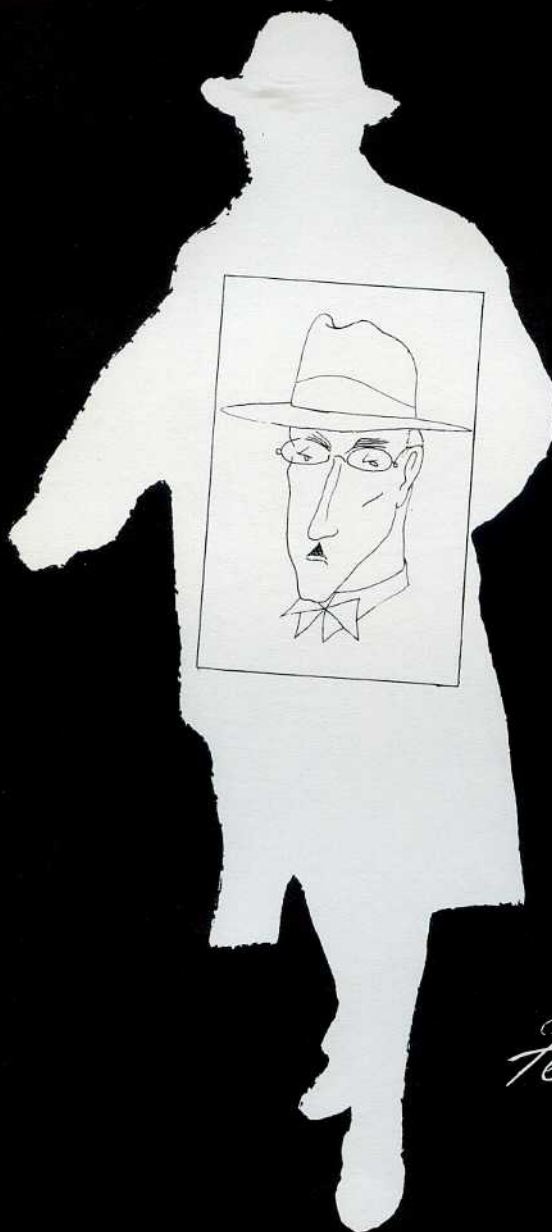
3. Maio, 3. *A poesia profana de Afonso X,* por **Ricardo Carballo Calero** (Caixa).

O 16 de Maio, na Aula Lume, apresenta-se, polo presidente e vicepresidente do FACHO e polo directivo **Manuel Rivas** o libro *Poesia do Condado,* que recolle poemas, fotografias e gravados contemporáneos, a partir da iniciativa da Asociacion Cultural O Condado, de Salvaterra do Miño, de celebrar un festival poético anual, desde 1981.

Se ben se volta a reparar, despois de vários anos, na figura designada pola Academia para dedicar-lle o Dia das Letras, publicando o número 1 da *Revista Monográfica de Cultura* en torno a **Armando Cotarelo Valledor,** O FACHO participa, como integrante da Federacion de AA. CC. Galegas, na realizacion da *I Carreira popular en defensa do idioma galego e contra a sua represion,* que parte da praza de Pontevedra o 17 de Maio.

Polos fins de Maio ou comezos de Xuño apresenta-se o número 3 da revista *Escrita,* da Asociacion de Escritores en Língua Galega.

HOMENAXE A PESSOA

(1888 - 1935)

CONFERENCIAS

MARIA DA GLÓRIA PADRÃO (Portugal)
«Fernando Pessoa, introdução à poesia»

ALBANO MARTINS (Portugal)
«Os herdeiros de Alvaro de Campos»

JOSÉ NOGUEIRA GIL (Portugal)
«Introdução aos heterónimos»

LUISA PENA (Portugal)
«A poética de Fernando Pessoa»

ROMÁN RANHA LAMA (Galiza)
«Pessoa, o amor, as máscaras»

FRANCISCO SALINAS PORTUGAL (Galiza)
«Alvaro de Campos e o finximento»

XOSÉ LUIS RODRIGUEZ (Galiza)

FIDEL VIDAL (Galiza)

Fernando Pessoa

A.C. O FACHO

A Coruña - Primavera 1985

Homenaxe ao galeguismo histórico (1987).

O 19 de Xuño, na libraria Couceiro, o presidente e o vicepresidente da Agrupacion e o membro do consello de redaccion da publicacion **Francisco Pillado Mayor** apresentaron o citado número 1 da *Rev. Monográfica de Cult.* dedicado a **Cotarelo Valledor.**

O 20 de Xuño apresenta-se, na Caixa, abrindo o acto da entrega de prémios do concurso de contos, o noso libro *Contos dos nenos galegos,* cunha mesa-redonda sobre *Breve historia dunha grande fantasia: o concurso de contos do FACHO,* e *A literatura infantil,* por **Manuel Caamaño Suárez** e **Agustín Fernández Paz,** respectivamente, precedidos dunhas palabras sobre o volume publicado, por **Xosé-M.ª Monterroso Devesa.**

A continuacion, os actores **Amália Gómez,** da Cía. L. Seoane, e **Xosé Manuel Vázquez,** da Escola Dramática Galega, leron alguns dos contos do citado libro.

Entre o 18 de Xuño e o 3 de Xullo organizanse, no bar **O Patacón,** unhas *Xornadas de proxeccion de diapositivas,* coa participacion de **Carlos Silvar, Luís M., Vari Caramés, Juan Rodríguez, Manuel Vilariño, Luís Carré, Arximiro, Santi, Sergio Abad, X. Faraldo, Julio Correa** e **Moncho Rama.**

O 20 de Xullo, na libraria Couceiro o presidente e **Luis Rei Núñez** apresentaron o libro do vicepresidente, **M. A. Fernán-Vello,** *Seivas de amor e tránsito,* que o ano seguinte alcanzaria o Prémio da Crítica española.

O 8 de Outubro ten lugar, no Centro Fonseca unha mesa-redonda sobre *B.U.P.: alienacion ou criatividade,* coa participacion de **Enrique Tello León, M.ª Pilar Garcia Negro, Ana António Souto** e **M.ª Teresa Correa Fernández.**

O 22 de Novembro, na mesma sala, apresenta-se o libro *La masoneria y La Coruña,* de **Alberto Valín Fernández,** polo próprio autor e **Xosé Ramón Barreiro Fernández,** precedidos na palabra polo noso presidente.

1985

O 18 de Xaneiro, no transcurso dunha ceia, ten lugar a entrega de prémios do Concurso de poesia 84.

O 6 de Marzo, co Ateneu e na sua sede, organizou-se unha charla, apresentada polo presidente do FACHO, sobre *Técnicas de grabado,* complementada cunha demostracion práctica desta arte, aberta ao público asistente, a cargo de **Manuel Facal.**

O 14 do mesmo, na Caixa, e moderada por **Xosé-M.ª Monterroso Devesa,** realizou-se a mesa-redonda en torno a *Centros galegos na Galiza de alén-mar,* coa participacion de **Manuel Suárez Suárez, Antonio Santamariña Delgado** e **Manoel Riveiro Loureiro.**

Organizado polo COSAL (Comité de Solidariedade con América Latina), a Sala Luís Seoane, O Ateneu, Alexandre Bóveda e nós, realizou-se un ciclo de *Solidariedade con Centro-América,* co seguinte programa:

1. Marzo, 25. Proxeccion dun vídeo sobre Nicarágua (Centro Fonseca).
2. Marzo, 28. Proxeccion dun outro vídeo sobre El Salvador (ídem).
3. Abril, 2. Diapositivas sobre Guatemala (Ateneu).

Entre o 25 de Abril (casualmente data portuguesa) e o 7 de Xuño, levou-se a cabo o ciclo de homenaxe a **Fernando Pessoa,** no seu 50.° cabodano, dando-se a circunstáncia de ser o segundo celebrado en Europa, despois do de Paris, o mes anterior. O calendário, cuberto con figuras portuguesas e galegas, desenvolveu-se do seguinte xeito:

1. Abril, 25. *Pessoa, o amor, as máscaras,* por **Román Ranha Lama** (no Ateneu).
2. Abril, 26. *Introdução aos heterónimos,* por **José Nogueira Gil** e *Os herdeiros de Álvaro de Campos,* por **Albano Martins** (Centro Fonseca).
3. Maio. *Fernando Pessoa: introducção à poesia,* por **M.ª da Glória Padrão.**

4. Maio, 15. *Álvaro de Campos e o finximento,* por **Francisco Salinas Portugal** (Centro Fonseca).

5. Xuño, 7. *Alguns aspectos da obra de Fernando Pessoa,* por **José Luís Rodríguez** e *Heteronímia e identidade,* por **Fidel Vidal** (no Ateneu).

O 25 de Xuño, no Centro Fonseca, ten lugar a mesa-redonda *As artes plásticas,* coa participacion de **Laureano Álvarez, Fermin Encinar, Felipe Criado, Correa Corredoira** e **Xurxo Lobato.**

O 26 deste mes, na libraria Couceiro, realiza-se a apresentacion do libro *Presências,* do noso directivo **Xavier Seoane,** coa intervencion do mesmo, de **Xosé Luís Axeitos** e de **Xosé Devesa.**

O 29 de Xullo, no Salon Fonseca, apresentamos o libro de **Xavier Alcalá** *Tertúlia,* coa participacion de **Manuel Caamaño Suárez, Luís Álvarez Pousa, Xaquin Villar Calvo, Xosé M. Martínez Oca, Ramiro Cartelle Álvarez, Xosé M.ª Monterroso Devesa** e o próprio autor.

Un recital poético baixo o lema *En galego para Galiza,* e en colaboracion con outros colectivos, levou-se a cabo o 19 de Outubro no Ateneu.

1986

Pola segunda volta fai-se entrega dos prémios do concurso de poesia (85) no transcurso dunha ceia, o 17 de Xaneiro do novo ano.

Na Caixa, é apresentado, polo presidente da Agrupacion, o directivo e membro do consello de redaccion **Francisco Pillado Mayor** e máis polo coordenador dese 2.º número, **Xosé-M.ª Monterroso Devesa,** a *Revista Monográfica de Cultura. De Castelao a Bóveda,* precisamente o 29 de Xaneiro dia do centenário de **Castelao** (segundo o Rexisto Civil).

O ciclo *Impacto para Galiza da entrada de España na C.E.E.* desenvolve-se en nove meses, entre 1986 e 1987 no Centro Fonseca, nas seguintes xornadas:

1. Abril, 9. *A política agrícola comun (PAC) e as suas repercusions no campo galego,* por **Ramón Muñiz de las Cuevas,** apresentado polo directivo **Andrés Salgueiro.**

2. Abril, 17. *Os mapas cor de rosa, a integraçom da Galiza no quadro internacional,* por **Ramon López-Suevos Fernández.**

3. Maio, 8. *Aproximacion do tratado de adesion á C.E.E. no sector pesca: a perspectiva da pesca galega,* por **M.ª do Carme Garcia Negro.**

4. Outubro, 23. *Integracion europea e militarismo,* por **Xoán I. Taibo.**

5. Novembro, 21. *Repercusion da política agrícola comunitária na agricultura galega,* por **Eliseo Miguélez Díaz.**

1987

6. Xaneiro, 16. *Repercusions económicas e políticas do ingreso na C.E.E. para Galiza,* por **Xosé Manuel Beiras Torrado.**

1986

O 11 de Abril ten lugar, no Circo de Artesáns, unha tertúlia con **Miguel González Garcés.**

O 18 de Abril no Pazo de Mariñán, en colaboracion coa Deputacion Provincial, celebra-se, fruto de importante esforzo, o concerto *8 compositores galegos de hoxe,* interpretados ao piano polo francés **Jean-Pierre Dupuy,** de acordo co seguinte programa:

I

Juan Durán - *Sonata veneciana*
Fernando V. Arias - *Campás melidenses*
M. Soto Viso - *En-Re-Do*
Xavier de Paz - *Fugaz. Unha mirada ao pasado*
Paulino Pereiro - *Atlante*

II

Manuel Iglesias - *Movimento para piano*
Carlos López Garcia - *14 estruturas para piano*
Manuel Balboa - *Cunha esquecida mistura de espellos*

Un ciclo de homenaxe a **Xohán Casal,** no seu 25° cabodano, desenvolve-se entre o 21 de Maio e o 11 de Xuño, no Teatro Luís Seoane, co-organizado por Asociacion de Escritores e Mesa Cultural, de que O FACHO fai parte:

1. Maio, 21. *Xohán Casal: os froitos da névoa*, por **Anton Avilés de Taramancos** (cuxo contido enriquece a primeira parte deste volume).

2. Xuño, 11. *A figura e os recordos de Xohán Casal,* por **Manuel Maria** e **Alfonso Gallego Vila.**

O 22 de Maio, no Centro Fonseca, o presidente do FACHO e o directivo **Xavier Seoane** acompañando ao próprio autor, apresentan *Sede e luz,* de **Miguel González Garcés.**

As AA. CC. O FACHO, Alexandre Bóveda e Oza, a Escola Dramática G., a A.S-P.G., a Asociacion de Escritores e o Liceo de Artesanos de Monelos, o 24 de Maio, instalan unha placa de bronce (axiña desaparecida) no pedestal do seu monumento, como desagrávio a **Castelao** pola lenda en español que dito pedestal ostenta, monumento que fora inaugurado, para maior escárnio, o Dia das Letras. A efémera placa dicia:

> *A Castelao en desagrávio*
> *Asociacións Culturais da Coruña*
> *Sempre en Galiza. Sempre en galego.*

No acto interveu, de maneira destacada, o noso sócio **Jenaro Marinhas del Valle,** a máis de leren-se poemas e un manifesto, e facer-se unha oferenda floral.

O 20 de Xuño ten lugar, na libraria Couceiro, a entrega de prémios do tradicional concurso de contos.

O 29 de Xullo, comemorando o cincuentenário do asasinato do poeta andaluz, **Bernardino Graña** disertou, na libraria Couceiro, sobre *Poemas galegos e xograria en Lorca.*

O 1 de Decembro, coa colaboracion da libraria Couceiro, abre-se no noso local unha *Mostra dos fondos da Imprensa Nacional-Casa da Moeda de Lisboa,* que permanecerá toda esa semana, acto no que **Jenaro Marinhas del Valle** pronúncia as seguintes palabras:

INTERESSE E UTILIDADE DOS CLÁSSICOS

Sobre outras publicaçons de inquestionável interesse acerca de temas especificamente portugueses que figuram nos catálogos da Casa da Moeda, nós, os galegos, havemos de acentuar a nossa atençom sobre as dedicadas aos escritores clássicos da literatura portuguesa, já que atingem marcadamente à nossa própria literatura galega. Toda literatura que se preze asenta-se sobre um seu período de madurez que apelidamos clássico e a el deve dirigir a mirada todo o que pretenda estudá-la ou ocupar um lugar no estamento das letras; mas nom, de nengum jeito, para imobilizar-se nos seus esquemas e cánones estilísticos, unicamente para nom se perder de si, para nom outrizar-se em expressons estranhas.

Os clássicos farám na arte literária o efeito da áncora na arte de navegar: defender o navio de ser levado à deriva polos ventos e as correntes: o que nom seria de todo fatal se o levassem mar afora, por derrotas de abertos horizontes. Mas no caso galego, a onde nos levaria com toda certeza seria a bater as quadernas contra os leixões e arrecifes do romance central e centralista, protegido polo Estado espanhol, lamentavelmente segundado por umha parte da nossa intelectualidade proclive a extasiar-se na contemplaçom do próprio embigo, atitude que bem sabemos a que conduz: à inconsciência e à catalépsia.

FALTA DE CLÁSSICOS PRÓPRIOS

Carecemos de clássicos galegos a consequência de um secular desuso literário da língua, e a carência dessa áncora estabilizadora desvia-nos cada vez mais do nosso próprio ser e sentir e fai que, a mais de um século andado desde que se iniciou o intento de recuperaçom literária do galego, partindo dos resíduos dispersos e adulterados do velho romance, conservados polo povo analfabeto, ainda non contemos nom já com um escritor ou umha obra senom com umha só página que poda servir de modelo a quem teime iniciar-se no cultivo da literatura em galego.

Deixando de lado emotividades que todos sentimos, havemos de admitir, mesmo que doa, que os nossos maiores vultos literários se expressarom

Homenaxe a Reimundo Patiño (1987).

Ciclo - Homenaxe
ao Galeguismo Histórico

(A CORUÑA - GALIZA - 1987)

Manuel Beiras, Ramón Martínez López, Xenaro Mariñas del Valle, Avelino Pousa Antelo, Xaquín Lorenzo, Ricardo Carballo Calero, Ramón Máiz, Xavier Castro.

27, 28, 29 de maio e 4, 5 de xuño

Salón Fonseca, 20 horas

Agrupación Cultural «O FACHO»

em língua castelhana e que em galego nom se encontram paralelos ao Padre Feijoo, Dona Emília, Valle-Inclán e actualmente um Cela ou um Torrente, todos tributários dos clássicos castelhanos.

O que daria de si a comunhom dos escritores galegos com os clássicos portugueses está por ver; mas dada a afinidade espiritual e lingüística que nos irmana com a ribeira atlántica em maior medida que com a seca meseta ibérica, cabe supor que a nossa aportaçom às letras galego-portuguesas nom seria de valor inferior às que levamos feito às letras castelhanas, ou, de preferi-lo, espanholas.

JUSTIFICADA APROPIAÇOM DOS CLÁSSICOS PORTUGUESES

Qualquer que freqüente umha ediçom crítica de algum clássico português, encontrará a pé de página abundantes notas esclarecedoras de tal-qual locuçom ou vocábulo que podem ser úteis ao leitor português, mas que som totalmente desnecessárias para um leitor galego, posto que permanecem vivas na fala da nossa gente. Quer isto indicar que nom estám aqueles escritores quinhentistas de Portugal mais afastados da nossa fala galega que da actual língua portuguesa e bem podemos sem reparo algum tomá-los polos nossos próprios clássicos e como áncora salvadora que nos defenda de ver quebrado o casco da nossa nau literária galega em duro embate contra os acantilados do romance central.

Sei que tudo isto desagradará a mais de um a quem soar-lhe-á como lusismo; mas nom me negará que o luso e o galego nascem de umha raiz comum, som irmaos siameses que nom podem ser separados sem sacrificar a vida de um deles, e com toda seguridade o vitimado havia de ser o galego, que nom conta com próprios órgaos vitais de cultura e depende inteiramente dos latidos do coraçom do outro.

O 11 de Decembro, na libraria citada, ten lugar a apresentacion do libro *Ritual pra unha tribo capital de concello*, de **Manuel Maria**, coa presenza do autor, de **Xosé Manuel del Caño** e do directivo **Lino Braxe.**

1987

Comeza o ano coa xa habitual entrega de prémios do concurso de poesia (86), no transcurso dunha ceia de confraternidade, que ten lugar o 16 de Xaneiro.

O 3 de Abril, **M.ª Xosé Queizán Vilas** fala, no Centro Fonseca, sobre *Francisca Herrera Garrido e a literatura feita por mulleres en Galiza*, como adesion à figura que a Academia designou para lembrar o Dia das Letras dese ano.

No mesmo mes, entre o 6 e o 11, ten lugar a *Exposicion Homenaxe a Reimundo Patiño*, no seu segundo cabodano, organizada conxuntamente polo FACHO e a Escola Dramática Galega, cuxos presidentes a apresentaron na Caixa, e que foi enriquecida polos seguintes actos:

1. Dia 8. Conferéncia con diapositivas, polo directivo **Xavier Seoane.**

2. Dia 9. Mesa-redonda con **Bernardino Graña, Avilés de Taramancos** e **Xoán I. Taibo.**

A mostra, itinerante, procedia de Madrid (Centro Conde Duque) e de Vigo, e contou coa presenza do pai do malogrado criador nacionalista.

O ciclo *Homenaxe ao Galeguismo Histórico* celebra-se no salon Fonseca e coa colaboracion de Caixa Galicia, entre o 27 de Maio e o 5 de Xuño, de acordo co seguinte calendário:

1. Maio, 27. Mesa-redonda con **Manuel Beiras** *(Experiéncias persoais no galeguismo)*, **Ramón Martínez López** *(A pretension galeguista de modernidade e universalidade)* e **Jenaro Marinhas del Valle** *(A gestaçom da Mocidade Galeguista na Corunha: 1933).*

2. Maio, 28. Mesa-redonda con **Avelino Pousa Antelo** *(As Mocedades Galeguistas e o nacionalismo)* e **Xaquin Lorenzo** *(O pensamento da xeracion Nós).*

3. Maio, 29. *Ruptura e continuidade no galeguismo histórico* (Do século XIX à Xeracion Nós), por **Ramón Maiz Suárez.**

4. Xuño, 4. *A identidade específica do galeguismo no século XX*, por **Xavier Castro.**

5. Xuño, 5. *Os deputados galeguistas. Lembranças pessoais*, por **Ricardo Carvalho Calero.**

1988

O 9 de Marzo, na libraria Couceiro, **Xosé Luis Axeitos** e **Xúlio Valcárcel** apresentan o libro de **Xavier Seoane** *O canto da terra.*

O 7 de Abril inician-se para se deter o 1 de Decembro as *Tertúlias dos Xoves no FACHO,* nas que, durante estes catro anos, viñeron participando numerosos invitados, a maior parte da cidade, sobre os máis diversos temas, en torno aos cales o público habitual adoita dialogar co invitado de turno. Até agora, ano a ano, pasaron polo noso local social:

1. Abril, 7. **Manuel Maria** (desde Monforte).
2. Abril, 14. **Isaac Díaz Pardo.**
3. Abril, 21. **Alfonso Pereyra** *(As orixes de Galiza).*
4. Abril, 28. **Xosé Ramón Barreiro Fernández.**
5. Maio, 5. **Constantino Cabanas.**
6. Maio, 12. **Siro.**
7. Maio, 19. **Carmen Muñoz de Dieste.**
8. Maio, 26. **Xaquín Villar Calvo.**
9. Xuño, 9. **Xavier Alcalá.**
10. Xuño, 16. **Felipe Senén.**
11. Xuño, 23. **Manuel Lourenzo.**
12. Xuño, 30. **Marcelino Liste Buján.**
13. Setembro, 1. **Miguel González Garcés** *(A Coruña, 1589).*
14. Setembro, 8. **Antonio Santamariña Delgado.**
15. Setembro, 15. **Agustín Hervella** *(A Coruña e a ópera).*
16. Setembro, 22. **Manuel Caamaño Suárez** *(As xeracións galeguistas da posguerra).*
17. Setembro, 29. **Xosé Luís Martínez Suárez.**
18. Outubro, 6. **Manuel Vidán Torreira.**
19. Outubro, 13. **Alberto Valín Fernández.**
20. Outubro, 20. **Francisco Pillado Mayor.**
21. Outubro, 27. **Alfonso Eyré** *(A Nosa Terra,* desde Vigo).
22. Novembro, 3. **Lluis V. Aracil** (desde Barcelona).
23. Novembro, 10. **Ramón Otero Pedrayo** na sua voz (audición do seu discurso do 27-9-75, en Rianxo, como adesion ao seu centenário, en que se lle dedicou o Dia das Letras).
24. Novembro, 17. **Luís Pérez** *(Eduardo Blanco-Amor no Rio da Prata).*
25. Novembro, 24. **Alfonso Mascuñana Bordas** (COSAL).
26. Decembro, 1. **Jenaro Marinhas del Valle,** A quen se agasalla sob pretexto do seu 80° aniversário, e con quen se clausura este primeiro ciclo de tertúlias.

No ínterin houbera outras actividades, como o 2 de Maio, en que se apresentou, na libraria Couceiro e por **Pilar Pallarés** e o presidente do FACHO, o libro coeditado por várias entidades *Muiñeiro de brétemas* (2.ª ed.), de **Manuel Maria,** quen tamén estivo no acto, e cuxo colofon di:

As Agrupacions Culturais da Galiza
encuadradas na Federacion de Asociacions
Culturais Galegas
e particularmente:
Alexandre Bóveda e O Facho, da Coruña,
Francisco Lanza, de Ribadeu e
Castelao, de Monforte de Lemos,
renden homenaxe
ao poeta da pátria
Manuel Maria
con esta 2.ª edicion de
«Muiñeiro de Brétemas»
o seu libro primeiro
que saí do prelo de O Castro-Moret
no Castro de Samoedo (Osedo-Sada)
o 26 de abril de 1988
aniversário dos Mártires de Carral

O 10 de Xuño tivo lugar na Caixa a entrega de prémios do concurso de contos, coa presenza de **Siro** e **Joám Guisám,** que fixeron uso da palabra, prévio o cal o presidente do FACHO tivo unha lembranza para **Claudio Sanmartín** e para **Ben-Cho-Shey,** recén mortos.

Este 25 de Xullo inaugura-se o hábito de apresentar unha oferenda floral diante do monumento a **Castelao** (tal dia e máis o 30 de Xaneiro de cada ano) coa leitura dun manifesto, previamente remetido aos meios de comunicacion, e a interpretacion polos presentes do hino, aos sons de unha ou de várias gaitas.

Este acto no Dia da Pátria fai-se à tardiña, para non cadrar coas celebracions de Compostela e, sobretodo, para irmos criando o costume nas máis cidades e vilas que, como a nosa, non veñen prestando à data atencion algunha.

Chegadas as datas do 25° aniversário do FACHO, desenvolve-se unha série de actos, ben máis modestos que os do 20° aniversário, que foron como segue:

1. Recital de poetas galardoados nos nosos concursos 1978-87, no que participaron: **Manuel Rivas, Pilar Pallarés, Imma A. Souto, Luís Pereiro, Andrés F. Places, Rivadulla Corcón** e **Lino Braxe,** precedidos polos poetas premiados no concurso 88, a quen se lles entregaron os galardons nese acto, no que se tivo unha lembranza para **Eusébio Lorenzo,** prematuramente malogrado, figurando no programa de man o seu poema *Cunqueiro.*

2. Seguiu-se o recital dunha ceia de irmandade, onde se leron as adesions recebidas de: **Xaquín Villar, Xavier Alcalá,** A Nosa Terra, **Cesáreo Sánchez,** AGAL, **M.ª Pilar Garcia Negro,** INTG, UTG, Comité local do PSG, AS-PG, Consello comarcal do BNG, Ateneo da Coruña e A.C. Alexandre Bóveda, cuxos presidentes acompañaron ao noso, que dirixiu aos muitos e cualificados asistentes as seguintes palabras:

Queridos amigos:

Se comemorar significasse meramente evocar um passado orgulhando-se de tê-lo, como quem tem umha lousa enriba de umha sepultura, eu renegaria da palavra e do conceito. Se co-memorar, polo contrário, significa co-lembrar, fazermos memória em comum sobre um passado honroso, para, a continuaçom, reflexionarmos sobre um presente baixo mínimos e sobre as possibilidades de um futuro melhor, de aquela nom terei, como creio que nom teremos todos, inconveniente algum em reconhecer que hoje estamos reunidos, em gozosa comensalia, para celebrarmos os primeiros 25 anos da nossa entranhável «Agrupacion Cultural O FACHO».

O passado está aí e conhecede-lo todos: O FACHO fijo-se acredor a figurar, e digo-o sem temor a ser acusado de hiperbólico, entre os fitos que marcam o historial patriótico da Corunha moderna; si, O FACHO pode, folgadamente, ocupar um lugar entre as múltiplas liçons de amor pola liberdade, de democracia ou de galeguismo, de nacionalismo (galego) em suma, que esta cidade tem repetidamente impartido.

E fijo-se merecedor disso por ser facho e guieiro, despertador e canle da conciência galega da Corunha e da Galiza mesma: Quem, se nom, começou, e em pleno franquismo, com os cursos de idioma e com os concursos literários dirigidos aos cativos? Quem, se nom O FACHO, mantivo umha apreciável trajectória teatral e radiofónica —«Da terra e dos tempos»—, ou promoveu outras artes como a música e o desenho em cómic? Quem, se nom O FACHO, pulou a habitualidade das conferências na nossa língua nacioal ou foi o primeiro em organizar, em galego, grupos infantis e juvenis?

Tudo isto seja dito sem desmerecimento dos mais que, com o tempo, nos acompanhárom neste labor iniciado em solitário; e tamém permita-se-nos aos actuais directivos em cujo nome falo, prezar-nos de algo que foi realizado por outros mui anteriores a nós, o que nos redime da provável qualificaçom de egolatria ou autocomplacência...

Este, o passado. A respeito do presente, digamos, de umha vez, o que todos sabemos: que nom está à altura daquel: as circunstâncias som outras, mas nom estamos aqui para justificar-nos. Só lamentaria a inexistência dentro da nossa organizaçom de um grupo juvenil como foi «Edral», sem cujo colectivo a soluçom de recâmbio —ou, melhor, de auto-revoluçom cultural— nom é possível: assi, vemo-nos limitados a manter —teimudamente, isso si, e sempre na brecha— as posiçons logradas, mas sem fazermos o avanço imprescindível nesta guerra de resistência contra umha administraçom prepotente e anti-galega como a ninguém se lhe oculta. Por isso nom era cousa de hoje exceder-nos na celebraçom.

E por isso vos estimulo, a sócios e amigos, para que acheguedes as vossas gentes mais novas às nossas actividades. O futuro, está claro, será digno de ser vivido como agrupaçom cultural na medida em que respondamos ao reto dos tempos: incidirmos na mocidade e que ela mesma escolha a ferramenta máis eficaz para conseguirmos entre todos umha Corunha máis galega e umha Galiza máis consciente de si.

Isto é algo que queria hoje expressar, pedindo-vos desculpas polo tempo roubado ao lezer, e aproveitando a ocasiom para constatar a minha gratitude pessoal a esta equipa imelhorável, com cujo esforço conjunto O FACHO está «mantendo o tipo», e a todos os presentes, nomeadamente aos nossos sócios protectores, amigos que nos alentades em labor tam grato e ingrato à vez.

Máis nada.

3. Como se recolle no capítulo correspondente, mandou-se facer un pratiño de Sargadelos e editou-se un auto-adesivo con estrofe de **Celso-Emílio Ferreiro.**

4. Tornou-se a montar, esta volta na libraria Couceiro, e do 5 ao 25 de Decembro, unha exposicion do noso material gráfico semellante à de cinco anos atrás.

Nota. O libro *Concurso Nacional de Poesia O FACHO, 1978-1989,* comemorativo da data, non sairá até Xaneiro de 1991.

Entre a atencion que os meios de comunicacion nos prestáron, debemos salientar *La Voz de Galicia* e *Diario de Galicia,* con reportaxes alusivas à data; e a Caixa agasallou-nos cun artístico cruceiro.

1989

Inauguran-se as actividades deste ano coa apresentacion do libro de **Manuel Caamaño Suárez** *Sobre Galicia como responsabilidade,* acto que tivo lugar na libraria Nós o 19 de Xaneiro, protagonizado polo autor e por **Isaac Díaz Pardo** e

Libraria Colón (1983).

Libraria Couceiro (1988).

Marino Dónega Rozas, editor e dedicatário dunha obra na que O FACHO ocupa un lugar de preferéncia tal que o faria merecente de figurar entre as nosas publicacions polas múltiples referéncias à Agrupacion, da que o autor foi presidente tantos e tan proveitosos anos.

O 30 de Xaneiro celebramos, pola primeira volta, o Dia de Castelao, instituído por nós, coa oferenda floral, leitura de manifesto e interpretacion do hino que xa iniciáramos o 25 de Xullo anterior.

Inicia-se o 9 de Febreiro, para rematar o 30 de Novembro, a segunda xeira de *Tertúlias dos Xoves no FACHO*, co seguinte calendário:

27. Febreiro, 9. **Antón de Santiago** *(O entroido coruñés).*

28. Febreiro, 16. **Jurjo Torres Santomé.**

29. Febreiro, 23. **Manuel Suárez Suárez** *(A emigracion,* desde Compostela).

30. Marzo, 2. **Manuel Gallego Jorreto** *(A arquitectura galega hoxe).*

31. Marzo, 9. **Xoán C. Verdini Deus** *(A problemática universitária).*

32. Marzo, 16. **Pablo Porta Martínez** *(Castelao artista,* desde A Estrada).

33. Marzo, 30. **Xosé Manuel Rabón Lamas.**

34. Abril, 6. **María Díaz Vidal** *(O amor na literatura).*

35. Abril, 13. **Xosé Luís Axeitos** *(Literatura social galega).*

36. Abril, 20. **Luís Pita** *(O mundo das comunicacions).*

37. Abril, 27. **M.ª Pilar Garcia Negro** *(O idioma segue sendo un problema).*

38. Maio, 4. **Xosé Chao Rego** *(A Igrexa na Galicia de hoxe).*

39. Maio, 11. **Uxio Fernández** (revista *Economia Gallega).*

40. Maio, 18. **Xavier Seoane** *(Arte galega contemporánea).*

41. Xuño, 1. **Xosé Luís Martín Freire** *(O sindicalismo na Galiza hoxe).*

42. Xuño, 8. **Carlos Vales** (ADEGA: *Os bosques galegos).*

43. Xuño, 15. **Laura Lizancos** *(O que é a grafoloxia).*

44. Xuño, 22. **Gonzalo de la Huerga Fidalgo** *(A problemática da Justiça no nosso país).*

45. Outubro, 5. **Xulio Valcárcel** *(Antonio Machado e nós: homenaxe no seu 50° cabodano).*

46. Outubro, 19. **Xosé M.ª Bello Diéguez** *(Estado actual da arqueoloxia entre nós).*

47. Outubro, 26. **Francisco X. Fz. Naval** *(SGHN: A problemática dos incéndios en Galicia).*

48. Novembro, 2. **Miguel Castelo** *(Flash-back e panorámica actual dun nonnato cine galego).*

49. Novembro, 9. **Antón Baamonde** *(Tédio e modernidade,* desde Lugo).

50. Novembro, 16. **Manoel Riveiro Loureiro** *(Vision da emigracion por un que a padeceu).*

51. Novembro, 23. **Cándido Barral** *(O papel da rádio na Galiza).*

52. Novembro, 30. **Begoña Bas** *(Situacion actual da etnografia en Galicia).*

Retrocedendo no tempo, o 9 de Xuño tivera lugar, no noso local, o acto de entrega de prémios do concurso de contos.

Entre o 27 e o 29 de Xuño celebra-se, no salón Fonseca, un mini-ciclo en homenaxe a **Eduardo Blanco-Amor**, aos 10 anos do seu pasamento, segundo o seguinte detalle:

1. Dia 27. *A evolucion da narrativa de E. Blanco-Amor,* por **Pilar Rus.**

2. Dia 29. *Aspectos biográficos de E. Blanco-Amor,* por **Gonzalo Allegue, Carlos Laíño** e **Luís Pérez,** coordenador desta celebracion.

O 25 de Xullo O FACHO realiza, unha volta máis, os actos do Dia da Pátria, diante do monumento a **Castelao.**

1990

O 30 de Xaneiro, volta a se celebrar o (II) Dia de Castelao diante do seu monumento.

Reinician-se o 15 de Febreiro, para rematar o 4 de Outubro, na sua terceira etapa, as *Tertú-*

lias dos Xoves no FACHO, que se desenvolverán desta arte:

53. Febreiro, 15. **Félix de la Fuente** *(O novo Museu de BB.AA. da Coruña)*.

54. Febreiro, 22. **Roberto Luis Moskowich** *(Rexurdimento da bruxeria e das ciéncias paranormais)*.

55. Marzo, 1. **Manuel Gil de Bernabé** *(O liño en Galiza e a sua recuperacion)*.

56. Marzo, 8. **Cláudio López Garrido** (revista *Can sen dono)*.

57. Marzo, 22. **Paulino Pereiro, Juan Durán** e **Juan Vara** (Asociacion Galega de Compositores).

58. Marzo, 29. **Xurxo S. Lobato.**

59. Abril, 5. **Ramón Álvarez** *(Técnicas dos tintes en fibras na artesania popular)*.

60. Abril, 19. **Antón F. Malde** (revista *Folhas de Cibrao)*.

61. Abril, 26. **Rosa Garcia Vilariño** *(Pondal e Bergantiños)*.

62. Maio, 3. **Antonio Núñez Gómez** (Coléxio de Xordos).

63. Maio, 24. **Adolfo Bobadilla Pardos** (Asociacion Cidadá de Loita contra a Droga).

64. Maio, 31. **Carlos Velasco.**

65. Xuño, 7. **Luís Alonso** *(Os galegos en América: a propósito da comemoracion dun centenário)*.

66. Xuño, 14. **M.ª Xesús Fernández** *(O dereito da muller á interrupcion do embarazo)*.

67. Setembro, 20. **Manuel Espiña Gamallo** *(Hipocresia e sinceridade na sociedade actual)*.

68. Setembro, 27. **Xoán M. Carreira** *(A investigacion musicolóxica na Galiza)*.

69. Outubro, 4. **Ricardo Flores** *(O teatro como meio proselitista,* desde Buenos Aires).

Voltando para trás, temos que, entre o 8 e o 10 de Maio, levou-se a cabo, motivada no seu recente pasamento, unha *Homenagem urgente a Ricardo Carvalho Calero,* co seguinte calendário:

1. Dia 8. *Dimensom humana de R. Carvalho Calero,* por **Carmen Blanco** e **M. A. Fernán-Vello** (na Caixa).

2. Dia 9. *A obra literária de R. Carvalho Calero,* por **Carlos Quiroga** e **Cláudio Rodríguez Fer** (na Caixa).

3. Dia 10. *O idioma em R. Carvalho Calero,* por **M.ª do Carmo Henríquez Salido, José Martinho Montero Santalha** e **José Luís Rodríguez** (S. Fonseca).

O 22 de Xuño ten lugar, no local da Agrupacion a habitual entrega de prémios do concurso de contos.

Entre o 9 e o 11 de Outubro lembra-se o 50° aniversário do pasamento de **Manuel Lugris Freire,** cos seguintes actos, no Centro Fonseca:

1. Dia 9. *Manuel Lugris Freire e o nacionalismo liberal da Coruña,* por **Ramón Maiz Suárez.**

2. Dia 10. *O teatro de Lugris Freire,* por **Francisco Pillado Mayor.**

3. Dia 11. *Notícia de umha peça esquecida de Lugris Freire,* por **Henrique M. Rabunhal Corgo** e *Visions personais de Lugris Freire,* por **Jenaro Marinhas del Valle** e **Manuel Lugris Rodríguez.**

As intervencions dos dias 10 e 11 foron reproducidas no número 23 da revista *Agália,* ese mesmo Outono.

O 16 de Novembro, coa decisiva colaboracion do Museu de Belas Artes, que cede local e piano, ten lugar, no seu recinto, unha homenaxe ao maestro **Alberto Garaizábal,** organista e compositor basco de longa traxectória na nosa cidade.

Dito acto consistiu nunha conferéncia sobre *Alberto Garaizábal e a vida musical na Coruña,* por **Xoán Manuel Carreira,** promotor deste evento; e máis nun concerto de piano, a cargo de **Nicolás Cadarso,** quen interpretou as seguintes obras de **Garaizábal:**

Tres danzas (gavota, minueto e fandango).
Prelúdio-canción, e
Vals brillante.

Amais da presenza dunha das fillas do maestro, receberon-se adesions de Euzkadi, unha do Conselleiro de Cultura e Turismo do Governo Basco (Vitória) e outra, en galego, da Sociedade de Estudos Bascos (Eusko Ikaskuntza, Donostia), cuxo texto non nos resistimos a reproducir facsimilarmente:

INDICACIONES RECEPCION

CORREOS Y TELEGRAFOS

TELEGRAMA

ZCZC COT2Ø1 PDT227 SST1?? 155Ø
ESCO CO ESSS
SSEBASTIAN 33/34 15 1Ø35

1469

AGRUPACION CULTURAL ''O FACHO''
MUSEO DE BELLAS ARTES
PLAZA DE PINTOR SOTOMAYOR
CORUNA

A SOCIEDADE DE ESTUDOS VASCOS SUMASE CORDIALMENTE O HOMENAXE
A PROL DO MESTRE ALBERTE GARAIZABAL MACAZAGA ORGAIZADO POLO
FATO CULTURAL O FACHO NO MUSEO DE BELLAS ARTES DA CORUNA OS
POVOS QUE HONRAN OS SEUS TRABALLADORES CULTURAIS HONRANSE A
SI MESMOS. VIVA GALIZA - GORA EUSKADI
EDORTA KORTADI
SEGREDARIO XERAL EUSKO IKASKUNTZA

CORREOS Y TELEGRAFOS

UNE A-5. TG-2. Rivadeneyra, S. A. 1989

1991

A cuarta xeira das *Tertúlias dos Xoves no FACHO* desprega-se entre o 24 de Xaneiro e o 12 de Decembro, de acordo co seguinte calendário:

70. Xaneiro, 24. **Antonio González Rodríguez** *(Nova Zelándia, nas antípodas de Galiza).*

71. Xaneiro, 31. **Xoán Ramón Vidal Romaní.**

72. Febreiro, 7. **Santiago Fernández** *(O actor na escena, na rádio e na television).*

73. Febreiro, 28. **Xoán I. Taibo** *(Vivéncias persoais entre Galiza e Madrid).*

74. Marzo, 21. **Carlos Parga** (Asemblea de Obxectores - Colectivo de Insumisos).

75. Abril, 4. **Xacobe Meléndrez Fassbender** (Comision Galega Pró Amazonia).

76. Maio, 2. **César Morám Fraga** *(O mundo de Álvaro Cunqueiro;* é a nosa adesion à figura a quen se lle dedicou o Dia das Letras).

77. Maio, 23. **Xosé Manuel Sarille Fernández** (Mesa pola Normalizcion Lingüística, desde Compostela).

78. Xuño, 6. **Xoán Xosé Mariño** *(O escultor José Ferreiro e a sua obra na comarca coruñesa,* coa apresentacion do seu libro sobre dito noiés ilustre, desde Outes).

79. Xuño, 13. **Xosé M.ª Gómez Vilabella** *(Comércio co Magreb: antecedentes e futuro,* coa apresentacion do seu libro *Caceria de ciclóstomos en Ifni).*

80. Outubro, 17. **Federico Martín Palmero** *(Algunhas claves na evolucion da economia galega).*

81. Outubro, 24. **Arsénio Iglesias Pardo** *(O R. C. Deportivo na perspectiva do fútbol galego).*

82. Novembro, 21. **Felipe Sande Bello** *(A cultura xitana).*

83. Decembro, 12. **Arturo Iglesias Fernández** *(A literatura infantil).*

Retomando o comezo do ano, temos que o 30 de Xaneiro celebra-se, como xa ven sendo habitual o (III) Dia de Castelao.

Algunhas das primeiras Tertúlias dos Xoves no FACHO (1988): 1) Con Carmen Dieste, Jenaro Marinhas, presidente e secretária do FACHO. 2) Con Díaz Pardo, T. Villar-Chao, Elvira de G. Garcés. 3) Con Siro.

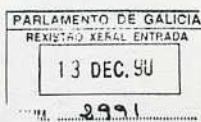
O 7 de Marzo apresenta-se, na sala de exposicions da Delegacion da Presidéncia (ex Delegacion de Cultura, da praza de Pontevedra), nun acto acompañado de servizo de *bufet,* o noso libro *Concurso Nacional de Poesia O FACHO (1978-1989),* rematando cun breve e espontáneo recital dos poetas **Ánxeles Penas** (Coruña), **Francisco Souto** (Compostela) e **Francisco Alonso Villaverde** (Vigo), precedidos da palabra do actual presidente e dos ex-presidentes **Manuel Caamaño** e **Xaquin Villar**, mentor do Concurso. Enviaron mensaxes **Isaac Díaz Pardo** (editor) e **Manuel Rivas** (primeiro galardoado).

O 5 de Abril, a Comision Institucional do Parlamento Galego aprobou a nosa proposta (de 30-10-90, ver cap. E), apresentada polo deputado **Camilo Nogueira Román** (PSG-EG) o 23 de Xaneiro anterior, de institucionalizar o Dia de Castelao (30 de Xaneiro). Fora, en cámbio, rexeitada (o 5-2-91) a primeiramente apresentada, en 13 de Decembro de 1990, pola deputada **M.ª Pilar Garcia Negro** (BNG), que reproducimos pola sinalada razon de ter sido a primeira, inda que non lograse o suceso desexado.

A profunda dimension do feito é obxectiva, con independéncia da utilización que logo se lle dé ao tema, e asi foi como nós expresamos publicamente a nosa satisfaccion e recoñecimento aos grupos parlamentares que luitaron por consegui-lo.

Nese mesmo mes de Abril celebran-se, no Salon Fonseca, os *Colóquios na Literatura: autor/ leitor, un xogo de complicidade,* de acordo co seguinte calendário:

1. Dia 10. *A linguaxe do cotidiano,* por **Suso de Toro** (narrativa).
2. Dia 16. *A palabra contra o tempo,* por **Xúlio Valcárcel** (poesia).
3. Dia 23. *O texto como pretexto,* por **Roberto Salgueiro** e **Xúlio Lago** (teatro).
4. Dia 30. *O milagre da iniciacion,* por **Xosé Antonio Neira Cruz** (literatura infantil).

OFICINA PARLAMENTARIA
Pazo do Parlamento Rua do Hórreo
Tels 561600* ext 211 - 584021
15702 Santiago de Compostela
Galiza

Á MESA DO PARLAMENTO:

O GRUPO PARLAMENTAR DO BLOQUE NACIONALISTA GALEGO, a iniciativa de MARIA PILAR GARCIA NEGRO, ao amparo do Regulamento da Cámara, apresenta a seguinte PROPOSICION NON DE LEI, para o seu debate en Comisión, relativa á institucionalización do "Dia de Castelao".

EXPOSICION DE MOTIVOS:

O 30 de Xaneiro cumpre-se o aniversàrio do nacimento do ilustre patriota Alfonso Daniel Rodríguez Castelao. No ano 1991, cumpren-se cento e cinco anos do nacimento de Castelao e seria unha boa oportunidade para a Xunta de Galiza institucionalizar esta data como DIA DE CASTELAO, con carácter de xornada nacional destinada ao recordo e actualización da personalidade, a traxectória e o labor político, artístico e literário dunha das figuras de máis alta significación da nosa história contemporánea.

Con data 30 de Outubro de 1990, a Agrupación Cultural "O Facho", da Coruña, unha das máis antigas do pais, tomou o acordo de instar aos diferentes grupos parlamentares da Cámara Galega a faceren-se eco desta proposta de institucionalización do "Dia de Castelao", co obxecto de que a mesma servise para reflectir sobre a significación e vixéncia da sua figura, sen que esta homenaxe ficase reducida a actos puramente comemorativo-protocolares que non aportasen nada ao coñecimento real de Castelao entre a povoación galega. O Grupo Parlamentar do Bloque Nacionalista Galego, concordando plenamente con esta proposta e tendo defendido desde sempre esta necesidade de difusión do pensamento e as criacións de Castelao, asi como ten denunciado a manipulación do seu nome e da sua figura para aproveitamentos políticos absolutamente antitéticos ao que el representou, fai-se eco desta proposta e formula a seguinte

PROPOSICION NON DE LEI

O Mes da Cultura celebra-se con vários actos: o primeiro foi a tertúlia dedicada a **Cunqueiro,** xa apontada.

O 15 de Maio, no mesmo Salon Fonseca, apresentamos o libro *Obra política de Ramón Villar Ponte* (volume que recolle, dentro da colección *Documentos,* a re-edicion fac-similar de duas obras: *Doctrina nazonalista* e *Breviario da autonomia),* intervindo o prologuista da re-edicion, **Xusto G. Beramendi,** apresentado por **Manuel Caamaño Suárez** e seguido na palabra polo editor **Isaac Díaz Pardo.**

O 20 de Xuño ten lugar, no local social, a entrega de prémios do concurso de contos.

O 7 de Novembro, no salon Fonseca, ten lugar en lembranza do seu 10.° aniversário, a conferéncia de **Xosé L. Axeitos** sobre **Rafael Dieste** baixo o título: *A aventura epistolar de Rafael Dieste, un exemplo de ética solidária.*

O 27 de dito mes, e no mesmo lugar, celebra-se unha mesa-redonda, en homenaxe ao desaparecido actor galego-arxentino **Fernando Iglesias - Tacholas,** coa participacion de **Isaac Díaz Pardo, Francisco Pillado, Xúlio Lago** e **António Santamariña,** coordenados por **Luís Pérez.**

O FACHO apresenta, no primeiro trimestre do ano, à Deputacion Provincial, o proxecto de unha homenaxe ao editor de música e músico **Canuto Berea,** no seu centenário; homenaxe que constaria de tres partes: 1) Exposicion do fondo editado durante mais de un século na casa da Rua Real, 38, coa edicion de un catálogo, que incluiria a reproducion de algunhas das pezas galegas orixinais do mesmo Berea; 2) Reedicion, en un ou en vários álbums, de unha série de partituras de música galega editadas por Canuto Berea; e 3) Ciclo de conferéncias sobre dita figura e concerto de música lírica galega coas obras da sua autoria e/ou edicion antes citadas.

Dita homenaxe está en curso de preparación nos momentos en que sai esta *Memória.*

D

Publicacions

(UNHA LONGA FOLLA DE SERVIZOS)

A agrupación cultural O Facho, *que desde a A Cruña proxecta sobre toda a nosa terra a luz e o quentor da sua galeguidade da mellor lei, non podia menos de comportar-se de xeito que na sua xa longa folla de servizos ao património espiritual do país, figurase en destacado lugar un título que fixese referéncia ao fomento e promoción da lingua galega, alma da nosa realidade colectiva, sacramento que nos identifica como membros dunha comunidade consciente da sua unidade e da sua caracterización no concerto das etnias peninsulares; de tal sorte que, no momento da história que vivemos, non podemos conceber unha Galiza que esquecese a sua própria fala, unha Galiza sen galego, senón como unha Galiza desalmada. De sobra temos coñecido desgobernos que nos empobreceron economicamente. Non nos desgobernemos nós no que concerne aos bens espirituais, de forma que renunciemos por frouxidade ou inconsciéncia ao tesouro da nosa lingua. Se perdéramos a nosa alma, xa non seríamos nós os que beneficiaríamos eventuais prosperidades de índole material.*

Por iso, porque a lingua é o instrumento da própria cultura, a agrupación cultural O Facho *ten consagrado â lingua unha sostida atención. Desde 1964 vén organizando cursos de ensino do idioma. En 1978, un equipo no que colaboraron profesionais da filoloxia, a pedagoxia, as artes literárias e as artes plásticas, formulou unhas leicións que se publicaron no xornal* La Voz de Galicia, *e serviron de base de traballo a un elevadísimo número de alunos. A fórmula revelou-se como mui acertada pola proba do éxito. Pensou-se entón en reunir nun volume aquel material.*

Así naceu este libro, que, no curto espazo de tempo transcorrido desde Xullo de 1978, atinxiu, coa presente, nada menos que nove edicións, pois é a novena esta que o leitor ten neste momento nas suas mans.

....

RICARDO CARBALLO CALERO,
(Do Prólogo a *O galego hoxe*,
9.ª edicion, 1980)

iversal de los
Hombre
Declaración
Universal
dos
Dereitos
do Home
dels Drets de l'Home
Guzien
Aitorkizuna

Colección Alén Nós
A Galicia
rural na
encrucillada
D. GARCÍA-SABELL, X. M. BEIRAS, M. GALLEGO,
M. ORJALES, R. L. SUEVOS, X. R. VILAS,
X. L. R. PARDO, O. L. ABAD FLORES, V. ARIAS,
X. GÓMEZ BARROS, A. POUSA ANTELO,
C. NOGUEIRA, X. C. DE LA HUERGA
GALAXIA

Abad Flores
X. M. Beiras
X. Isla
Martínez-Risco
M. Orjales
Otero Díaz
D. Quiroga
Introdución
á economía
galega
de hoxe
Galaxia

O GALEGO
HOXE
curso de lingua
Publicado en
La Voz de Galicia
Realizado polo
Equipo de Lingua
da Agrupación
Cultural
O FACHO
serie
NOVA
BIBLIOTECA
GALLEGA

Incluimos neste a xeito de catálogo cronolóxico as publicacions de todo tipo con carácter individualizado e por modestas que foren, e non somente aquelas (poucas) custeadas por nós senon, e principalmente, as por nós promovidas e realizadas a cargo de diversas editoriais ou institucions, así como as que promoveron os próprios autores premiados nos nosos concursos literários. Non se fan constar segundas edicions, nen posteriores, salvo cando supuxesen unha substancial alteracion da primeira.

1967

Vida i exemplo de Manoel Lago González, arcebispo galego. Escolma de textos. Tip. El Ideal Gallego, A Coruña, 1967 (autor que non consta: **Marino Dónega Rozas**).

Ven inserida no programa do ciclo de conferéncias organizado no centenário do **Arcebispo Lago**, a formaren un folleto único.

1968

Declaración universal dos dereitos do home. Moret, A Coruña, 1968. Edicion tetralíngüe, nos catro idiomas do Estado español, con prólogo, tamén tetralíngüe, de **José A. González Casanova.** A capa do libro, tamén utilizada como saudacion ese mesmo fin de ano, foi do sócio **Isaac Díaz Pardo.**

A edicion de 1.500 exemplares, comemorativa do *Ano Internacional dos Direitos Humanos* (declarado pola ONU ao se cumprir, o 10-12-1968, o 20.º aniversário da *Declaración),* posta à venda nas principais vilas galegas, esgotouse en dez dias.

A galiña azul, por **Carlos Casares**, Galaxia, Vigo, 1968. Capa e ilustracions de **Trichi, Ilda, Mima** e **Alberto Garcia Alonso.**

É o conto premiado, ese mesmo ano, no I Concurso de Contos Infantis O FACHO.

1969

Introducción á economía galega de hoxe, por **Abad Flores, X. M. Beiras, X. Isla, S. Martínez Risco, M. Orjales, Otero Díaz** e **D. Quiroga**, Galaxia, Vigo, 1969. Capa de **Xohán Ledo.**

Recolle as conferéncias do ciclo *Problemática económico-social galega, 1968,* organizado polo FACHO en Xuño deste ano.

(Boletín, sen título, da Agrupacion), Tip. El Ideal Gallego, A Coruña, 1969.

A xeito de (I) Memória (de Setembro 1968 a Setembro 1969) e onde se recolle, asímesmo, o labor desenvolvido por outras asociacions culturais e novas referentes ao noso idioma e cultura. (Foran antecedentes seus as catro circulares extensas para os sócios de 1965 e ciclostilo e unha quinta, xa chamada *Boletín informativo,* de data Xaneiro/Febreiro de 1967, que incluia unha *Memoria das aitividades da nosa Agrupacion no ano 1966,* e da que non hai constáncia de que se chegase a enviar aos asociados).

O león e o paxaro rebelde, por **Bernardino Graña**, Galaxia, Vigo, 1969. Capa e ilustracions de **Trichi, Ilda, Mima** e **Alberto Garcia Alonso.**

É o conto premiado este ano no II Concurso de Contos Infantis O FACHO.

1970

(II) *Memoria 1963-1969,* Moret, A Coruña, 1970. Capa: ampliacion do símbolo do FACHO, por **Reimundo Patiño.**

Comprende as actividades realizadas pola Agrupacion nese período, así como o eco que as mesmas tiveron nos meios de comunicacion.

1971

Dous contos, por **Álvaro Paradela**, ed. do autor, Xúbia (Naron), 1971.

Un dos cales, *Luarela,* é prémio no III Concurso de Contos Infantis O FACHO o ano anterior.

Miúdo e a campaíña dos grilos, por **Emilio Gregorio Fernández**, Galaxia, Vigo, 1971. Capa

e ilustracions de **Trichi, Ilda, Mima** e **Alberto Garcia Alonso.**

2.° prémio no III Concurso de Contos Infantis O FACHO (1970).

1972

O espantapaxaros, por **Xosé Agrelo Hermo,** Galaxia, Vigo, 1972. Capa e ilustracions de **Mima** (Garcia Alonso).

É o conto gañador do IV Concurso de Contos Infantis O FACHO (1971).

1973

Contos con reviravolta, por **Isaac Alonso Estravís,** Castrelos, coleccion *O Moucho,* núm. 32, Vigo, 1973.

Entre estes dez contos está *Un novo amencer,* que fora galardoado co 3.° prémio no III Concurso de Contos Infantis O FACHO (1970).

O bosque de Ouriol, por **Arcadio López Casanova,** Galaxia, Vigo, 1973. Capa e ilustracions de **Mima** (Garcia Alonso).

É o conto gañador do V Concurso de Contos Infantis O FACHO (1972).

Mar adiante, por **M.ª Victoria Moreno Márquez,** Do Castro/Celta, Lugo, 1973. Capa de **Carmen Arias** e ilustracions da autora.

Volume entre cuxos oito relatos se inclue, sen título, *Crarisca,* 2.° prémio do V Concurso de Contos Infantis O FACHO (1972).

As laranxas máis laranxas de todas as laranxas, por **Carlos Casares,** Galaxia, Vigo, 1973. Capa e ilustracions de **Luís Seoane,** en base aos seus figurins e decorado da obra.

É a obra gañadora, ese mesmo ano, do I Concurso de Teatro Infantil O FACHO.

1975

Cantigas galegas. Trata-se dun folleto confeccionado a ciclostilo, no seio da Agrupacion, sen data (1975?), con capa azul clara e símbolos célticos como decoracion.

Dirixida aos nenos que asistian ás actividades extra-escolares impartidas por ese tempo no noso local.

A Galicia rural na encrucillada, por **D. Garcia Sabell, X. M. Beiras, M. Gallego, M. Orjales, R. L. Suevos, X. R. Vilas, X. L. R. Pardo, O. L. Abad Flores, V. Arias, X. Gómez Barros, A. Pousa Antelo, C. Nogueira** e **X. G. de la Huerga,** Galaxia, Vigo, 1975.

Contén 13 das 15 conferéncias do ciclo homónimo, celebrado por nós entre Novembro de 1973 e Xullo de 1974.

Sinfarainin contra D. Perfeuto, por **Bernardino Graña,** separata da revista *Grial,* núm. 48, 2.° trimestre, Galaxia, Vigo, 1975.

Esta obra obtivera unha mencion honorifica no I Concurso de Teatro Infantil O FACHO (1973).

1976

Ramón Cabanillas - Dia das Letras Galegas, Moret, A Coruña, 1976. Capa e ilustracion interior de **Siro.**

É un folleto que consta dunha biografia, bibliografia e escolma do autor cambadés (debidos, inda que non figure, a **Xaquin Villar Calvo).**

Informe sobor das consecuencias biolóxicas, económicas e hixiénicas do desastre do Urquiola, polo equipo *Trasmallo,* da Faculdade de Ciéncias Económicas de Compostela **(F. González Laxe, Xosé Verde Pardo** e **Xulio X. Pardellas),** Moret, A Coruña, 1976. Ilustracion interior de **Siro.**

Trata-se dun folleto de caracteristicas similares ao anterior.

1977

(III) *Memoria 1970-1975,* Moret, A Coruña, 1977. Capa idéntica à da Memória anterior, a outra cor.

Comprende as actividades realizadas nesta etapa pola Agrupacion.

Antón Vilar Ponte - Dia das Letras Galegas, Moret, A Coruña, 1977. Vida e obra e escolma doctrinária por **Xosé Devesa.** Capa e ilustracion interior de **Siro.**

É un folleto semellante ao de Cabanillas, editado coa colaboracion de Escola Aberta.

Viaxe ao País de Ningures, por **Manuel Lourenzo,** Galaxia, Vigo, 1977. Capa de **Luís Seoane.**

É a obra gañadora do II Concurso de Teatro Infantil O FACHO (1975).

1978

O galego hoxe - Curso de Lingua, polo Equipo de Língua da Agrupacion Cultural O FACHO **(Pilar Rodríguez, Sabela Vázquez Fandiño, Xosé-M.ª Monterroso Devesa, Xabier Alcalá** e **Siro López),** Imp. La Voz de Galicia, A Coruña, 1978. Prólogo de **Ricardo Carballo Calero.**

«Método de galego que en pouco máis de ano e medio acadou oito edicións e unha cifra de volumes distribuídos de cerca de 20.000. Semellante número de libros e semellante número de edicións nun prazo de tempo tan curto, constitue un éxito certo dentro do mercado do libro galego. Non se sabe de ningún outro libro galego que chegara a estes niveis de difusion. O libro, recomendado pola Comisión Mixta Xunta-Ministerio para o coñecemento do galego, coas correcións precisas xa feitas, axeitando o texto ás normas ortográficas que van leva-lo selo oficial, axiña entrará de novo no prelo» (M. Caamaño Suárez en La Voz de Galicia, 5-3-80). Como ese axeitamento significou —ironias da vida política galega!— a condenacion do método, fica demonstrado con ter sido esa 9.ª edicion a última. Por que? Pois porque as normas ortográficas do 80 foron, à sua volta, modificadas en 1982... co que o método ficou obsoleto (!) en tan minguado termo.

1979

Manuel Antonio - Dia das Letras Galegas. Imp. La Voz de Galicia, 1979. Vida e obra e escolma do poeta e prosista rianxeiro por **X. Ramón Pena.** Capa de **Siro,** ilustracion interior de **Maside.**

Terceiro e último folleto da série de figuras às que se lle dedicou dito dia.

Contos pra nenos, por **Paco Martín, Xoán Babarro, M.ª Victoria Moreno Márquez, Eliseo Alonso** e **Dora Vázquez,** Galaxia, Vigo, 1979. Capa e ilustracións de **Xosé Manuel Xiráldez.**

Recolle un conto de cada un dos autores citados, todos premiados nos nosos concursos de contos infantis, por esta orde:

Sabeliña e os ratos (VI ed., 1973), *Zoca Zoqueira* (VII ed., 1974), *O cataventos* (VIII ed., 1975, 1.° prémio), *O cabaliño que fuxira do curro* (id., 2.° prémio) e *Cascabel, o cabaliño do circo* (IX ed., 1976).

Publicación feita en adesion ao *Ano Internacional do Neno,* seria incluida polo IBBY *(International Board on Books for Young People),* tres anos máis tarde, na *lista de honra* do *certame internacional H. Ch. Andersen,* como representante da Literatura infantil galega.

1980

O galego hoxe - Curso de lingua, etc., etc. Imp. La Voz de Galicia, A Coruña, 9.ª edicion, 1980. Prólogo (novo) de **Ricardo Carballo Calero.** Ed. corrixida por **Xoán Carlos Rábade Castiñeira.**

Vexa-se o que dela se di ao comentarmos a 1.ª edicion (1978). En relación con esta, o 22 de Outubro dese ano, remeteu-se carta ao director da coleccion *Biblioteca Gallega* de *La Voz de Galicia,* extrañando-nos de que figure, nesa 9.ª edicion, unha sua nota redactada en español, «disonando da unidade idiomática que, en todo momento, nos preocupamos por lle dar ao texto, como se puxo en evidéncia ao pasarmos ao galego a nota da coberta posterior».

Orixe certa do faro de Alexandria e outros contos, por **Xan Guisán,** Brais Pinto, colecc. *Cuadernos da Gadaña,* núm. 4, Madrid, 1980. Capa de **Virgil Finlay,** contra-capa de **Restif de la Bretonne,** ilustracions de **Pilar Bandrés.** Prólogo de **Nacho Taibo.**

Inclue *O pallaso parado* e *Carta zoolóxica a Ermelinda,* 1.° prémio no XI Concurso de Con-

o galego HOXE

equipo de lingua
da agrupacion cultural "o facho"

Capa que ía levar (e non levou) O galego hoxe, por Siro.

tos Infantis O FACHO (1978) e 3.° no XII Concurso (1979) respectivamente.

Ronseles, por **Pura** e **Dora Vázquez,** Imp. La Región, Ourense, 1980.

Inclue *D. Rato busca un obreiro,* da segunda, mencion no I Concurso de Teatro Infantil O FACHO (1973), logo tamén incluida na *Antoloxia do teatro galego,* de **Pillado** e **Lourenzo** (1982).

1981

Traxicomédia do vento de Tebas namorado dunha forca e *Todos os fillos de Galaad,* por **Manuel Lourenzo,** O Castro, Sada, 1981. Capa de **Xosé Díaz.**

A segunda obra fora prémio no IV Concurso de Teatro Infantil O FACHO (1979).

Reiciñeira, por **Eliseo Alonso,** O Castro, Sada, 1981. Capa de **Xosé Díaz** e ilustracions de **X. Vilasantar.** Limiar de **Alicia M.ª Alonso Rivas.**

Inclue oito contos para nenos, entre eles: *O pomar de Amorin,* mención honorífica no noso VI Concurso de Contos, e *Tulitates,* que, co nome de *O cabaliño que fuxira do curro,* foi 2.° prémio no VIII Concurso de Contos (1973 e 1975, respectivamente).

Teatro para nenos. Prémios de teatro infantil O Facho, VV.AA., Ed. do Castro, Sada, 1981. Capa de **Karawane.**

Comprende duas pezas: *A benfadada história de Coitado Bamboliñas,* de **Xúlio González Lorenzo** e *Viva Lanzarote,* de **Manuel Lourenzo,** prémios no III e V Concursos de Teatro Infantil O FACHO (1977 e 1981, respectivamente).

O Rei Bandullán, por **Ana M.ª Fernández,** *Cuadernos da Escola Dramática Galega,* núm. 17, A Coruña, Maio, 1981. Capa de **Carmela Correa.**

É obra mencionada no III Concurso de Teatro Infantil O FACHO (1977). (Ver seguinte ficha).

Contos degrañados, por **Xoán Babarro** e **Ana M.ª Fernández,** Casals, Barcelona, 1981. Ilustracions de **Espiño, Maria Rius** e **Montse Ginesta.**

Libro destinado ao ensino, inclue catro obriñas procedentes dos nosos concursos, segundo detalle:

1. *O profesor das estrelas,* de Fernández, mención no I Concurso de Teatro (1973).
2. *Zoca Zoqueira,* de Babarro, prémio no VII Concurso de Contos (1974).
3. *O conto das miñas pitas,* de Fernández, mencion no VIII Concurso de Contos (1975), e
4. *O Rei Bandullán,* de Fernández, mencion no III Concurso de Teatro (1977).

1982

Boliche, por **Siro,** ed. do autor, Pontedeume, 1982. Ilustrado por el mesmo.

É o conto que dito ano obtivo o 2.° prémio no XV Concurso Nacional de Contos Infantis O FACHO.

1984

(Folleto sen título, confeccionado pola Agrupacion a ciclostilo, en Febreiro de 1984, con capa amarela).

Comprende seis poemas de **Julio J. Casal,** en edicion bilingüe castellano/galega, traducidos por **Xosé Devesa.**

Contos dos nenos galegos, Impta. La Voz de Galicia, A Coruña, 1984. VV.AA. Ilustrado por doce nenos dos colexios *Unión Mugardesa* de Mugardos e *O Ramo* de Barallobre (Fene), correspondendo á aluna do primeiro destes centros, **M.ª Celeste Barcia Bujones,** o deseño da capa.

Comprende os 56 contos de nenos premiados (excepcion das mencions honoríficas) en anos sucesivos nos Concursos de Contos Infantis O FACHO I (1968) a XVI (1983). A edicion, comemorativa do noso 20.° aniversário, foi patrocinada por Caixa Galicia, que a distribuiu masivamente entre centros de ensino e xuvenis.

Revista monográfica de cultura, núm. 1, Armando Cotarelo Valledor. Dia das Letras, Ed. do Castro/Moret, Sada, 1984 (Xuño). Capa: **Maside,** e ilustracions deste, de **Fernando Cortés** e de **Xan González.**

Comprende traballos de **R. Martínez, X. R. Barreiro Fernández, R. Carballo Calero, Xoán M. Carreira** e **A. Herrero Figueroa,** asi como unha antoloxia de textos de Cotarelo, entre eles a obra dramática *Hóstia.*

O consello de redaccion forman-no o directivo **M. A. Fernán-Vello** e os asociados **Roxélio Martínez Jiménez** e **F. Pillado Mayor.**

I.º ciclo de Poesia «Edral», VV.AA., A Coruña, 1984.

Folleto a ciclostilo feito por este colectivo xuvenil do FACHO, onde se recollen, con poema introdutório de **M. A. Fernán-Vello,** producions dos 14 poetas participantes no ciclo citado, celebrado entre Xuño e Setembro dese ano, e que foron: **Braxe, V. Sampedro, Ana António, Canitrot, Rabunhal, Imma, Samuel, Xurxo Souto, Béjar, Ch. Pita, X. C. Pereira, A. Montes, Romaní** e **Rivadulla.**

O Premexentes non pode cos paxaros rebezos (ou memorias dun escribano), por **Maria Campo Domínguez (Marica),** *Cuadernos da Escola Dramática Galega,* núm. 48, A Coruña, Outubro de 1984. Capa de **X. Vizoso.**

É obra mencionada, o ano anterior, no VI Concurso Nacional de Teatro Infantil O FACHO.

1986

Revista monográfica de cultura núm. 2, De Castelao a Bóveda, por **Xosé-M.ª Monterroso Devesa,** Do Castro/Moret, Sada, 1986 (Xaneiro). Capa: **Maside** e **Castelao,** ilustracions deste, de **Cebreiro,** de **Xosé Escudero** e de **F. Sesto Novás.**

Comprende, amais, unha recopilacion, baixo o título de *Os poetas da Pátria cantam a Bóveda,* e constitue a adesion do FACHO ao cincuentenário do fusilamento deste e ao centenário do nacimento de Castelao, a cuxa data, 30 de Xaneiro, se refere o colofon.

1987

A fraga encantada, por **Xosé Vázquez Pintor,** ed. do autor/Xunta de Galicia, Cangas, 1987. Capa e ilustracions de **Pablo Avilés, Sergio Calo, Noa Frias** e **Cibrán Rios.**

Obra mencionada en 1981 no V Concurso Nacional de Teatro Infantil O FACHO.

O demo presumido, por **Xesus Pisón,** Galaxia, Vigo, 1987. Capa e ilustracions de **Fernando Sampil.**

É o conto que levou o prémio no XVII Concurso Nacional de Contos Infantis O FACHO (1984).

Un dia na vida de Vladimiro e o seu can Trotsky, por **Xosé Luís** e **Carlos P. Martínez Pereiro,** Sotelo Blanco, Barcelona, 1987. Capa de **Alfonso Costa.**

É obra mencionada no III Concurso de Teatro Infantil O FACHO (1977).

1988

Lendas que poderian ser, por **Fina Rouco,** Casals, Barcelona, 1988. Capa e ilustracions de **Anna Vivarés** e **Teresa Seguí.**

Inclue a *Lenda do Faro,* prémio do XV Concurso Nacional de Contos Infantis O FACHO (1982).

Muiñeiro de brétemas, por **Manuel Maria,** 2.ª ed., O Castro/Moret, Sada, 1988. Capa de **Mario López Rico,** ilustracions do mesmo e de **Rafael Alonso** (esta, da 1.ª edicion).

É unha re-edicion (do seu primeiro libro, de 1950) en homenaxe ao poeta, feita conxuntamente polas AA.CC. *O FACHO* e *Alexandre Bóveda* (da Coruña), *Francisco Lanza* (de Ribadeu) e *(Castelao)* (de Monforte de Lemos) e o resto das encadradas na *Federacion de AA.CC. Galegas.*

¡Grande invento para sair do aburrimento!, por **Ana M.ª Fernández** e **Xoán Babarro,** Sotelo Blanco, Barcelona, 1988; capa de **Alfonso Costa.**

É o prémio do VI Concurso Nacional de Teatro Infantil O FACHO (1983).

O rei de nada e outros contos, por **Sabela Álvarez,** Xerais, Vigo, 1988. Capa e ilustracions de **Dánae Barral.**

Inclue *O rei de nada*, 1.° prémio e *A cova da serpe*, 2.° prémio respectivamente no XII (1979) e no XIII (1980) Concursos de Contos Infantis O FACHO.

1989

O cataventos, por **M.ª Victoria Moreno Márquez,** Sotelo Blanco, Barcelona, 1989. Capa e ilustracions de **Carme Peris.**

Dez anos despois do colectivo *Contos pra nenos*, sai individualmente este conto que lle valera à autora o 1.° prémio no VIII Concurso de Contos Infantis O FACHO (1975).

1990

Concurso Nacional de Poesía O Facho (1978-1989), Do Castro/Moret, 1990. Capa de **X. Vizoso.**

Comprende os 38 poemas (premiados e mencionados) do Concurso e período citados e trata-se dunha edicion comemorativa do 25.° aniversário da Agrupacion.

1980/83

Boletin *Arco da Vella*.

No seu número 0 explicita-se que este é un «boletín feito de cara aos asociados e aos non asociados» por máis que nacera como un substitutivo das circulares que, periodicamente, se viñan remetendo a aqueles, e tamén como sucedáneo das recentemente desaparecidas *Da Terra e dos Tempos* (audicion quincenal en Radio Nacional de España) e a homónima *Arco da Vella*, folla semanal de El Ideal Gallego, confeccionadas ambas pola nosa Agrupación; e, máis atrás, do Boletin cuxo único número se tirou en 1969 e, antes ainda, dos catro boletins a ciclostilo que se enviaron aos sócios durante 1965 e houberon de suspender-se por proibicion gubernativa.

Os tres primeiros números saen a ciclostilo e os tres seguintes, do prelo do párroco de Barallobre (Fene), todos baixo a coordenacion do asociado **Francisco A. Vidal,** segundo se detalla:

Números	Datas	Formato
0	Xullo 1980	20,8×30,7
1	Marzo 1981	
2	Xuño 1981	
3	Marzo 1982	18×24,5
4	Outono 1982	
*5	Primavera 1983	

* Repite-se, por error, a numeracion 4.

1964/1990

Relación à parte merece a edicion doutros impresos (saudacions de Nadal, carteis, autoadesivos, dípticos —fora os programas de actos, que suman máis de 70 e as bases dos concursos e outros—) e a emision de pezas de cerámica comemorativas que, na sua maioria, se detallan a seguir:

1964. No Dia de Galiza, tarxeta coa efíxie de Sant Iago, por **Villar Chao** (anverso) e a Oracion a Noso Señor Santiago, de **Cuevillas** (reverso).

1964. Nadal. Tarxeta-díptico con deseño de **Villar Chao** e vilancico do século XVII.

1965. Nadal. Tarxeta-díptico con deseño e texto de **A. Gallego Vila.**

1966. Nadal. Tarxeta-díptico con deseño de **Villar Chao** e poema do **Arcebispo Lago,** a quen se lle dedicara ese ano un ciclo de conferéncias.

1967. Nadal. Tarxeta-díptico con deseño de **Villar Chao** e poema de **Celso Emílio Ferreiro.**

1968. Nadal. Tarxeta-díptico reproducindo a capa, de **Díaz Pardo,** do noso libro *Declaracion Universal dos Dereitos do Home* e textos relativos a este direitos.

1969. Nadal. Tarxeta-díptico con deseño de **Creo** e poema de **Cabanillas.**

1970. Nadal. Tarxeta-díptico comemorativa do cincuentenário da revista *Nós*, con deseños e texto de **Castelao.**

1971. Nadal. Tarxeta-díptico con deseño de **Díaz Pardo** e poema de **Rosalia Castro.**

1972. Nadal. Tarxeta-díptico comemorativa do II centenário do pasamento do **Padre Sarmiento,** coa sua efíxie e breve biografia.

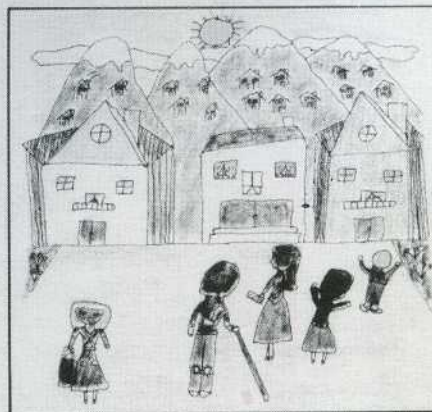
TEATRO
para nenos

Xulio Glez. Lorenzo
A BENFADADA HISTORIA
DE COITADO BAMBOLIÑAS

Manuel Lourenzo
VIVA LANZAROTE

Prémios de teatro infantil O Facho

EDICIÓS DO CASTRO

Contos dos nenos
galegos

PREMIADOS NOS CONCURSOS NACIONAIS
DE CONTOS INFANTIS CONVOCADOS POLA
AGRUPACIÓN CULTURAL **O FACHO**
1968 - 1983
CO PATROCÍNIO DA
CAIXA DE AFORROS DE GALICIA

1973. Nadal. Tarxeta-díptico comemorativa do 50.° cabodano de **Murguia,** co seu retrato por **Castro Couso** e unha curta biografia.

1974. Nadal. Tarxeta-díptico comemorativa do 25.° cabodano de **Castelao,** cunha sua caricatura por **Maside** e un suxerente texto alusivo; tarxeta coa que se prepara a série de actos dedicados ao Guieiro nos dous meses imediatos.

1975. Nadal. Tarxeta-díptico con ligno-gravado de **Luís Seoane** e poema de **Cabanillas,** no alborecer do ano a el dedicado, centenário do seu nacimento.

1976. Maio. Cartel (dous tamaños) dedicado a **Cabanillas,** coa sua caricatura por **Siro.**

Agosto. Cartel e díptico dedicados aos cuarenta anos da execucion de **Alexandre Bóveda,** ambos co seu retrato por **Maside** e o díptico coa sua evocación gráfica por **Castelao** *(A derradeira lección do mestre),* o poema que lle dedicara **Celso Emílio Ferreiro** e un texto alusivo ao seu significado.

Nadal. Tarxeta-díptico dedicada a **Antón Vilar Ponte,** no comezo do ano a el asignado, coa sua caricatura por **Maside** e un seu texto político.

1977. Maio. Carteis dedicados, no seu ano, a **Antón Vilar Ponte** e às *Irmandades da Fala* (ambos deseñados por **Siro**) e en colaboracion con Escola Aberta.

Cartel de cego (dous tamaños) deseñado por **Díaz Pardo,** anunciando a representacion polo Grupo de Teatro O FACHO da obra *Paco Pixiñas e a nave espacial.*

Pratiño de Cerámicas do Castro co deseño do cego violinista, tirado do cartel anterior, coa lenda: *Grupo de Teatro O FACHO, Galicia 1977, Paco Pixiñas.*

Nadal. Tarxeta-díptico co mesmo deseño do cego e texto extraído da obra de referéncia.

1979. Nadal. Tarxeta-díptico con motivo plástico de **Luís Seoane** (Muller pensativa, 1953) e poema de **Celso Emílio Ferreiro,** como homenaxe aos dous, ao finar o ano do seu pasamento.

1981. Fin de ano. Calendário de bolso para 1982, coa letra do hino e a relacion de algunhas efemérides galegas con vocacion de permanéncia (30 Xaneiro, 10 Marzo, 26 Abril, 17 Maio, 18 Maio, 28 Xuño, 25 Xullo, 17 Agosto, 12 Outubro —Dia do Emigrante—).

1982. Cartel (dous: un sobre fondo vermello, outro sobre azul-mariño) co símbolo do FACHO, de **Reimundo Patiño,** recriado nunha composicion en espiral por **César Menéndez,** destinado a unha campaña pró novos sócios, co lema *Asociar-se ao FACHO é apoiar a nosa cultura.*

Fin de ano. Calendário de bolso para 1983 co mesmo motivo (en vermello) do cartel anterior e a referéncia ao noso 20.° aniversário.

1983. Peza circular de cerámica, tipo medallon, realizada por **Santiago Ramón González López,** con motivo espiral en relevo, comemorativa do 20.° aniversário da Agrupacion.

Outra série de duas pezas de barro, representando senllas figuras do entroido, foi feita para a ocasion polo mesmo ceramista.

1984. 4 tarxetas postais, en branco e negro, con fotografias artísticas sobre a galeria coruñesa, procedentes da *I Exposicion Monográfica de Fotografia «Edral»* (Decembro, 1983), duas de **Vari Caramés** e as duas restantes de **Chus Garcia** e **Moncho Rama.**

1984? Auto-adesivo co lema *Edral - O Facho - Non á desgalerizacion,* e deseño de **Felipe Senén.**

1985. Cartel-programa do ciclo dedicado ao poeta portugués **Fernando Pessoa,** no seu 50.° cabodano, da autoria de **Arximiro** e motivo de **Almada Negreiros.**

1988. Pratinho de Sargadelos reproducindo o símbolo de **Reimundo Patiño,** comemorativo do 25.° aniversário do FACHO.

Auto-adesivo editado por idéntica circunstáncia, para incorporar aos carteis de 1982, realizado por **Arximiro** coa estrofa de **Celso Emílio Ferreiro:** *Ergueremos a espranza/ sobre esta terra escura/ como quen ergue un FACHO/ nunha noite sen lua,* e como lembranza do poeta celanovés ao se iniciar o 10.° aniversário do seu pasamento e ano de dedicacion do Dias das Letras.

1989. Díptico a **Maria Pita,** no cuarto centenário da falida invasion inglesa, con gravura de **Luís Seoane** e o poema de **Lorenzo**

Varela (como homenaxe aos dous no seu 10.° cabodano, en 1979 e 1978, respectivamente) e máis un plano da Coruña do século XVI cunha referéncia ao nomenclátor histórico e galego da Cidade Vella, de novo reivindicado por nós.

1990. Cartel (producido por Caixa Galicia) sobre deseño de **Felipe Senén,** anunciando a representacion das obras *Xan Barallocas* e *Anxélica nas portas do ceu,* polo Grupo de Teatro O FACHO.

E

A nosa opinion nos meios

O eco do noso labor nos mesmos

A CALADA PACENCIA DOS SEMENTADORES

O despertar masivo da concencia galega abre camiños insospeitados. Por aquí e por acolá un clamor de xustísimo reconocemento crece de día en día a través de todos os medios de expresión, facéndolle descubrir á xente os hourizontes da sua persoalidade tan postrada e macilenta.

¡A pacencia dos sementadores! Velahí a clave deste fermoso alborear.

Pero ¿onde están os pacentes sementadores de anos e anos de oscuridade? ¿Onde están os homes que con fe lúcida e insobornable foron tecendo fíos de todos os colores nas épocas do máis anodino daltonismo?

Hoxe chegóu ás miñas mans a memoria de «O Facho», destes derradeiros seis anos, e, do mesmo xeito que xa me apabullara a memoria anterior tamén este reconto de traballos sin número e de infindas pacencias veume repetoutear no peito como pode facelo no de todo galego que sinta a emoción da sua terra.

Calquer atento lector da prensa diaria saberá xa abondo do teimoso tecer, firme, calmo e sin desmaios, desta exemplar labarada de luz galega que é «O Facho». ¿A cántas xentes non chegóu? A través dos cursos de galego, ciclos de conferencias, mesas redondas, recitáis, teatro, enquisas, conmemoracións, todo elo espallado, tamén co seu peregrinar pola xeografía galega, ¿a cántos galegos non lle foi petar na porta? ¿Cántos nenos leen os contos dos seus concursos e cántos escritores non xurdiron coa sua chamada? ¿Cántos non son os que escoitan tamén a sua voz ao entrar nas suas casas coas ondas da radio?

Pero aínda hai máis. ¿A cántas institucións de todo tipo non axudóu «O Facho» a recobrar ou descubrir a sua dimensión galega? A sua laboura «socrática», para min posiblemente a máis importante anque non a máis notoria, por ser probablemente a máis duradeira e universal. Non se contentou con alumear por sí mesmo, e foi encendendo fornos e candiles por todas partes, facendo así boa honra ao seu nome.

X. M. R. P.
(En *La Voz de Galicia*,
3 - 4 - 77)

(A nosa opinion)

Incluimos aqui aquelas comunicacions que direita ou indireitamente foron aparecendo na imprensa, reproducindo-se mesmo algunhas parcialmente publicadas e máis outras que nen publicadas foron, caso das duas que seguen (coa segunda non hai plena seguridade sobre que non fose publicada):

1964/65

Sra. C. A.

Muy Sra. nuestra: En primer lugar explicarle que la Agrupación Cultural O FACHO no contesta a su artículo «La Españolización de Galicia» por su contenido, repleto de unos tópicos manidos que sobradamente conocíamos, sino por la difusión del periódico en que fue publicado, y por los posibles efectos que en algunas posibles personas pudiera hacer. Y decimos posibles personas porque cualquiera medianamente inteligente podría contestar a cada apartado de su meditación de una forma parecida a esta:

En el Caso de los Hermanos González, que por hablar gallego son tachados de «paletos» por una estanquera, caben preguntarse varias cosas. ¿Son paletos por hablar una lengua distinta?, ¿por hablarla mal? La estanquera dice: «¡Qué lástima! ¡Parecían tan finos! Entonces, ¿cuál es la forma fina de hablar? ¿La de la estanquera? Mucha vanidad hay en esa frase que, desgraciadamente, estuvo mucho en boca de gentes nacidas en nuestra tierra.

Además, esa palabra «paleto», ¡es tan fea!... Además... es muy reversible. Porque para nosotros, en el Caso de los Hermanos González, la paleta sería la estanquera.

Y ahora, si usted lo permite, C. A., vamos a pasar al segundo motivo de su meditación: el Caso de «os dous años e unha ovella» —los dos corderos y una oveja—. En primer lugar explicarle, o aclararle, o recordarle, que el gallego no es un dialecto sino un idioma; y para no extendernos demasiado, como última instancia, remitimos a usted a Cela y a la Academia Española de la Lengua, que le podrían aclarar.

Respecto a esos embrollos de los niños de las escuelas rurales, le recordaremos también un sabio consejo de la UNESCO, del que esperamos ya tendría usted noticia. Para la UNESCO el mejor método didáctico es la enseñanza primaria en la lengua materna. ¡Claro que a lo peor, la lengua materna de los gallegos no es el gallego, o la UNESCO está mal aconsejada!

Completando este caso, y resolviendo el tercero y cuarto, le diremos que no habría problemas del tipo que usted señala, si los maestros aprendieran el gallego en el curso de su carrera o, por lo menos, que los maestros de las escuelas rurales fueran gallegos. En estos dos Casos que usted expone destaca esa manía de echar las culpas a los demás.

En el caso quinto de la meditación se podría replicar que nada tiene de particular que el niño con quien usted quiso conversar en gallego, le respondiera en castellano. También los niños tienen cierta experiencia y suspicacia.

Refiriéndonos a esos leoneses, le contaremos un caso acontecido en este curso en un Colegio Mayor compostelano. Exactamente un grupo de leoneses universitarios comenzó a meterse con sus compañeros gallegos porque «ni sabían, ni hablaban el gallego». En respuesta, los estudiantes gallegos comenzaron a utilizar su lengua vernácula siempre que podían.

En cuanto a esos artistas de la caricatura fácil, artistas sin arte, que siempre pululan demasiado, nosotros también nos reimos. Nos reimos porque ningún gallego que quiera hablar en su forma de expresión usual dice «ajua», en todo caso diría «auga».

DEDUCCION

Nosotros nos preguntamos si ese artículo suyo, C. A., no sería el ideal para el hombre gallego definido por Ortega y Gasset en «España Invertebrada». Nos preguntamos si usted no cae en su artículo en el pecado que Ortega nos plantifica a todos los gallegos.

Nos parece que lo que verdaderamente se impone es EUROPEIZAR Galicia. Eso simplemente. Y, en Europa, lo que se lleva es hablar cada uno su propio idioma y aparte, los más posibles de los países vecinos. Respetándose unos a otros es la forma de unirse. Observe que los Países Nórdicos, sinceramente, no tienen una cultura y una estructura social demasiado atrasados, más bien nos parece que están en el otro extremo. Con lo cual no vemos el nexo entre el atraso social y el uso de la lengua vernácula.

Usted parece que se sentiría inferior si hablase en lengua gallega, cree que es un ridículo escarnio para la raza. Usted dice amar a Galicia, pero pide la desaparición de una de las prerrogativas vivas que le quedan. ¿Qué ama usted de Galicia? ¿Unos pinos, unos prados, unas calles?... Creemos fuertemente que Galicia es más que todo eso. Como creemos que es algo más que una cocina barroca, los pinos verdes, o el arado romano arando el campo...

Todos los miembros de la Agrupación Cultural O FACHO, y muchos jóvenes más de toda Galicia estamos decididos a luchar por el pleno desarrollo de esta tierra nuestra. Nos desagradaría no hablar nuestra lengua materna. Por eso luchamos y tenemos interés en aprenderla. Esta carta podría escribirse en gallego, sin embargo hemos creído mejor hacerlo en castellano.

Finalmente, usted pide «españolizar Galicia». ¿De qué forma? ¿Catalana, castellana, vasca, andaluza?... ¿O gallega? ¿No estamos en que España es bonita por su enorme variedad? De todas formas, a nosotros nos parece que hay muchas cosas importantes por Europa adelante que nos convendría importar.

Atentamente le saluda,

La Agrupación Cultural O FACHO

La Coruña, 15 de Junio de 1964

La Coruña, Julio de 1965

CARTA ABIERTA A
C. A.

Muy Sra. nuestra:

La Agrupación Cultural «O Facho», a raíz de su artículo publicado el 14 de Junio de 1964, escribió a usted una carta

que, no sabemos por qué motivo, no publicó «La Voz de Galicia». En ella exponíamos algunos argumentos en contra de su artículo. Cuando ya creíamos finalizado el asunto, nos vimos sorprendidos, y la verdad que no muy gratamente, con un nuevo artículo, el 10 del corriente mes; en él aparte de insistir en los supuestos fundamentales del artículo del pasado año, califica usted de «mentalidades con una apreciación escasa» a quienes respondimos manifestando nuestra disconformidad. Al menos no se hace una exclusión de la Agrupación Cultural «O Facho» de entre esas personas que quieren, según usted, mantener por TRADICION un estado de cosas verdaderamente penoso.

Pero si nos duele el ser así tratados, más nos duele el que, cuando queramos contestar, no hallemos la posibilidad de dar a conocer nuestro parecer, ya que por lo visto ni nuestras opiniones ni nuestros argumentos tienen igualdad de oportunidades con los de usted. Y no nos parece muy leal atacar a quien no puede defenderse.

Respecto al artículo aparecido el 10 del actual, creemos que es de fácil contestación. El caso del maestro de Arzúa nos parece elocuentísimo. Lo que ocurre es que usted saca de él unas conclusiones y nosotros otras: usted parece creer que es mejor cambiar a los niños, y nosotros creemos lo mejor cambiar los libros. Pero no queremos cansarla con nuestras «divagaciones» y recurriremos al «criterio de autoridad», que en este caso es Antonio M. Badia i Margarit, catedrático de la Facultad de Filosofía y Letras de Barcelona.

En su libro «LLENGUA I CULTURA ALS PAISOS CATALANS» publicado por Edicions 62, Barcelona 1964, Badia trata de diversas cuestiones de la lengua catalana, entre ellas el bilingüismo en la escuela. No creemos incompatible el comprender los problemas de Cataluña, e incluso su lengua, con la españolización. Al menos para nosotros no lo es. Pues bien, aunque Badia i Margarit habla del problema concretándolo a Cataluña, casi todas las observaciones se pueden aplicar a Galicia, sustituyendo sólo «Cataluña» por «Galicia», o «catalán» por «gallego».

Distingue en primer lugar los tipos de bilingüismo y apunta después sus peligros: cómo tanto la lengua catalana como la castellana quedan afectadas y cómo, según una encuesta realizada por personas técnicas en el campo de la Primera Enseñanza, los niños que tienen por expresión corriente la lengua catalana, al encontrarse con la escuela en castellano, asimilan mucho menos de la realidad exterior que aquellos niños en los que es espontánea la lengua castellana. Y se pregunta: «¿Habremos de dar la razón a los padres que piensan, de buena fe, que hacen un buen servicio si les hablan en castellano? ¿Habremos de luchar contra el bilingüismo, cosa que en nuestro país quiere decir que el castellano, más que lengua oficial, tienda a llegar a ser la lengua «natural» del país? No lo creemos así. Y no aduciremos razones teóricas ni políticas (derechos de las minorías étnicas y culturales, etc.). Nos limitaremos a razones lingüísticas». Seguidamente Badia i Margarit examina esas razones y propone una fórmula de bilingüismo en la escuela según la cual el parvulario debe ser hecho en lengua materna, y sólo a partir de los 9 ó 10 años comenzará una introducción muy calculada de la lengua oficial, para continuar, ya consolidada esta última, a los once o doce años, la normal enseñanza en la lengua que se prefiera; y dice: «Por otra parte la fórmula es sencillísima, no ignoramos que escandaliza a alguno, pero tenemos que decir que hemos llegado a ella de una manera objetiva y que muchos con los mismos datos obtuvieron una conclusión mucho más radical». Según él eso es, más o menos, lo que se hace en Suiza, en donde el parvulario se hace en «SCHWYZERTÜSTCH» o alemán de Suiza, y cuenta cómo hablando con colegas suizos, éstos afirman que sería imposible hacerlo en «HOCHDEUSTCH» o alemán común, pues ello ocasionaría un gravísimo retraso en la formación intelectual del niño.

Sigue Badia examinando algunas ventajas que la aplicación de esa fórmula de bilingüismo reportaría, como son: 1.ª La normal formación humana; 2.ª La adquisición de un castellano correcto, y 3.ª La facilidad que, al distinguir claramente dos sistemas lingüísticos distintos, tendrían los niños para el aprendizaje de otras lenguas. Y concluye su trabajo sobre el bilingüismo diciendo: «Llevado con lógica y comprensión el bilingüismo ha de servir para fortalecer los conceptos básicos, para conocer a fondo la lengua oficial a través de la lengua materna propia, para adquirir una agilidad mental notable en todos los terrenos, y para facilitar muchísimo la asimilación de nuevas lenguas. Haremos muy bien, pues, primeramente en no renunciar a un bien que la historia, la familia, y la cultura ponen en nuestras manos, y después, en luchar para sacar de este bien irrenunciable todas las ventajas culturales que las orientaciones científicas más solventes nos ofrecen».

Nosotros también amamos a Galicia, C. A., nos preocupamos por sus problemas y tratamos de aportar soluciones. Pero no queremos encerrarnos en nosotros mismos. No somos infalibles, y en esta hora en que el mundo se abre al diálogo, nosotros quisiéramos también dialogar con todos acerca de nuestros problemas. Por ello la invitamos a usted y a todos los que se preocupan por este problema, a celebrar un coloquio, en el que, dialogando y esforzándonos por oírnos objetivamente unos a otros, tratemos de hallar la solución de esas cuestiones que usted apuntaba desde «La Voz de Galicia».

No queremos mantener ese penoso aprendizaje en nombre de una «TRADICION» que no creemos que nadie medianamente inteligente o medianamente honrado, invoque.

Como ve nuestra posición es abierta y de diálogo, esperamos que la suya también lo sea.

Atentamente la saludamos,

La Agrupación Cultural O FACHO

1965

Caberia citar aqui os programas radiofónicos do 25 de Xullo aos que se fai referéncia no capítulo C.

1965/66

Cabe citar neste capítulo as saídas na rádio do Grupo de Teatro, unha cara Novembro de 1965, e duas en 1966 (8-1 e 25-7), a primeira e a terceira por Rádio Coruña, a segunda por Radio Nacional de España.

Tamén non parece ter sido publicada a seguinte carta:

A la vista del artículo «Sobre el idioma gallego en la Liturgia», aparecido el día 7 del mes en curso en el diario «El Ideal Gallego», la Agrupación Cultural «O Facho» se cree en el derecho y en el deber de hacer una serie de acotaciones a los términos en él vertidos. Adelantamos que no nos guía afán polémico alguno, sino solamente el deseo de exponer a la consideración de los lectores algunas de las opiniones formuladas en los útimos tiempos por voces muy autorizadas de la Iglesia y que son totalmente contradictorias a las formuladas por el articulista. No dudamos, puesto que él lo dice, que en esa Carta Circular que motivó su artículo, carta que desconocemos, se viertan contra la Iglesia «injustas y gravísimas inculpaciones», cosa que lamentamos profundamente. Tampoco creemos «que sea la Iglesia la sola y gran responsable de la postración y decadencia en que se halla el idioma gallego». Y aunque es cierto que su postración es evidente (no se enseña en las escuelas, los medios de difusión lo tienen proscrito, la Iglesia en Galicia usa exclusivamente el castellano en el altar y en el púlpito, etc.) su decadencia no lo es tanto, pues su cultivo en los medios intelectuales y universitarios es de todos sabido que en los últimos tiempos creció de forma notable. También estamos de acuerdo en que el número de clérigos fervientes cultivadores del idioma gallego es grande y desinteresado su trabajo. Podemos recordar aquí al Arzobispo Lago González, gran defensor de la lengua gallega en sus escritos y discurso de ingreso en la Real Academia Gallega. Hecho este preámbulo, pasamos a concretar los puntos del artículo que los escritos y declaraciones de voces notables de la Iglesia contradicen totalmente.

1. La Iglesia ha de actuar y actúa sobre realidades vivientes y concretas, debiendo atenerse a la realidad parlante de la región, que según el articulista aquí en Galicia es esta: el habitante de Galicia habla castellano o gallego según le parece o le conviene. Incluso afirma que con predominio para el castellano. Que su realidad parlante es el bilingüismo y que sus hijos hablan y escriben el castellano con la misma perfección y elegancia que si fueran naturales de Castilla.

Las autorizadas voces de los jóvenes canónigos de la Colegiata coruñesa D. José Morente y D. Manuel Espiña, nos dijeron hace poco en unos artículos publicados en «La Voz de Galicia» (26 y 30 de Abril de 1966) y «El Ideal Gallego» (fechas similares) bajo el título genérico de «Los Evangelios en gallego»:

«Concretándonos a Galicia, hay que destacar un hecho sociológico muy significativo. La población rural representa el 75 por 100 de la total siendo la lengua habitual y exclusiva el gallego. El castellano, del cual entiende únicamente las expresiones utilitarias (aunque alguien piense lo contrario), lo emplea con dificultad como quien camina con muletas y sin conciencia exacta de su significado, sólo cuando tiene que acercarse a los representantes del poder o a «gentes ajenas a su mundo». Pasando a la población urbana que representa el 25 por 100, hemos de señalar tres sectores: el laboral, el profesional y el intelectual. El sector laboral, hoy tan crecido, también tiene el gallego como idioma habitual, aunque entiende y habla más fácilmente el castellano. Para convencerse de esto, basta como ejemplo escuchar las conversaciones en los medios de transporte que cruzan una ciudad tan cultivada como La Coruña».

Refiriéndonos al sector profesional: si no habla habitualmente el gallego, cierto que lo entiende y que lo emplea con la clientela pertinente. Y por último el sector intelectual es preciso reconocer que valora y usa cada vez más no sólo el gallego culto o literario, sino también el gallego como lengua coloquial.

Estamos conformes con el articulista en que Galicia es un país bilingüe puesto que el castellano también es una lengua de Galicia, aunque desde luego no es nuestra lengua vernácula. Es una lengua lo suficientemente extendida y arraigada (no tanto como él dice, si nos atenemos a los datos de los señores Espiña y Morente) como para tenerla muy en cuenta y no ser exclusivistas. Por eso, porque somos bilingües, conviene recordar aquí lo que la UNESCO (Organización de las Naciones Unidas para la Educación, la Ciencia y la Cultura), organismo al cual pertenece España, afirmó en el año 1951 en una reunión mundial de especialistas en París:

«En los países donde hay una lengua vernácula diferente de la oficial, en ella debe darse la enseñanza primaria porque el niño aprende más rápidamente empleando esa lengua que mediante otra con la que no está familiarizado».

2. Al usar preferentemente (nosotros diríamos exclusivamente, mientras no se demuestre lo contrario) el castellano, en el altar y en el púlpito, la Iglesia sigue una sapientísima norma apostólica, sin agravio de nadie. En las ciudades y villas porque el gallego ha caído casi en desuso. Y en las aldeas, porque todos entienden el castellano y muchas veces lo hablan, y porque la lengua vernácula vive en ellas dividida y atomizada... lo que llevaría a la multiplicación de los textos gallegos hasta el infinito, etc.

Extraemos de unas declaraciones aparecidas en «Faro de Vigo» el 11 de octubre de 1964 bajo el título «La liturgia y el idioma galleg», hechas por la autorizada voz del ilustre canónigo compostelano D. Jesús Precedo Lafuente:

«Y vayamos ahora con el gallego y la liturgia. Como sacerdote, deseo que la mente del Concilio y las ideas de los pontífices de la Iglesia se lleven a la práctica. Pienso que en muchas ocasiones el idioma gallego es un buen instrumento de apostolado.

Juzgo que sería muy conveniente predicar en gallego en la mayoría de las parroquias rurales de Galicia siempre que el sacerdote se cuidara de no caer en una fácil chabacanería. En los mismos lugares podría explicarse al pueblo la misa, leer las partes variables y el ordinario en idioma gallego.

En Galicia tenemos dos variantes del idioma: el vulgar y el que llamaríamos literario. Tal división, como aparece a todas luces, no es exclusiva de nuestro país. El vulgar, a pesar de las múltipes variantes fonéticas y los modismos peculiares de cada comarca conserva su unidad, y dos gallegos procedentes de polos opuestos de la región se entienden perfectamente cuando se encuentran».

Unos meses más tarde en un artículo publicado en «El Ideal Gallego» (28 de Julio) titulado «El gallego en la Liturgia», cuyo autor es el canónigo D. José Morente, y refiriéndose a los que son partidarios de la inclusión de la lengua gallega en la Liturgia y en la Pastoral escribe lo siguiente:

«Primeramente desean que reparemos en las disposiciones emanadas de la Jerarquía Católica al querer aplicar la Constitución Circular sobre la Sagrada Liturgia. Efectivamente, el Episcopado español aplicando a España lo prescrito en el artículo 40 d) de la Instrucción de la Sagrada Congregación de Ritos, que dice: «En las naciones donde se hablen distintas lenguas se harán traducciones (de los textos litúrgicos) a cada una de ellas y se someterán al examen especial de los obispos interesados», comunica en sus «Normas

para la utilización de las lenguas vernáculas en la misa y sacramentos», lo siguiente: «Por lo que se refiere a las otras lenguas vernáculas habladas en nuestra patria, las traducciones han sido confiadas a los obispos de las regiones interesadas, según lo dispuesto en el artículo 40 d) de la Instrucción de la Sagrada Congregación de Ritos».

«No cabe duda que Galicia, dentro de España, es una de las regiones que cuenta con lengua vernácula, distinta de la castellana, y que por lo tanto tiene derecho a utilizarla en la Liturgia».

Más adelante prosigue:

«¿Acaso es un óbice para la fijación de unos textos sagrados únicos, las múltiples diferencias de expresión, según las comarcas regionales?

La respuesta debe ser negativa, pues tales diferencias no son tan profundas como para constituir verdaderos grupos dialectales. Se reducen con frecuencia a supresión, aumento o cambio de alguna letra conservando un conjunto morfológico y fonético casi idéntico. En los demás casos será cuestión de seleccionar entre los muchos sinónimos, el vocablo más usual en toda Galicia».

El joven sacerdote D. Andrés Torres Queiruga, en un artículo publicado en el n.º 9 de la revista GRIAL (Revista Galega de Cultura), titulado «Nota para unha Teoloxía do galeguismo», artículo con licencia eclesiástica, dice esto:

«Cantar as loubanzas de Deus é algo ó que a Escritura invita a todalas criaturas: a neve i o fogo, a pedra, o páxaro i hasta o cetáceo. Negarlle tal dereito a unha criatura de tan grande i entranábel entidade coma o galego, na que tantos recibimos o don maravilloso da fala, aprendimos a amar ós pais i a Deus, espresamos as nosas ledicias i os nosos temores ou participamos do dos demáis, no que, en fin, se trasfunde e do que se alimenta canto hai de máis íntimo e de máis sublime nos corazós de varios millós de seres, seria unha cousa —e perdóneseme a dureza da verba— sinxelamente monstruosa. Seria —visto pola outra faciana— intentar privar a Deus de unha voz, de un tono no coro unánime das suas loubanzas, impedir o acceso ó ameto do seu amor deses finos e peculiarísimos recunchos da sensibilidade que solo o xenio da nosa língoa pode espertar axeitadamente.

Si esta tremenda verdade chega a golpearnos os ollos da ialma, ela solo abondará para desfacer tantas «dificultades práiticas» —as que o son i as que solo o parecen— como andar por ahí paralizando os ánimos de moitos».

3. La emigración tiene una gran influencia en el ocaso de los idiomas vernáculos. Galicia, país emigrante, ve decaer el idioma gallego debido en gran parte a la emigración, viene a decir el articulista.

Es de todo el mundo sabido la gran preocupación que las colectividades gallegas en la emigración sienten por el cultivo y expansión del idioma vernáculo. Innumerables pruebas nos lo demuestran. Mas he aquí una bien reciente, y precisamente referida al empleo del gallego en los actos litúrgicos dentro de la comunidad gallega de Buenos Aires, la más importante del mundo.

A petición de fieles gallegos de Buenos Aires y confirmando lo que los señores Morente y España decían en este párrafo de sus artículos sobre «Los Evangelios en gallego»: «Además la religión necesita de la cultura para poder expresarse y llegar al alma de todos los hombres. Así se explica la apostasía religiosa de tantos emigrantes nuestros al abandonar su propio ambiente; habían recibido su formación religiosa en dos lenguas (latín y castellano) que no satisfacían su espíritu y, consiguientemente, tal religiosidad no calaba hasta la intimidad de su alma, sino que tan solo se adhería a la superficie de su personalidad», el Padre Luis Villamarín, capellán de la colectividad gallega de Buenos Aires, viene celebrando con permiso del Arzobispado de aquella ciudad, una misa en lengua gallega todos los domingos desde el día 8 de mayo («La Noche», 28 de mayo). Comprobados los magníficos resultados como medio para recristianizar las gentes descristianizadas, ya se está estudiando la forma de poder celebrar varias misas en otros puntos de la misma ciudad.

Después de todo lo expuesto, la opinión de esta Agrupación es: que la lengua que impera en Galicia es el gallego, aun conviviendo con el castellano en las ciudades y villas; que el bilingüismo es una realidad innegable y que por lo tanto la enseñanza en lengua vernácula en ciertos lugares, tal como menda la UNESCO, es una necesidad ineludible; que el uso exclusivo del castellano en el altar y en el púlpito no concuerda en absoluto con lo que dice la Encíclica PACEM IN TERRIS en su apartado 90 en el capítulo referente al «Trato de las minorías», ni con lo ordenado en el Concilio Vaticano II; que la variedad expresiva del gallego no entraña dificultad alguna para el entendimiento de gallegos procedentes de polos opuestos del país y que por lo tanto el adoptar textos únicos es totalmente factible; que el que se solicite la implantación de la Liturgia en la lengua vernácula de Galicia, es no sólo un derecho que nos asiste a los gallegos sino también un deber de todo hombre bien nacido: el deber de ayudar a resolver un problema que afecta a la dignidad del hombre gallego del campo, que, hasta ahora, a la pobreza de su nacimiento une la subestimación hacia su lengua, lengua tan digna como la que más.

La Coruña, Julio de 1966

1968

Tamén parece lícito incluir neste capítulo unha comunicación à Real Academia Galega, que non à imprensa, promovida, con data 11 de Dezembro de 1968, polas Xuntas Directivas das AA.CC. Auriense, de Vigo e O FACHO, facendo-lle unha série de consideracions acerca do noso idioma e cultura na hora presente.

A Academia contesta, en Febreiro, anunciando a preparación dun epítome gramatical e resaltando o labor das AA.CC. que, segundo expresa, son merecentes da xeral gratitude dos galegos.

1970

O 22 de Febreiro dirixe-se unha outra carta à mesma Real Academia, relativa à inquietude da nosa Agrupacion, en plena celebracion dun cur-

so de idioma, entre outras cousas, pola non publicacion das normas ortográficas para o galego, que foran aprobadas, na sesion do dia 15 anterior, pola citada corporación. A Academia contesta favorabelmente.

O primeiro paso importante na nosa presenza nos meios de comunicacion deu-se, esta volta coa colaboracion da A. C. O Galo, de Compostela, en El Ideal Gallego, ao desenvolvermos ali, desde o 29 de Abril de 1969, a seccion *Do idioma galego,* nas tres modalidades e etapas que se indica:

1.ª Curso de idioma (ver capítulo de cursos).

2.ª Concurso de redaccion en galego (ver capítulo de concursos).

3.ª Inquérito sobre A língua galega e as novas xeracions, cuxas 39 respostas foron publicadas desde Abril até Outubro de 1970. O cuestionário, que constaba de 10 pontos, xiraba en torno a: postura persoal cara à língua, xuízos que lle merecia a sua problemática e as suas implicacions no ensino, na Igrexa católica, no mundo sócio-económico e nas relacions sociais, asi como o valor da língua e o que representaban as instítucions culturais galegas; cuestionário que responderon: **Ricardo Palmás Casal** (Buenos Aires), **Xesus Cambre Mariño** (S. Juan Pto. Rico), **Carlos Abraira López** (Chicago), **M.ª Teresa Barro** e **Carlos Durán** (Londres), **Ramón L. Chao** (Paris), **Isaac Alonso Estravís** (Albacete), **Xoán X. González Gómez** e **Basilio Losada Castro** (Barcelona), **Xosé F. Domínguez Martínez** (Bilbao), e na Terra, **Tereixa Fernández Sánchez, Adela Figueroa Panisse, S. García-Bodaño, Tereixa García-Sabell, Xulio Maside Medina, Aurichu Pereira Carballo, M.ª Carmo Rios Panisse, Lois Rodríguez García, Xoán X. Santamaría Conde, Antón Santamarina Fernández** e **Andrés Torres Queiruga** (Compostela); **Nemesio Barxa Álvarez, Francisco González Rodríguez, Manuel González Rodríguez, M.ª Asunción Montero Pérez** e **Mariña Sánchez García** (Ourense); **Santiago do Campo Figueiral** (A Rua-Petin); **Valentin Arias López, Xosé L. Franco Grande, Xoán López Facal** e **Camilo Nogueira Román** (Vigo); **Xosé L. Fontenla Rodríguez** (Pontevedra); **Xaime F. López Arias** e **Agustín Rodríguez Caamaño** (Lugo); e **Ramiro Cartelle Álvarez, Antón de Santiago Montero, Xosé M. Rodríguez Pampín** e **Xaquin Villar Calvo** (A Coruña).

O 4 de Xuño enviamos escritos aos decanos dos sete Coléxios de Abogados de Galiza, suxerindo-lles a discusion, no próximo *IV Congreso Nacional de la Abogacía,* a celebrar-se en León, do problema das línguas do Estado español, sendo tida en conta dita suxeréncia no decorrer do Congreso (15/21-6-70), que aprobou por unanimidade e aclamacion a utilizacion de tales línguas nas actividades xudiciais e análogas.

O 11 de Xuño remete-se aos sócios a seguinte circular coa fasquia dun cuase-manifesto, que, a maiores, é reproducida en La Voz de Galicia do dia 13:

Amigo e consocio:

Supoñémolo enterado de que, a raiz da imposición do PEDRON DE OURO 197o á escritora e xornalísta VICTORIA ARMESTO, o noso asociado Rey de Viana propuxo o facer unha suscripción tendente a deixar, de unha voz, debidamente acondicionada a casa onde vivéu e finóu Rosalía de Castro.

Recollida esa proposta polo xornal "La Voz de Galicia", comprometéuse a aportar unha cantidade semellante á do premio "Fernández Latorre", ou sexa 25.ooo pesetas, e a levar adiante a suscripción poñendo ao dispor de tal empresa toda a forza de que dispón coas súas delegacións espalladas polo país.

Tendo en conta o que pra a comunidade galega representa Rosalía, a voz máis fidel do pobo galego, a nosa Agrupación sintéuse dende o primeiro intre comprometida no que se fora a orgaizar pra conquerir os medios con que acondicionar, como se merez, a casa da Matanza. E así o pasado día 2 manifestamos públicamente nas páxinas de "La Voz de Galicia" a nosa incondicional colaboración, aportando 1.ooo pesetas e decindo que invitariamos aos 5oo asociados de "O FACHO" a participar na suscripción.

O 2 de Outubro dese ano parece inaugurar-se a xeira dos nosos comunicados aos meios, coas seguintes *Notas sobre do teatro en Galicia,* asinadas polo Grupo Teatral O FACHO:

NOTAS SOBRE DO TEATRO EN GALICIA

As propias ouservacións, dacabalo dunhas lecturas de textos teatrás, xunguidas ao importante renacemento do feito teatral en Galicia, case todo él, ou polo menos o máis importante, encadrado na liña dun «teatro independente», obrígannos a espoñer estas cativas reflexións que, pra nós, son previas a calquer intento independentista no que, dalgún xeito, quixéramos enxergarnos ainda que, polo dagora, debido ás nosas propias limitacións, cecáis non chegue nin siquer a intento.

Humildemente, pois, e por si de algo valeran si non pra nós soios pra algún máis que queira acometer o traballo que se presenta por diante, imos a suliñar os problemas máis radicás que se lle plantexan ao teatro en Galicia.

En primeiro termo distinguimos totalmente «teatro en galego» de «teatro en Galicia», por non atopar correspondencia entre tales termos, xa que as dúas coordenadas nas que se debe encadrar de orixen o feito teatral veñen marcadas: a) pola conceptuación intelectiva do feito teatral; e, b) pola dimensión socio-temporal na que se produce tal feito; a asimilación entre tales termos, si a hai, virá a posteriori.

Vexamos brevemente cada unha de tales coordenadas.

a) A conceptuación básica do teatro, a nivel intelectivo, é a de que o teatro é unha linguaxe, *ou seña, é un instrumento de comunicación.*

Tal afirmación radical lévanos a categorizar os distintos elementos que, como tal linguaxe, o compoñen. Asín, dun lado nos atopamos con que a «obra teatral» ou «guión» ou «bastidor literario» correspóndese co que no estudo do linguaxe se chama siñificado, *mentras que a «orgaización escénica», o «montaxe teatral», a «interpretación», ven sendo o soporte,* os siñificantes. *Tal como no linguaxe verbal hai un soporte de siñificantes: fonemas, morfemas, sintagmas, etc., e un siñificado do linguaxe ou fala aprehensible ao través precisamente de tales siñificantes i escrusivamente ao través déles, tamén no teatro dáse tal soporte e tal siñificado, caracterizado éste por* aquélo que se dí *e non por* aquelo como se dí.

Esta primeira categorización elemental lévanos a unha síntesis inmediata, cal é a de que a categoría que lle corresponde ao feito teatral é a da comunicación, e dentro déla haberá que se mover, refugando a falsía que encerra a proposición de reducir o teatro ao «mensaxe», que, ao fin e ao cabo, non supón máis que o manter a categoría clásica dos «transcendentás» eliminando toda posible investigación racional, e deixando o teatro nas mans dos «inspirados», dos «xenios», dos «autores». Eliminada, por falsa, tal reducción, énos permitido o colocar a idéntico nivel de investigación tanto a «commedia dell'arte» coma o ritual chamanístico adicado a refugar ou atraer as forzas emanadas do totem ou do tabú.

A reducción do mensaxe, supón o subordinar enteiramente o feito teatral ao siñificado *e, deste xeito, a comunicación asín establecida convírtese en «mitin», «discurso», «literatura» e pódese afirmar, como facía Ortega, que é mellor leer a obra teatral cada un na súa casa que véla representada. Pro tamén o exceso ou reducción contraria, a subordinación do feito teatral aos seus siñificantes, acarrea o risco de quedarse no puro «rito», convertir o teatro en verbalismo (oral ou xestual), en «relixión».*

A categoría de comunicación esixe a dualidade emisor-receptor, sendo o teatro o vehículo de comunicación; i este vehículo, como deixamos dito, compónse dos elementos siñificado-siñificantes. O emisor é o grupo ou persoa que fai teatro; o receptor é o espectador co que se intenta comunicar e ao que se lle quere comunicar algo. A comunicación teatral establécese cando o linguaxe que o teatro é resulta intelixible pra o espectador-receptor.

Polo tanto, a estensión conceptual que se produce cando se asimila «teatro en Galicia» a «teatro en lingua galega», viría a negar esa doble dimensión ínsita no concepto mesmo do teatro como linguaxe propio e reduciría os siñificantes a unha posición subordinada, debilitando a especificidade do montaxe, do xesto, da escenificación, os cales somentes terían a función de axudar ou reforzar o siñificante verbal hastra chegar a postular a equivalencia «linguaxe teatral»-«lingua oral».

b) Sendo o teatro un linguaxe, a súa praxis virá condicionada fundamentalmente polo medio socio-temporal no que se produce.

Estas notas, pois, sobre do teatro en Galicia, sin programar nada, intentan simplemente inxertar a conceptuación teatral que levamos exposta, no medio socio-temporal no que se pode producir o feito teatral adoptando un criterio finalista susceptible, desde logo, de calquer crítica e confrontación dialéctica.

Seguindo as reflexións anteriores, é válida, indiscutiblemente, a conclusión de que tanto pode ser teatro o que se aliña no chamado «realismo socialista» coma o máis corrente nos nosos escenarios, peyoratizado baixo a adxetivación de «teatro de consumo»; pro, tanto nun caso coma noutro, pra nós existe unha inversión ao suxetar o linguaxe teatral a condicionantes propios da súa praxis concreta, universalizándoa, esquencendo que tal categoría universal somentes lle pode corresponder ao concepto do teatro mais non á súa praxis. A universalización conceptual, pola contra, ao marcar o feito teatral dentro do contexto da «comunicación», obriga a impoñer como única norma apriorística do feito teatral a da existencia ou posibilidade de tal comunicación.

En principio, pois, o teatro non pode ser visto ao través da sua praxis concreta, ainda que sin éla, como é lóxico, non se poida ver en funcionamento, nin, tampouco, pode ser visto na instrumentalización pra o servicio dunha clase, grupo ou élite, sinón que a aproximación ao feito teatral débese facer dentro do concepto de comunicación e pola existencia ou intento da mesma co home en xeneral, considerado como receptor universal que, en cada intre en que se produce o feito teatral, concretízase no home-espectador.

Este plantexamento previo, que non desbota a discusión posterior con utilización de fautores extrateatrás, nos leva da man a condicionar toda a «praxis» teatral en Galicia polo feito de que, no home-espectador galego, independentemente do seu vencellamento a unha clase ou grupo determinado, dáse un código de intelixibilidade específico, cal é o representado por unha lingua oral e unha cultura que o diferencia, poñamos por exemplo, do home-espectador de Burgos ou Burdeos.

A esixencia de comunicación obriga, daquela, a considerar ao home-espectador concreto do xeito máis universal posible, buscándose, na praxis teatral, os siñificantes máis am-

plos, o código mayoritario dos receptores, que leva dende a investigación das reaccións psicolóxicas máis profundas ás máis externas do coñecemento. Dende a percura dunha teoría xestualista e ouxetualista que se corresponda o máis posible ca estructura sociocultural do país, hastra a utilización do código verbal mayoritario en Galicia, o idioma galego.

O problema do siñificado, que non imos a tratar hoxe aquí, virá, xa de seguido, rexido en gran parte pola valía estética do soporte empregado, dos siñificantes nos que se asente, e tal siñificado será valorable, fundamentalmente, como valor ou disvalor, si ten en conta as necesidades culturás dese receptor universal concretizado no espectador do feito teatral en Galicia.

Como resumen, pois, entendemos que as investigacións e intentos prácticos do teatro en Galicia que vaian orientadas polo camiño que deixamos derregado, responderán ao criterio máis válido sobre da función a cumplir polo feito teatral; as que non se baixen a este rego, nacerán tolleitas en por sí e a súa función será nula ou marxinal.

O Grupo Teatral O FACHO

1973

Outro meio, importantísimo, ao que tivemos acceso foi Radio Nacional de España *(Centro Emisor del Noroeste),* única que cubria o país todo, onde iniciamos, o 6 de Setembro de 1973, a emision cultural quincenal (en xoves alternos, às 2 da tarde) e en galego *Da Terra e dos tempos,* que foi a primeira levada a cabo nesa emisora, e que se emitiu pola última vez o 23 de Novembro de 1978, co programa número 131.

Realizado por locutores da rádio oficial, O FACHO redactaba o seu contido (música incluída), consistente en temas de actualidade, novidades, difusion da nosa história e cultura en xeral, entrevistas aos principais intelectuais de Galiza, etc., etc.

Precedida por *O Espello,* de Rádio Popular de Ferrol, foi seguida doutras nas principais cidades.

1974

O 3 de Xullo, en LVG e novamente por unha cuestion teatral, O FACHO asina un comunicado *Sobor do teatro galego na actualidade (arredor da Mostra de teatro galego paralela à de Ribadávia),* que se reproduz na sua integridade (por certo, contestado por **Luz Pozo Garza** e no mesmo xornal, o 5 seguinte):

SOBOR DO TEATRO GALEGO NA ACTUALIDADE

(Arredor da «Mostra de teatro galego paralela á de Ribadavia»)

As recentes xornadas teatráis organizadas pola Agrupación Cultural Abrente de Ribadavia puxeron de novo en candeeiro as bases fundamentáis prá existencia e continuidade dun teatro específicamente galego na Galicia de hoxe.

Ao longo do certame e, fundamentalmente, no decurso das mesas sostidas antre aficionados, teóricos e membros dos grupos intervintes, quedaron de manifesto os puntos que, esquemáticamente, refrexamos de seguido:

1. Condición popular do teatro galego.

Partindo da aceptación como premisa de traballo de que o teatro galego débese inxertar nas condicións sociáis específicas do pobo galego, lonxe, por tanto, de formulacións cosmopolitas pra uso estético dunha crás intelectualmente privilexiada, a consecuencia primeira e fundamento da pervivencia dun teatro galego con especificidade ven da man de que tal teatro adequira xeitos comunicativos coas crases populares da Galicia que non forzosamente deben coincidir, sinón superar, as primitivas tesis ruralistas do teatro galego nos primeiros anos do século que andamos.

2. A língua galega como medio de expresión oral no teatro galego.

Como derivación do presuposto popular prefixado denantes, a utilización do idioma galego como medio de expresión oral ven de seu, xa que, ao sere tal idioma o vehículo de comprensión intelectiva do pobo galego e supoñer a incorporación duns valores autóctonos, culturáis e de todo tipo, a función social do teatro somentes se poderá levar a cabo partindo da utilización do idioma galego como medio de expresión oral.

3. O autoctonismo na elección de textos teatráis.

Plantéase o problema do teatro traducido e do autóctono. As negativas prá aceptación dun teatro creado orixinariamente por autores de fora de Galicia i en idioma distinto do galego, carecen de todo fundamento racional se, a tales textos, se lle aplican os resultados que se tiran dos outros dous presupostos analizados.

Un teatro popular supón un texto literario e unha representación plástica que achegue i establezca comunicación antre o pobo e a obra e tal comunicación, indudablemente, non precisa dun texto orixinariamente galego, pois ademáis das condicións específicas do pobo galego en canto tal, éste incorpora condicións xenéricas a todo fato humán que de feito poden sere refrexadas por calquer home. O teatro dun Brecht, ou dun Weiss, ao se referiren a situacións xenéricas ao humán é indudable e necesario que debe ser incorporado ao feito teatral galego.

Tal feito teatral, expresado oralmente no idioma galego, supón, si se fai con diñidade, unha aportación esencial xa que cumple a súa función de enseñanza e comunicación co pobo ao que se dirixe.

Nin siquer se plantexa a alternativa, pois a aceptación dun teatro traducido non supón, nausoluto, a negativa dun teatro autóctono sempre e cando tal teatro teña algo que decir e propoñer ao pobo galego. Si este teatro, ainda que seña de autor galego i escrito en galego, carece de valía no con-

texto actual da sociedade galega, ben polo seu excesivo ruralismo ou, ao revés, polo intelectualismo elitista, é indudable que debe ser desbotado.

I estos son os puntos que nós creemos máis importantes e sobre dos que deben dirixir o seu traballo os grupos galegos con concencia da súa outa misión e responsabilidade que lles acae nesta hora, e nos que se anda a facer un verdadeiro teatro galego.

O FACHO
A Cruña, Vran do 1974

O 27 de Setembro O FACHO subscrebe, con outras entidades e vários intelectuais, un comunicado, asinado polo Grupo de Teatro Rosalia de Castro, de Compostela, denunciando a maneira en que foron organizadas as *III Jornadas de Teatro de Vigo,* nomeadamente por ter sido programadas practicamente de costas ao feito teatral galego.

1975

Primeiro dunha série de manifestos, xá en democracia, este do último ano da Ditadura e 6 de Abril, é un valente alegato que gallardamente publicaron EIG e LVG, facendo-se eco del, igualmente, **Manuel Roldán** no seu *Suma y sigue* de Radio Nacional de España.

A INDUSTRIALIZACION DE GALICIA
Un intento fallido de «O FACHO»

A industrialización de Galicia: velahí un tema polémico no que os mitos, os prexuicios ideolóxicos, os conflictos de intereses e, ao cabo, as mistificacións están ensarilladas e dificultan a percepción axustada e diáfana dos auténticos problemas.

Os mitos, primeiro: porque en todo país subdesenrolado a verba «industrialización» suscita maquinalmente unha visión de benestar económico e otórgalle á industria un poder taumatúrxico que, na realidade, non ten en xeito algún.

Os prexuicios ideolóxicos, tamén: porque o crecemento industrial, nas nosas latitudes, adoita ser orientado e manipulado ideolóxicamente pra outer a colaboración, entusiasta incluso a poder ser, dunhas poboacións requeridas pra seren moito máis os seus artífices que os seus beneficiarios.

Os conflictos de intereses, en fin: porque son intereses concretos, diverxentes e, con frecuencia, no fundamental, conflictivos os que entran en xogo nas fórmulas alternativas de desenrolo industrial, namentras se dean as condicións precisas pra que a política económica se poida plantexar inequívocamente en función das necesidades prioritarias.

E con todo, o progreso económico de Galicia pasa, sin dúbida, por algunha forma de desenrolo industrial. Nesto hai acordo unánime. Nesto e cáseque en nada máis. Pouco é, mais é un punto de partida. Por eso, todo o que contribúa a crarexar os camiños alternativos e os problemas de toda índole que se abren e xurden de ahí en diante, constituirá, xa que logo, unha aportación estimábel ao progreso colectivo dos galegos que, ou se fai solidariamente, ou non será tal.

Movida por esta arela, a Agrupación Cultural «O FACHO» tencionaba celebrar en primeiro lugar unha mesa redonda para a que contaba coa colaboración dos profesores universitarios señores Beiras e López-Suevos e dos inxeñeiros industriáis señores Nogueira e López Facal. Posteriormente abrigada a esperanza de ofrecer unha sesión conxunta con catro breves conferencias dos mesmos especialistas seguidas dun curto debate público. E xa, nun derradeiro esforzo organizativo, propúxose levar a cabo un ciclo de conferencias seguidas de coloquio, pretendendo deste xeito dar un novo paso no camiño andado deica o de agora cos ciclos «Problemática económico-social galega 1968», «O cooperativismo» (1970-71), e «A Galicia rural na encrucillada» (1973-74). Pois ben, ningún dos tres proiectos devanditos, propostos escalonadamente, pudo chegar a bó fin por causas alleas a esta Agrupación.

Polo tanto, debéndose aos asociados, aos simpatizantes e ao público que desexa formarse e informarse en tema tan actual e polémico, a Agrupación Cultural «O FACHO» vése na obriga de lle dar publicidade a esta nota informativa dando conta de todas as vicisitudes polas que tuvo que pasar no seu anceio de seguir no labor de clarificar todas cantas cuestións atingan ao presente e, sobor de todo, ao futuro de Galicia.

E xa pra rematar, manifesta o seu fondo agradecimento: aos conferenciantes invitados, quenes renunciando a fondas conviccións, estuveron dispostos a esgotar todas as alternativas que «O FACHO» lles iba ofrecendo; ao Colexio da Compañía de María, que xentil e xenerosamente tiña ofrecida a súa hospitalidade; e a cantos nos animan no noso quefacer, e que nesta ocasión, vivamente interesados polo tema, nos tiñan comunicado o seu alento e o seu apoio. A todos, gracias.

Agrupación Cultural O FACHO

En 17 de Decembro dese ano crucial, divulga-se a seguinte Declaracion:

DECLARACIÓN DAS ASOCIACIÓNS CULTURÁIS GALEGAS SOBRE A AMNISTÍA E O DECRETO DE LINGUAS NACIONÁIS

Diante as circunstancias de hoxendía as Entidades Culturáis Galegas que suscriben o presente comunicado, fan constar á opinión pública a sua preocupación polo regulamento vixente dos direitos de espresión e reunión —que tanto lles afectan— e demáis direitos consagrados nos textos internacionáis —suscritos e ratificados polo Estado español—, que impide o libre desenvolvimento das suas actividades sociáis.

Nese senso, agardan que sexan implantadas decontado as libertades democráticas devanditas.

Do mesmo xeito, piden espresamente a derogación do Decreto que regula o uso das lingoas nacionáis do Estado español, por ser altamente discriminatorio para o idioma galego, ao escluilo da Administración a todos os nivéis e proibir

Realiza a Agrupación Cultural «O Facho»

o seu uso con carácter oficial aos galegos, reafirmando aínda por riba o statu quo, igualmente discriminatorio, mantido no Decreto sobre o Ensino de 30 de maio de 1975.

As Entidades Galegas firmantes, recollendo o sentir popular, formulan o seu desexo de que sexa realidade unha amnistía xeral, que abranga a todos os presos políticos sin ningunha restrición e aos sancionados administrativamente nos eidos sindical, do ensino, cultural, etc.

Igualmente as Entidades Culturáis Galegas apoian a posición do Consello Xeral da Abogacía, manifestada públicamente nestes días, en relación ao Decreto de Prevención do Terrorismo e demáis leises represivas.

Galicia, Nadal 1975

Suscriben o presente escrito:

Ag. Cultural ABRENTE, de Ribadavia (Ourense)
Asoc. AMIGOS DA CULTURA, de Pontevedra
ATENEO DE MOAÑA (Pontevedra)
ATENEO DE OURENSE
ATENEO DE PONTEVEDRA
Ag. Cultural AURIENSE, de Ourense
Ag. Cultural AVANTAR, de Carballiño (Ourense)
Asoc. CULTURAL DE VIGO
Ag. Cultural FRANCISCO LANZA, de Ribadeo (Lugo)
Ag. Cultural O FACHO,de A Cruña
Ag. Cultural O GALO, de Santiago de Compostela
Ag. Cultural O TRAMALLO, de Pontesdeume (A Cruña)
Ag. Cultural OS CABACEIROS, de Maceda (Ourense)
Ag. Cultural OS CIGURROS, de A Rúa (Ourense)
Ag. Cultural OS CHOUPOS, de Verín (Ourense)
Ag. Cultural SEMENTEIRA, de Viveiro (Lugo)
Asoc. Cultural VALLE-INCLAN, de Lugo

1976

Desde entrado Xaneiro de 1976 até o 4 de Marzo de 1979 —embora haxa con posterioridade algun *Arco* aillado—, pinzando e despois sucedendo a seccion de LVG, O FACHO leva, en EIG, a folla dominical semanal *Arco da vella,* baixo a responsabilidade imediata de **Xavier Alcalá,** e na que, coas seccions *Safari toponímico, Colleita por leiras alleas, Ten reparado vé. en que...?,* e outras non fixas, colaboraron alguns dos escritores daquela radicados na Coruña e a sua comarca, alguns mesmo remetendo as suas colaboracions desde fora; e dando lugar a espontáneas tertúlias en torno às mesas de redaccion que, semanalmente, se celebraban no local da Agrupacion. Con cabeceira de **Siro** e tira de **Xaquín Marín** *(Gaspariño),* lembramos, sistematicamente ocultos baixo os correspondentes pseudónimos, os nomes de **Xosé M. Mz. Oca, Xoán I. Taibo, Xaquin Villar, A. Rodríguez Caamaño, M. Miragaia, X. Ramón Pena, Xosé-M.ª Monterroso...** No seo daquelas tertúlias mesmo surxiria, proxecto efémero, o colectivo poético *Saraiba...*

Iniciada a transicion política, prodigan-se as manifestacions de opinion. Asi, o 17 de Maio de 1976, *Dous mil firmantes dun escrito piden a normalizacion da língoa galega,* como reflexa LVG do dia anterior; asinantes da rexion Ferrol-Coruña-Compostela, entre eles entidades e entre as cales O FACHO, segundo se reproduz:

DOUS MIL FIRMANTES DUN ESCRITO PIDEN A NORMALIZACION DA LINGOA GALEGA

Neste «Día das Letras Galegas» —adicado a Ramón Cabanillas— escritos como o presente serán dados a conocer á opinión pública facendo unha serie de peticións encol da normalización da lingua galega. Firmado por dous mil cidadáns galegos da zona da Cruña, o Ferrol e Santiago —profesores e alumnos da Universidade Galega, das Escolas Universitarias de Arquitectura Técnica, de E.X.B., do Colexio Universitario, dos Institutos de Ensino Medio, do Curso de Lingua Galega que rematóu antonte, do Grupo Teatro «Circo», da Agrupación Cultural «O Facho», do Real Coro «Toxos e Froles» do Ferrol, obreiros de «Astano» e da «Bazán», veciños dos barrios de Labañóu e das Frores da Cruña, empregados, profesionáis, escritores e artistas— dirixen á opinión pública chamando a atención sobor da normalización do idioma galego e apuntando os medios para levala á práctica:

Os abaixo firmantes, obreiros, labregos, mariñeiros, estudantes e profesionáis galegos, queremos facer público ao país e á Adeministración, o seguinte:

Que nembargantes ser o idioma galego falado polo oitenta por cento da poboación —e entendido, prácticamente, por todos os galegos—, nin se quere reconocer esta realidade nin admitir a súa vitalidade, polo que se ve afastado do Ensino, da Eirexa, dos medios de comunicación e da propia Adeministración. De seguirse, pois logo, a esquecer os dereitos que como idioma dun pobo ten, as nosas xentes seguirán a padecer unha colonización idiomática que, desde hai séculos, estános a levar cara a marxinación total. Coidamos, logo, que xa chegóu o intre de lle pór freno a situación tan desesperada, pedindo:

a) Que todos os centros de ensino galegos teñan como medio de espresión o idioma galego asina o demande a maioría do estudantado, axeitando a planificación do ensino á situación real do país galego.

b) Que a prensa diaria editada na Galicia bote en galego o cincoenta por cento do seu texto e, a máis de galeguizar os topónimos que o contido dos textos sirva para achegar a todos os lectores as noticias do seu país, así como tamén o conocemento da nosa realidade nos eidos económico, político, cultural e social.

c) Que as emisoras de radiodifusión empreguen o galego en horas de grande audición, dando a saber nestes espacios radiofónicos a cultura popular galega e os problemas e conflictos da nosa sociedade.

d) Que a TV emita no noso idioma, tamén en horas de grande audiencia, espacios con temática axeitada á situación real de Galicia en todos os nivéis.

e) Que as Diputacións e Concellos galegos restituian os topónimos ao seu ser galego, e que nas súas xuntanzas corporativas utilicen oficialmente o noso idioma. Petición que tamén facemos estensiva aos Xuzgados, Tribunáis, Colexios de Licenciados, Asambleas, Claustros, etc.

f) Que nas diócesis galegas os seus bispos dispoñan a galeguización total da litúrxia, único xeito de estaren realmente cabo dos humildes.

Coidamos que é este o único xeito de iniciar na práctica a normalización do noso idioma, dereito que temos todos os galegos, e que, por razós elementáis, non se nos pode negar.

Dazasete de Maio de 1976. «Día das Letras Galegas. Adicado a Ramón Cabanillas (1876-1959).

LVG do 24 de Decembro dese ano publica outro comunicado noso: *O FACHO contra a celulosa de Ponteceso,* deste teor:

«O FACHO», CONTRA A CELULOSA DE PONTECESO

Hoxendía, e cando se está a falar tanto de democracia, cando se di tantas veces que a vontade do pobo debe ser respetada, cando estamos nun proceso de cambeo e camiños cara a unha sociedade democrática, ainda esisten feitos que iñoran ou marxinan os verdadeiros desexos do pobo.

O tema da instalación en Ponteceso dunha planta de celulosa e papel, é un bó exemplo de análese para saber si estamos en trance de pasar a unha sociedade democrática ou en troques ainda teremos que estar máis maduros e continuar e seremos guiados polos nosos «representantes» ou «políticos» centralistas.

Cando o 28 de marzal do ano que está a dar as últimas boqueadas na vila de Ponteceso a manifestación pacífica e autorizada berraba «o pobo xa falóu, non queremos a celulosa...», estábamos asistindo a un proceso de toma de conciencia i espresión da vontade do pobo nun marco predemocrático, mais cunha decisión firmemente tomada: oposición á instalación da planta de celulosa.

Alcaldes da bisbarra de Bergantiños, cofradías sindicais, de pescadores, presidentes de «Hermandades» da bisbarra, en total 15 institucións oficiais, e máis as firmas dos veciños tomaron coa súa decidida conducta opositora unha definitiva posición. Mais por si esto non abondara, podemos decir que nunha enquisa feita no ano 75 no porto de Malpica, co gallo dunha tese de licenciatura dirixida polo profesor Beiras, os mariñeiros mostraban a sua posición contraria á instalación da celulosa con un porcentaxe do 96,4, mostrándose partidarios somentes o 3,6 restante («Estructura da pesca costeira galega: un caso representativo», páxina 192). E noutro porto como Muxía, noutra enquisa, o porcentaxe obtido é cáseque o mesmo: máis do 95 por cento dos mariñeiros non desexan a instalación da celulosa en Ponteceso.

Mais esa oposición á celulosa de Ponteceso, o mesmo que ás que se pretendían ou pretenden instalar noutros lugares de Galicia, lévanos a considerar o proceso de industrialización no que se ten que basear a economía galega para sair do subdesenrolo no que está mergullada. E esa industrialización e o desenrolo conseguinte de Galicia, pasan pola planificación racional dos nosos recursos, co cal se percuraría construir unha economía artellada sectorialmente e a nivel de todo o ciclo productivo. Deste xeito evitaríanse os escesos nalgúns sectores cunha escesiva capacidade estructural, eliminándose a fuxida de bens producidos que non participan no producto nacional bruto galego, e impediríase o drenaxe de escedentes doutros sectores para fora e a conseguinte emigración da poboación galega como resultado deste desaxuste.

Na bisbarra de Bergantiños, cuia riqueza fundamental é o agro e a pesca, o tipo de industrialización debe basearse nestes sectores. Calquer intento de industrialización que poña en perigro a economía bergantiñán supón un auténtico risco e un ataque á sociedade en xeral, sendo as clases máis desfavorecidas, os labregos e os mariñeiros, clases que xa veñen padecendo a historia que non vivíndoa, as que serían levadas a unha verdadeira desfeita.

De se instalar dita planta de celulosa supoñeríalle ao sector pesqueiro un grave coste. Dada a coxuntura internacional de defensa das plataformas costeiras dos países soeráns, as flotas de Muxía, Camariñas, Camelle, Laxe, Corme e Malpica, adicadas fundamentalmente á pesca de baixura, ou sexa barcos que desenrolan a sua actividade perto das costas, veríanse afectados dunha contaminación mariña de irreparables consecuencias. E o mesmo acontecería para o marisqueo, xa que os efectos serían tan perigrosos que o exemplo da ría de Pontevedra é un caso que non precisa máis que unha observación ocular.

Polas duas razóns apuntadas, a primeira porque o pobo manifestóu o seu sentir e a segunda porque é necesario facer i esixir para Galicia unha industrialización axeitada aos nosos recursos e planificada racionalmente, a Agrupación Cultural «O Facho» apoia e alenta ao pobo de Bergantiños nesta loita que ten marcados acentos antidemocráticos, caciquiles e de intereses privados tanto galegos como alleos ao noso país.

Entrementras Galicia siga a ser presa da rapiña capitalista, mentras continúe a padecer unha dependencia colonial na que os nosos recursos mineiros, hidroeléctricos, pesqueiros, do agro e humanos son espoliados unha e outra vez, entanto a nosa lingua e cultura sexan tratadas de un xeito folklórico e como instrumento propagandístico... mentras a nosa terra estea sometida ao centralismo abafante, en suma, nin un soio galego pode permanecer impasible diante do que está a acontecer.

1977

Dos xornais do 17 de Febreiro de 1977 tomamos o comunicado que ali se reproduz, motivado polo conflito social das Encrobas (Cerceda), baixo o titular *O FACHO: riqueza pra todos:*

«O FACHO»: RIQUEZA PRA TODOS

«O Facho», entidade cultural que dende hai máis de trece anos ven traballando arreo pola promoción e defensa da lingua e cultura galegas, e, parellamente, do patrimonio material e social de Galicia, diante do que ven de ocurrir en As Encrobas (Cerceda-A Cruña), manifesta:

a) Que se solidariza cos labregos que están a defenderen civilizadamente os seus lexítimos dereitos tratando de impedir que se lle espropien as súas terras de un xeito arbitrario, sin recibiren a cambeo o que é de xusticia e piden.

b) Que o asoballamento secular das clases populares galegas manifístase unha vez máis no que está acontecendo en As Encrobas. Trátase de presentar á opinión pública como un ben social ou público o que somentes é un ben privado, é decir, a esplotación por unha empresa capitalista dunha riqueza de todos, como é a dos lignitos, para obter sin máis o beneficio másimo pra uns poucos.

c) Que si se bota unha ollada ás cifras da enerxía que se produce en Galicia e da que aquí se consume, a esplotación dos lignitos de Meirama soio tería razón de ser, dende o noso punto de vista, ou sexa do ben da comunidade galega, nun caso de estrema necesidade enerxética.

d) Que a depredación das nosas riquezas por parte dos axentes oligárquicos, autóctonos ou non, sin importarlle o progreso social e cultural do noso pobo, está claramente evidenciada, unha vez máis, no caso dos lignitos de Meirama.

e) Que o mesmo que no noso comunicado de 24-XII-1976, publicado neste xornal sobre a instalación dunha planta de celulosa e papel en Cospindo-Ponteceso, repetimos que «entramentras Galicia siga a ser presa da rapiña capitalista, mentras continúe a padecer unha dependencia colonial na que os nosos recursos mineiros, hidroeléctricos, pesqueiros, do agro e humanos son espoliados unha e outra vez, entanto a nosa lingua e cultura sexan tratadas dun xeito folklórico e como instrumento propagandístico... Mentras a nosa terra estea sometida ao centralismo abafante, en suma, nin un soio galego pode permanecer impasible diante do que está a acontecer».

f) Que a negociación cos nosos labregos se realice, agora e sempre, dentro dos canles dunha verdadeira xusticia social e democrática a que como seres humáns teñen total dereito.

O 3 de Novembro de 1977, con ocasion do comezo do curso de galego en LVG, publica-se neste xornal unha pequena história dos nosos cursos de idioma. Dito curso inicia-se o dia 6 seguinte para durar 6 meses (ver capítulo Cursos).

Esta circular, con todas as características dun manifesto, mandou-se aos sócios o 28 do mesmo mes (xornada à que se dedicou especialmente a nosa audicion *Da Terra e dos tempos*, do 1 de Decembro, con transcripcions de *Sempre en Galiza*, de **Castelao**). (Vexa-se páxina seguinte).

1978

O 14 de Marzo fai-se público un comunicado conxunto (do FACHO e várias organizacions) en repulsa pola detencion de manifestantes, o 12 anterior, en Maria Pita, a favor da liberdade de expresion, en solidariedade co grupo teatral catalán *Els Joglars*.

Un comunicado noso, en solidariedade coa Agrupacion Cultural Abrente, publica-se en LVG do 8 de Xuño de 1978:

SOLIDARIEDADE CON «ABRENTE»
DE RIBADAVIA

É evidente a utilidade da arte teatral, particularmente nun país que, coma o noso, tan necesitado está de dinamizar a sua cultura. Este empuxe debía partir da iniciativa dun organismo oficial que, chamándose Ministerio de Cultura, nacéu para velar por ela. E xa que non parte, era de agardar que as peticións de axuda que a ese organismo chegan fosen recibidas e atendidas satisfactoriamente. Non embargante, a Agrupación Cultural «Abrente» ven esperando infructuosamente que lle sexa concedida esa axuda, solicitada en momentos duros en que, sen locais axeitados nin medios de ningunha caste, anda a organizar a VI Motra de Teatro de Ribadavia, con categoría internacional e a participación de perto de 20 grupos, a se celebrar o vindeiro día 17.

«O Facho» chama a atención, daquela, encol do mal e máis a urxencia que a súa solución requer, tendo en conta, a maior abondamento, o renome que este feito cultural acadóu, derivado da sua permanencia e tamén da sua calidade, xunto coa realidade indiscutíbel de ter promocionado unha chea de obras como endexamáis se deran na historia do teatro galego.

1979

O 16 de Febreiro de 1979 sai, en LVG e EIG, referéncia à nosa protesta polo asunto que segue:

A Agrupacion Cultural O FACHO protesta enerxicamente pola pretendida destrucion por parte do Banco de Bilbao do estudo Galicia, realidade económica e conflito social.

Cando en calquer circunstáncia seria condenábel unha manobra anti-cultural de tal irresponsabilidade, no caso do noso país, onde non abundan obras de tal envergadura, é, sobre inmoral, indignante a sua eliminacion.

Por iso O FACHO fai un chamamento a autores e Banco para que cheguen a un acordo sobre que facer co libro, de xeito que, este atendendo à sua imaxe pública e aqueles tentando que non se perda o seu labor, saian beneficiados todos os galegos.

O 16 de Outubro endereza-se ao Concello un escrito sobre o tema do nomenclátor, na primeira dunha série de infrutuosas tentativas cara à sua galeguizacion e democratizacion, en base a un plan de tres pontos: 1.° Recuperacion de nomes históricos; 2.° Descastrapizacion de certos topónimos, e 3.° Dedicacion a persoas, feitos e luga-

Amigo e consocio:

Estamos convencidos de que se está a vivir uns tempos decisivos para encarreirar o futuro da nosa Terra. E a pouco que os galegos conquiramos un mínimo de unidade, Galicia debe atopar vieiros axeitados que posibiliten a solución dos seus problemas.

Os que integramos a familia do O FACHO, nome que hoxe goza dun prestixio ben ganado e que xa está chantado nas páxinas do rexurdimento da nosa cultura e da nosa toma de conciencia como pobo diferenciado dentro do Estado español, de sempre viñemos traballando para que o feito cultural e socio-económico específico de Galicia chegasen algún día a acadar canles nos que percurar a súa plenitude.

E hoxe, co cambeo político que se está a levar a cabo e co feito de que a problemática das nacionalidades asoballadas polo centralísmo está a ser sentida, comprendida e compartida por moitos, eses canles, configurados nuns órgaos de Goberno galego, están en camiño de lográrse.

E nós contribuímos positivamente a esa toma de conciencia co noso teimudo labor encetado hai agora 14 anos, labor que ofrece un saldo pouco común e que nestes intres evidénciase no Curso de Galego de "La Voz de Galicia", nas colaboracións diversas noutros medios de comunicación, nas publicacións ininterrumpidas con material procedente do noso quefacer (hai pouco publicóuse a peza de teatro infantil "Viaxe ao país de Ningures", de Manuel Lourenzo, e a 2ª edición do conto infantil "A galiña azul", de Carlos Casares, ambalasduas obras premiadas nos nosos concursos), o traballo constante do Grupo de teatro, agora representando por toda Galicia o "Paco Pixiñas", etc., etc.

Mais para o Poder central, alá tán distante na Meseta mais ben perto e ben presente cos delegados que aquí tén, a realidade das nacionalidades soio chega a entendela si a presión popular se fai presente e actuante.

Por eso o domingo día 4, convocadas por cáseque todas as forzas políticas e sindicais e apoiada por Colexios profesionais e outras institucións van ter lugar na Cruña, Ourense, Lugo e Vigo manifestacións PRO-AUTONOMIA DE GALICIA.

Nós coidamos que coa nosa traxectoria de traballo efectivo e limpo a prol da concienciación do país non debemos estar silandeiros diante desta primeira mostra reivindicativa dos nosos direitos nacionais, que conta, ademáis, co consenso de todas as forzas democráticas.

E así invitamos a todos os nosos asociados, amigos e simpatizantes, xuntamente cos seus fillos, a participar na manifestación do domingo 4 aquí na Cruña, que partirá ás 12 da mañán da Plaza de Portugal, como tamén animamos a que se leve a ela a bandeira galega e que se poña nas fiestras e balcóns dos nosos fogares, como mostra do noso sentimento de pertenencia á comunidade galega.

Co pensamento posto na Terra mándalle cordiais saúdos

a xunta directiva

res que son merecentes de tal, seguindo-se unha longa lista, encabezada por Castelao é Bóveda, segundo se detalla: Prisciliano, Afonso X, D. Dinis, Porlier, Acevedo, Faraldo, Vicetto, Valladares, Saco e Arce, Th. Braga, Carolina Michaelis, Santalices, Pablo Iglesias, Ricardo Mella, López Ferreiro, Lugris Freire, Basílio Álvarez, Noriega, irmaos Vilar Ponte, Asorei, Lesta Meis, Manuel António, Viqueira, López Abente, X. Sigüenza, Leandro Carré, Amado Carballo, Pessoa, V. Risco, S. Risco, Otero Pedrayo, Bouza Brey, L. Seoane, Lorenzo Varela, e Celso Emílio Ferreiro (mortos ese ano, inda non morrera Blanco Amor), Pimentel, G. Lorca, Ánxel Casal, Julio J. Casal, Xohán Casal; 1,17 e 30 de Maio; 28 de Xuño, 17 de Agosto; Irmandiños e Mártires de Carral; e, por fin, Barcelos, Braga, Coimbra, Guimarães, Porto, Cataluña, Euskadi, Andalucia, Canárias e Castela.

O 11 de Novembro O FACHO emite un comunicado en favor dos licenciados en idioma galego-portugués, procurando que sexan empregados os seus coñecimentos antes que os de outros no proceso de ensinamento da nosa língua, de xeito de obter os mellores resultados nos ensinandos.

O 21 de Novembro envia-se escrito à Academia, no que, referindo-nos à sua utilísima biblioteca, nos doemos das dificuldades que supon para os investigadores, o non abrir polas tardes e máis o carecer de máquina fotocopiadora.

O 24 do mesmo publica-se en LVG o seguinte comunicado:

A Agrupacion Cultural O FACHO protesta publicamente polo insulto que representa para o noso País o «Estatuto de Madrid», artellado polos centralistas.

Ese Estatuto significa o menosprezo da nosa realidade como pobo, condenándonos a sermos apenas rexión do âmbito cultural castellano.

Con el, a Galiza seguirá a ser un país subdesenvolvido económica, política e culturalmente...

Para que a História non se mofe de nós debémonos revoltar contra quen nos conducen a un novo Medulio.

Temos que denunciar os servidores fieis do centralismo.

Temos que adoptar unha actitude colectiva de resistencia...

Defendamos o noso porvir; sexamos nación no concerto das nacións.

¡Xuremos!
«Direito ou torto,
sen máis alcuño nen achego,
doente ou san, vivo ou morto,
galego... ¡e só galego!».
(Cabanillas, *o noso)*

1980

LVG do 4 de Xaneiro publica, parcialmente, un noso comunicado que se reproduz a seguido:

A A.C. O FACHO E O CONFLITO LINGÜÍSTICO EN GALIZA

A língua dun pobo é un dereito natural. Por tanto, non é democrático, nin tan sequera humano, poñelo en cuestion mediante lei ningunha, e menos manipulando as mentes duns pais previa e secularmente desgaleguizados, como o fai o Real Decreto 1981/79 de 20 de Xullo.

Amais, esta Agrupacion entende que a sociedade galega non é bilingüe, senón diglósica, e necesita superar esta situacion anormal por camiños totalmente opostos aos que se están seguindo na actualidade.

Concretando, as recentes accions contra profesores que dan as suas clases en galego poden levar a sancions, xa iniciadas de feito polo Ministerio de Educacion, e apoiadas no citado Real Decreto de Bilingüismo.

Fica claro, pois, que o tal Decreto, máxime en mans de intereses alleos ao pobo galego e á sua cultura, é unha arma de fio cortante para o seu dereito natural e para quen queren facer uso deste.

A Agrupacion Cultural «O Facho» amosa a sua repulsa cara o tal Decreto e apoia publicamente a decidida actitude de cantos profesionais do ensino, co seu exemplo persoal ou as suas manifestacions, demostran estar pola defensa da expresion no idioma nacional de Galiza.

No XXX cabodano de Castelao.

A Cruña, Xaneiro de 1980.

O 9 do mesmo mes dirixen-se tres comunicacions ao Concello da Coruña: 1) Sobre a necesária presenza das Agrupacions Culturais e Asociacions de Viciños na comision de festas do verao; 2) Sobre a necesidade urxente de substituir o monumento ao Mariscal Carmona (na praza de Portugal) por un outro que mellor reflexe a irmandade luso-galega; 3) Insistindo no dito en 16 de Outubro sobre o nomenclátor.

O 28 do mesmo mes, O FACHO adere à repulsa do proxecto de reducion da idade penal aos 15 anos e, en xeral, ao proxecto de Lei Tutelar de Menores.

Dá-se a coñecer, con data 2 de Marzo, a proposta aberta cara à implantacion do Dia da Nosa Fala cada 18 de Maio, para formaren, co 17 de Maio (que se propon rebautizar como Dia das Nosas Letras), o núcleo das Xornadas do Rexurdimento. Vexamos o texto íntegro de dita iniciativa:

Sen ningún ánimo de protagonismo, a AGRUPACION CULTURAL O FACHO fai, ás institucións culturais de Galiza, a seguinte

PROPOSTA SOBRE O "DIA DAS LETRAS GALEGAS"

O idioma "strictu senso" dun país é a sua fala, creación directa do pobo. A literatura é a sublimación da escrita que é, á sua volta, a transcripción desa fala.

– o –

O 17 de maio de 1863 Rosalía Castro adicou o seu libro "Cantares gallegos" a Manuel Murguía, seu home, co gallo de el cumprir os trinta anos.

– o –

O 17 de maio de 1963, no centenario daquela efeméride, a Academia Galega instituíu a celebración anual do Dia das Letras Galegas, sucesivamente adicado a figuras senlleiras da nosa literatura.

A fixación da data foi un éxito, axiña desbordado pola realidade na sua dimensión de mero Dia das Letras, ate o tornar nunha verdadeira semana da cultura galega en todas as suas manifestacións.

– o –

O 18 de maio de 1916, ao impulso dos irmaos Vilar Ponte, fúndanse, na Coruña e na primitiva sé da Academia, as Irmandades dos Amigos da Fala, acontecimento sobranceiro, tanto senón máis do que o outro, no proceso de recuperación nacional de Galiza e a sua cultura.

– o –

Tomando en consideración a venturosa converxencia das duas datas, pensamos ser cabalmente oportuno o implantar o 18 de maio de cada ano como DIA DA NOSA FALA, e, xunguíndoo co dia 17 anterior, DIA DAS NOSAS LETRAS, darlles a ambos os dous o nome de XORNADAS DO REXURDIMENTO.

– o –

Sancionaríase así o que xa viña sendo de feito o Dia da Nosa Cultura, superada unha etapa en que o poder central non deixaba xogo ás celebración inda as tepedamente entusiastas, cun sospeitoso cariz político.

– o –

Relacionaríase, ao tempo, o feito lingüístico e natural co feito literario, elaborado e catapultador decisivo, no noso caso, do dobre feito cultural e político, máis asumido cada dia polos galegos.

– o –

E, sobre todo, aproveitaríase a nova dimensión para lle dar ao evento un carácter netamente popular, é dicir, fomentador da cultura do pobo e, de paso, como meio de lle render a ese pobo os fruitos da cultura galega recreada pola intelectualidade do país.

Na Coruña, febreiro de 1980.

A filosofia que, à maiores da expresa, subxace tacitamente na proposta poderia-se resumir no abandono do seguidismo à Real Academia Galega, que mesmo se viña practicando por aqueles que, con óptica liberadora abertamente superadora da desta institucion, aceitaban, sen embargo, salvo casos excepcionais, rotinariamente, a figura escollida. Asi, O FACHO celebraria anos andados a Afonso o Sábio —o nome da Academia en 1980—, mas nesta ocasion, chegado o mes de Maio, volcará o seu esforzo no feito da criacion, 64 anos atrás, das Irmandades da Fala. Despois de 15 anos, o 78 fora xa una excepcion, de actuar a nosa entidade como verdadeira *mocidade* da Academia, axudando decisivamente, coas mais AA.CC., à popularizacion da data, chegara a maioria de idade.

A proposta tivo adesions de todo tipo e de toda a parte: desde a própria Academia ao Alcalde da Coruña e à Consellaria de Cultura, pasando pola Irmandade Galega de Madrid, o Centro Galego de Santander, a colectividade galega de Montevideu (Uruguai), a Asociacion Terra de Melide, o Patronato da Cultura Galega (Montevideu), a A.C. Francisco Lanza (Ribadeu), A.C. Galega (Hamburgo —daquela R.F.A.) e a Escola Dramática Galega (A Coruña). A Casa de Galicia de Bilbao, por exemplo, adoptou-na na convocatória anual das suas xornadas culturais; o Patronato do Pedron de Ouro (Compostela) chegou a adaptar o seu calendário, para que a entrega do Pedron non estorbase as celebracions da Coruña... O xornalista **Ángel Padín** merece mencion à parte pola atencion que lle prestou ao tema na *Hoja del Lunes* coruñesa, e LVG cedeu-nos unha páxina especial na data, asi como *La Region* de Ourense e a revista *Man Común* (da Coruña, no seu número 0).

Con todo, o Dia da Nosa Fala no se deu institucionalizado à par do Dia das Letras, e iso porque, alén da inércia típica e tópica, nen a Academia se dignou adoptá-lo, nen as institucions autonómicas tiveron a vontade de chantar-lle o carimbo oficial: nen a nosa própria Agrupacion foi constante na sua promocion, toda hai que dicé-lo. Se ben a data, tamén cumpre recoñecé-lo, quedou flotando, até hoxe, en determinados estádios para aflorar, de cando en vez, en escritos ou manifestos da mais variada procedéncia. (O mesmo **Cunqueiro**, o ano da proposta do FACHO, escrebe, no Faro de Vigo do 17 de Maio: *Hoxe celebramos os galegos o Dias das Letras, das nosas Letras, val decir, o día da nosa fala...*).

O 20 de Marzo envia-se comunicacion à Asociacion de Libreiros da Coruña, sobre a necesária restauracion do texto galego que figurara no monumento ao Libro, nesta cidade, e era como segue:

Que endexamáis
se aparte o libro
da túa man e
dos teus ollos
San Xerónimo.

O mesmo se lle referiu personalmente ao escultor **Buciños**, en ambos os casos con idéntico e nulo resultado.

O 24 remete-se ao Concello un escrito comunicando-lle o plan do FACHO para a instalacion en várias fachadas da cidade, de diversas placas comemorativas de feitos galegos e coruñeses, coa finalidade de contribuir à reconstruccion histórica da nosa comunidade: cinco das nove propostas cristalizarán no decorrer dos anos.

En 30 de Abril o Concello responde agradecendo.

O 1 de Agosto EIG publica o noso comunicado *Por unha rádio galega:*

POR UNHA RÁDIO GALEGA

Ante o caso recente de «Rádio AS MARIÑAS», clausurada por orde governativa, a Agrupacion Cultural O FACHO quer chamar a atencion do público sobre os seguintes pontos:

Para a normalizacion efectiva do idioma galego non abonda co ensino do mesmo na escola e o bacharelato.

Outramente, para luitar contra a diglósia, os meios de comunicacion masiva son a mellor arma.

Se xornais e revistas resenten-se do «analfabetismo» que dificulta a leitura de informacion en galego, a rádio e a telivision non poden argumentar neste senso. Con todo, cadeas privadas de rádio e a mesma RTVE nos seus programas para a Galiza ignoran sistematicamente *o noso idioma (salvo a «esmola» de Panorama de Galícia).*

Ante isto, a Agrupacion Cultural O FACHO considera reprovável todo atranco legal contra iniciativas de facer rádio local expresada en galego. *Contrariamente, os organismos oficiais da Galiza deverian axudar a vencer ditos atrancos, seguindo o exemplo do que se fai noutros países do estado español.*

Esperamos que a nosa chamada de atencion teña eco e se converta nunha esixéncia frente à Consellaria de Educa-

cion e Cultura e demais organismos responsáveis da nosa recuperacion lingüística.

O 26 de Outubro dá-se conta do noso segundo comunicado contra o decreto de bilingüismo.

1981

En Abril de 1981, a raíz dos câmbios habidos na corporacion municipal coruñesa, reiteramos a proposta sobre o nomenclátor do 16-10-79 e 10-1-80.

O 17 de Maio LVG cede-nos unha plana inteira que, baixo o epígrafe *A Agrupacion Cultural O FACHO por un idioma normal,* recolle tres traballos dos nosos presidente, vicepresidente e secretário.

O 8 de Xuño seguinte remete-se à mesma corporacion municipal carta expresando-lle a nosa satisfaccion por ter adoptado o idioma de Galiza como oficial, abrigando «a confianza de que esa decision non fique en letra morta, e, pola contra, non sexa senon o comezo dunha actitude natural tendente a normalizar a situacion xeral e cultural do país, da que non é pequena parte a recuperacion da toponímia local, concretada na actualizacion do nomenclátor urbano da Coruña, ponto sobre o que O FACHO ten insistido reiteradamente ante ese Concello».

Entre dez Agrupacions Culturais, O FACHO manifesta-se o 11 de Xuño contra o xuízo a celebrar o 30 seguinte a **Francisco Carballo Carballo** e a favor da libre circulacion do libro *Historia de Galicia,* deste e outros autores, obxecto de secuestro.

Atendendo carta-circular do Concello, remete-se à Comision de Subvencions, con data 26 do mesmo mes, e recollen-no os meios o 30 seguinte, un avance do noso programa de actividades e máis os critérios da Agrupacion sobre subsídios, en cuxo apartado se fai unha série de suxeréncias, entre as cales: campaña do libro nos bairros, exposicion *A Coruña na cultura galega,* fundacion formal do Museu Luís Seoane como centro cultural da cidade, campaña de teatro infantil ou de guiñol polos bairros, edicion duns *Cadernos populares* sobre temática local...

En Xullo manda-se ao presidente da Academia esta carta:

Non lle descobriremos nada novo se lle pomos de manifesto a situacion de total irregularidade que está a sofrer o sector da comunicacion na Nosa Terra: nen o idioma nacional de Galiza, nen a realidade do país revesten nel o protagonismo desexado.

Ante o siléncio de uns e a inoperáncia de outros, a Agrupacion C. O FACHO iniciou, xa o pasado ano, unha série de actos (mesas redondas con profesionais) en torno ao problema dos meios de comunicacion en Galiza.

Este ano profundizou-se no tema, de tal xeito que estamos a confeccionar unha memória do estado actual do país, no campo informativo, informe que, no seu dia, distribuiremos a cantas institucions e colectivos teñan ou deban ter resposta para o tema.

De momento, e ante a nova situacion autonómica galega, —coas posibilidades, se ben cativas, que o Estatuto proporciona— está claro que todo o desenvolvimento e normalizacion que este asunto require depende, en gran medida, da presion social que se exerza nos meios de prensa, rádio e television.

Por iso é que nos diriximos a vé., co rogo de que esa corporacion, dados a sua audiéncia a determinados niveis e os seus próprios fins, se manifeste publicamente sobre a urxente galeguizacion dos meios de comunicacion do país.

A que a Academia contestou nestes termos:

Veu-se comunicacion da Agrupacion Cultural O FACHO rogando á Academia que se manifeste publicamente sobre a urxente galeguizacion dos meios de comunicacion do país.

Quedou acordado acceder ao que a devandita Agrupacion Cultural solicita, facendo público na prensa este acordo e proseguir neste labor dentro da área que á Academia compete.

En Setembro, envia-se aos meios de comunicacion unha nota que dicia:

O FACHO E O PROBLEMA DOS PROFESORES DE GALEGO

A Agrupacion Cultural O FACHO, coñecedora do conflicto plantexado por instruccions recibidas da Inspeccion do Bacharelato en Galiza nos institutos correspondentes, con respecto ao ensino do galego,

APOIA totalmente o comunicado que a Asamblea de Profesores ven de facer público.

Conscientes da gravedade do tema neste momento decisivo para o idioma nacional de Galiza, interpelamos ás autoridades competentes (Xunta de Galiza, Delegado do Governo), para que tomen as medidas conducentes cara a definitiva normalizacion da nosa situacion lingüística.

No mesmo mes, o dia 28, vai unha nova carta à Academia, con ocasion do seu 75.° aniversário, facendo «votos porque, à volta de 25 anos máis, sexamos todos os galegos os que nos sintamos satisfeitos polo labor de defensa da língua e cultura nacionais que teña realizado a Academia Galega».

O 3 de Outubro sai en LVG un artigo en *Lembranza de Antón Vilar Ponte,* no seu centenário, asinado como tal polo *secretário da Agrupacion Cultural O FACHO.*

En Decembro O FACHO adere-se mediante comunicado público, e participa nela, à manifestacion do dia 13, a favor da liberdade de expresion, a raíz do procesamento do xornalista catalán **Xabier Vinader.**

1982

O 26 de Febreiro, en union da A.C. Alexandre Bóveda, critica-se publicamente o xeito de elaborar-se o programa de accion cultural do Concello, e, posteriormente, o 3 de Marzo, O FACHO fai as suas aportacions ao mesmo, por exemplo, propondo un *Festival musical da nosa fala,* de contido folk e con carácter periódico, como alternativa ao *Festival do mundo celta* que o Concello defendia (entre outras razons por existir xa o de Ortigueira).

O 11 de Marzo publica-se a nosa adesion à Asociacion Galega de Mestres en Paro, apoiando a sua táboa reivindicativa, particularmente no que atinxia à defensa e promocion da língua e cultura galegas.

A partir das manifestacions do Prof. **Barreiro Fernández,** no curso da sua conferéncia, por nós organizada, o 23 de Abril, O FACHO fixo un chamamento ao pobo e ao goberno daquel município, para que, nun novo cabodano dos Mártires de Carral, recuperasen a memória histórica de seu, restaurando e mantendo en debidas condicions o sítio do enterramento dos homes que caíran en defensa da liberdade. (O Consello local do PSG-EG aderiu à proposta).

O 16 de Maio, o directivo **M. Anxo Fernán-Vello** asina, como tal, en LVG, un artigo titulado *O Dia das Letras Galegas.* (Casualmente, dito dia, o profesor do noso curso de idioma, **J. C. Rábade** publica un outro artigo, en El Progreso, sobre *Dia das Letras Galegas, Dia da Nosa Fala).*

O 9 de Xuño (saíndo o 12) O FACHO manifesta-se nos seguintes termos, a favor das emisoras de F.M.:

O FACHO APOIA A INSTALACION DE EMISORAS DE F.M.

A Agrupacion Cultural O FACHO apoia o manifesto da Asociacion de Enxeñeiros de Telecomunicacion da Galiza, nomeadamente no seu ponto 3.°, onde se fai eco das reclamacions, por institucions e corporacions municipais galegas, de emisoras de F.M.

Compre ter en conta o espallamento da poboacion galega e as más comunicacions —motivadas en grande parte pola peculiar orografia do país, que supón unha barreira para as comunicacions audiovisuais.

En consecuéncia co antedito e máis por razons de carácter económico, podemos afirmar que o meio audiovisual ideal para o noso país é o rádio.

De ai que O FACHO EXIXA DO GOBERNO GALEGO QUE, seguindo o exemplo dos gobernos vasco e catalán, ARBITRE AS MEDIDAS NECESÁRIAS, con base no Estatuto de Autonomia, que leven à INSTALACION DE EMISORAS DE FRECUENCIA MODULADA POR TODO O TERRITORIO nacional.

Estamos convencidos de que ese é un dos camiños máis eficaces para elevar o «status» sócio-cultural do pobo galego.

O 22 de Xullo de 1982, pola cuarta volta, e baseados na notícia da iminente elevacion ao pleno da corporacion municipal da reforma do nomenclátor urbano, urxe-se a tal medida: por fin aproba-se un princípio de galeguizacion —ben é certo que aplicado dun xeito pouco racional— no pleno do 24-9-82... que ficou en papel mollado até hoxe.

Nun escrito conxunto, comentado na imprensa do 19 de Outubro, a Compañia L. Seoane, Escola Dramática G., Agruapcion T. Tespis, O Clube de Espectadores do Teatro L. Seoane e as AA.CC. Alexandre Bóveda e O FACHO opoñen-se à anunciada criacion dunha Compañia Municipal de Teatro, por xulgar que, amáis de ter sido elaborado o proxecto de forma anti-democrática, suporia a condena à desaparicion dos grupos teatrais coruñeses.

1983

En Febrerio dá-se na imprensa notícia da nosa denúncia, diante do presidente do *Consejo General del Poder Judicial,* de non ter-se-lle permitido ao traballador **Manoel Riveiro Loureiro,** expresar-se en galego durante a celebracion dun xuízo na Maxistratura de Traballo da Coruña, confiando «en que feitos como o denunciado non se volvan a repetir en orde à salvaguarda da dignidade individual e colectiva dos cidadáns galegos» que teñen o direito ao uso do seu idioma dentro dos límites da Galiza, e diante de calquer instáncia pública ou privada: un mes despois, o presidente do alto organismo, e asi o reflexaron os meios, responde dando conta de que o tema foi abordado na última reunion da comision permanente do Consejo, tomando-se o acordo de «indicar al presidente de la Agrupacion Cultural O FACHO, de La Coruña, que el tema a que se refiere su escrito está siendo objeto de estudio y quedará regulado en la futura Ley Orgánica del Poder Judicial».

Aos cinco anos do primeiro emite-se, o 17 de Marzo de 1983, un novo comunicado de solidariedade coa A.C. Abrente:

É NECESÁRIO «ABRENTE»

A prensa confirmou hai uns dias o que xa se temía. A Asociación Cultural Abrente, de Ribadávia rematou o seu fecundo camiñar polos eidos da cultura e pechou as suas portas. As causas: non dispoñer de meios económicos para novo local.

E neste «impaís» todo está a seguir o mesmo. A indiferéncia e o siléncio. A pergunta é: coñece o Conselleiro de Cultura o inxente labor que, cara a promoción do teatro mui claramente do que non se está a facer pola cultura no

A Agrupación Cultural O Facho, cuxo Grupo de Teatro participou activamente na case totalidade das Mostras Teatrais de Ribadávia, estreando, entre outras, a primeira obra de teatro infantil galego —«As laranxas máis laranxas de todas as laranxas», de Carlos Casares—, non pretende con estas liñas levantar acta do enterramento da Asociación irmá, senón chamar a atención dos «mandamases» da cultura galega, para que acaden solución a feitos como este, que falan mui claramente do que nom se está a facer pola cultura no noso país.— Agrupación Cultural O Facho, La Coruña.

O 9 de Xuño dá-se conta da adesion do FACHO aos afectados da empresa telefónica INTELSA e o apoio à múltipla convocatória para unha manifestacion na rua dito dia.

O seguinte dia aparece reflexada na imprensa a nosa nova comunicacion ao Concello en solicitude da reforma do nomenclátor urbano.

Un conxunto de 8 colectivos, os mesmos do comunicado do 19-10-82, sumados o Ateneo da Coruña e o noso próprio Grupo de Teatro, piden ao Concello, e publica-se o 30 de Xuño de 1983, que realice as xestions oportunas tendentes à recuperacion para a cidade das Xornadas de Teatro Galego que se viñeran celebrando en 1978, 1979, 1980 e 1981, suspendendo-se desde o anterior ano 1982, sen coñecer-se o motivo: conseguese por esta (última) vez.

O 18 de Setembro dá-se conta nos xornais de que sete entidades, encabezadas pola Federacion de Asociacions de Viciños e nós entre elas, se manifestan contra a decision de paralizar as obras de reforma do Quiosco Alfonso adoptada polo Concello (que, con este acto, inícia o rumo de replantexamento da nova política de infraestructuras culturais da cidade, rompendo co actuado e proxectado pola anterior corporacion municipal).

O 18 de Outubro remete-se escrito à Alcaldia, insistindo, ante a iminente instalacion da sinalizacion vertical das ruas, na peticion dun nomenclátor galego.

O 1 de Novembro a imprensa dá notícia do documento, subscrito por ADEGA, Natureza, Compañia L. Seoane, Escola Dramática G., Tespis e as AA.CC. Alexandre Bóveda e O FACHO, no que se enxuícia a actuacion municipal na área de cultu-

ra no período recente, ao carecer-se dun programa e non ter-se contactado regularmente coas entidades cidadás; solicita-se, entre outros, a constitucion dun Consello Municipal de Cultura, integrado polas mesmas, a consecucion da reabilitacion da infraestructura cultural da cidade e a extension da cultura a todas as zonas urbanas.

O 4 de Novembro publica-se, con ocasion da constitucion, o dia anterior en Compostela, do Consello da Cultura Galega, o seguinte escrito, asinado por case 50 entidades culturais, O FACHO entre elas:

> Consello da Cultura Galega por non responder as necesidades e expectativas que a nosa cultura nacional esixe.
>
> 2. Igualmente, denunciamos o procedimiento claramente antidemocrático e dixital con que se escolleron as institucións e os individuos que o van integrar.
>
> 3. Mostramos a nosa repulsa ante a ignorancia olímpica que se fai de todo o movimento asociativo e de base que está a dinamizar na realidade a cultura galega: asociacións culturais, extendidas por todo o país, grupos de teatro, asociación de escritores, sindicatos do ensino, cine - clubes, organizacións pedagóxicas, etcétera, auténticos promotores e realizadores da cultura galega.
>
> 4. Denunciamos o sectarismo manifesto na composición do Consello, do que fican excluidas sistemáticamente as organizacións citadas, precisamente as que impulsan a animación cultural e oficializan o idioma nacional. O que contrasta coa práctica habitual dalgunhas das institucións integrantes que o ignoran en demasía ou totalmente na sua vida orgánica.
>
> 5. Con esta composición en que aparecen representadas as institucións designadas e, a maiores, os seus membros cualificados a título individual, denunciamos a manipulación que se vai facer dos cartos públicos destinados á actividade cultural.
>
> Por todo isto, contestamos —coa autoridade que nos da a nosa práctica diaria a prol da nosa cultura— a constitución deste Consello que levará, polo seu carácter restrictivo e antidemocrático, a un control dictatorial da planificación cultural galega».

Con ocasion do 20.° aniversário da nosa Agrupacion, LVG cedeu-nos duas páxinas do seu caderno de cultura do 8 de Decembro, cubertas con textos de **R. Carvalho Calero, Manuel Lourenzo, M. Caamaño Suárez** e máis do presidente do FACHO e do directivo **Fernán-Vello.**

1984

O 13 de Abril aparece reflexada na imprensa a preocupacion do FACHO polo futuro do muíño sito na Agra do Orzán, na rua (antigo camiño) da Gramela, con ocasion da sua desmontaxe.

O 17 de Maio, difunde-se o seguinte *Manifesto da Agrupacion Cultural O FACHO aos que somos nacion, nos Dias das Letras e da Fala,* que sai o 18 nos meios. (Ver páxina seguinte).

O 21 de Xuño once entidades sócio-culturais, entre elas O FACHO, critican duramente o (non) feito neste campo polo Concello da Coruña.

Ante a iminente apertura do curso 84/85, O FACHO pide à Xunta, con data 2 de Setembro, a regularizacion da vida do Conservatório Superior de Música da Coruña, dadas as irregularidades académicas, fiscais, administrativas, económicas e de orde interno que nese centro se presumen.

1985

Unha nova denúncia da política anti-galeguista do Concello difunde-se, asinada polo FACHO, A.C. A. Bóveda, Escola Dramática G. e Mesa Cultural da Coruña, o 22 de Febreiro de 1985.

1986

Ainda o 1 de Febreiro de 1986 O FACHO emplaza ao Concello, en nota feita pública, a un debate sobre a problemática cultural, denunciando a sua «utilizacion exclusiva do castellano en to-

MANIFESTO DA AGRUPACION CULTURAL "O FACHO" AOS QUE SOMOS NACION, nos dias das Letras e da Fala.-

Non foi nunca A Coruña cidade de linterna xorda, nen endexamais cobriu as obrigas dos tempos con bóveda de siléncio. Cando reinaron as tebras, ergueu peitoril de luz e bandeiras de liberdade. Cando o grande renascer da / conciéncia galega, foi cova que teceu a própria identidade e espazo onde / floresceu a própria cultura, sempre con asas para abranxer outros mares e / ir ao encontro de todos os camiños. Esa é a herdanza que nos sostén e non / outra.

Desde esa fidelidade e desde o actual compromiso, non podemos facer destas datas simbólicas das nosas Letras e Fala, medida decisiva da nosa dignidade, a festa de Galiza que todos desexamos. O idioma e a cultura nesta nosa cidade galega segue a ser un pensamento cautivo para as institucións que nos rexen.

Non nos doi tanto, quizais por forza do costume, a falta de apoio e a / inibición oficial nen o incumprimento de promesas de campaña senón os síntomas de belixeráncia e menosprezo contra todo o que signifique a Galiza viva e as sua expresións culturais.

En tempos en que deberiamos estar saudando a normalización, nemo-nos na obriga de denunciar persecución e disimulados itentos de doma e castración. Pobre cultura a que xurde dos cartapácios de burócratas insensíbeis ou que/ se convirte en mercaduria de favores.

Compre desmitificar a história escrita con letra falsa que pretende apresentar a cultura galega como un cadáver do pasado, fillo torpe de melancolia e nostálxicas necrofílias. Con esa versión parcial os detractores debuxan a própria caricatura.Eles, os que ocultan ignoráncia con disfraz cosmopolita e uniformista, son os provincianos. Eles son os do mundo cativo, / desleigado das conciéncias que vibran en libertade.

Desmitificar, sí. Con orgullo e paixón. Porque o corpo da cultura galega curtido en resisténcias, é múltiple e vizoso. A identidade, como os rios da nosa Terra, renova-se na criación e na procura conflitiva. Frente á incom-/ prensión e o desprezo de imbéciles e escuros hai que multiplicar os ritmos/ de recuperación e criación.

O espazo da esperanza e da galeguidade é o de toda a sociedade. Hai que limar prexuizos, superar complexos, dignificar frente ao desacougo. Hai que entusiasmar nun proxecto solidário no que a cultura sexa medida do benestar.

Nesta tarefa,desde A Coruña, en 1.984, na fidelidade á herdanza e no actual compromiso, a Agrupación Cultural O FACHO chama aos que SOMOS NACION.

dos os ordes da vida pública, administrativa e cultural».

O 22 de Marzo, O FACHO expresa publicamente a sua solidariedade cos sindicalistas **Antón Cruz Freire** e **Cesáreo Sánchez Iglesias,** que ian ser xulgados, o 24 seguinte, acusados de coaccions, resisténcia e desobediéncia às forzas do orde público con ocasion da folga xeral do 29 de Novembro de 1984.

O 17 de Maio sai en LVG o seguinte comunicado:

PUBLICIDAD

SEÑORES DO CONCELLO:

O nome desta cidade é

A CORUÑA

«O IDIOMA É O CORPO SENSÍBEL DUNHA CULTURA E TODO ATENTADO Á LÍNGUA PECULIAR DUN POVO REPRESENTA UN ATENTADO Á SUA CULTURA PECULIAR».

(CASTELAO («Sempre en Galiza»)

A. C. Alexandre Bóveda, A. C. «O Facho», Escola Dramática Galega, Teatro «Luis Seoane», Colectivo Xuvenil «Edral»: Apoia: A.G.A.L. (Associaçom Galega da Língua).

O 16 de Xuño subscrebemos, con outras cinco AA.CC. e 84 particulares, a peticion de demision do presidente da Academia, por considerarse tal cargo incompatíbel co de Delegado do Governo español na Galiza.

Diante da senténcia 84/1986 do Tribunal Constitucional do Estado español que declara inconstitucional o deber de coñecer o galego contido na Lei de Normalizacion Lingüística de 15-6-83, O FACHO lamenta publicamente, o 29 de Xuño, que «por parte das institucions estatais se siga a considerar o idioma galego como estranxeiro no seo da sua própria comunidade, mantendo o carácter de subordinacion ao que se vé submetido e impedindo» asi a sua normalizacion, exortando a todos os galegos ao seu uso e espallamento.

1988

O 8 de Abril de 1988 emite-se o seguinte comunicado:

CONTRA AS RESTRICCIONS NO HORÁRIO DO MUSEU DE BB.AA.

A Agrupacion Cultural O FACHO expresa o seu asombro polo feito inexplicábel de o Ministério de Cultura (?) reducir ás mañás o horário de abertura do Museu Provincial de Belas Artes da Coruña.

Nunha época en que, por fin, se está procedendo á dinamizacion da vida destas institucions, supón un lamentábel retroceso limitar as posibilidades do público para acudir a elas e familiarizarse coa arte en xeral e coa galega en particular que se custódia e mostra en dito Museu, máis ainda cando se está pensando en ampliar o mesmo e, nestes momentos, se está realizando ali, en horário de tarde, un louvábel labor de divulgacion doutras artes, como a música, ou celebrando conferéncias ilustrativas do máximo interese.

Confiamos, pois, na revocacion da directriz que se comenta.

Ainda unha oitava volta, a imprensa publica, o 13 de Maio, unha comunicacion à Alcaldia reivindicando a galeguizacion e democratizacion do nomenclátor urbano.

Inicia-se a tradicion da oferenda floral diante do monumento a **Castelao,** cada 25 de Xullo a cada 30 de Xaneiro, coa leitura (e publicacion, o 24 de Xullo) do seguinte manifesto. (Páx. 201).

O 4 de Agosto aparece na imprensa un outro noso comunicado, instando ao Concello a que adecente e restaure os monumentos ubicados nos Xardins de Méndez Núñez, particularmente as placas dos Direitos do Neno e o busto de **Murguia,** todos desaparecidos ultimamente.

O 14 de Setembro, respondendo a algun colectivo de pronunciado anti-galeguismo, O FACHO emite unha nota na que se proclama defensor da liberdade lingüística, e, por iso mesmo, do noso idioma, por estar especialmente discriminado, aliñando-se, «como estivo durante os últimos vintecinco anos, xunto aos que defendan unha Galiza máis nosa e unha Coruña máis galega, único xeito de que a nosa nacion, afincada nas suas raíces culturais, recupere a dignidade que lle corresponde no concerto dos povos do mundo».

O 31 de Decembro, O FACHO asina, con outros colectivos, a oposicion à utilizacion do futuro Coliseum como escenário circunstancial de espectáculos taurinos.

MANIFESTO NO DIA DA PÁTRIA, DIANTE DO MONUMENTO A CASTELAO, 25-7-88.

A cultura de un povo é o froito da sua alma. A língua é o exponente supremo desa cultura. A língua é un instrumento de comunicacion e é un signo de identidade. Galiza é un povo diferenciado, é unha nacion, en grande medida por ter unha cultura de seu e unha língua orixinal que, a maiores, deu orixe a un idioma internacional.

A Coruña foi un facho na Galiza, mais hoxe xa non é, como foi, unha adiantada na defensa da nosa terra. A Coruña non pode virar as costas à língua nacional da Galiza, nen à mesma Galiza. Todo governo municipal, sexa cal for a sua composicion, se quer servir à cidade e ao seu entorno, con vision de futuro, non a pode separar do resto do país. Entre condená-la a ser unha capital de província española, mais ou menos brillante, e facé-la o núcleo cultural e de progreso da Galiza, apuntalando a sua própria personalidade, ten que optar por isto último. E todo cidadán ou colectivo que queira xogar un papel activo na marcha da colectividade cara ao porvir debe estar alerta e exixir en cada momento de quen o administra o esforzo de imaxinacion intelixente e o impulso de realizacion eficaz dun plan dignificador dese agrupamento de homes e mulleres, para que sexa algo mais que unha simples masa amorfa e consumista, e constitúa un grupo humano vivo, cun ideal de servizo à comunidade e mais ao mundo en que estamos insertos.

Estas reflexions fai-nas O FACHO, diante do monumento a Castelao e no Dia da Pátria, cando vai cumprir 25 anos de vida, nada como naceu esta agrupacion con esa vocacion de servizo ao país desde A Coruña, desde esta Coruña onde surxiron tantas outras iniciativas semellantes entre as cales: a Biblioteca Gallega, os monumentos aos Mártires de Carral e a Curros, o Teatro Principal dedicado à nosa poeta nacional, a Academia Galega, da que a actual non é nen sombra, as Irmandades da Fala, as editoriais Lar e Nós, as primeiras exposicions de arte galega...

Desde esta Coruña na que resta tanto por facer, para que os nosos rapaces e seus pais tomen conciéncia do que é sermos galegos, para que as nosas ruas e prazas teñan nomes galegos, para que as nosas institucions sexan galegas.

Viva Galiza!

1989

Con motivo do (I) Dia de Castelao, que é,à vez, o Dia Internacional da Paz, o 30 de Xaneiro de 1989 emite-se o seguinte manifesto:

MANIFESTO DA AGRUPACION CULTURAL O FACHO NO DIA DE CASTELAO, 30-1-89

Neste país no que formalmente nos rexen os princípios democráticos e neste Dia de Castelao, a Agrupacion Cultural O FACHO quer chamar a atencion sobre determinados feitos que non casan con esta pretendida práctica democrática.

Sen irmos máis lonxe queremos facer unha reflexion sobre o tema da liberdade de expresion e o seu reflexo na liberdade de língua.

Dando por sabido que o galego é a língua própria de Galiza, defendemos hoxe como defendémos sempre o proceso da sua normalizacion e entendemos que desde as instáncias oficiais non hai unha vontade decidida de resolver politicamente o problema. Asi podemos citar casos de represion e discriminacion, lamentabelmente non excepcionais, contra profesores, escritores, funcionários, cregos, etc., quer polo emprego do galego, quer pola sua opcion normativa dese galego.

Un caso que afecta directamente aos colectivos que como O FACHO estamos a loitar pola normalizacion cultural en xeral e lingüística en particular, é a manipulacion constante que se fai dos comunicados que son, ou ben mutilados ou ben traducidos, o que trae como resultado unha contradicion manifesta con respecto ao labor destas agrupacions.

E xa noutro orden, queremos tamén denunciar o que está acontecendo con Castelao, que se ben non foi absolutamente eliminado do panorama oficialista, como Alexandre Bóveda, si está sendo obxecto, unha vez sepultado, dunha política de enterramento ideolóxico, co total esquecimento do seu relevante papel no soerguemento da nosa pátria.

É por isto que O FACHO promove a recuperacion do noso guieiro nacional, do cal actos como o de hoxe é apenas unha chamada de atencion cara unha política de real e profundo descobrimento da sua mensaxe.

Aproveitando asimesmo que estamos no Dia Internacional da Paz, queremos rematar cunha afirmacion de pacifismo, sendo como somos os galegos en palabras de Castelao «xente prudente e de bó sentido, liberal e pacifista» na nosa arela de xustiza e liberdade universal.

E unha volta máis, o 2 de Febreiro, fai-se constar a nosa protesta polo estado deplorábel dos monumentos dos Xardin de Méndez Nuñez.

O 19 de Marzo aparece na imprensa a nosa preocupacion pola vella igrexa de Santa Maria de Oza, cuxa restauracion e a do seu formoso entorno, para goce dos coruñeses, non parece contemplar-se especialmente na recuperacion do Sanatório Marítimo; chamando a atencion, no centenário de **Asorei,** sobre as obras suas que posue a nosa cidade, nomeadamente aquelas que podan pasar máis desapercibidas.

Por iniciativa nosa, xunto con tres entidades máis, solicitamos publicamente do Parlamento galego a institucionalizacion do Dia de Castelao, cursando, con data 17 de Abril, a todos os grupos parlamentares, a seguinte proposta:

PROPOSTA AO PARLAMENTO DA GALIZA PARA A INSTITUCIONALIZACION DO «DIA DE CASTELAO»

Os colectivos culturais da cidade da Coruña, tendo en conta a funcion cívica que cumpren as efemérides como meios para a sensibilizacion cidadá en relacion cos valores do País, estiman da maior conveniéncia instituir como «DIA DE CASTELAO» o 30 de Xaneiro de cada ano, data do nacimento do noso prócer por exceléncia, coa mesma categoria de xornada nacional da Galiza que ten o 25 de Xullo, Dia da Pátria.

Coidamos inecesário extender-nos sobre as razons da escolla de ALFONSO DANIEL RODRÍGUEZ CASTELAO, por ser sobradamente coñecida a trascendéncia que a sua figura tivo no século XX e na História xeral da Galiza, sen cairmos en mitificacions improcedentes, mais recoñecendo a necesidade imperiosa de recuperar unha vida e unha obra que, como as suas, están sendo alarmantemente esquecidas.

Tal rememoracion periódica, à maneira en que se adoita en muitos países do mundo, deberá servir como acto evocador e ocasion de reflexionar na figura homenaxeada en estreita relacion coa actualidade do País, sen dar en actos meramente comemorativo-protocolários que limiten a homenaxe a esa única data.

Proposta que elevamos aos voceiros dos grupos políticos con representacion no Parlamento da Galiza para que procedan à sua consideracion, na Coruña, a primeiro de Abril de mil novecentos oitenta e nove.

Asinado: Agrupacion Cultural O FACHO, Ateneo da Coruña, Cooperativa Luís Seoane, S.C.R.D. Tempo Novo.

A Fundacion Castelao apoia publicamente a tal proposta.

O Dia da Pátria emite-se o seguinte manifesto:

MANIFESTO DA A.C. O FACHO O DIA DA PÁTRIA PERANTE O MONUMENTO A CASTELAO, 27-5-89

Nestes últimos meses produciu-se no noso país un evento fundamental cal foi a constitucion do TRIBUNAL SUPERIOR DE XUSTIZA da Galiza, evento que, ao tempo, é un dos feitos máis destacados da história contemporánea desta cidade galega onde radica dito Tribunal. Asombrosamente, este acontecimento non tivo apenas repercusion social e isto fala dunha falta absoluta de sensibilidade nosa cara a estas e a outras realidades, como a própria asuncion do feito nacional galego, con todas as suas consecuéncias.

En tempos nos que se clama por unha xustiza cabal que xulgue con ecuanimidade, eficácia e sen demoras, que faga realidade o império do direito e a mesma esência da democracia, que sen xustiza non é máis que unha caricatura lamentábel, debemos ollar a constitucion do Tribunal Superior de Xustiza da Galiza como algo esperanzador e, con todas as suas limitacions de partida, un avance no camiño da recuperacion da nosa personalidade nacional.

Castelao, como cotidiano denunciador dos males que aqueixaban, e ainda aqueixan, ao país, foi un crítico implacábel cara a xustiza que se aplicaba na Galiza: no seu labor gráfico e na sua obra en xeral pode-se dicer que o tema da xustiza é unha constante: —NON ME FAN XUSTIZA, SEÑOR! di-lle un pobriño ao crucificado do cruceiro: valla este como un dos exemplos sobranceiros da preocupacion do noso Guieiro por tema tan vital para o desenvolvimento humano.

Neste 25 de Xullo de 1989, por outra parte, non queremos esquecer dous fitos, diversamente combativos ambos, un universal, como a Revolucion Francesa, e un outro galego, como o Catecismo do Labrego, dos que se cumpren agora dous e un século respectivamente: que cada quen tire as reflexons do caso.

Para nós está claro que son, en cadanseu contexto, dous berros de liberdade e duas exixéncias de xustiza e xulgamos non seria traballo estéril procurar a relacion subxacente entre ambos fenómenos: entre a repercusion mundial de un e a impregnacion da sociedade rural galega que logrou o outro.

Estas e aquelas consideracions fai-nas O FACHO perante a efíxie do primeiro dos nosos patriotas, ALFONSO DANIEL RODRÍGUEZ CASTELAO, o DIA DA PÁTRIA.

VIVA GALIZA!

O 11 de Agosto sai (ainda que erroneamente interpretado como se proxectásemos a organizacion dun desplazamento a Pontevedra) a invitacion do FACHO para que os coruñeses se acheguen ao cemitério de San Mauro, render homenaxe a **Alexandre Bóveda,** o 17 seguinte.

1990

O (II) Dia de Castelao emite-se o seguinte manifesto, saído na imprensa o 27 de Xaneiro de 1990:

MANIFESTO DE O FACHO CON MOTIVO DO DIA DE CASTELAO, 30-1-90

Con data do 1.° de Abril de 1989, e a partir dunha iniciativa de O FACHO, logo suscrita polas agrupacions culturais coruñesas Ateneu da Coruña, Sociedade Tempo Novo, de Elviña, e Teatro Luís Seoane, apoiada depois pola Fundacion Castelao, apresentou-se unha PROPOSTA AO PARLAMENTO DA GALIZA PARA A INSTITUCIONALIZACION DO «DIA DE CASTELAO», este «30 de Xaneiro de cada ano, data do nacimento do noso prócer por exceléncia», institucionalizacion que se suxeria tivese a «mesma categoria de xornada nacional da Galiza que ten o 25 de Xullo, Dia da Pátria».

«Coidamos inecesário», tal como diciamos na proposta, dirixida a todos e cada un dos Grupos Parlamentários, «extender-nos sobre as razons da escolla de ALFONSO DANIEL RODRÍGUEZ CASTELAO, por ser sobradamente coñecida a trascendéncia que a sua figura tivo no século XX e na História xeral da Galiza, sen caírmos en mitificacions improcedentes, mais recoñecendo a necesidade imperiosa de recuperar unha vida e unha obra que, como as suas, están sendo alarmantemente esquecidas».

«Tal rememoracion periódica», seguíamos dicendo, «à maneira en que se adoita en muitos países do mundo, deberá servir como acto evocador e ocasion de reflexionar na figura homenaxeada en estreita relacion coa actualidade do País, sen dar en actos meramente comemorativo-protocolários que limiten a homenaxe a esa única data».

Pois ben, esa «actualidade do País» sobre a que queremos reflexionar hoxe, ben ao noso pesar, é que, transcorridos dez meses, coa série de eventos que houbo polo meio, todos e cada un dos grupos parlamentários —nacionalistas ou non— deron a calada por resposta: O FACHO prefere non exteriorizar a sua opinion sobre a matéria, principalmente no tocante aos partidos nacionalistas: pode que o asunto non fose todo o importante que nós xulgamos, mais, cando menos, puido obterse un simples «acuse de recibo» da nosa proposta.

Hoxe O FACHO insiste na sua teima, que tornará a apresentar a partir da constitucion do novo Parlamento. Parecenos fundamental que un país como este, que está en período de consolidacion, dispoña da datas especificas nas que honrar, dignamente, a aqueles que o honraron a el: e CASTELAO (como Bóveda), son un fito da nosa História que están sendo, cada un en degrau diferente, totalmente esquecidos, cando non citados en falso ou en vao, como acontece, por exemplo, coa «Medalla Castelao» que outorga a Xunta de xeito tan alarmantemente discrecional.

Queremos, asemade, ter unha lembranza para o patriota Manuel Lugris Freire, de cuxo pasamento se cumpre este ano o 50.° aniversário, figura indisculpavelmente arrombada pola Academia Galega, en concreto à hora de designar, ano tras ano, a persoa à que se lle dedica o Dias nosas Letras: a sua significacion na traxectória do galeguismo moderno é tal que hoxe só nos limitaremos a anunciar o firme propósito de O FACHO de relembrar, dignamente, no decorrer de 1990, ao esquecido patriarca.

Pois que, como o demostra o que parellamente pasou co monumento a Pablo Iglesias, o incivismo segue a actuar impunemente na nosa cidade, solicitamos, unha volta máis, do Concello coruñés a restauracion, e futura custódia, destes monumentos e doutros, como o de Murguia, aqui por trás, que simplesmente desapareceu hai anos, sen que aqueles aos que lles compete se preocupasen por repoñe-lo, reforzando aquel incivismo activo co pasivo seu.

Viva Castelao! Viva Galiza!

Dia Mundial da Paz.

O 15 de Marzo O FACHO pronuncia-se (e sai na imprensa o 16) a favor da liberdade de opcion

lingüística dentro do noso idioma, nos seguintes termos:

O FACHO APOIO A LIBERDADE LINGÜÍSTICA PARA O GALEGO

Desde a sua fundacion, a AGRUPACION CULTURAL O FACHO ten como obxectivo prioritário a promocion do idioma próprio do país e asi o demostrou cos primeiros cursos de língua que aqui se impartiron.

Foi con posterioridade cando, en colaboracion con «La Voz de Galicia», sacou à luz o curso «O galego hoxe», cuxa 9.ª edicion (1980), foi adaptada à primeira normativa con afán harmonizador que aqui houbo.

É desde aquela que O FACHO adoptou esta modalidade como língua de uso escrito en toda a sua documentacion interna e externa, considerando-a suficientemente aberta e intermédia entre as duas correntes lingüísticas actuais (confronte-se a «Introducion» do número 2 da sua Revista Monográfica de Cultura, 1986).

En consonáncia con ese espírito conciliador, a AGRUPACION CULTURAL O FACHO xamais exixiu nas bases dos seus concursos (alguns deles pioneiros na literatura infantil galega) normativa ortográfica concreta algunha, e asi o entenderon os sucesivos xurados calificadores que atenderon sempre, cara à sua clasificacion, à riqueza literária, lingüística e conceptual das obras.

Idéntica actitude adoptou esta entidade no momento de publicar por conta sua ditas pezas literárias (confr. «Contos dos nenos galegos», 1984), ou outras (confr. números 1 e 2 da Revista Monográfica de Cultura, 1984 e 1986), e, inda que non sempre con éxito, suxeriu o mesmo respeto a aquelas editoriais que tiveron a ben publicar orixinais procedentes dos citados concursos.

En base a todo o exposto, e fora de calquer motivacion pontual de tipo partidista, a AGRUPACION CULTURAL O FACHO apoia, sen reservas e con muita esperanza, a proposicion-non-de-lei da deputada do Grupo Parlamentário do Bloque Nacionalista Galego, dona M.ª Pilar Garcia Negro, nomeadamente no que ten a ver coa liberdade real de criacion e de expresion literária e coa mínima flexibilidade normativa que todo idioma en período de consolidacion precisa.

O 24 de Xullo sai un novo manifesto noso por mor do Dia da Pátria, lido diante do monumento a **Castelao**, como se fai adoito:

MANIFESTO DIANTE DO MONUMENTO A CASTELAO, 25-7-90

No último semestre produciu-se no país cultural unha série de acontecimentos de diversa magnitude que hoxe merecen a nosa reflexion.

Por unha parte, o idioma, que segue a receber un maltrato indigno daqueles que se consideran galegos e non saben nen queren valorar o que de mellor ten criado o povo galego: a sua língua.

Non hai máis que lembrar, sucesivamente:

1.º Unha proposta ao Parlamento, que O FACHO apoiou sen reservas, sobre «a liberdade lingüística para o galego», non obrigando, neste período de consolidacion do idioma, a seguir universalmente unha normativa ríxida que fora implantada como experimental e transitória; proposta que non tivo andamento, prolongando-se asi unha situacion de flagrante inxustiza para aqueles cidadaos que, exercendo a sua liberdade moral e legal, se ven reducidos a súbditos de 2.ª categoria.

2.º O Decreto da Presidéncia da Xunta regulando a concesion da isencion da disciplina de Língua e Literatura galegas, en calquer nível do ensino non universitário, en determinadas circunstáncias, marca un grave retroceso no proceso de normalizacion lingüística; ocasion na que O FACHO apoiou a campaña, falida, en contra de dita medida legal.

Por fim, aí temos o xeito de o máximo xerarca do Governo galego comerciar co idioma falado na Galiza exterior e coas autovias, intercambiando, con alarmamente trivialidade, un instrumento milenário de comunicacion social e signo de identidade nacional inegociábel com unhas supostas vias de comunicacion circunstanciais e que deveran conseguir-se por outros meios.

A maiores desta en tres capítulos que pudéramos considerar farsa se non fose traxédia, pululan ondequer manifestacions, cada volta, por fortuna, menos fariseas, de grupúsculos integrados polos cipayos *de sempre que, so pretexto de liberdade interlingüística, non fan senón atacar o idioma próprio noso e inda que lles pese, deles mesmos histórica e legalmente, dando un exemplo tristísimo de servilismo mental e entreguismo político, pondo túrbios intereses personais por riba dos colectivos; querendo ignorar que a igualdade real supón o reforzamento do débil.*

Noutra orde de cousas, O FACHO non pode deixar de recoller, na sua literalidade, o que, tan atinadamente, dicia o noso asociado, D. Isaac Díaz Pardo, estes dias, opondo à gallarda actitude do Parlamento catalán para co prócer Lluis Companys —sempre os cataláns!— a barateira e desafortunada cerimónia de adxudicacion e entrega das xa depauperadas medallas Castelao.

«¿Cando o noso Parlamento —dicia Isaac— vai facer algo semellante con Alexandre Bóveda e con Ânxelo Casal? Pola contra, acabamos de escuitar que a Galiza 'non lle interesa onde estivemos en 1931 ou en 1936, senón onde queremos poñela no ano 2000'. E este despropósito —segue Isaac— dixo-se nun acto presidido polo nome de Castelao, que se ten significado pola sua conduta en 1931 e en 1936, polo que non pode estar máis clara a sua manipulacion. A história hai que coñecé-la para non repeti-la. Outra cousa é que haxa que superá-la e non utilizá-la para dividir».

Como non todo há ser negativo, temos para nos alegrar o feito positivo da constitucion da Universidade da Coruña, cuxa divisa 'HAC LUCE' en torno ao inevitábel Faro de Breogán, parece anunciar aqui un venturoso futuro para a nosa cultura autóctona, se dito centro de estudos é quen de sugar o externo e útil, aprofundando no interno ou próprio para, dando-lle virtualidade ao seu nome, criar cultura duplamente universal. Pois, como afirmaba o noso inesquecíbel profesor Carvalho Calero, «o galeguismo é umha forma de modernidade, e o antigaleguismo umha forma de arcaísmo de reacçom intempestiva, já que o nosso nom se trata de um nacionalismo que se fecha em si mesmo, senom tudo o contrário, (desque) Galiza foi tanto mais europea quanto mais galega foi».

O 26 de Setembro, como início do ciclo de conferéncias en homenaxe ao ilustre sadense, dirixe-se à Alcaldia un escrito (saído na imprensa o 29), solicitando unha rua da cidade para **Manuel Lugris Freire.**

O 30 de Outubro solicita-se, por segunda volta, (e recolle-o a imprensa do 3 e do 6 de Novembro) a institucionalizacion do Dia de Castelao, agora aos novos grupos parlamentares da presente lexislatura e polo FACHO en solitário. (Ver a história desta iniciativa no capítulo C e en 1991).

Invitado o presidente da Agrupacion pola revista *Galicia-10* a enviar a opinion do FACHO respeito às caréncias da Coruña, no terreno cultural, às portas do ano 2000, marcando-lle un fólio de extension, e dado o muito que foi reducido o texto (saído ainda contra o 29 de Decembro, é dizer, tarde e incompleto e máis sorrateiramente contestado, con luxo de espazo, pola entidade aludida), parece útil dá-lo a coñecer na sua integridade:

POR UNHA CORUÑA-FARO CULTURAL

As realidades físicas determinantes do destino coruñés, e, portanto, da personalidade cultural da Coruña dan de si, constitúen per se *unha simboloxia ben clara. Asi, a sua dupla condicion natural de península tan pronunciada con unha Baía (con porto no acougo da ria) que olla para a Galiza e unha Enseada (a do bravo Orzán, cos seus luminosos areais) que mira cara o mundo. Asi, os seus fitos de criacion humana, coincidindo cos naturais, as galerias da Mariña (moderno e felicísimo logro, conxunto de cristais* receptores) *a colleitaren avidamente a claridade solar, e a Torre (ou Faro* emisor) *expandindo a sua luz desde a Antiguedade. Estes fitos, evidemente, definen unha cidade como a nosa que estivo de sempre, por imposicion da sua xeografia, condenada a un intercámbio constante co interior e máis co exterior e, por iso, atinxen doadamente a categoria de símbolos seus.*

Ora, como agrupamento cultural, O FACHO (con un nome que tanto ten a ver co Faro) procurou, desde a sua fundacion, contribuir ao reencontro da Coruña coas suas raizames galegas, a língua a primeira, cumprindo, en grande medida de mao da mocidade, un papel dinamizador e revulsivo que, en princípio, à Academia Galega lle estaria reservado, mais que, como é sabido, esta non exercia. E sen que a nosa entidade pretendese adoptar xamais un papel protagónico, tal e como vai demostrá-lo unha volta ainda.

Se algo lle falta à Coruña é, ao meu ver, o que precisamente non lle falta: unha Academia Galega, mais unha Academia dinámica e aberta, protagonista na nosa promocion cultural, sábia e por sábia humilde, e fortemente dotada dos meios humanos e económicos que lle cumpren para exercer esa mision para a que foi criada por un grupo de patriotas como Murguia e Curros, sen esquecer ao soñador Fontenla, tres caras de un mesmo progresismo galeguista (o intelectual na Terra, o poeta civil na diáspora e o obreiro e emigrante): todo isto é o que hoxe nen posúe nen ten trazas de posuir, a menos que experimente un cámbio radical, a Real Academia Galega, fundada na Coruña cando A Coruña era o foco da cultura do país, e sendo cronoloxicamente na Galiza a primeira institucion de carácter cultural; desde hai escasos anos segundada, cando menos nominalmente, pola Real Academia Gallega de Bellas Artes Nuestra Señora del Rosario, *que até enton non tiña tal cualificacion de galega. E hoxe felizmente reforzada a nosa cidade coa novísima Universidade, cuxo lema, en torno ao inevitábel faro, parece anunciar aqui un venturoso futuro para a nosa cultura autóctona, se dito centro de estudos é quen de sugar o externo e útil, aprofundando no interno ou próprio para, outorgando virtualidade ao seu nome, criar cultura duplamente* universal: *seria lamentábel que ambas institucions, Universidade e Academia, non alcanzasen a altura a que están chamadas e, coordinando as suas actividades académicas, non reintegrasen à Coruña no seu tradicional posto de avanzada cultural galega. As divisas* Colligit, expurgat, innovat *da primeira, aplicada a si mesma, e* Hac luce *da segunda, rigorosa e entusiasticamente desenvolvidas, poden converter radicalmente a vida cultural da nosa cidade.*

Eis o noso reto cultural para A Coruña 2000, reto que, desde hai case 27 anos, ven mantendo modestamente mais sen repouso, a Agrupacion que hoxe me honro en presidir.

A Coruña, 18-5-90, DIA DA NOSA FALA, (aniversário da fundacion aqui das Irmandades da Fala).

1991

Un novo manifesto di-se e publica-se no (III) Dia de Castelao. (Ver páxina seguinte).

O 1 de Xuño publica-se a nosa nota de agradecimento aos grupos parlamentares (BNG e PSG-EG) que luitaron e/ou conseguiron a institucionalizacion do Dia de Castelao.

O 11 de Xuño EIG publica o noso segundo (desde 1989) comunicado reivindicando a recuperacion da vella igrexa de Oza.

O 25 de Xullo difunde-se o habitual manifesto do FACHO polo Dia da Pátria, prescindindo, esta volta da nosa presenza diante do monumento a Castelao, segundo no mesmo se explicita:

Por tres anos consecutivos O FACHO veu acudindo ao monumento de Castelao, nos Xardins de Méndez Núñez, cada 25 de Xullo; outras tantas veces se personou a nosa Agrupacion ali cada Dia de Castelao, 30 de Xaneiro. De seis en seis meses facíamos esa oferenda simbólica coroando a nosa reflexion sobre o acontecer do País nese período. O pasado 5 de Abril, culminando a nosa aspiracion, conseguiu-se por

MANIFESTO DA AGRUPACION CULTURAL O FACHO NO "DIA DE CASTELAO", 30-1-91, que será lido diante do seu monumento nos Xardins de Méndez Núñez, 18 hs.

- Un ano mais, e é o terceiro, reunimo-nos diante do seu monumento -tan maltratado como sempre-, para reflexionar, no DIA DE CASTELAO, sobre o acontecer do País - neste último semestre.

  E facemo-lo un grupo de xente orgullosa do seu, sen que nos deteña sermos poucos e se a celebracion é ou non é oficial, pese a que esta volta houbo duas forzas parlamentares que, à nosa iniciativa, propuxeron a sua institucionalizacion.

- Entre o muito que aconteceu, reseñemos, como mais recentes, un feito lamentábel, se ben con final feliz, cal foi o das dificuldades ainda existentes para a utilizacion do galego nas institucions (da Xustiza, neste caso); e outro esperanzador, cal é a constatacion de que, de fronte à debilidade da Galiza diante da realidade económica comunitária, pareceria que imos tirar desta nova integracion internacional máis que da integracion chamada nacional, como seria un crecente contacto con Portugal, con todo o que isto pode comportar para a nosa cultura e idioma, - non menos que para a nosa economia.

- É bo repararmos en que neste 1991 se cumpre o centenário dos Xogos Florais de Tui, os primeiros verdadeiramente galegos despois do importante antecedente coruñés de 1861. E tamén os 75 anos de feitos da maior trascendéncia histórica que tiveron - lugar nesta cidade, tais a publicacion da obra de Antón Vilar Ponte, "Nacionalismo gallego: nuestra afirmación regional", que deu orixe, o mesmo ano, à fundacion - das Irmandades da Fala e do decenário "A Nosa Terra". Sen esquecermos a traxédia social de Nebra, que se desenvolveu en ditas datas, triste balanzo da defensa dos seus intereses por uns labregos do Porto do Son.

  Tudo isto evocamo-lo co respeito que nos impón a nosa mellor história e co afán - de mantermos viva a lembranza dos que, cos seus actos, fixeron posíbel para nós - falarmos de Galiza en termos de nacion. Mais, insistimos en que non o facemos coa autocomplacéncia de que xa todo se cumpriu, senón coa firme convicion de que cuase todo está por cumprir-se neste País invertebrado.

- Hoxe tamén é o DIA MUNDIAL DA PAZ e nesta conxuntura dramática é tanto mais necesário lembrá-lo, pois que o drama que actualmente se está a viver na vella Mesopotámia, alén de un feito eticamente inaceitábel, toca-nos na carne a muitos povos e ten todas as características de unha confrontacion internacional de consecuéncias insospeitadas. Se os nosos povos todos se erguesen como un povo só contra esta — hecatombe, caberia abrigar a esperanza de que a guerra se deteria. Con esa ilusion é que entonamos hoxe o noso hino. Viva Castelao! Viva Galiza!

fin que, polos bós ofícios do deputado Camilo Nogueira Román, fose institucionalizado o 30 de Xaneiro como Dia de Castelao, ocasion en que O FACHO expresou publicamente o seu recoñecimento a este e máis à deputada M.ª Pilar Garcia Negro quen, meses atrás e con pior sorte, tamén apresentara ao Parlamento a nosa proposta.

Seguindo vixente a razon que ao pé de Castelao nos convocaba, por estimarmos que é de todo ponto necesário que o noso, como calquer país que se précie de tal, teña as suas celebracions cívicas próprias, —tentando O FACHO cubrir este vacio nos hábitos cidadáns dos coruñeses—, pasamos, desde hoxe a enfatizar o Dia de Castelao coa nosa presenza ante o seu monumento, sen por iso deixar de emitir e divulgar a nosa reflexion na data nacional de Galiza. E a nosa reflexion coincide hoxe co debate público ao que ultimamente vimos asistindo, reflexion e debate que tentan propiciar a necesária unidade dos galegos para xuntos mellor afrontar o reto da modernizacion do país, nesta encrucillada europea, cando o entendimento entre nós e cos irmaos portugueses semella ser a resposta máis lóxica e máis esperanzada aos nosos vellos problemas sócio-económicos.

Só desde a unidade será posíbel protagonizar unha presenza activa, dinámica, ambiciosa en todos os estamentos da vida política social, económica e cultural galega. Só desde a unidade das forzas nacionalistas será posíbel enfrontarmonos con garantias às complexidades dun proceso ao que Galiza acede nunha condicions desfavorábeis. Só desde a unidade será posíbel levar a cabo actuacions tendentes à superacion do noso trauma histórico.

Como articular esa unidade? Que camiño tomar para que sexa eficaz? Os políticos serán os encargados de cristalizar ese anceio que hoxe con especial significado latexa en todos nós, cidadáns comuns que asistimos, entre escépticos e esperanzados, à última oportunidade de vertebrarmo-nos en torno a un proxecto comun. Deles será a responsabilidade se non chegan a atopar a linguaxe que aproxime. Sobre todos nós reacaerán as consecuéncias dunha realidade traumática que nen podemos nen queremos admitir.

O horizonte do ano 93 xurde diante de nós como un reto capital, ainda que imposto. A entrada en vigor dun espazo económico único, sen fronteiras, previsto pola Acta Unica, a partir do ano 1993, cadra cronoloxicamente co ano xacobeu, celebracion que paralelamente co seu carácter relixioso, conleva unha fonda significacion cultural e europeísta, articulada ao redor do vello camiño de iniciacion. Esta coincidéncia está a propiciar a celebracion dunha série de eventos de carácter institucional que lamentabelmente se están a facer de costas à realidade nacional, privando de contido e ainda de sentido a algo que poderia coallar no protagonismo de Galiza en Europa e no mundo: é à cabeza dese mundo que a Xeracion Nós pretendia colocar-nos. Hai que reclamar e conseguir a presenza do nacionalismo en todos e cada un dos aconteceres que agardan ao noso país, na seguridade de que só desde a reflexion e a profundizacion no noso ser nacional, estes aconteceres cobran significado.

Co pensamento en Bóveda e Castelao, Viva Galiza!

O dia seguinte envia-se aos meios, a nosa postura ante a clausura de Rádio-4 de R.N.E., nos seguintes termos:

Independentemente das motivacions que no seu dia, hai seis anos, deran pé à criacion de Rádio Catro - Rádio Nacional de España, non cabe dúbida de que a sua clausura nestes momentos significa contarmos cunha tribuna menos, e de importáncia indiscutíbel, para a normalizacion do noso idioma, significando, à vez, un paso atrás no obrigado apoio dos entes públicos estatais às culturas e às chamadas línguas de España.

Por iso a Agrupacion Cultural O FACHO non pode permanecer calada diante deste feito que, a maiores, parece comportar perxuízo para un grupo de traballadores do meio: só coa asuncion, polo aparato subsistente de Rádio Nacional de España, da práctica que daba razon de existéncia à emisora desaparecida, ou sexa, a utilizacion exclusiva do galego, poderia subsanar-se o dano provocado coa eliminacion deste meio de expresion no idioma do país.

□ □ □

(O eco do noso labor)

À parte da profusa informacion surxida, polo xeral, da nosa própria iniciativa (notas e comunicados, cartas abertas, comunicacions e manifestos) remetida aos mesmos —textos estes a que se ven de facer referéncia no anterior apartado do capítulo—, os meios de comunicacion teñen reparado frecuentemente no noso labor con comentários e, sobretodo, entrevistas a directivos —tanto máis de agradecer en tempos de dificuldade—, como o demostra a simples enumeracion que segue e que non é exaustiva —pois se omiten xeralmente as innúmeras notícias derivadas de e referidas a actos pontuais—, que compón unha espécie de bibliografia comentada, seguida da outra (libros). Inclue-se, igualmente, relacion da publicacion en ditos meios de textos premiados nos nosos concursos.

1963

A primeira notícia que temos do FACHO surxe en LVG do 16 de Agosto de 1963, na seccion *Pluma de medianoche,* de **Luis Caparrós,** quen se fai eco da demanda de colaboracion dos xóvenes **Andrés Salgueiro Armada** e **Enrique Harguindey Banet,** para que todos os que se interesen pola criacion dunha agrupacion de cultura galega se dirixan a eles nos seus domicílios respectivos (ver a Pequena história, nesta mesma Memória). Igual demanda dá-a a coñecer Rádio Nacional de España.

1964

O 10 e o 15 de Xaneiro de 1964, aparecen en LVG senllas notícias sobre a (I) *Campaña do peso Pró Teatro galego:* na primeira fala-se xa da Agrupacion Cultural O FACHO, a segunda, ben máis extensa e que fai unha pequena história do teatro galego, refere-se, sen nomear à Agrupacion, ao seu recén elexido primeiro presidente.

A Campaña ia dirixida a dotar de fondos o Prémio Castelao e, promovida, como é ben sabido, pola A.C. O Galo, de Compostela, estaba na Coruña a cargo do FACHO.

O 1 de Febreiro, a mesma LVG recolle, na seccion *Cinco minutos de charla,* de **Rubén San Julián,** as declaracions feitas polo flamante tesoureiro da non menos flamante Agrupacion Cultural O FACHO, principalmente no tocante à dita (I) *Campaña do Peso.*

O 26 de Abril, El Progreso, de Lugo, publica as manifestacions, en galego, que un dos fundadores do FACHO, o mozo **Enrique Harguindey Banet,** remete como resposta ao inquérito *Hoy de Europa y Galicia.*

(Curiosamente, ao dia seguinte leva-se a cabo a que talvez sexa a primeira actividade cultural que O FACHO fai por própria iniciativa, e da que tamén dá conta a imprensa —do 28—: un recital poético de **B. Graña, S. G.-Bodaño** e **A. L. Casanova,** que ten lugar no Circo de Artesáns, segundo se informa no capítulo correspondente).

O 10 de Setembro, o redactor-xefe de Rádio Coruña, **Francisco Pillado Rivadulla,** dá notícia sobre o I Curso de idioma do FACHO.

O 15 de Decembro LVG dá ampla informacion, através dunha entrevista de **Rubén San Julián** às asociadas **Inés Armesto Pérez** (directiva) e **Pura Barrio Val,** non só da *II Campaña do Peso Pró Teatro galego,* senon tamén da própria Agrupacion Cultural O FACHO, no seu primeiro aniversário.

1968

Até o 14 de Marzo de 1968 non nos consta outra entrevista: nesta ocasion é **Eugenio Pontón,** na seccion *Cinco minutos de charla,* de LVG, quen entrevista ao noso presidente.

O 2 e o 9 de Xuño, na páxina extraordinária dominical *Mundo infantil* de LVG, publican-se, respectivamente, e dun xeito parcial, os contos *A galiña azul* e *O can de Larapito,* premiados no noso I Concurso de contos infantis.

O 1 de Xullo, na seccion *Contéstenos, por favor,* de La Hoja del Lunes, **Celso Ferreiro** entrevista ao noso presidente.

Na Revista de Economía de Galicia, da Editorial Galaxia, e no seu número 61/63 (correspondente ao semestre Xaneiro/Xuño 1968), veñen amplas referéncias ao noso ciclo *Problemática económico-social galega 1968.*

O 12 de Outubro, baixo o título *La economía de Galicia en gallego,* a revista barcelonesa Destino, na sua seccion *Economía y sociedad,* a cargo de **Josep M. Muntaner i Pascual** comenta eloxiosamente o noso ciclo de conferéncias mencionado.

Unha atencion sen precedentes se presta à nosa celebracion do Ano Internacional dos Dereitos do Home:

30-11-68. Na seccion *A nosa Galicia,* de LVG, **Ángel Padín** comenta o noso proxectado ciclo.

10-12-68. No mesmo Dia dos Dereitos Humanos, o Diario de Pontevedra publica un fragmento do limiar do noso libro, debido a **J. A. González Casanova.**

12-12-68. El Progreso, de Lugo, fai a reseña do libro.

10-1-69. EIG, na seccion *Díganos la verdad,* **Celso Ferreiro** entrevista ao noso presidente co mesmo motivo.

24-1-69. Na seccion *Tertúlia literária,* da revista catalana Tele/Estel, aparece a reseña que reproducimos:

tertúlia

DRETS DE L'HOME

Editorial Moret de la Corunya ha publicat una edició de la **Declaració dels Drets de l'Home** en quatre llengües: gallec, basc, castellà i català. Prologa el llibre J. A. Gonzáles Casanova, catedràtic de Dret Polític de la Universitat de Santiago.

O 29 de Decembro de 1968, na seccion *A nosa Galicia,* de LVG, fai **Ángel Padín** referéncia à literatura infantil galega e ao libro *A galiña azul.*

1969

O próprio **Padín** fai, o 9 de Xaneiro de 1969, unha pequena memoria da nosa Agrupacion, no seu primeiro quinquénio, na mesma seccion de LVG.

O 11 de Xaneiro, na seccion *El tema del día,* de EIG, **Celso Ferreiro** fala das Agrupacions Culturais e en especial do FACHO.

O 24 de Xullo, en Faro de Vigo , P. **(Francisco de Pablos)** dá unha vision panorámica da nosa Agrupacion baixo o suxestivo título de *O FACHO, una institucion coruñesa que vela por nuestra cultura.*

O 15 de Novembro, en *A nosa Galicia,* de LVG, **A. Padín** comenta o noso boletin-memória para os sócios, recén enviado.

O 1 de Decembro, **M.ª Dolores Santaella** entrevista, na seccion *Contéstenos, por favor,* de La Hoja del Lunes, a **Ramón Fraga García,** co-responsábel da seccion de EIG *Do idioma galego,* sobre O FACHO, a língua e a cultura de Galiza.

1970

O 22 de Agosto en LVG, **Victoria Armesto** publica, baixo o título *Antorcha y guía,* unha eloxiosa reseña sobre O FACHO.

1971

O 1 de Maio, **Mayte Suárez Santos,** de LVG, entrevista ao profesor do Curso de idioma, **X. M. Rodríguez Pampín,** baixo os epígrafes *Tratar de ser galego consecuente non é ningun hobby* e *Dentro dunhos anos falarán galego uns 200 millóns de persoas.*

O 26 de Setembro de 1971, nas páxinas *Los domingos de La Voz* de LVG, inicia-se a importante xeira constituída pola seccion *Contos para os nenos galegos,* que durará, polo menos, até o 4 de Xullo de 1976, cuase 5 anos; realizada co obxecto de que tanto os nosos nenos como os seus mestres pudesen dispor de material axeitado en momentos en que era ainda incipiente a edicion de literatura infantil no noso idioma e en tanto non se facia realidade a implantacion do ensino do galego nas escolas —di a nota de apresentacion— tal como se aprobou na Lei Xeral de Educacion Básica; e nutrida con textos procedentes dos concursos de contos infantis O FACHO. Aí publicaron-se dous contos de nenos e mais de 50 para nenos, estes dos seguintes autores: **Agrelo Hermo** (2 contos), **Lucila Alén** (2), **Eliseo Alonso** (2), **Alonso Estravís** (2), **Antonio Francisco Simón, Inés Armesto, Bernárdez Vilar** (2), **Blanco Rábade, Blanco Valdés, Xosé Dono, Xosé Estévez, Fariña Jamardo, Ana M.ª Fernández, García-Bodaño, Agustín González, Franco Grande, B. Graña, Emilio de Gregorio, A. Lezcano** (2) **Siro López, X. López Arias** (2), **M. Ricardo Lorenzo** (2) **Paco Martín, X. M. Mz. Oca, M.ª V. Moreno, Camiño Noia, A. Padín, Á. Paradela, G. Roxo, Antón de Santiago, Taboada Táboas, F. Taxes, M. Trigo, Varela Jácome, Dora Vázquez** (2), **Pura Vázquez, Vázquez Gil, Vázquez Gundín, Vázquez Pintor, Velasco** (2), **Fiz Vergara** (2) e **Pedro Villar.**

1972

O 28 de Xaneiro, en El Progreso, de Lugo, **López Castro** entrevista à asociada **Carmen Otero**, en grande parte sobre a Agrupacion.

O 28 de Maio, no *Outeiro de San Xusto,* de LVG, X.M.R.P. **(Xosé M. Rodríguez Pampín)** escrebe sobre *O Facho* e a *Torre de Hércules.*

O 5 de Agosto, **Siro,** en EIG, entrevista ao presidente da Agrupacion baixo a frase *O idioma galego está introducíndose en campos que fai catro anos parecían increibles.*

1973

En La Hoja del Lunes, do 1 de Xaneiro, **Orestes Vara Calzada** entrevista ao secretário do FACHO en *Contéstenos, por favor.*

O 27 de Maio, **José Antonio Gaciño** de EIG (baixo a sigla J.A.G.) entrevista a un portavoz do Grupo de Teatro: *Nos volcaremos especialmente hacia el teatro infantil.*

O 2 de Xuño, a revista Triunfo, de Madrid, número 557, publica unha carta do noso presidente cunhas pontualizacions a un artigo anterior de **Perfecto Conde Muruais** sobre o Grupo de Teatro O FACHO e a Mostra de Ribadávia.

No cuarto trimestre do ano, a que corresponde o número 42 da revista Grial, de Vigo, nas páxinas 396, 512/514, fan-se comentários sobre o noso labor na literatura e no teatro infantis.

1974

O 3 de Xaneiro, EIG publica, baixo o rubro *O idioma galego no ano 1973 (I),* unha panorámica da actualidade da nosa Agrupacion (indubitabelmente da autoria do seu presidente) co título *O FACHO e a literatura infantil no 1973.*

O 4 de Xaneiro **Antón de Santiago,** en LVG, entrevista ao presidente con ocasion do 10.° aniversário do FACHO.

Este ano EIG publica *Xurxo,* de **Siro,** que fora mencion no Concurso de Contos do ano anterior.

O 24 de Febreiro, nun *Outeiro de San Xusto* de LVG, **M. Espiña Gamallo** louva o labor do FACHO.

O 3 de Xullo, **Luci Garcés,** en LVG entrevista a integrantes do Grupo de Teatro.

En Decembro dese ano EIG/ **Luis Pita** fai unha encuesta, baixo o título *La Navidad no es sólo una fiesta,* a representantes de cinco entidades ou colectivos, entre eles o presidente do FACHO, quen fai balanzo do ano cultural galego que acaba.

1975

No número 1 da revista infantil Vagalume (Xaneiro), aparece *Faisquiña,* de **P. Martín,** mencion que fora no noso V Concurso de Contos.

O 14 de Febreiro LVG, en *De sol a sol,* entrevista ao director do Grupo de Teatro.

O 1 de Marzo, en LVG, J.R.D. **(Juan Ramón Díaz),** cunha extension desusada, practicamente a toda plana, recolle o desenvolvimento da mesa-redonda *O teatro galego hoxe,* celebrada o dia anterior e que clausura o ciclo homónimo do FACHO.

O 9 de Marzo, en LVG, publica-se unha entrevista a **P. Rodríguez Varela,** profesora do Curso de idioma: *Resurge el idioma gallego* é a frase que a encabeza.

Dito dia e máis o 16 seguinte, LVG, co título *O teatro galego hoxe,* publica senllas llanas, unha en cada data, debidas a **C.L.** e dedicadas ao citado ciclo.

O 30 de Marzo, a *Figuración* de **Luís Seoane** en LVG, dedicada a **Manuel Caamaño,** dá unha vision panorámica do FACHO.

O 17 de Maio, L. de LVG entrevista ao presidente do xurado do VIII Concurso de Contos infantis, recén fallado, quen califica dito concurso como *inestimable arsenal lingüístico e lexicográfico.*

O 28 de dito mes **Ángel Padín** entrevista ao Grupo de Teatro para LVG: *A compensacion do traballo é comprir coa obrigacion de facelo pola cultura do país* (declara o director do Grupo).

1976

No número 22 (Xuño) da revista Vagalume aparece *Sabeliña e os ratos,* de **P. Martín,** 1.° prémio no noso VI Concurso de Contos.

O 24 de Outubro M.M. **(Manuel Miragaia)** entrevista, a toda plana e para EIG suplemento dominical, ao presidente do FACHO.

O 10 de Novembro, A.R.C. **(Agustín Rodríguez Caamaño)** entrevista para LVG a **P. Rodríguez Varela,** con motivo do comezo do noso XIII Curso de idioma.

1977

No número 30 (Xaneiro) de Vagalume publica-se *O tolo do monte,* de **X. M. Tejo Cobas,** prémio no noso IX Concurso de Contos.

O 25 de Febreiro, **M.ª Antonia Fernández Sainz** entrevista en *Cinco minutos de charla,* de LVG, ao presidente da Agrupacion, sob-pretexto do mesmo XIII Curso.

Dito dia, **Víctor F. Freixanes** dedica ao FACHO *O último renglón* en Rádio Popular de Vigo.

A calada pacencia dos sementadores chama-se o *Outeiro de San Xusto* que, pola segunda volta, o 3 de Abril en LVG, dedica ao FACHO **X.M.R.P.**

O 21 de Xullo, **R.G.A.** en EIG entrevista a **Ramiro Cartelle,** co-adaptador e actor en *Paco Pixiñas.* Entre o 20 e o 22 escreben sobre dita obra, en LVG **A. Rodríguez Caamaño** e **Ramón Patiño,** e en EIG **X. A. Gaciño.**

O 25 de Outubro LVG publica, como pórtico ao *Curso de galego* a iniciar-se o 6 de Novembro seguinte, unha ampla entrevista, a toda plana, coa Equipa de Língua da Agrupacion.

Nos números 37/38 (Novembro), 39/40 (Decembro) e 41/42 (Xaneiro de 1978) de Vagalume saen os catro contos de nenos premiados no noso X Concurso.

1978

O 16 de Xullo, LVG publica unha nova reportaxe, esta volta motivada na aparicion do libro *O galego hoxe.*

E o 18 seguinte dito xornal publica ainda outra reportaxe, agora con pé na apresentacion do citado libro.

1979

0 24 de Outubro de 1979, en LVG e EIG saen senllas reportaxes sobre a nova Xunta Directiva resultante da Xunta Xeral do dia anterior.

O 10 de Decembro o novo presidente responde ao inquérito de La Hoja del Lunes sobre que proxectos culturais, máis ou menos imediatos, ten a entidade que preside, dirixido a cinco directivos doutros tantos colectivos: o Arquivo do Reino, o Ateneu, El Eco, a Academia e nós.

1980

O 5 de Marzo, en LVG, **Manuel Caamaño Suárez** escrebe sobre *O galego hoxe.*

O 8 de Marzo de 1980 **Xosé Antonio Caciño** entrevista ao noso ex-presidente, **Manuel Caamaño Suarez** en EIG, con motivo da homenaxe que O FACHO lle tributa dito dia.

O mesmo dia sai outra entrevista en LVG e máis un artigo de **Marino Dónega,** sobre *Manuel Caamaño, o presidente.*

Inicia-se unha década na que O FACHO é especialmente requerido nas rádios coruñesas, maismente en Rádio Coruña, para recabar a sua opinion ou divulgar o seu labor.

Este ano saen, en LVG, alguns dos cómics premiados no noso Concurso.

1981

En La Hoja del Lunes do 9 de Febreiro é entrevistado o noso presidente na seccion *Contéstenos, por favor,* por mor da Mostra do Livro Luso-Brasileiro.

O 18 de Febreiro, A Nosa Terra e **Xosé Amador** entrevistan amplamente ao presidente do FACHO.

O 16 de Decembro saen, tamén en A Nosa Terra, os poemas gañadores no noso IV Concurso de Poesia.

1982

O 13 de Marzo LVG publica unha entrevista con membros da Directiva baixo o título *O FACHO, case 20 anos na avangarda cultural galega.*

1983

En Febreiro, en A Nosa Terra, baixo o título *O FACHO: 20 anos ao servizo da cultura nacional,* publica ampla reseña **Andrés Martín Jáuregui.**

Dito mes, o dia 9, en LVG, **Manuel Caamaño Suárez** refere-se ao FACHO en *A resisténcia cultural das novas xeracions galegas.*

O 3 de Decembro, con motivo do noso 20.º aniversário, a emisora Antena 3 cedeu-nos unha hora da sua programacion, que foi cuberta con: o Grupo de Teatro (que avanzou a próxima estreia de *Peticion de man* e a nunca estreada *O unicórnio azul,* criacion para nenos, do próprio Grupo), a intervencion de **Andrés Salgueiro, Manuel Caamaño, Manuel Lourenzo, Xavier Alcalá** e dous directivos, todos entrevistados polo presidente do FACHO.

Co mesmo motivo, LVG dedica-nos duas planas do seu *Cuaderno de cultura* do 8 de Decembro, segundo xa se viu neste mesmo capítulo.

1984

En A Nosa Terra de 12 de Xaneiro, saen os poemas gañadores no noso VI Concurso de Poesia.

O 12 de Febreiro, **E. Pérez,** en EIG, entrevista ao noso presidente saliente.

O 25 do mesmo mes, EIG e LVG publican senllas reportaxes sobre a nova Directiva elexida o 30 de Xaneiro anterior.

O 12 de Setembro na seccion *Homenaxe* do suplemento *Cataventos* de EIG, **Un do Chan** (Xosé M.ª Monterroso) escrebe sobre *O FACHO: unha teimosa resisténcia cultural.*

1986

EIG de 25 de Xaneiro publica unha entrevista co presidente, a raíz da sua reeleccion.

1987

O 3 de Febreiro, EIG publica, a toda plana, a reportaxe que **E. Cebrián** fai ao noso presidente, baixo o título *A difusion e a normalizacion lingüística, obxectivo da Agrupacion Cultural O FACHO.*

1988

O 7 de Febreiro LVG, na seccion *Quién y qué,* entrevista ao presidente saliente da Agrupacion.

O 14 de Abril seguinte, no mesmo xornal e seccion, é entrevistado o presidente entrante, a partir da Xunta Xeral de 11 de Febreiro.

O 18 de Decembro, LVG dedica ao noso 25.º aniversário unha plana do seu suplemento de cultura, con entrevista de **Guillermo Pardo** ao presidente da Agrupacion.

O 22 de Decembro, **Francisco Ant. Vidal** escrebe en A Nosa Terra sobre *O FACHO, 25 anos refacendo Galiza.*

O dia seguinte, **Kontxi Gándara,** de Diario 16 de Galicia, entrevista ao sócio número 1, **Andrés Salgueiro** e ao seu presidente, con motivo dos 25 anos do FACHO.

1989

O 22 de Xaneiro, con pretexto na apresentacion do seu libro *Sobre Galicia como responsabilidade,* **Guillermo Pardo** entrevista para LVG ao ex-presidente **Manuel Caamaño Suárez** na que resulta ser, en grande parte, unha ampla panorámica a toda plana sobre O FACHO.

En LVG do 17 de Maio, **M.ª Carmen Cotelo** entrevista ao mesmo ex-presidente, quen, en poucos párrafos, fai interesantes referéncias às dificuldades que arrostrara O FACHO para poder celebrar muitas das suas actividades, por mor das trabas administrativas do anterior rexime.

No número 18 (Verao, 1989) da revista Agália sai publicado o conto de **Imma A. Souto** premiado no II Concurso de Contos de Terror.

O 20 de Xullo o presidente da Agrupacion opina, entre outros encuestados por LVG, sobre a criacion da Universidade da Coruña.

O número 20 da revista Agália (Inverno, 89) publica o conto de **Henrique M. Rabunhal** que fora 2.° prémio no noso Concurso de Contos.

1990

O 30 de Xaneiro, LVG solicita, entre outras, a opinion do presidente do FACHO sobre as necesidades da Coruña na década que se inícia.

O 4 de Febreiro e para o mesmo xornal, se lle plantexa outro tanto, xunto a dous directivos doutras duas entidades, por **Ricardo Vales** acerca da criatividade cultural da cidade e do xeito de incentivá-la.

O número 21 (Primavera, 90) da revista Agália recolle ampla informacion sobre a nosa *Homenagem urgente a Ricardo Carvalho Calero.*

O 25 de Setembro **Susana Blanco,** de EIG, entrevista ao presidente do FACHO na seccion *Perfiles.*

O número 23 da revista Agália (Outono, 90) publica un fragmento de *O vendedor de janelas,* peza de **João Guisán** que obtivera galardon no noso IV Concurso de Teatro (1979).

Ese mesmo número oferece informacion sobre a nosa *Homenaxe a Lugris Freire,* reproducindo, asimesmo, tres das cinco intervencions, as de **Pillado Mayor, Jenaro Marinhas** e **Manuel Lugris** (neto).

Con motivo das funcions do Grupo de Teatro realizadas o dia anterior, aparece o 21 de Decembro, en LVG ampla informacion sobre a traxectória de 25 anos de dito Grupo, confeccionada por **Mercedes Modroño.**

1991

O 8 de Marzo, en duas seccions de LVG recolle-se, por man de **Manuel Rodríguez,** o acto de apresentacion do noso libro *Concurso Nacional de Poesia O FACHO,* celebrado o dia anterior. Outro tanto fará EIG o 17 seguinte, por obra de **Manuel Rico Verea.** E mesmo o 17 de Abril en LVG por **Ánxeles Penas,** en *Faíscas.*

Xan Carballa entrevista, o 21 de Marzo, para A Nosa Terra, ao presidente do FACHO.

Xoel Gómez, en LVG do 30 de Xuño, entrevista ao presidente do FACHO nun artigo que trata do asociacionismo cultural en xeral.

Rosa Castro entrevista ao mesmo no programa *Cousas da língua,* da TVG, a noite do 23 de Setembro.

No número 28 (Inverno, 91) da revista Agália saen tres contos para nenos, de **Xosé Luis Martínez Pereiro,** premiados en senllos concursos do FACHO.

En *De Sol a Sol* de LVG do 9 de Novembro, **Santiago Fernández** dedica unha eloxiosa crónica a O FACHO.

Bibliografia sucinta sobre O FACHO

Fiñalmente facemos unha relacion, non exaustiva, de libros relacionados con ou nos que se fai algunha referéncia ao FACHO.

Agrupacion Cultural O FACHO. *Memoria 1963-1969, Memoria 1970-1975.*

Barreiro Fernández, X. R. *Historia de la cultura gallega,* tomo III, A Coruña/Bilbao, 1983. *Historia de la ciudad de La Coruña,* A Coruña, 1986.

Caamaño Suárez, M. *Sobre Galicia como responsabilidade,* Sada, 1988.

Caamaño, M. & Rodríguez Pampín, X. *Pro e contra da litúrxia en galego,* Compostela/Pontevedra, 1980.

Cobas Brenlla, X. *Autores galegos de literatura infantil,* Compostela, s/a (1990?). *Historia da literatura infantil e xuvenil galega,* Compostela, 1991.

Fernández Paz, A. *Os libros infantis galegos,* Compostela, s/a (1990?).

González Catoira, A. *Temas coruñeses,* A Coruña, 1991.

Gran Enciclopedia Gallega. Entrada *Agrupacion Cultural O FACHO* (P. Conde Muruais).

Lourenzo, M. & Pillado, F. *O teatro galego,* Sada, 1979. *Antoloxia do teatro galego,* Sada, 1982. *Dicionário do teatro galego,* Barcelona, 1987.

Santos Gayoso, E. *Historia de la prensa gallega* (1800-1986), Sada, 1990.

Vários. *Galicia ano 70* (artigo de R. Piñeiro s/*A literatura infantil),* Lugo, 1971. *Premios nacionales 1958-1988.* Libro infantil y juvenil, Madrid, 1988.

F

O Grupo de Teatro O FACHO

AQUELA XEIRA DE 1965

En pleno mes de agosto de 1965, na Sala de Exposicións da Casa da Cultura, local cedido a O Facho para o desenrolo da sua actividade cultural, celebrou-se un acto de moita significación para min e —hoxe vexo-o claro— ben máis trascendente do que se pensara. A porta pechada, o local atestado de xente e unha cortina divisória, puro papel de embalar coas máscaras simbólicas de Castelao reproducidas nunha simples cartulina, compuñan o ambiente. Era un acto teatral galego e clandestino. As tres cousas irian, como logo puiden comprobar en várias ocasións, xuntas arreo. Mais neste caso a clandestinidade non fora consciente ou totalmente solapada; fora unha conclusión, máis que unha decisión preliminar. Faciamos «teatro independiente» por primeira vez. Sabiamos que o «teatro para ler» era mentira, unha falsificación que só o medio xustificaba. E mais tamén sabiamos que aquilo non era a cerimónia de bautismo dun grupo teatral «de cámara», espécimen lexislado polo Sistema para toda aventura teatral non baseada no comércio. Aquilo era outra cousa. Un modelo distinto, como en anos sucesivos tivemos ocasión de comprobar. O espectáculo, unha mixtura de temas e formas;

. . . .

a vocación, trascender todo marco habitual e buscar públicos e vias de participación mediante colóquios; os obxectivos: restaurar —ou inventar, se fose preciso— o teatro galego desde unhas bases non estritamente literárias. Aquilo foi, certamente, un comezo. Un grupo de xentes de O Facho, e outros que non o eramos.

. . . .

Nada de todo aquilo ficou morto no maxin, foi ensoñado. Todo está aqui, e está hoxe. O teatro é unha proba. O Facho é outra proba.

MANUEL LOURENZO

(En *La Voz de Galicia*, 8-12-83)

O Grupo de Teatro O FACHO na III Mostra de Teatro Galego *de Ribadávia (1975).*

Actuaron: **José Manuel Vázquez, Fernando Porto, Antonio Arias, Manuel Lorenzo, Juan M.ª Castro, José Ribeiros, Chichi Paredes, Maria José Lorenzo** e **Alfredo Ferreiro,** a máis dos comparsas.

O 11 de Abril leron-se, na Sociedade da Gaiteira, contos de **Castelao** e representou-se, novamente, *O cabalo do cabaleiro,* actuando **Alfredo Ferreiro, Fernando Porto, Juan M.ª Castro, Antonio Arias, Manuel Lorenzo** e **Chichi Paredes,** apresentados por **Maria José Lorenzo.**

En Rádio Coruña fixo-se, unha outra volta, o 25 de Xuño, unha gravacion de contos de **Castelao,** lidos por **Chichi Paredes, Manuel Lorenzo** e **Alfredo Ferreiro.**

O 23 de Agosto de 1966, no auditório portátil de *Festivales de España,* instalado na praza de Maria Pita, e no marco do *II Certamen de Teatro Nuevo,* organizado polo Concello herculino, o GRUPO DE TEATRO representa a obra de **Max Frisch,** en version de **Manuel Lorenzo** e **Enrique Harguindey,** *O señor Bonhome e os incendiarios.*

Foron os actores: **José Manuel Vázquez, M.ª Dolores Paredes, M.ª Carmen Deus, Fernando Porto, Juan M.ª Castro, Manuel Lorenzo, Enrique Harguindey, Maria José Lorenzo, José Ribeiros, Juan Cejudo, Alfredo Ferreiro, Manuel Romero, Andrés Salgueiro** e **Eduardo Tejerina.** Fixo o decorado **Leopoldo Pérez.** Banda sonora a cargo de **Adolfo Ribas** e luces de **José Luís Cardero.**

Remata esta primeira etapa do GRUPO DE TEATRO O FACHO con tres recitais de poemas de *Longa noite de pedra,* de **Celso Emílio Ferreiro,** os dias 1, 3 e 5 de Outubro de 1966, respectivamente na Casa da Cultura, na parróquia de San Xosé e no Circo de Artesáns.

1970

O que pode reputar-se como segunda etapa do GRUPO DE TEATRO O FACHO foi cuberta con diversas leituras (escenificadas ou non) de obras e recitais de poemas, no período comprendido entre Febreiro de 1970 e Febreiro de 1973.

O 2 de Febreiro de 1970, no Circo de Artesáns, realizou-se, dirixida por **Xosé Manuel Rodríguez Pampín** e **Andrés Rey,** a leitura de *Antígona,* de **Jean Anouilh,** en version de **Xosé L. Franco, R. Silva** e **Xosé M. Beiras.**

Leron: **Enrique Lago, Ramiro Cartelle, Paula Vázquez, Maria Xosé Vázquez, M.ª Pilar Allegue, Andrés Rey, Daniel Alonso, Xaquín Villar, Matías Cuba, Fernando Méndez, Ánxeles G. Rivas, Xosé Garrido, Rosa Quintana** e **Xurxo X. Montes.**

No Coléxio Nacional Mixto Curros Enríquez, o 30 de Setembro, e dirixida por **Ramiro Cartelle Álvarez,** realizou-se a leitura escenificada das obras *O mendiño e o can morto,* de **Bertolt Brecht,** en version de **Xosé L. Rodríguez Pardo,** e *O auto do prisioneiro,* de **Ricardo Carballo Calero.**

(ver capítulo E)

1971

En 1971, **Ramiro Cartelle** realizou, no local social, unha série de catro *Conversas de O Facho,* consistentes na leitura, con ilustracions musicais, de diversos textos da nosa literatura, segundo se detalla:

Febreiro, 3 e 17. Escolma dos Cancioneiros medievais galego-portugueses.

Marzo, 24. A poesia dos *séculos escuros* e a cantiga popular.

Abril, 28. O Romaceiro popular.

O 17 de Maio, Dia das Letras, no Instituto Da Guarda, no acto de clausura do noso VII Curso de idioma, e baixo a direccion de **Ramiro Cartelle,** leron-se poemas de **Gonzalo López Abente,** facendo-se tamén unha evocacion biográfica do poeta muxián.

1972

O Dia das Letras, dedicado ese ano a **Valentin Lamas Carvajal,** e tamén no acto de clausura

do noso VIII Curso de idioma, o GRUPO DE TEATRO leu poemas e prosas (do *Catecismo do Labrego)* do autor ourensán, de quen, asimesmo, se fixo unha evocacion biográfica, todo baixo a direccion do mesmo **Ramiro Cartelle.**

1973

Ainda o 16 de Febreiro, esta volta baixo a direccion de **Xaquin Villar Calvo** e no Circo de Artesáns, o GRUPO DE TEATRO levou a cabo un recital de *Poemas e Cantigas de hoxe.* Os poetas escollidos foron: **Pimentel, Ferreiro, Díaz Castro, Tovar, Manuel Maria, Novoneyra, Graña, Franco, G.-Bodaño** e **L. Casanova.**

Antón de Santiago Montero, acompañado ao piano por **Ramiro Cartelle,** interpretou: *Rosiña,* de **R. Cartelle e Rosalia Castro.** *Falarei-che de amores,* de **R. Cartelle** e **Antón de Santiago,** e *Canto á ledícia,* de **L. van Beethoven** e **F. Schiller,** en version literária e musical de **R. Cartelle.** (Coas duas primeiras pezas, os intérpretes obtiveran, en 1971 e 1972, o 2.° e o 3.° prémios no certame musical de *As San Lucas,* de Mondoñedo).

Comeza nesta mesma época a terceira etapa, especialmente próspera, do GRUPO DE TEATRO, baixo a direccion de **Xosé Manuel Rabón Lamas,** cubrindo un período de sete anos (1973-1979). Mais deixemos que el mesmo no-lo vaia contando, através do *Caderno de Direccion* que improvisou ao noso pedido:

1973, INVERNO.

Ando a matinar no espazo escénico. Como relacioná-lo co actor. A funcion do actor no espazo. A criacion de ambientes, de sensacions. É dicer, a estética da iluminacion. Como aplicar estes e outros coñecimentos aprendidos nas miñas estadias ultramarinas e europeas, polos teatros, os cursiños, as representacions. Mais, onde e con quen?, me pergunto.

Na tertúlia de todos os dias, os amigos ***(Ramiro Cartelle, Cajaraville, Xesus Blanco, Antón de Santiago)*** *andamos a falar horas e máis horas. Música, ballet, danza, teatro. Tardes longas de ledícia e conversa. Follas de vagar polos vieiros das artes...*

Antón de Santiago *está a falar do Grupo de Teatro O Facho. Non teñen director. Pergunta-me se quero arriscar-me nese posto. Acepto ledo. Vou tentar experimentar cos meus coñecimentos. Até onde poderei chegar?*

1973, PRIMAVERA.

Hai un fato de rapaces entusiastas, con ganas de facer cousas. Estamos a ensaiar As laranxas máis laranxas de todas as laranxas, *de* ***Carlos Casares.*** *Prémio do concurso de teatro infantil convocado polo Facho. Andamos a dar-lle voltas ao texto. Un mes de ensaios. Pouco a pouco, o espectáculo vai collendo forma. Hai alguns atrancos técnicos. Temos que facer voar escopetas, sacar a escena laranxas xigantes, etc. Esperamos podé-los resolver. A escenografia e o vestuário diseñou-nos* ***Luís Seoane.*** *É importante contar cun artista de tanta sona.*

Falta un actor para facer de can. Os dias pasan e isto converte-se nun problema. Preocupa-me a miña viaxe a Atenas. Teño que deixar a obra rematada antes de marchar. À volta, con dous ou tres ensaios, lista para a estreia en Ribadávia. O compromiso é grande, polo Facho, por min e polo Grupo. Coido que vai gostar. Xa temos actor para facer de can. É un respiro.

Estou a chegar de Atenas. Atopo as cousas moi preparadas. A xente ensaiou a bon ritmo. Hai que facer alguns retoques e a estrear. ***Xavier Castro*** *está a facer un bon labor técnico. Os atrancos fican resoltos. Mañá estreamos. Xa falaremos.*

A estreia foi todo un éxito. Gostou a pequenos e a grandes. O mundo infantil está cheo de sorpresas. Quen ia coidar que o can Paulino *fora o personaxe máis aplaudido e coreado polo público infantil. Fixo as ledícias dos nenos. Xunto con* Toneladitas *conqueriu as gargalladas máis sonoras.*

1973, VERAO.

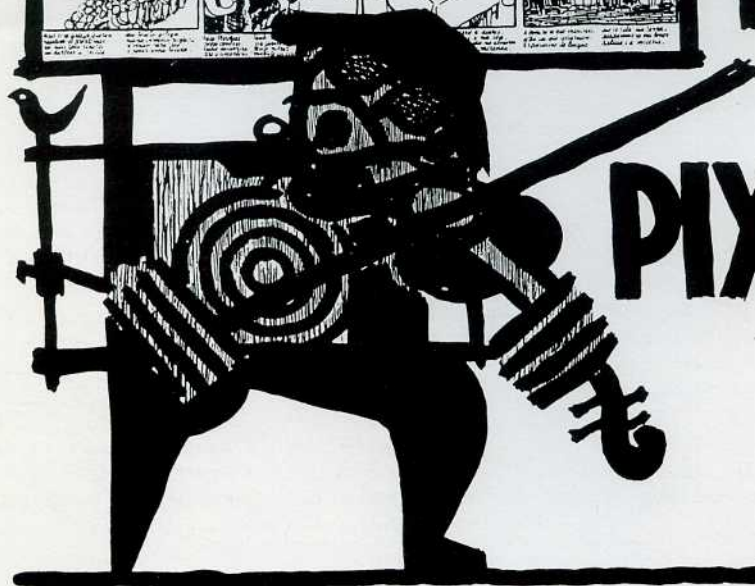
Estamos a facer algunhas representacions, sempre con grande éxito. Os pequenos disfrutan da obra e pasan-no ben. Estamos a matinar nun novo texto cara ao inverno.

Con efeito, en Ribadávia, e no claustro aberto de San Domingos, para clausurar a *I Mostra de Teatro Galego,* organizada pola *Agrupacion Cultural Abrente,* o 27 de Maio de 1973 estreou-se a peza infantil de referéncia, cunha masiva asisténcia de pequenos e grandes, procedentes de todo o país, e un grande suceso.

Outras duas representacions tiveron lugar na Coruña, no Teatro da Caixa de Aforros (Ronda de Nelle), os dias 2 e 9 de Xuño seguintes, con crítica mui satisfactória.

Os actores foron: **Chelo Ares, Elisa Crespo, Xulia M.ª Carballo, Remixio Iglesias, Antón de Santiago, Xaquín Villar, Xohán Guisán, Sabela V. Fandiño, Rosario Belda, Xosé Manuel Mahía** e **Dely Mouriz.** Dos efectos especiais ocupou-se **Francisco Xavier Castro** e a execucion dos decorados foi de **Xosé González-Moro,** seguindo fielmente os deseños de **Seoane.**

GRUPO DE TEATRO
O FACHO

Damos-lle de novo a palabra a **X. M. Rabón:**

1973, OUTONO.

Fai-se costa arriba comenzar de novo os ensaios, despois dos anárquicos meses de vrau. Moitos marchan a estudar fora. Quedamos case sen actores. Andamos às voltas cun texto de Brecht, O mendiño e o can morto. *Pensando-o ben, nunca souben se era de* ***Bertolt Brecht*** *traducido por* ***Rodríguez Pardo,*** *ou pola contra, era da autoria de* ***R. Pardo*** *que asina co seudónimo do grande dramaturgo alemán. Son dous personaxes,* Rei *e* Mendiño, *vamos incluir unha actriz como paxe do rei. Con* ***Xocas*** *e máis* ***Antón*** *comenzamos os ensaios. Non pretendemos nen distanciamentos, nen didactismos, iso xa está no texto. Chega-nos con poñé-lo en escena da maneira máis clara posíbel.*

1974, INVERNO.

Continuamos cos ensaios. O tempo é pouco e as dificultades moitas. Tanto ***Xocas*** *como* ***Antón*** *están facendo grandes esforzos por sacar adiante os personaxes. A verdade é que non conseguimos dar coa estética xeral da obra. Estamos a facer unha posta en escena un tanto estática.* ***Xocas*** *non quer mover-se moito e o feito de que o personaxe de* ***Antón,*** *o* Mendiño, *esté sentado no chan, provoca unha incapacidade para o movimento escénico. O texto ten capacidade de suxeréncia. A maneira de dicer é boa e clara. Xa veremos até onde chegamos con esta obra. Vai-se-nos quedar en pouca cousa.*

1974, PRIMAVERA.

Vamos con moita lentitude. Hai que ter a obra cedo para facer unhas cantas representacions antes de Ribadávia.

Por fin, o dia 19 de Maio estreamos no Circo das Artes *de Lugo. Xa veremos como funciona.*

A resposta do público non foi mala. Algunhas críticas negativas à posta en escena. A verdade é que non se conqueriu un espectáculo atractivo.

En Ribadávia houbo para todos os gostos. Durante o colóquio suscitou-se un interesante debate sobre o teatro de ***Brecht.*** *A nosa posta en escena non foi un éxito, pero non desagradou.*

1974, VERAO.

Estamos a facer algunhas representacions. O máis importante: a Mostra paralela à de Ribadávia, *patrocinada pola Escola de Arquitectos Técnicos. Hai interesantes debates acerca do teatro e da sua funcion na sociedade.*

1974, OUTONO.

O 30 de Outubro estivemos en Santiago. Gostou O Mendiño. *A representacion foi moi ben, madurou moito desde as primeiras veces. O público, na sua maioria universitário, gostou da representacion e aplaudiu con entusiasmo.*

Andamos à búsqueda dun novo texto. Tamén necesitamos dun bo número de actores para estabilizar o Grupo e poder facer outras obras.

1974

Asi foi como o 19 de maio de 1974, no marco dos actos programados polo *Club Cultural Valle-Inclán,* se estreou a obra de **Brecht,** seguindo a sua traxectória segundo o seguinte calendário:

Maio, 22. Ribadávia, claustro de San Domingos, na *II Mostra de Teatro Galego.*

Maio 30. A Coruña, paraninfo do Instituto Da Guarda, clausurando o noso X Curso de idioma.

Xullo, 3. A Coruña, Teatro da Caixa, no marco da *Mostra Paralela* xa citada. (Ver E).

Outubro, 30. Compostela, Coléxio Maior Virxe do Pilar.

Sigamos co *Caderno* de **X. M. Rabón** e a sua version de primeira man:

(1974, OUTONO).

Xa contamos con novos rapaces e rapazas. Estamos cun texto de ***Blanco-Amor,*** O Cantar dos cantares. *Con esta obra e a nova xente podemos consolidar o Grupo e traballar forte. É xente con ganas, e alguns con capacidade para a interpretacion.*

Estamos coa posta en escena de O Cantar... *Vai por bon camiño. Traballamos moi a gosto. Ensaiamos no teatro do Coléxio Compañia de Maria. É unha ledícia. A sala da Casa da Cultura, mesmo coa friaxe, afogaba as ideias.*

1975, INVERNO.

Vimos da estreia de O Cantar... *en Vilaboa. Foi un grande éxito. Todos os actores do Grupo fan un traballo excelente. As críticas son moi boas. Estamos a nos quitar a espiña da última montaxe. Un novo éxito na actuacion dentro do ciclo* O teatro galego hoxe *organizado polo Facho en homenaxe a* ***Castelao.*** *A realidade é que agora contamos cunha equipa de xente boa para enfrentar novos proxectos.*

1975, PRIMAVERA.

Andamos ***Ramiro Cartelle*** *e máis eu a matinar no tema da emigracion e as suas consecuéncias. Queremos dramatizar algo a partir desta lacra do noso pobo. Contamos con nova xente no Grupo. Pensamos, cara a Ribadávia, montar un novo espectáculo e levar os dous,* O Cantar... *e o novo que fagamos.*

Decidimo-nos por O auto do prisioneiro, *de* ***Carballo Calero.*** *É un texto difícil. Moi pechado. Metafísico. Hai que levá-lo adiante con certa garantia.*

Ramiro *e eu xa atopamos a base para o tema da emigracion: con* Fuco Buxán, *de* ***Celso Emílio*** *e* Paco Pixiñas, *sobre un cartel de cego de* ***Isaac Díaz Parzo,*** *vamos tentar facer unha dramatizacion da temática do emigrado. De forte contido social, denunciadora de seu. Estamos a traballar con moitos folgos e ilusions.*

Facemos O Cantar... *na clausura do curso de galego, no Eusébio Da Guarda, e tamén na Sociedade de Sada, o Dia das Letras Galegas.*

O dia 25 estivemos en Ribadávia. Fixemos O Cantar... *e máis* O auto... *A representacion foi para todos os gostos. A obra de* ***Carballo Calero*** *foi asubiada e berrada. Pouco menos que houbo pateo. Máis tarde, no colóquio, dixeron que os berros foran para o autor, por unha mala actuacion que tivera como xurado dun prémio literário (!). Unha estupidez, nós que culpa temos?* O Cantar... *foi un exitazo. Algun outro grupo xa o tiña posto dantes e xulgou-se que a nosa posta en escena era moi superior. O bon grupo de actores que temos nestes momentos é a base deste éxito.*

Ramiro *e eu estamos a rematar a dramatizacion dos textos de* ***Celso Emílio*** *e* ***Díaz Pardo.*** *Vai-se chamar* Paco Pixiñas e a nave espacial. *Estamos a conquerir un texto moi suxerente. Coidamos moito a unidade temática.*

O Paco Pixiñas... *está a pasar a censura no Ministério. Coido que vai atopar moitos atrancos. Xa veremos o que pasa. Oxalá no-lo devolvan sen grandes problemas.*

1975, VERAO.

Actuamos no Coléxio Universitário con O Cantar... *e* O auto... *As malas críticas de Ribadávia están a facer que non enfoquemos este espectáculo con obxectividade. Hai que deixar de facer* O auto... *e seguir con* O Cantar..., *que marcha cada vez mellor.*

Gostou moito en Vigo na I Mostra de Teatro Galego. Foi todo un éxito. O 17 de Xuño repetimos en Sada. Hai que aproveitar os éxitos deste espectáculo e seguir algun tempo con el. Paga a pena, mentres non comenzamos con Paco Pixiñas.

Estamos moi desilusionados. A censura, a puta censura franquista, negou-nos o permiso para facer o Paco... *Din que atenta contra a integridade da persoa, a dignidade e a unidade da pátria. Estúpidos da merda. Son unha panda de retrógrados gilipollas. Non teñen nin puta ideia de nada. Merda, un tempo perdido. E volta a esperar.*

Hai novas. O interés da Directiva polo Paco *é moito. Van tentar presentá-lo de novo à censura e procurar apoio. Semella que* ***R. Caamaño*** *pode botar unha man.*

1975, OUTONO.

Estamos a esperar polo permiso do Paco... *As conversas van por bo camiño. Oxalá teñamos sorte.*

Case que estamos a rematar coas funcions do Cantar... *Foron moi ben. O espectáculo resultou a todos os niveis. De todas as maneiras hai malestar nalgunha xente do Grupo... Falan de direccion colectiva... é a moda! Non lle hai que facer! Andan inquedos. Non estou moi de acordo nas cousas que queren impoñer. Ando matinando en abandonar o Grupo.*

Estou triste! É unha mágoa, pero abandono, non estou disposto a aceitar certas exixéncias...

1975

O Cantar dos cantares ou Galicia 1948 representou-se, pois en 1975, 1976 e 1977, segundo este calendário (aproximado):

Febreiro, 15. Vilaboa (Culleredo), sala Fina Sport, organizado polo Centro Cultural e Deportivo de Rútis-Vilaboa.

Febreiro, 20. A Coruña, Teatro da Caixa, no noso ciclo de homenaxe a **Castelao,** xunto con *O mendiño e o can morto.*

Marzo, 17. Na mesma sala.

Abril, 19. Perillo (Oleiros), Club de Regatas.

Maio, 15. A Coruña, Instituto Da Guarda, clausurando o noso XI Curso de idioma.

Maio, 17. Sada, Sociedade Recreativa, Cultural e Deportiva de Sada, xunto con *O auto...*

Maio, 25. Ribadávia, no curso da *III Mostra de Teatro Galego,* xunto con *O auto...*

Maio, 27. A Coruña, Coléxio Universitário, tamén con *O auto...,* polo Dia das Letras.

Xuño, 14. Vigo, *I Mostra de Teatro Galego.*

Outubro, 25. A Coruña, Instituto Agra do Orzán.

Novembro, 1. Verin, no salon parroquial, e, de seguido, Medeiros (Monterrei), no teleclub.

1976

Febreiro, 13. Compostela, Aula de Cultura da Caixa de Aforros de Santiago.

Marzo, 26. Mesoiro (A Coruña).

Marzo, 27. A Coruña, Empresa Seat.

S.d. Loxo (Touro).

Maio, 8. Cambados, Instituto de E.M.

Maio, 15. O Barqueiro (Mañon).

Maio, 22. O Burgo (Culleredo), Sociedade Cultural e Recreativa, en O Meson.

Maio, 29. Ferrol.

Xuño, 5. Nós.

Novembro, 19. A Coruña, Sociedade da Gaiteira.

Decembro, 7. A Coruña, Asociacion de Viciños Agra do Orzán.

Decembro, 18. Cee. Agrupacion Cultural Domingo de Andrade.

1977

Xaneiro, 22. Portosin (Porto do Son), Agrupacion Cultural Estrebo.

Xaneiro, 29. A Coruña, Asociacion de Viciños do Bairro das Flores.

Participaron en todas estas representacions os seguintes actores: **Rosario Belda, Amalia Gómez, Isabel G. Quintela, M.ª Imelda Ferreiro, M.ª Carmo Andrada, Marianela Lorenzo, Antón de Santiago, Xosé Bembibre, César Menéndez, Xurxo Dono, Xaime Dono, Antón Babío, M.ª Carmen G. Hortas, Xosé Faxardo, Manuel Garcia** e **Xosé M. V. Cruzado.** O *atrezzo* foi da responsabilidade de **Tomás Pena,** aproveitando-se o decorado de **L. Seoane** e **González-Moro** para *As laranxas...*, e a dirección musical de **Ramiro Cartelle,** actuando como coordinador xeral **Xaquín Villar.**

1976

No entanto, no ano do centenário de **Ramón Cabanillas** (1976 e meses de Maio e Xuño), a quen se dedicou o Dia das Letras, o GRUPO DE TEATRO deu vários recitais: na Coruña (o 14 de Maio, na clausura do noso XII Curso de idioma), O Burgo (Culleredo, o 22), Nós (Oleiros, o 5 de Xuño), Cambados (o 8), O Barqueiro (Mañón, o 15) e Ferrol (o 29), baseados nunha escolma poética do autor cambadés, baixo a direccion de **Xaquín Villar,** muitos deles coincidentes coa representacion do *Cantar...*

Dito 14 de Maio, ao recital de poemas seguiu outro de *lieder* galegos, por **Antón de Santiago** e **Ramiro Cartelle,** cos seguintes títulos: *Un adiós a Mariquiña,* de **Chané** e **Curros,** *Aureana do Sil,* de **Mompou** e **Cabanillas,** *A neniña,* de **Lens** e **Martínez González,** e *Un sospiro,* de **Berea** e **Martínez González.**

1977

Os recitais sobre **Cabanillas** ainda se prolongaron en 1977, por exemplo, o 29 de Xaneiro dese ano oferece-se un na sede da *Asociacion de Viciños do Bairro das Flores,* xunto coa representacion de *O Cantar.*

Botemos outra ollada ao *Caderno de Direccion* de **Rabón:**

1976, OUTONO.

*Falou **Xocas** comigo, volvo a dirixir o Grupo de Teatro. A xente quer facer* Paco Pixiñas... *Temos o permiso. Por fin. Só para unha representacion de cámara. Estes cada dia están máis tolos! Necesitamos moita xente. Vintecinco actores. Hai que buscar xente axiña.*

Están a se incorporar novas rapazas e alguns rapaces. Se temos sorte, nun mes podemos contar con todos os actores.

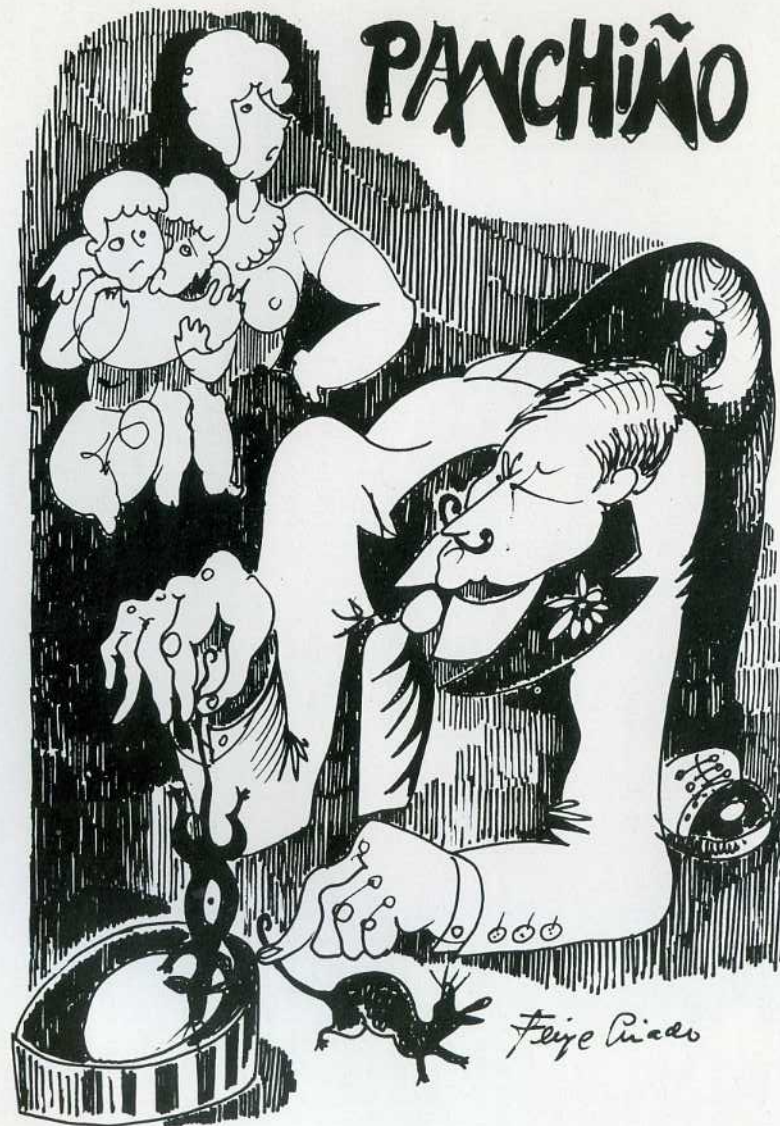
Por fin! Podemos comenzar os ensaios.

1976, INVERNO.

Paco Pixiñas *plantexa moitos inconvenientes de montaxe. A directiva está moi ilusionada e disposta a superar todos os atrancos, para que o espectáculo se faga.*

Levamos máis dun mes ensaiando e probando fórmulas de posta en escena. Non dou coas claves, costa-me grandes esforzos. Todos os plantexamentos no papel non funcionan no escenário. Teño a cabeza tola. Non penso máis que no Paco *todo o dia. Teño que dar coa solucion escénica!*

Necesito un actor para o papel principal! Alto e xoven. Será o Paco Pixiñas *da primeira parte, antes de emigrar. O* Paco *da segunda parte xa o teño. **Antón de Santiago** vai perfeito no papel: alto, maduro, etc...*

*Tivemos, o **Ramiro** e máis eu, carta de **Celso Emílio.** Contestou a volta de correo. Gostou moito da dramatizacion que fixemos dos seus poemas, mais non está moi de acordo coas partes en castellano que corresponden ao personaxe do* Funcionário. *Facemos-lle ver, nunha nova carta, que é necesário que ese personaxe fale castellano, porque, dalgunha maneira, representa o poder central. Hai que remarcar através*

GRUPO DE TEATRO
O FACHO
(Fundado hai 25 anos.)

ESPECTÁCULO DE HUMOR:

XAN BARALLOCAS

de Giovacchino Forzano
(versión galega de Antón de Santiago)

ANXÉLICA NAS PORTAS DO CEU

de Eduardo Blanco-Amor

Programas de man con deseños de Felipe Criado e de Felipe Senén (con letras de Arximiro).

do Funcionário *o carácter de colonialismo cultural que esmaga este país noso.*

De súpeto... tiven a grande ideia. Chegou-me a inspiracion! Xa teño a ideia xeral da posta en escena. Por que non facer unha montaxe fora de todo proceso realista, na que a expresion xestual e colectiva sexa a base fundamental de todo o concepto, e, portanto, a posta en escena adquira un sentido coral, de pobo en loita permanente contra o colonialismo, a tirania, e a inxustiza? Xa está! A traballar de seguido: esta é a ideia!

Xa temos actor para Paco Pixiñas *primeira parte. Un rapaz novo,* ***Miguel*** *chama-se. Coido que pode dar ben o personaxe. Intensificamos o traballo. Todos estamos moi ilusionados. A xente traballa contenta e non falta aos ensaios. Bon síntoma. Isto está a funcionar.*

1977, PRIMAVERA.

Estamos a tope cos ensaios. Queda pouco para a estreia en Ribadávia. Queremos dar unha sorpresa. Levamo-lo moi en segredo. Cada ensaio mellora o espectáculo. Hai un interés na xente moi grande, todos dan ideias e está-se a enriquecer moito a posta en escena. Crer no que se está a facer agudiza o maxin!

Temos o espectáculo case rematado. Hai que buscar unha final coerente e efectista. É moi importante sorprender. Temos nas mans un grandioso espectáculo e non podemos deixar nada ao azar.

Fixemos ensaio xeral. Todo marchou como estaba previsto. O dia 15 en Ribadávia temos a estreia. Creio que ten de ser unha xornada importante. Imos ter un grande éxito, estou convencido.

Ribadávia, 14 de Maio. Átrio de San Domingos. Estamos a facer a montaxe. O ceo vai cheo de nubes. Mañá choverá e todos os nosos proxectos à merda! O espectáculo está pensado para estrear neste escenário natural. Hoxe pola noite ensaiamos aqui. Vai moito frio. Mañá non poderemos actuar. Hai que buscar axiña outro escenário. É urxente.

Ribadávia, 15 de Maio. Átrio de San Domingos. Comenzou a chover, ainda estamos a tempo de marchar para outro local. Está-se a decidir cal nos interesa máis. Definitivamente, vamo-nos a un local cuberto. Non actuar en San Domingos perxudica-nos. (Asi o cria eu: despois do éxito dei-me conta de que o lugar non importa: o espectáculo funciona e ten a forza a necesária para engaiolar por riba diso).

Ribadávia, 15 de Maio, 12 da noite. Un exitazo! Foi un exitazo! O público, engaiolado, mais que aplaudir estalou nun berro de Bravo! *Todo foron loubanzas e parabéns. Desbordamos ledícia. Temos espectáculo para moito tempo!*

Entre Maio de 1977 e Agosto de 1978, Paco Pixiñas e a nave espacial *recorreu triunfal moitos escenários da xeografia galega. Meio cento representacions, todo un record para aqueles tempos, chegaron-se a facer. Máis que aplaudido foi coreado ali onde representábamos, por un público enardecido que cantaba connosco, reivindicando pátria, xustiza, língua e cultura:*

Ser pobo é ter conciéncia do que os homes valemos,
se queremos ser homes, se ser pobo queremos,
marcharemos cinguidos por un comun anceio,
o mundo será noso e xuntos venceremos...

Eis alguns fitos do calendário (aproximado) desa cincuentena de representacions de *Paco Pixiñas e a nave espacial,* de **Celso Emílio Ferreiro** e **Isaac Díaz Pardo,** con música do galego-arxentino **Isidro B. Maiztegui Pereiro** e de **Ramiro Cartelle:**

Maio, 15. Ribadávia, no marco da *V Mostra de Teatro Galego.*

Maio, 18. Mugardos, Casino Mugardés.

Maio, 21. Pontevedra.

Xullo. Vigo, na *III Mostra de Teatro Galego,* e 2 máis (unha en Lavadores).

Xullo, 21. A Coruña, Teatro Colón (2 funcions).
Club do Mar.
Sociedade da Gaiteira.
Coléxio Calvo Sotelo.

Agosto, 13. Cee, Centro de F.P., organizado pola A.C. D. de Andrade.

Agosto, 20. Sargadelos (Cervo), Auditório.

Agosto, 21. Ferrol, Caranza, Coléxio Santa Xoana de Lestonnac.

Setembro, 11. Cecebre (Cambre), Sociedade Cultural e Recriativa.
Sada.
Marín.
Foz.

Outubro, 15. Caldas de Reis, organizado pola Caixa de Aforros Municipal de Vigo.
Redondela.
Ribadeu.
Mera, La Perla.

Outras: Compostela (Praza da Quintana e Caixa de Aforros), A Coruña (Coléxio Compañia de Maria e Fábrica de Armas), O Barqueiro (Mañon), Fene, Noia, Portosin (Porto do Son), Vilagarcia, Cambados, Cangas...

Nestas representacions actuaron: **Ramiro Cartelle, Amalia Gómez, Antón de Santiago, M.ª C. G. Hortas, Miguel Pernas, Beatriz L. Nóvoa, Xerardo Couto, Pomba Tomé, Francisco Noya, Víctor Xan Pérez, M.ª Carme Lorenzo, Antón Ramos, Loli Bellón, Ignacio F. Ramudo, Isabel G. Quintela, Xerardo Sánchez, Rosa M.ª Fernández, Xavier Lotes, Mela Montero, Xosé M. V. Cruzado, Ana Rial, M.ª Fran Fernández, Chus Rodríguez** e **Patrícia Pena,** coa colaboracion especial de **Andrés Rey.**

Interpretou a música **Carlos Garcia Pardo,** a sonorizacion correu a cargo de **F. Xavier Castro,** a maquillaxe e os decorados, de **Maribel Longuei-**

ra e a luminotécnia, de **Tomás Pena,** actuando como axudante de direccion **Víctor M. Rodríguez.**

Voltando ao *Caderno,* enteramo-nos dos últimos episódios (1978-79) desta etapa que se pode, sen hipérbole, considerar a idade de ouro do noso GRUPO DE TEATRO:

1978, OUTONO.

Estamos a preparar unha nova obra, O retábulo da peste, *de* ***Ingmar Bergman.*** *É unha obra moi interesante e podemos sacar un bon espectáculo. Fican atrás os éxitos de* Paco... *Marchou moita xente. Uns a estudar fora, outros por problemas de traballo...*

Temos xente nova e imos comenzar os ensaios de ***Bergman.*** *Este local novo que conseguimos, no antigo* Frente de Juventudes, *é bastante aceptábel. Hai que facer alguns amaños. Pero pode quedar ben.*

Montamos unha tarima de madeira para ensaiar. Quedou moi ben e xa comenzamos co Retábulo...

Estamos a facer un traballo dramatúrxico fundamentado nos diálogos e as reaccions que estes provocan nos personaxes. A escenografia, deseño de ***Miguel,*** *é funcional, suxeridora de espazos. Lugares de encontro para a accion a diferentes niveis. Estamos a seguir as mesmas pautas que marca* ***Bergman*** *no texto, que son as que utilizou para a posta en escena cinematográfica, que chamou* O sétimo selo.

1979, PRIMAVERA/VERAO.

Funcionou ben a obra en Ribadávia. De todas as maneiras este e un Festival a piques de morrer. Hai moito mar de fondo e moito politiqueo que non conduz a ningures. Nas Xornadas de Teatro Galego, na Coruña, o entorno, a Praciña das Bárbaras, foi un lugar moi axeitado para poñer esta obra. Gostou muito à xente. Semella que esta da Coruña sexa a derradeira funcion do espectáculo. Hai problemas cos actores. Alguns se profesionalizan e outros van-se por problemas persoais.

1979, OUTONO.

Ando a matinar nun proxecto moi importante: poñer en funcionamento unha sala estábel de teatro. Coido que é moi interesante. A cousa vai para adiante a pesares dos atrancos. ***Lourenzo, Merelas, Amalia, Pillado, Miguel, Tino*** *e eu somos os tolos que andamos con este asunto.*

1980, PRIMAVERA.

O da sala estábel vai adiante. Chamará-se Teatro Luís Seoane, *en homenaxe a quen tanto axudou ao teatro galego coa sua colaboracion. Vexo-me na obriga de deixar o GRUPO DE TEATRO O FACHO. É unha mágoa. Son moitos anos maravillosos e cheos de atrancos e ledícias que non vou esquencer na vida. Anos de experimentacion e aprendizaxe para todos. Vou formar na Directiva, non quero desligar-me desta xente que foi parte miña e seguirá a sé-lo.*

1979

Pouco antes (verao de 1979) do proxecto Luís Seoane, os colectivos GRUPO DE TEATRO O FACHO, Escola Dramática Galega e Teatro Experimental Tespis propuñan ao Concello o estabelecimento dun *Pequeno Teatro Municipal da Coruña,* proposta que, segundo é sabido, non prosperou. Ainda máis, en Decembro, o proxecto tiña evoluído, con idéntico resultado, cara a unha *Aula Municipal de Cultura,* a localizar-se no Quiosco Alfonso.

Mais voltemos às actuacions de *O retábulo da peste,* de **Ingmar Bergman**, en version de **Ramiro Cartelle:**

Maio. Ribadávia, no marco da *VII Mostra de Teatro Galego.*

Agosto, 8. A Coruña, Praciña das Bárbaras, *II Xornadas de Teatro Galego.*

1980

Febreiro, 21. A Coruña, Teatro da Caixa.

Abril, 15. Betanzos, Cine Capitol.

Maio, 15. Pontevedra, Instituto Masculino de E.M.

Xuño, 15. Ferrol, Instituto Masculino de E.M., promovido por Caixa Galicia.

Setembro, 13. Ribadávia, *VII Mostra de Teatro Galego,* derradeira representacion.

O elenco destas representacions estaba formado por: **Miguel Pernas, Maria G. Hortas, Amália Gómez, X. M. Vázquez Cruzado, Beatriz López-Nóvoa, Carmen Creo, Raúl, Teresa Castro, Beatriz** e **Alberto Valeiro.**

1979

O 16 de Novembro de 1979, por outra parte, membros do GRUPO DE TEATRO leran, no Quiosco Alfonso, os poemas dos autores galardoados no II Concurso de Poesia O Facho.

1984

Alguns anos pasaron até que o GRUPO DE TEATRO volta à vida da man de **Xosé Fernando Martínez Gallego,** coa estreia, o 25 de Marzo de 1984, e no Coléxio Liceu *La Paz,* dentro

do ciclo Cultur Oza 84, de *Peticion de man,* de **Anton Chekhov**, en version de **F. Pillado Mayor**, e coa participacion de **Carlos C. Martínez, Fernando Martínez** e **May Vidal** (1).

O 12 de Maio, o GRUPO DE TEATRO participa, cun recital dramático, no Centro Penitenciário da cidade.

O 19 de Maio seguinte o GRUPO DE TEATRO estrea, en Nós, e chamado pola *Asociacion de Viciños Os Rueiros* à Casa do Povo, *Panchiño,* de **Osvaldo Dragún**, en version de **F. Pillado Mayor.**

Dirixida polo mesmo **X. Fernando Martínez,** coas luces a cargo de **Miguel Anxo Castro,** a representacion correu a cargo de **Ana Sánchez, Xoán Manuel Rios, Beatriz G. del Rio, Sara Quintela** e **Xavier Gómez Pan.**

Outra representacion se fixo para a *Asociacion de Viciños de Serantes-Maianca-Dexo* (Mera), pouco despois, ambas apoiadas polo Concello de Oleiros.

Unha terceira tivo lugar na Delegacion de Cultura (Praza de Pontevedra), na Coruña, o 14 de Xuño.

Outra en Ponteceso, por conta da *Asociacion Cultural Rio Anllons* e para inaugurar o seu local social, o 13 de Xullo.

Unha quinta representacion inaugurando o curso cultural e deportivo do Centro Social Sagrada Família, da *Asociacion de Viciños Sagrada Família-Os Mallos-Estacion,* o 5 de Outubro.

1985

No ano 85, o actor do Grupo **Xavier Gómez Pan** representou en várias ocasions o monólogo de **A. Chekhov**, en version de **F. Pillado Mayor,** *Os males do tabaco.* Delas lembramos:

Febreiro, 5. No Centro Penitenciário coruñés.

Maio, 16. No coléxio comarcal de E.X.B. de Oleiros.

1986

O 17 de Maio, **X. Fernando Martínez** dirixe en Muros a estreia de *Os cravos de prata,* de **Nicolás Bela**, version de **F. Pillado Mayor**, en cuxo reparto figuraron: **Sara Quintela, Carmen Vázquez, Santiago Prego, Ana Sánchez, Maite Vilar, Ánxeles Vidán, Olga Otero, Víctor Blanco, Beatriz del Rio** e **Xavier Gómez Pan.** O deseño, realizacion, escenografia e vestuário foron de **Xavier Garaizábal** e a montaxe, do GRUPO, coa colaboracion de **Fanni Brañas** e **Maria de la Iglesia.** A música pertenceu a **Manuel Balboa.**

O 21 e o 22 de Xuño representou-se na sala Luís Seoane, da Coruña.

O 27 de Setembro puxo-se no Centro Penitenciário.

Os ensaios levaran-se a cabo na Escola Dramática Galega.

1990

Outros poucos anos han de pasar para que o GRUPO DE TEATRO, agora baixo a direccion de **Antón de Santiago**, volte aos escenários e faino con duas obras curtas que conforman un só *espectáculo de humor: Xan Barallocas,* version do director do Grupo, de *Gianni Schicchi,* de **Giovacchino Forzano**, e *Anxélica nas portas do Ceu,* de **Eduardo Blanco-Amor.**

Con escenografia de **Francisco Vila**, actuaron nas duas comédias: **Teresa Taboada, Xosé Rei, Roberto Gómez, Eva Veiga, César Cambeiro, Maria Xosé Fernández, Paco Vila, Ernesto Regueiro, Vicente Garcia, Antón de Santiago, M.ª do Mar Santiago, Agustin Hervella, Carlos Carretero, Luisa Fernández-Miranda** e **Teresa Gómez.**

A estreia tivo lugar o 28 de Xuño de 1990 no Teatro Calvo Sotelo (Cidade Escolar). Os ensaios fixeran-se no Coléxio Labaca.

0 19 de Decembro, celebrando os 25 anos de fundacion do GRUPO DE TEATRO, tivo lugar, no Centro Fonseca, unha mesa-redonda, con alguns dos directores que foran do mesmo: **F. Pillado Mayor** e **Xosé M. Rabón,** amáis do director nese momento, **A. de Santiago,** que falaron da *Funcion do teatro amador no panorama teatral galego.*

O dia 20 de Decembro, no Teatro Colón, tiveron lugar duas representacions do espectáculo de humor citado, con entradas a prezo reducido para estudantes, que acudiron masivamente.

(1) *Peticion de Man* pré-estreara-se no Centro Penitenciário un dia de Decembro de 1983.

G

O Colectivo Xuvenil EDRAL

EDRAL, LUCIDEZ E FUTURO

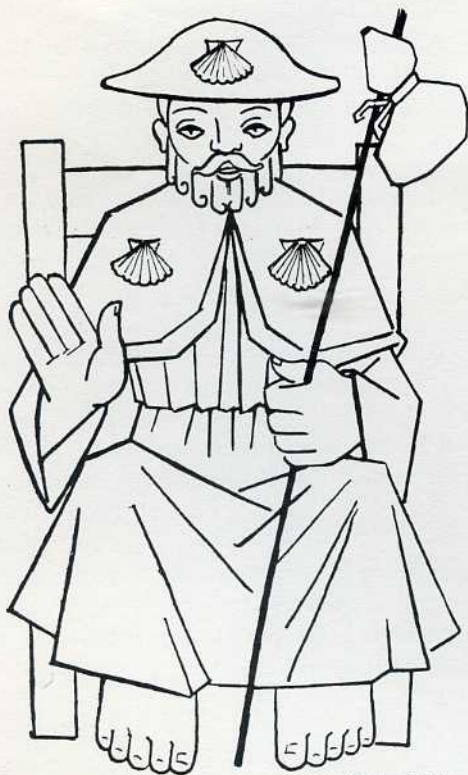
Foi no outono do 82 cando na Agrupación Cultural O Facho se formou, baixo o signo da harmoniosa espontaneidade, o colectivo xuvenil EDRAL. Un ano despois, estando O Facho a celebrar 20 anos de permanéncia e resisténcia en amor á nosa cultura, o colectivo acadou xa unha inteira sáude ao traveso do esforzo, da imaxinación, da lucidez, do traballo.

Foi a convocatoria dun I Concurso Nacional de Contos de Terror; foi a organización de excursións a museus galegos ou a pontos significativos da nosa xeografía, sempre atendendo ao ecolóxico, ao lúcido, ao pedagóxico (memorable ascensión ao Monte Pindo, as tres Fisterras, Ortegal e Bares, etc); foi a realización dun programa radiofónico xuvenil; foron as visitas que baixo o lema «Coñece a tua cidade» se realizaron, en colaboracion co Museo Arqueolóxico, pola cidade da Coruña; e agora está a ser, entre outras cousas, a convocatória dunha I Exposición Monográfica de Fotografía e a organización de concertos musicais. Eis EDRAL, extractadamente, até agora.

Mais EDRAL non é só iso. É tamén a lucidez e a imaxinación necesárias para afrontar, nunha época de profunda crise cultural, con especial incidéncia entre a xuventude, unha realidade adversa coma a nosa. E ai están as rapazas e rapaces de EDRAL a traballar na Agrupación Cultural O Facho, renovando e avivecendo a vella e nova chama da nosa —e de todos— cultura, da nosa sensibilidade, en definitiva da nosa resposta humana e libre, por iso intelixente, á vida.

O Colectivo EDRAL proxecta O Facho ao futuro. Relanza 20 anos de gloriosa história cultural —arranca e parte deles— e dispon-se á modernidade, a unha nova e necesária actividade para estas duas últimas e difíciles décadas. Os homes e a história continúan. EDRAL está. EDRAL continúa. Porque O Facho, cumpren-se hoxe 20 anos, xa prendeu no futuro.

M. A. FERNÁN-VELLO

(En *La Voz de Galicia*, 8-12-83)

Catro motivos de Villar-Chao, para as nosas tarxetas.

1982

Cando O FACHO estaba para cumprir 19 anos de vida, un grupo de mozos, de idade semellante à daqueles que o fundaran, iniciou, dentro da Agrupacion, unha curta mais intensa andadura, aportando unha desenfadada conteporaneidade ao noso quefacer, coa colaboracion do directivo **Miguel Anxo Fernán-Vello** e, nalgunhas xeiras, do tamén directivo **César Menéndez,** tendo como voceiro diante da Xunta Directiva a **Xabier Meilán Pita.**

Por iso achamos xusto dar fé en capítulo à parte das actividades do COLECTIVO XUVENIL EDRAL (1982-1986), como se autodenominou, ainda esbozando aquelas que, pola suas características, tamén se incluiron noutros capítulos da presente Memória.

EDRAL dirixiu a sua actividade ao excursionismo, à criacion literária e artística e ao encontro en xeral coa xente da sua xeracion.

A tarde do sábado 11 de Decembro de 1982 parece ter tido lugar a sua primeira saída pública, cunha visita explicada ao *Museu Arqueolóxico e Histórico Castelo de San Anton,* dirixida polo seu director, **Felipe Senén,** iniciando con ela o programa *Coñece a tua cidade,* en colaboracion co citado Museu.

1983

En Febreiro de 1983 convoca o *I Concurso Nacional de Contos de Terror EDRAL* (ver capítulo B a este respeito).

A segunda xornada *Coñece a tua cidade,* cun percorrido pola Cidade Vella e a Pescaderia, tivo lugar o sábado 5 de Febreiro, baixo a dirección de **Felipe Senén** e do vice-presidente da Agrupacion.

O sábado 12 de Marzo de tarde organiza-se unha visita ao *Museo do Povo Galego,* de Compostela, reiniciando as excursions que O FACHO realizaba polo país nos últimos 60.

O domingo 15 de Maio ten lugar unha excursion às tres Fisterras: cabos Touriñán, Vilán e Fisterra, con paradas no dolmen de Dombate, casa de Pondal, castelo de Vimianzo e as vilas de Laxe, Baio, Camariñas, Camelle e Muxia.

O domingo 12 de Xuño a excursion, explicada por **Xosé M. Martínez Oca,** dirixe-se ao monte Pindo.

O domingo 2 de Outubro, unha nova excursion, esta coa colaboracion da *Agrupacion Cultural Catavento,* de Noia, leva-nos a dita vila, e máis à Póvoa do Caramiñal, monte da Curota, Olveira, dolmen de Axeitos e castro de Baroña.

O domingo 13 de Novembro realiza-se unha excursion aos cabos Ortegal e Estaca de Bares, coa guia técnica de **Roxelio Pérez Moreira,** do colectivo ecoloxista *Natureza.*

En Novembro de 1983 o colectivos convoca a *I Exposicion Monográfica de Fotografia EDRAL,* co tema *Galerias,* que se celebra do 9 ao 17 do mes seguinte, na *Sala Luís Seoane,* editando-se as catro fotografias seleccionadas como tarxetas postais, e máis un autoadesivo co lema *Non à desgalerizacion* (ver capítulo D).

O 14 de Decembro ten lugar, no *Teatro Luís Seoane,* e dentro dos actos do 20.° aniversário da Agrupacion, unha mesa-redonda sobre *A galeria, realidade arquitectónica: as galerias coruñesas,* coa participacion de **Xosé Luís Martínez, Xan Casabella** e **Manuel Caamaño Suárez.**

O 23 de Decembro, tamén dentro dos actos do 20.° aniversário da Agrupacion, EDRAL organiza, no salon de actos do *Coléxio Salesiano,* un concerto a cargo do grupo coruñés de folc tradicional *Derradeiro Duán.* Este conxunto, de inspiracion céltica, estaba formado por **Miguel Garcia del Valle, Leopoldo Antelo Dono, Carlos Fernández Oro, Jacobo Vaquero Lastre** e **Javier Garcia del Valle** e tal dia apresentou-se na cidade pola primeira volta.

En Xaneiro convoca-se, para a segunda quincena de Marzo e tamén na *Sala Luís Seoane,* a *II Exposicion Monográfica EDRAL,* co tema *Fotografia portuária.*

O 8 de Marzo, como adesion à data, organiza-se, na aula de cultura de Caixa Galicia, un *Recital-homenaxe à muller traballadora,* coa participacion das poetas **Ana António, Sesé Canitrot, Maria Xesus Concejo, Maria Díaz Vidal, Pilar Pallarés, Ánxeles Penas** e **Ana Romaní.**

A *III Exposicion Monográfica de Fotografia EDRAL,* co tema *Instrumentos musicais,* convoca-se en Maio para a *Sala Luís Seoane,* e do 12 ao 20 de Xullo.

Entre o 15 de Xuño e o 28 de Setembro desenvolve-se no noso local, cada venres, o *I Ciclo de Poesia EDRAL - Novos poetas,* co seguinte calendário:

Xuño, 15. **Lino Braxe.**

Xuño, 22. **Víctor F. Sampedro.**

Xuño, 29. **Ana António.**

Xullo, 20. **Inmaculado António.**

Xullo, 27. **Samuel Rodríguez.**

Agosto, 3. **Xurxo Souto.**

Agosto, 10. **Júlio Béjar.**

Agosto, 17. **Charo Pita.**

Agosto, 24. **X. Carlos Pereira.**

Setembro, 14. **Ana Romaní.**

Setembro, 21. **Enrique Ribadulha.**

Setembro, 28. Colectivo: na Caixa, participando: **Ana António, Inma, Júlio Béjar, Lino Braxe, Sesé Canitrot, Anxo Montes, X. Carlos Pereira, Charo Pita, Henrique Rabunhal, Rivadulla Corcón, Samuel, Ana Romaní, Víctor Sampedro** e **Xurxo Souto.**

O 28 de Xuño, e no salon de actos do *Centro Fonseca,* tivera lugar unha mesa-redonda para tratar do tema *Normalizar normativizando,* coa participacion de **M.ª Pilar García Negro, António Gil Hernández, Xosé M. Martínez Oca,** o directivo **Manuel Rivas, Andrés Salgueiro** e **Xoán I. Taibo.**

En Decembro de 1984 convoca-se, para a última semana de Febreiro, no local social, a *IV Exposicion Monográfica de Fotografia,* co tema *Arcos e instrumentos musicais.*

1985

En Abril de 1985 —en aparéncia a única actividade deste ano— convoca-se a *I Mostra-Concurso de Cómics e Fanzines,* que se falla en Maio (ver capítulo B) e se exporia dito mes no *Bar O Patacon.*

1986

Entre o 17 de Xaneiro e o 13 de Maio de 1986, no local social, os venres, celebra-se o *II Ciclo de Poesia EDRAL para autores noveis,* segundo o seguinte calendário:

Xaneiro, 17. **Serxio Iglesias.**

Xaneiro, 31. **Manoel Cortés Talhom** (poesia criptogramática).

Febreiro, 7. **Rocio Gómez.**

Marzo, 7. **Alvám Merlaminhei.**

Marzo, 21. **Jurjo Bértola.**

Santiago Freixanes e **Xavier Cordal** din tamén os seus poemas nestas datas.

Abril, 4. **Carlos Colmenero.**

Maio, 13. Colectivo, na Caixa, co que remata o II Ciclo e máis a actividade pública do Colectivo Xuvenil EDRAL.

O 22 de Abril levara-se a cabo, no salon de actos do *Centro Fonseca,* a apresentacion do libro *Bestiario dos descontentos,* de **Miguel Anxo Murado,** intervindo o autor e o directivo **Xavier Seoane.**

H

Outras actividades

(UNHA FIESTRA DE DEMOCRÁCIA E GALEGUISMO)

A Agrupacion Cultural O FACHO surxe na Coruña no ano 1963. Nada doado resulta explicar como foi posibel que esta institucion dese desenvolvido unha actividade galeguista tan intensa nunha situacion tan difícil. En boa parte cumpre atribuír o éxito ao esforzo extraordinário dos seus fundadores e continuadores.

As conferéncias organizadas por O FACHO foron unha fiestra de democrácia e galeguismo no ermo da época franquista. Os intelectuais de maior prestíxio en Galiza foron conferenciantes desta Agrupacion. Os cursos de galego, os programas radiofónicos, a participacion na imprensa, a seccion de teatro galego, os concursos anuais de contos... todo isto é apenas o resumo dunha intensa actividade que se mantén, inda que atemperada ás novas circunstáncias culturais e políticas de Galiza.

XOSÉ RAMÓN BARREIRO FERNÁNDEZ

(En *Historia de la Cultura Gallega, ss. XIX-XX*, t. III, 1983) (Traducido)

1964

Sen dúbida foi a primera actuacion do FACHO, recén fundada a Agrupacion, a colaboracion, a comezos de 1964, con *O Galo,* de Compostela, na realizacion na Coruña da *I Campaña do Peso Pró Teatro Galego.*

Desde finais deste mesmo ano e durante 1965 O FACHO realiza a *II Campaña do Peso.*

Tamén se colabora coas emisions galegas de Rádio Paris *Aló Galicia,* remetendo material cultural diverso e mantendo estreito contacto co seu director **Xesus Nieto Pena.**

1965

No mes de Maio, sei que o domingo 2, representantes das Agrupacions Culturais *O Galo* e O FACHO renderon, en Compostela, unha sinxela homenaxe a **Manuel Rodrigues Lapa,** agasallando-o cun relevo en madeira da face de **Castelao,** feito por **Rivas Briones,** oferecendo o agasallo **Manuel Vidán Torreira.**

Con motivo do Ano Santo Compostelano e impulsada pola *Seccion de Promocion Litúrxica da Mocidade Galega Católica,* tivo lugar, o domingo 16 de Maio, unha peregrinaxe ao Sepulco do Apóstolo, con case 300 mozos e mozas procedentes de toda Galiza. A participacion do FACHO estivo composta por uns 100 sócios e amigos.

Despois do percorrido desde o Paseo da Ferradura à Catedral, fixo a oferenda, en galego, o secretário da Agrupacion, contestando-lle, igualmente no noso idioma, en ausência do cardeal **Quiroga Palacios,** o bispo auxiliar, **Miguel Nóvoa Fuente,** quen desculpou a aquel por non poder asistir.

Para agradecer a colaboracion que **Marino Dónega Rozas, Antonio Gil Merino** e **Jenaro Mariñas del Valle** viñan prestando-lle à Agrupacion, ofereceu-se-lles, o 5 de Xuño, un xantar-homenaxe (cuxo menu ha de ser dos primeiros redactados en galego). Ainda estaba recente a participacion de Dónega nas clases de Literatura galega, a cesion por Gil da Casa da Cultura para as nosas actividades, e mais a doacion por Mariñas do importe do *II Prémio Castelao de Teatro Galego* (10.000 pesetas).

1966

No marco da Feira do Libro de Agosto, colaboramos coas librarias *Cervantes* e *Arenas* os dias (5 e 6) dedicados ao libro galego.

Aproveitando a estada na Terra de **Emílio Flórez,** presidente de *Casa Galicia,* de Nova Iorque, O FACHO ofereceu-lle, a primeiros de Agosto, un agasallo materializado nunha vieira de prata.

Xunto con *O Galo,* a Agrupacion participa, do 24 ao 28 de Agosto, e representada por **Xosé L. Rodríguez Pardo,** no *Seminário Didáctico de Língua Galega,* promovido pola *Asociacion Cultural de Vigo* e desenvolvido na *Fundacion Penzol,* baixo a presidéncia de **Ben-Cho-Shey.**

1967

Fundado o *Patronato do Pedron de Ouro* en 1964, co obxecto de premiar anualmente à persoa e/ou entidade galega que máis se tivese destacado na defensa dos nosos valores, O FACHO é invitado en Decembro de 1966, a integrar, con un vocal, a Xunta de Governo de dito Patronato, o cal se acepta, colaboracion que se vé interrompida en Setembro de 1975, a raíz de desacordos da Agrupacion coa actuacion de determinados membros deste Patronato; se ben as relacions seguiron sendo cordiais (ver actuacions conxuntas en 1977 e 1980).

En Febreiro fai-se chegar a noraboa da Agrupacion ao Rector da Universidade compostelá, **Ángel Jorge Echeverri,** por ter alcanzado da superioridade a criacion do Lectorado de Idioma Galego, dentro do Instituto de Línguas daquel centro.

Inician-se este ano os ciclos de excursions culturais pola Nosa Terra, que nos anos 80 retomaria o colectivo *Edral,* segundo este calendário:

Trasalba, Ourense 26 Nadal 1967

O FACHO na Cruña

Benqueridos irmáns:

Dende istes hourizontes de serras nais dos ríos cantareiros, vai meu saúdo e recordanza desexando que no quiciño do Castelao e os Vilar Ponte, bos e contestes crenzas, siga O FACHO sempre rompendo as tebras e alumeando os camiños da NOSA GALIZA.

Os meus oitenta anos acaron dos rapaces bós e xenerosos.

Sempre vello irmán

Ramon Otero Pedrayo

Isidro Parga-Pondal

DOUTOR EN CENCIAS

Académico numerario da Real Academia Galega

Director do Laboratorio Xeoloxico de Laxe

Saúda a o Presidente da Agrupación Cultural "O Facho" e lle agradece o seu recordo e felicitación pola concesión do Premio das Cencias da Deputación que recibo a o cumprirse un ciclo vital adicado con entusiasmo a unha afición recoñecida util polos bos amigos do "Facho"; pra eles moitos recoñecidos saúdos

LAXE (Coruña)

1. Maio, 21. A Padron (entrega do Pedron de Ouro a **Ricardo Carballo Calero).**

2. Xuño, 25. A Bergantiños: Carballo, Baio, Laxe, Ponteceso, Corme, Malpica e Buño.

3. Xullo, 25. A Compostela, Padron, Rianxo e Boiro.

4. Setembro, 10. À romaxe da Nosa Señora da Barca, en Muxia, pasando por Carballo, Baio, Vimianzo, Ponte do Porto, Camariñas e Cabo Vilán.

5. Outubro, 1. À romaxe do Santo André de Teixido, por Miño, Pontedeume, Neda, Xúbia, Valdoviño e Cedeira.

1968

6. Maio, 19. A Padron (entrega do Pedron de Ouro aos nosos sócios **Manuel Espiña Gamallo** e **Xosé Morente Torres).**

7. Xullo, 14. Ao mosteiro de Caaveiro, por Cambre, Bergondo, Campolongo, Andrade e Pontedeume.

8. Agosto, 18. Ao mosteiro de Monfero.

9. Agosto, 25. À romaxe do Naseiro, en Viveiro, por Pontedeume, Xúbia, castelos de Narahio e Moeche, Ortigueira, Bares, O Barqueiro, O Vicedo e Covas.

10. Setembro, 1. Ao mosteiro de Sobrado dos Monxes.

11. Setembro, 8. Ao Santo André de Teixido, coa primeira misa en galego que ali se celebrou, polo noso sócio **Manuel Espiña.**

1969

12. Xullo, 9. A Ferreiros (Arzúa).

13. Xullo, 18. Ao mosteiro de Caaveiro.

14. Xullo, 27. A Tápia (Ames), visitar a Cooperativa de Explotacion Comunitária da Terra, pasando por Compostela, Ribeira e Aguiño.

15. Agosto, 3. A Calo (Teo), participar no *Dia da Xuventude,* organizado polos *Movimentos de Xuventude Rural Cristiá* da diócese de Santiago.

1978

Despois de nove anos realizan-se algunhas excursions máis:

16. Xullo, 30. A Ortigueira (para asistir ao *I Festival do Mundo Celta),* xantando en Ponte-Mera.

1980

17. Febreiro, 10. À *Festa do Cocido,* en Lalin e ao Entroido de Merza (Vila de Cruces).

18. Marzo, 23. A Compostela (Museu do Povo Galego), Padron (Casa-Museu de Rosalia) e Rianxo (casa de Castelao).

1967

O 31 de Outubro, *Dia Universal do Aforro,* no *Círculo de Xubilados da Caixa* o noso directivo **Xosé L. Rodríguez Pardo** fala do tema *Reencuentro con Galicia.*

O 16 de Decembro, os directivos **Manuel Caamaño Suárez** e **Xosé L. Rodríguez Pardo** realizan unha exposicion conxunta sobre *O idioma galego* na Sociedade *C.I.R.E.* de Melide.

1968

O 3 de Marzo ofereceu-se-lle a **Ramón Otero Pedrayo,** polo seu 80.° aniversário, unha homenaxe nacional en Compostela, convocada por **Xaquín Lourenzo, Sebastián Martínez-Risco** e **Modesto R. Figueiredo,** e co-organizada por várias entidades, entre elas O FACHO.

En Abril O FACHO é nomeado representante da *Comision Organizadora dos Xogos Froraes do Idioma Galego,* en Buenos Aires.

No marco da Semana Cultural organizada polo *Grupo Cultural de Xóvenes* de Ribadávia, os directivos **Manuel Caamaño Suárez** e **Xosé L. Rodríguez Pardo** repetiron, o 14 de Maio, a sua intervencion de Melide do ano anterior.

No *Concurso de Redaccion Galega* organizado polo *Centro Catequético* dos Padres Pasionistas de Melide pola festa de Santa Maria Goretti

(7 de Xullo), a Agrupacion patrocinou o 1.º prémio, aportando un lote de libros de contos infantis.

O 3 de Novembro, O FACHO participa nunha xuntanza de *Agrupacions Culturais* en Compostela.

1970

Con data 2 de Xuño O FACHO doa 1.000 pesetas e oferece a sua axuda na campaña que promove *La Voz de Galicia* pró *Casa de Rosalia,* en colaboracion co *Patronato Rosalia de Castro.*

O 18 de Xuño, os directivos **Manuel Caamaño Suárez** e **Xosé L. Rodríguez Pardo,** invitados pola *Sociedade Cultural* de Cambados, participaron no ciclo *Actualidade galega* cos temas *Idioma galego e conciencia solidaria* e *Língua, cultura e sociedade,* respectivamente.

No mes de Novembro, na *Agrupacion Cultural Abrente* de Ribadávia, o presidente do FACHO expuxo o tema *O idioma galego hoxe.*

Ao longo de todo o ano colaboramos con outras Asociacions Culturais na promocion e distribucion dos auto-adesivos *Falemos galego* e *Galego na escola,* visíbeis en muitos coches.

O 6 de Decembro, O FACHO participa nunha xuntanza da *Hirmandade de Agrupacions Culturais galegas.*

1971

Na Escola Normal da Coruña, o 13 de Febreiro, pronunciou unha conferéncia sobre *Idioma galego e conciencia solidaria* o presidente da Agrupacion.

Con ocasion de celebrar-se en Xullo e Agosto uns Cursos de língua galega, organizados pola Universidade de Compostela, concedemos a vários asociados unhas bolsas para poderen asistir a eles.

1972

En Xaneiro, 22.º cabodano de **Castelao,** O FACHO colabora cos xornais *El Ideal Gallego* e *La Voz de Galicia* e máis con *Rádio Nacional de España.*

En Febreiro dan-se a **Ricardo Carballo Calero** os parabéns pola sua consecucion da Cátedra de Lingüística e Literatura Galega na Universidade compostelá, a primeira na história do país, tras o outorgamento unánime do tribunal académico.

O 25 de Xuño O FACHO participa, en Compostela, nunha reunion de Asociacions Culturais convocada pola *Asociación Cultural de Vigo,* cara a estudar periodicamente os temas próprios da actividade societária.

No marco da *Mostra do Libro Galego* que, organizada polo *Laboratorio de Formas de Galicia,* tivo lugar no *Museu Carlos Maside* do Castro (Sada), celebrou-se, os dias 30 de Xuño e 1 e 2 de Xullo, un *Seminário encol do libro galego:* especialmente invitada, a nosa Agrupacion estivo representada polo seu presidente, quen participou en todas as sesions de traballo, principalmente na comision c), encargada de tratar a proxeccion, espallamento, especializacion e venda do libro galego.

No marco do *I Congreso de Derecho Gallego* (23/28 de Outubro) colaboramos na montaxe da *Mostra do Libro Xurídico en Galicia.*

1973

Motivado no ingreso na *Real Academia Galega,* o 3 de Novembro, do noso colaborador **Marino Dónega Rozas,** O FACHO ofereceu-lle unha sinxela homenaxe.

1974

Un representante do FACHO formará na Comision Xestora de ADEGA, segundo se acorda en reunion celebrada no *Centro Deportivo de Santa Lucia,* o 15 de Febreiro.

1976

O FACHO fai unha série de propostas ao plenário das *Agrupacions Culturais Galegas* celebrado en Compostela o 7 de Marzo, acerca da campaña *Normalizacion da língua galega.*

Morto o 10 de Abril **Ramon Otero Pedrayo,** O FACHO, coas principais Asociacions Culturais do país, está presente no recordatório que a imprensa publica o 11 seguinte «na lembranza dunha vida adicada á cultura da nosa patria».

Ese mesmo ano **Luís Seoane** recebe unha sinxela homenaxe do FACHO pola sua colaboracion pontual concretada nos deseños de *As laranxas...,* e máis como recoñecimento à sua irredutíbel fidelidade a Galiza.

1977

O 24 de Setembro O FACHO participa, en Compostela, na reunion celebrada por cine-clubes, Asociacions Culturais e Asociacions de Viciños de Galiza cara à constitucion da *Federacion Galega de Cine-Clubs.*

Dito mes solidarizamo-nos coa A.C. Francisco Lanza, de Ribadeu, que vai ser desaloxada do seu domicílio polo Município.

O 26 de Setembro envia-se o noso pesar polo pasamento de **Sebastián Martínez-Risco.** O 9 de Novembro seguinte é a noraboa a **Domingo Garcia-Sabell** polo seu nomeamento como sucesor daquel na presidéncia da Academia.

1978

Na primeira decena de Marzo, representantes de várias forzas políticas, culturais e sociais reunen-se no noso local para organizaren os actos de solidariedade co grupo teatral *Els Joglars,* procesado polo suposto delito de inxúrias ao Exército, actos que se fan extensivos á defensa da liberdade de expresion.

O 11 de Abril, os membros da Equipa de Língua do FACHO **Xavier Alcalá, Sabela Vázquez Fandiño** e **Xosé-M.ª Monterroso Devesa,** estes dous tamén membros da Directiva, falan do curso de idioma de *La Voz de Galicia* no *C.C.R.D.* de Perlio (Fene).

O 17 de Abril fan-se chegar ao noso asociado **Marino Dónega Rozas** os parabéns polo seu nomeamento como Conselleiro de Cultura da Xunta pré-autonómica.

O 16 de Maio ten lugar, coa nosa participacion, a apresentacion na *Aula Lume* da *Plataforma Galega da Cultura.*

O 6 de Xuño envia-se a **Xosé Neira Vilas** a nosa noraboa por ter sido agraciado co Prémio da Crítica española polo seu *O ciclo do neno.*

O 13 de Xuño O FACHO adere às celebracions en Amarante do centenário de **Teixeira de Pascoais.**

A fins de Setembro visitou-nos un sueco, cuxa singularidade fica reflexada na crónica que segue (*El Ideal Gallego,* 8-10-78):

O 15 de Decembro ten lugar, organizado no seu próprio estabelecimento pola libraria *Nós,* unha mesa-redonda sobre Literatura infantil, na que interveñen **Antonio Leon,** a nosa sócia **Rosario Belda Otero** e máis o noso presidente, quen se referiu a *Literatura infantil en língua galega.*

1977

RAFAEL DIESTE

CARMEN MUÑOZ DE DIESTE

División Azul, 2, 13.º C - LA CORUÑA

(Á volta de Extremadura). A Manoel Caamaño e demais amigos do FACHO. Moi asisado, sotil e de autualidade o pasaxe do esgrevio Vilar Ponte. Somente teño algúns reparos para as verbas derradeiras. Xa falaremos. Os millores agoiros de Aninovo. Garimosos saudos á sua dona. R. Dieste.

XURXO WIDLUND: UN SUECO —LUSOFALANTE— EN GALIZA

"OS galegos debían ter relación coas culturas catalana e vasca, pero, sobre todo, coa portuguesa". Así de claro, con tan evidente razón e nun clarísimo portugués falou Göran Widlund (pronúnciase aproximadamente Ioran Vidlond) nos tres interesantes paliques que con el mantivemos en O Facho. a fins de setembro. Nada menos que tres ocasións de falarmos con el nos deu este sueco mozo, na sua primeira visita á Nosa Terra, dunha semana apenas.

Xurxo Vimieiro —como el nos traduciu o seu nome— deprendeu o portugués axudándose de cassettes e discos, cunha única experiencia de catro días en Portugal, na lonxana Suecia, onde axiña se vai licenciar en linguas románicas. El tamén fala catalán e español... até completar unha ducia de idiomas europeus (6 románicos).

O seu interés por Galiza naceu na sua patria, onde el se afeizoou ao problema do bilingüismo, contrariando as tendencias que o empurraban a se especializar en literatura portuguesa. De tal xeito, que pensa doutorarse en galego ou catalán.

Precisamente de Catalunya viña o Xurxo, terra á que lle adicou varios meses e xa por segunda volta, desque estivera, o ano 73, nos Países Cataláns.

Decíanos Göran que aquel seu interés cara o feito cultural galego-portugués, a primeira vista chocante nun home de tan distante latitude, medrou a partir da emancipación das colonias africanas de Portugal, o que deu como resultado ser o galego-portugués. lingua dunha serie de países independientes.

Falouse de diglosia, de penuria cultural, do ensino en galego, da nosa incomunicación con Portugal... O home estaba, polo menos teóricamente, moi ao tanto da realidade galega.

O Xurxo gostou moito, témolo que decir, de "O galego hoxe", —o curso de lingua de O Facho— e nos dicía cómo non o imprentábamos en cassettes.

Tomou nota de varios intelectuais do país para ir velos, así Ramón Piñeiro e Carballo Calero. Pola nosa banda, e nun intento de lle facer cordial ao máximo a sua curta estancia entre nós, buscábamos as escasas referencias que tiñamos do mundo sueco en relación con Galiza: falamos de Carlos Casares, "sueco consorte" e a sua atinada versión de "O principiño", de Saint-Exupéry.

Falamos de "O retábulo da peste", obra que, sobre guión de Ingmar Bergman para o seu filme "O sétimo selo", o Grupo de Teatro "O Facho" anda a ensaiar.

Falamos e démoslle a ler o testo sueco que figura, xunto co galego, español, francés e inglés, no remate dos dibuxos que Castelao titulou "Atila en Galiza". e que comenza: "Todo se ergueu sobre o sangue..."

Comentamos, en fin, logo de escoitada, a enquisa que o Göran fixo nas ruas da Cruña, no seu afán de levar documentos do galego falado, o que, a pesar do que se pudera pensar, lle foi ben, polo número de galegos que, procedentes do meio rural, moran nesta capital, de primeiras tan pouco galega...

Desde o "Arco da Vella" mandamos unha aperta a este solitario e moderno "viquingo" que, contrariamente ao que fan os seus frívolos compatriotas, á percura exclusiva do sol do sul, nos gañou a todos, nesta sua incursión cultural, coas armas da intelixencia e a cordialidade humanas.

1979

O 10 de Marzo, os membros da Equipa de Língua **Pilar Rodríguez Varela** e **Xosé-M.ª Monterroso Devesa** apresentan *O galego hoxe* no Instituto N.B. de Monforte de Lemos.

O 25 de Abril, por xestions de **Neira Vilas**, envia-se o noso *O galego hoxe* a **Zacarias I. Plavskin,** da Universidade de Leningrado, onde dirixe cursos de galego.

O 9 de Agosto realiza-se, no marco da Feira do Libro, unha sesion de firma polos seus autores, de *O galego hoxe,* que xa ia pola 6.ª edición.

O 5 de Setembro dá-se ao noso sócio **Manuel Vidán Torreira** a noraboa polo seu nomeamento como Delegado Provincial do Ministério de Cultura.

Esta volta na *X Feira do Libro Galego,* organizada en Ribadeu pola *Asociacion Cultural Francisco Lanza,* é apresentado, o 9 de Setembro, *O galego hoxe* polos membros da Equipa de Língua **Sabela Vázquez Fandiño** e **Xosé-M.ª Monterroso Devesa.**

Na sua estada no Uruguai, o secretário do FACHO pronúncia, o 27 de Novembro, no *Instituto Cultural Uruguayo-Brasileño,* e en galego, unha conferéncia (coa que se abren as *I Xornadas de Cultura Galego-Luso-Brasileira* organizadas polo *Patronato da Cultura Galega,* daquela capital) sobre *A cultura galega na encrucilhada autonómica.*

1980

O 24 de Xaneiro aderimos à formacion da *Unión de Sociedades Gallegas* de Montevideu, enviando un comunicado (publicado no *Suplemento* de *El Diario Español* (do 24-2-80), do que extraemos o seguinte párrafo:

> *«Somente poñer en coñecimento desa* Unión *a nosa disconformidade co non emprego do noso idioma, que debera figurar como oficial da organizacion, e máis tamén coa utilizacion do termo* región, *atribuido a Nosa Terra, cando a própria Constitucion española, produto case exclusivo do mesmo centralismo, fala de nacionalidades históricas».*

A fins de Marzo O FACHO adere aos concellos: do Ogrove, por implantar o galego nos indicadores da via pública; de Soutomaior, por ser o primeiro en dedicar unha rua a **Castelao**; e de Silleda, por nomear ao pintor **Colmeiro** seu fillo predilecto.

O 8 de Marzo ten lugar, en Pastoriza (Arteixo), un xantar-homenaxe ao que fora presidente do FACHO por 13 anos, os máis vizosos da Agrupacion, **Manuel Caamaño Suárez**, agasallando-o cunha peza de Cerámicas do Castro, xenerosamente cedida por **Isaac Díaz Pardo**, coa seguinte inscripcion:

A Manuel Caamaño Suárez
exemplo de teimosia e criatividade
ao servizo da nosa cultura nacional
desde a Agrupacion Cultural O FACHO
Galiza, 8 de Marzo de 1980

O homenaxeado pronunciou un enxundioso discurso, logo publicado no seu libro *Sobre Galicia como responsabilidade,* que é o que dá título a dito libro.

En Abril, o vicepresidente toma contacto coa colectividade galega de Bruxelas.

O 4 de Agosto, no curso da Feira do Libro, e en colaboracion coa *Asociacion de Libreiros da Coruña,* organizamos, na Delegacion de Cultura, unha mesa-redonda con *Xóvenes escritores en língua galega* residentes na cidade: **Xoán I. Taibo, Xosé M. Martínez Oca, Xavier Alcalá** e **Xavier Seoane.**

Por mediacion de **Xosé Neira Vilas** (Cuba), **Klaus Bochmann,** da Universidade de Leipzig (daquela na República Democrática Alemana) pide-nos e remetemos-lle as nosas publicacions con destino à cátedra de galego-portugués, recén implantada naquel centro.

É no noso local onde se apresenta, aos meios de comunicación, o 20 de Outubro, a *Sociedade Cooperativa Luís Seone,* que daria lugar à compañia e ao teatro homónimos, nutridos en grande parte con elementos do Grupo de Teatro O FACHO.

O 10 de Novembro aderimos à audicion radiofónica *Sempre en Galicia,* de Montevideu, Uruguai, con motivo do seu 30.° aniversário. Outro tanto fará-se en 1990, polo seu 40.° cumpreanos.

1981

O 3 de Xullo, ten lugar, en Cecebre, unha homenaxe íntima ao sócio fundador **Eduardo Martínez Suárez,** quen, cun breve lapso de un ano, 1966/67, levaba de directivo 17 anos, 13 deles como Tesoureiro, cargo que desempeñou máis un pouco até completar os 15 anos de permanéncia nel.

En Agosto, o noso presidente visita Venezuela e dá, o dia 28 na *Hermandad Gallega,* de Caracas, unha charla sobre a cultura galega actual.

O 29 de Outubro, dentro da Semana Cultural do *Club de Xubilados de Caixa Galicia,* o secretário do FACHO fala de *História e presente da Coruña através das suas ruas e monumentos.* O apresentador e directivo do Club, **Sixto Fernández Sánchez,** resalta o feito de ser esta a primeira actividade en galego nese Clube, con 18 anos de existéncia.

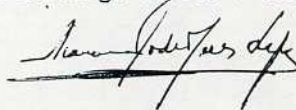
O 30 de Novembro, en colaboracion co *Ateneo* da Coruña, auspicia-se a apresentacion, no *Teatro Luís Seoane,* da recén criada *Associaçom Galega da Língua (AGAL),* a cargo de **Xavier Alcalá, António Gil** e **J. M. Montero Santalha.**

1982

En Febreiro aderimos a *La Voz de Galicia,* con ocasion do seu centenário.

O 6 de Febreiro e o 6 de Marzo participamos, en Compostela, nas duas primeiras reunions prefundacionais da *Federacion de Asociacions Culturais Galegas.*

O 10 de Febreiro manda-se una carta-circular a várias entidades galegas na emigracion (13) e a 7 entidades de crédito, solicitando o seu apoio para, entre todos, facer realidade a nosa iniciativa de criacion dos *Prémios Castelao de ensaio sobre a emigracion galega,* en duas modalidades: ensaio sócio-económico e ensaio histórico-cultural. Non coallou por termos apenas resposta de duas

Anadia, 24 de janeiro de 1981.

Prezados Amigoa de "O Facho"

Agradeço-lhes a "Mostra do livro luso-brasileiro" que me enviaram, no propósito simpático de "pôr em evidência a irmandade cultural e comunidade idiomática da Galiza com países como Portugal e o Brasil". Muitíssimo bem; e obrigado pela vossa generosa compreensão.

Há contudo nesta Mostra um erro grave para o qual se chama a vossa atenção. Hoje, os falantes do português deverão ser perto de 160 milhões. Num artigo que publiquei em 6 de junho de 1978 em "La Voz de Galicia", com base em informes fidedignos, já declarava 150 milhões, incluindo o espaço galego. Actualmente, deveremos ser uns 160 milhões; e no ano de 2000, se lá chegarmos, 200 milhões.

Já chamei a atenção do amigo Ramón Pena, co-autor de "Língua", para esse erro indesculpável que, além do mais, vai fazer o jogo da malta anti-lusista, ao serviço de Madrid. Ora é com as armas da verdade e da lealdade que poderão ser desbaratados os intrujões e os traidores. Não será assim?

Creiam-me amigo atento e obrigado,

MANUEL RODRIGUES LAPA

Habana, 26-6-88

É un gran acerto que dirixas O Facho. Alégrame de veras, pois esa, unha das primeiras agrupacións culturais (cuia traxectoria sigo dende sempre) é tamén, sigue sendo, unha das máis sólidas.

¡Adiante! Nesta época confusa de perdas, trocacamisas, oportunistas, etc. cómpre manterse firmes no ideal da patria e nos máis caros anceios do noso pobo, e as agrupacións desempeñan un papel importantísimo.

Recordos de Anisia. Unha forte aperta de

Pepe Neira Vilas

Pepe Neira Vilas.

das primeiras (o *Patronato da Cultura Galega,* de Montevideu, e o *Instituto Argentino de Cultura Gallega/Centro Gallego* de Buenos Aires) e de unha das segundas e esta negativa.

A *AGAL* celebra no noso local, con data 17 de Febreiro, a primeira dunha série de reunions públicas que terán lugar esporadicamente no mesmo. Até dous cursos de idioma serán impartidos durante dous veraos (1982 e 1983) por dita *Associaçom* no local do FACHO.

O 20 de Febreiro cede-se o local social para a apresentacion da *Asociacion Galega de Mestres en Paro.*

Organiza-se, conxuntamente coa *Asociacion Alexandre Bóveda,* o *Grupo Tespis, Escola Dramática Galega* e *Teatro Luís Seoane* (a prefigurarmos a futura *Mesa Cultural da Coruña),* unha série de actividades en torno ao Entroido, unhas ao ar aberto e outra na Sala L. Seoane, de acordo co seguinte detalle:

1. Febreiro, 21. Desfile de comparsas infantis a partir da praza de Maria Pita.

2. Febreiro, 24. *Unha festa popular: o Antroido,* por **Antonio Fraguas Fraguas.**

3. Febreiro, 25. Diapositivas e monecos da *Escola Dramática Galega* e filmes de **Suso Montero.**

4. Febreiro, 28. Enterro da sardiña, a partir da praza de Maria Pita.

Con motivo do terceiro cabodano de **Luís Seoane,** o 5 de Marzo celebra-se, no teatro do seu nome, un acto de homenaxe ao que O FACHO adire.

Aceptando a invitacion que, con data 6 de Abril, fai o alcalde acidental, señor **Rey Pichel,** para que O FACHO inclua un seu representante na *Embaixada de irmanamento A Coruña-Recife,* à vez que solicitaba o noso asesoramento cara à prevista *Exposicion do Libro Galego* na cidade brasileira, o presidente da nosa Agrupacion acorda delegar dita representacion no vicepresidente que, como primeira xestion, e a título de comisionado para a organizacion da *Mostra do Libro Galego no Brasil,* confecciona e adquire unha *biblioteca básica galega* de case 150 volumes.

Unha vez ali, no mes de Maio, o representante do FACHO prepara a mostra bibliográfica, aberta o 7 dese mes no *Forte das Cinco Pontas* (onde tamén se expon outra de artesania galega), cuxo acervo logo é doado ao *Arquivo Público Estadual de Pernambuco,* exornada con carteis ilustrativos e mapas e paineis esquemáticos sobre a nosa realidade histórica e literária. E na Faculdade de Direito, o dia 12, dá unha conferéncia sobre o tema *I. A cultura galega na encruzilhada autonómica. II. Relaçons culturais galego-luso-brasileiras;* sendo o único dos conferenciantes (os outros foron **Camilo José Cela** e o cronista oficial), que se expresou en galego e falou sobre Galiza, amais de facé-lo sobre A Coruña (a outra excepcion a constituiria, cando cantaba, a coral *Cántigas da Terra).* Outra conferéncia sobre *Visom geral do livro, a língua e a literatura galega* non tivo ocasion a dicé-la.

O FACHO colabora co Concello coruñés, esta volta na organizacion do ciclo *Normalizacion e normativizacion do idioma galego,* celebrado no salon de actos da *Real Academia de Medicina y Cirugía de Galicia* (rua Durán Loriga), entre o 6 de Maio e o 14 de Xuño, cun total de catro mesas-redondas, integradas, sucesivamente, por partidos políticos, escritores e editores, sindicatos e asociacions lingüísticas.

O 28 de Maio deste e o 17 de Xuño do ano seguinte aderimo-nos a senllas homenaxes rendidas a **Xaquin Lorenzo,** *Xocas,* e o 15 de Novembro unimo-nos à oferecida, en Buenos Aires, ao actor **Fernando Iglesias,** *Tacholas.*

1983

O 16 de Febreiro organiza-se, coa *A.C. Alexandre Bóveda, G. Tespis, Escola Dramática Galega* e *Teatro L. Seoane,* o enterro da sardiña, dentro do Entroido dese ano.

En Marzo visita-nos o contador **Adolfo Lozano,** integrante da colectividade galega de Buenos Aires, a quen se lle agasallan as nosas publicacions.

Cede-se o local, esta volta à *Asociacion Sócio-Pedagóxica Galega* e aos seus membros **Montserrat Erauskin Salazar** e **Gisela Oteyza Copa,** integrantes da equipa de psico-pedagoxia infantil *Ixolo,* para celebraren, vários xoves, entre o 3 de Marzo e o 26 de Maio, o ciclo *Conhecer os filhos.*

O 4 de Marzo facemos constar o noso pesar polo pasamento de **Camilo Agrasar.**

No mes de Abril, entre 11 e 22, celebra-se, en vários locais e organizado pola *A.C. Alexandre Bóveda,* o ciclo *O meio natural galego,* en homenaxe a **Isidro Parga Pondal.** O FACHO apoia-o, xunto cos colectivos *ADEGA, Natureza, Ateneo da Coruña* e *Federacion de AA.CC. Galegas.*

O 17 de Maio, o presidente e máis o directivo **Fernán-Vello** participan nos actos culturais do coléxio público Maria Pita.

En Xuño O FACHO adere à peticion para a cidade da Faculdade de Belas Artes.

1984

O 3 de Febreiro apresenta-se publicamente no local do FACHO a *Mesa Cultural da Coruña,* integrada, amais de por nós mesmos e *Edral,* pola *A.C. Alexandre Bóveda,* a *Cia. L. Seoane,* a *Escola Dramática Galega, ADEGA* e *Natureza;* nun intento de coordinaren esforzos para defrontar a política anti-galega do Concello coruñés.

Como membros da *Mesa Cultural* participamos na organizacion de determinados actos do Entroido, principalmente no desfile de comparsas a partir da praza de Maria Pita, o dia 6 de Marzo.

O 25 de Abril, cadrando casualmente co 10.° aniversário da Revolucion portuguesa, e na Sala Luís Seoane, várias entidades, O FACHO entre elas, colaboraron nun acto cultural de *Solidariedade co povo uruguaio,* paralelo à xornada de loita pola amnistia e a liberdade que tivo lugar no Uruguai. Representou à nosa Agrupacion **Xosé M.ª Monterroso Devesa,** quen leu un texto alusivo ao envento.

O 13 de Maio celebramos, como membros da Mesa Cultural, a Festa das Letras Galegas no parque de Santa Margarida.

Un recital poético, no marco da Feira do Libro, leva-se a cabo, organizado polo FACHO, no *Relleno,* diante do Quiosco Alfonso, o 9 de Agosto.

1985

O 21 de Abril participa-se no comezo da *II Carreira popular en defensa do noso idioma,* organizada pola *Federacion de AA.CC. Galegas,* a partir da praza de Maria Pita, e encabezada polo vicepresidente do FACHO.

O 23 de Abril, nun xantar íntimo en Coirós, agasalla-se ao noso vicepresidente por ter obtido o *Prémio da Crítica española* polo seu poemário *Seiva de amor e tránsito.*

O 6 de Agosto, no marco da Feira do Libro, realiza-se, co lema *Do mar pola orela mireina pasar,* en homenaxe a **Rosalia** no seu centenário, un recital poético no palco da música do *Relleno.*

Dito ano vai-se-nos **Reimundo Patiño,** quen amais da sua valia incuestionábel, ten para nós o significado especial de ser o deseñador do noso logotipo. O FACHO, a *A.C. Alexandre Bóveda* e a *Escola Dramática Galega* lembran-no cun recordatório na imprensa, o dia seguinte, 21 de Agosto.

1986

A comezos de 1986 ten lugar, no local social, unha série de reunions das que sai a *Asociacion Galega de Compositores.*

O 9 de Maio unimo-nos ao pesar de Galiza pola morte de **Ánxel Fole.**

O 11 de Decembro O FACHO participaba na mesa-redonda, organizada polo Ateneu no seu local, *A Coruña: que cultura?*, coa que esta entidade cerraba o ciclo *Castelao na perspectiva da história*.

1987

O 17 de Febreiro, no Centro Fonseca, O FACHO participa, representado polo seu vicepresidente, nunha mesa-redonda, organizada pola *Federacion de AA.CC. Galegas*, para tratar da realidade cultural da cidade.

O 12 de Maio, unha nova mesa-redonda, organizada pola mesma Federacion, esta volta na Delegacion de Cultura, baixo o título *Presente e futuro do asociacionismo cultural na Coruña*, conta coa representacion do FACHO na persoa do seu presidente.

1988

Xa falamos do sinxelo agasallo que o 1 de Decembro, à final da Tertúlia do Xoves, se lle fixo a **Jenaro Marinhas del Valle**, polo seu 80.º aniversário.

1989

O 28 de Febreiro, en colaboracion coa editora, apresentou-se, no Centro Fonseca, o libro de **Francisco Xosé Fernández Naval** *O bosque das antas*, coa presenza do autor, de **Víctor F. Freixanes** e de **Luís Álvarez Pousa**.

No decorrer do primeiro semestre aderimos às homenaxes rendidas a **Luís Seoane** (coa exposicion da sua obra), à própria **Maruxa de Seoane** (coa concesion da Pedra do Destino), a **Xosé Neira Vilas** (coa denominacion do Instituto de E.M. de Perillo-Oleiros) e, finalmente, aos 25 anos do *Patronato da Cultura Galega*, de Montevideu, pola sua exemplar traxectória, por tantos motivos paralelos à nosa.

O 9 de Maio, representado polo seu presidente, O FACHO participa no Centro Fonseca, da mesa-redonda que, organizada polo *Colectivo da Mocidade do PSG-EG*, baixo o título *A situacion cultural na Coruña: análise e perspectivas*, contou, amais de nós, coa presenza da *A.C. Alexandre Bóveda* e de **Xúlio L. Valcárcel**.

O 19 de Xullo manifestamos o noso pesar polo pasamento de **Xaquín Lorenzo**, *Xocas*.

O 12 de Agosto, por xestions do noso presidente, fai-se posibel a presenza de **Xosé Neira Vilas** e **Anísia Miranda** na celebracion do 75.º aniversário da Agrupacion Instructiva de Caamouco (Ares), froito da emigracion cubana, como a escola que ali se ergueu.

1990

O 5 de Febreiro, colaborando coa editora, apresenta-se, no Salon Fonseca, o libro de **Dario Xohán Cabana** *Galván en Saor*, polo autor, **Miguel A. Fernán-Vello** e **Manuel Méndez Batán**.

No primeiro trimestre deste ano aderimos à concesion a **Manuel Maria** do prémio Casa dos Poetas (Celanova).

O 27 de Marzo, as AA.CC. *Alexandre Bóveda* e O FACHO, a *Escola Dramática Galega* e a *Federacion de AA.CC. Galegas* oferecen, mediante un recordatório na imprensa, a última homenaxe a **Ricardo Carvalho Calero**, falecido o 25 anterior.

O 14 de Setembro, con motivo do seu traslado a Pontevedra, oferece-se-lle, ao tantos anos destacado colaborador, como sócio, directivo e ex-presidente do FACHO **Xaquín Villar Calvo**, unha ceia-homenaxe de irmandade, en Pastoriza (Arteixo), agasallando-o cunh peza do Castro coa seguinte inscripcion:

A
Xaquín Villar Calvo
«Xocas»
À tua xenerosa entrega
Agrupacion Cultural O FACHO
A Coruña 14-9-90

1991

En Abril comunicamos o noso pesar polo pasamento, ocorrido o dia 10, de **Benito Ferreiro Pardo**, dos últimos integrantes da primeira Irmandade da Fala.

O 23 de dito mes remetemos ao *Instituto José Cornide de Estudios Coruñeses* a nosa congratulacion «polo papel que o idioma do país vai comezando a xogar (desde o anterior número 23) nunha Revista como esa, portavoz dunha institucion cultural que, como tal, debe ser especialmente sensíbel à realidade profunda da terra en que se asenta».

O noso presidente participa en duas mesas-redondas en Maio: 1) o dia 4, na mesa *Outras formas de defensa do galego: o labor das asociacions*, dentro do *Seminário sobre Idioma Galego*, organizado polo Concello de Pontedeume, intervindo, amais de nós, senllos representantes da *Mesa pola Normalizacoin Lingüística* e da *Federacion de AA.CC. Galegas;* 2) o dia 7, na sesion organizada polo *Ateneo da Coruña* no Salon Fonseca, sobre *Como se promove a cultura?*, con representantes da Deputacion, do Concello, da Consellaria de Cultura e de Caixa Galicia.

O 24 de Xuño envian-se senllas comunicacions: ao Museu de Belas Artes, felicitando-o pola substanciosa doacion da obra de Seoane, e a **Maruxa de Seoane**, agradecendo-lle dita doacion.

En Novembro expresa-se a **Emílio González López** a satisfaccion do FACHO polo seu nomeamento como Cronista Xeral do Reino de Galiza.

I

Atrancos e alentos

«O FACHO», VINTE ANOS DE VIDA

Hai, seguramente, quen olla as agrupazóns culturais non oficiais, como O Facho, *do mesmo jeito que, por vía de regra, se olla polos estamentos tradicionais da sociedade toda entidade nova que, dentro daquela estrutura, xorde como consecuéncia dun movimento natural de crecimento fora dos compartimentos estereotipados en que a história callou. Hai unha concepción pontual da vida que tende a considerar o presente como único tempo histórico —o que supón, realmente, a abolición da história—, de forma que o pasado e o futuro non son outra cousa que a preexisténcia e a persisténcia do momento actual. É unha visión estática da realidade, que, ingénua ou comodamente, por inércia, perguiza ou resignado conformismo —ou, se queredes, por auséncia de imaginación, se non é adesión vegetal de carriza ou orcelo á roca imóvil do constituído—, rejeita toda inovazón, estimando-a perversa deformación que hai que reprimir, ou ilusória e patológica espirazón que procede ignorar.*

Este conservadurismo a ultranza non verá, ou non quererá ver, erguer-se das entrañas mesmas da realidade social novas clases, novas profisóns, novos estamentos que engendra o fermento da vida. A nobreza negará a burguesia, a burguesia negará o proletariado. Os señores tradicionais negarán en Franza o terceiro estado (mas sucumbirán perante el); os patróns europeus quererán fechar as portas á organización dos traballadores (mas terán que ceder ao seu empurro); o Estado socialista burocratizado acusará de contrarrevolucionário o movimento livre de solidariedade dos traballadores (mas este será capaz de defrontar a presión da ditadura). Inútil é encastelar-se tras o foxo do imovilismo. Como houvo un pasdo haverá un futuro. En puridade, é o presente o que non existe.

Unha manifestación deste cego estatismo levou e leva ao mundo oficial ao menosprezo do que nace, inza e bole á sua marge. Como se o mundo oficial non fose cuase sempre unha institucionalización do marginal. Porque, de un jeito revolucionário ou de un modo evolutivo, as estruturas caducas ceden ás novas forzas representativas da necesidade de cámbio, as cuais acaban por callar en novas estruturas, que, por suposto, están tamén ameazadas de anquilose, fosilización ou anacronia. O que onte era revolucionário, é hoje reaccionário. Viver na oposición é sofrer a intempérie inclemente. Mas pior ameaza de morte é a administración esclerosada do poder.

Ollar con orgulloso desdén as asociacións culturais que abrollaron en Galiza fora dos canles oficiais en tempos nos que a loita pola cultura galega se realizava en condicións precárias, revelaria estreitez de horizontes, indoléncia ou repugnáncia perante toda manifestación do espírito de reivindicación ou progreso. Hai quen se conforma con todo. Para quen a verdade e o ben coinciden fatalmente co dogma oficial, que ten o seu código e a sua nómina. Cando en tempos de Franco xurdiron as sociedades culturais de tipo popular, como O Facho, calquer que fose en moitos casos a ganga política que inevitavelmente se registase —¿ulos daquela os regos legais da discrepáncia?—, foron un produto espontáneo e necesário dos mecanismos de defensa da realidade profunda do país.

Así, historicamente, unha asociación como O Facho, *que agora cumpre vinte anos de vida, apoiada e mesmo agarimada durante a sua minoridade por todas as forzas galeguistas; hoje, chegada á idade da emancipación, sujeita, como é lógico, ao feliz exercício da controvérsia e ao higiénico estímulo da crítica; así, historicamente,* O Facho *—e outras entidades análogas— está mais que justificada, e, sen perjuízo de conservarmos a liberdade de opinión sobre o maior ou menor acerto de todas e cada unha das suas iniciativas, pasadas, presentes ou futuras, ¿cómo non deseñar perante ela —se non se perdeu a fe nos ideais comuns— o gesto cariñoso do aplauso? Cando se formalice o balanzo das aportacións que nestes últimos anos se fixeron á causa que defendeu Castelao —hoje tan mitificado como mistificado—,* O Facho *ha figurar cunha alta partida de entusiasmo e eficácia no seu haver. Entusiasmo. Sen el, o home transige, engrosa, dorme, ronca, transpira.* O Facho *pode ajudar-nos a nos manter puros, magros, espertos, atentos e vigiantes.*

RICARDO CARBALLO CALERO

(En *La Voz de Galicia*, 8-12-83)

AS PROIBICIONS, MULTAS E ATRANCOS POSTOS POLOS ORGANISMOS GOVERNAMENTAIS

Non é para contar (hoxe que se pode, pois nos tempos das duas Memórias anteriores non se podia) pois que non se daria feito, esa cotidiana e desgastante tortura do submetimento à burocrácia do vello rexime, que tiña como obxectivo dificultar no posíbel toda actividade que o puxese a proba: é ese o máis ingrato dos labores, con todo aquel papeleo necesário para dar cariz legal a unha actividade contínua e, de certo, problemática para o poder, e con todas aquelas esperas e habelenciosas solicitudes sen perder a dignidade... ou aturando proibicions, atrancos e multas, que de todo houbo, abortando algunha das iniciativas máis válidas da Agrupación.

A título de exemplo, citamos un feixe delas.

1965

Como queda dito no capítulo das publicacions, durante vários meses deste ano editou-se, a ciclostilo, un boletin informativo no que figuraban referéncias ao mundo cultural galego. Dito boletin tivo que deixar de publicar-se, di escuetamente a I Memória, «por imperativos de tipo administrativo».

1967

É ben sabido como o III Curso de idioma se pudo celebrar, entre Febreiro e Abril dese ano, mercé à axuda dun profesor do Instituto Feminino, soslaiando a proibicion governativa.

1968

En Abril deste ano non é autorizada a publicacion da conferéncia que **Álvarez Gándara** impartira, co título *O problema lingüístico na Galicia de hoxe,* o 10 de Novembro anterior.

O 4 de Maio de 1968 aplaza-se, *sine-die,* motivado por unha nova proibicion, un recital da Nova Cancion Galega a cargo de **Xavier** e **Benedito.**

1972

A Marzo de 1972 e a duas conferéncias viu-se reducido un ciclo de cinco sobre *Cultura e sociedade,* «que por razons múltiples viu-se tronzado», di a II Memória. Proibira-se à altura da (3.ª) conferéncia de **X. Manteiga,** sobre *A estrutura sócio-cultural de Galicia;* e **X. M. Lz. Nogueira** declinou, por solidariedade, pronunciar a (4.ª) sua sobre *Patoloxia social de Galicia.* Naquela ocasion, O FACHO fixo saber do seu recoñecimento ao decano do Coléxio de Abogados, **M. Iglesias Corral,** pola cesion do salon-biblioteca da institucion.

1973

En Febreiro deste ano, por exemplo, non é que se proibira, é que se multou ao FACHO, con 5.000 pesetas, por incluir nun recital do Grupo de Teatro dous poemas non autorizados previamente.

1975

Tamén xa vimos como, en princípio, foi denegada, en Febreiro de 1975, a autorizacion para representar o Grupo de Teatro *Paco Pixiñas e a Nave espacial.*

En Abril dese mesmo ano foi denegada a celebracion do ciclo *A industrializacion de Galicia,* que se ia iniciar cunha mesa-redonda cuberta con **X. M. Beiras, X. L. Facal, R. L. Suevos** e **C. Nogueira,** o que deu lugar a un comunicado do FACHO, exemplarmente acollido pola imprensa coruñesa e do que se fixo eco o mesmo meio radiofónico, de todo o cal xa se fala no capítulo dos comunicados.

É no mes seguinte que se repite a teima proibitiva, esta volta cara unha conferéncia, prevista para o 30 de Maio, e a pronunciar por **M.ª Xosé Queizán,** sobre *Situacion da muller na familia e na sociedade.*

E a última proibicion de que temos notícia (e vai unha por mes! e nos últimos de vida do Ditador), produciu-se en Xuño, ao pretendermos apresentar *O Estatuto galego*, de **Xosé Vilas Nogueira**, o dia 13 (venres!), primeira publicacion das recén fundadas Ediciós do Rueiro.

1976

Claro que ainda en 1976 se autorizaban actos, mais... se proibian os colóquios posteriores!

Inda que non todas eran autorizacions: a conferéncia que, sobre *O conflito lingüístico en Galicia*, ia impartir na Casa da Cultura **Francisco Rodríguez Sánchez**, o 20 de Marzo, tamén foi proibida.

□ □ □

O ALENTO DOS MÁIS PARA SEGUIRMOS NO CAMIÑO

OS SÓCIOS...

Son aquelas persoas por quen unha asociacion existe e resiste, e de entre os cales saen os directivos que deben levar adiante o proxecto que os aglutinou. Estes, por veces sobrecargados de traballos, poden achar pouca axuda, fora da material, nun corpo social tendente à pasividade; mais, qué dúbida cabe, o sócio dunha empresa un tanto utópica como esta, ten muito de altruista; porque, no noso caso, en que as actividades son, na sua totalidade, públicas e gratuitas, qué avantaxe ten o sócio máis que a satisfaccion de axudar xenerosamente, por modesto que for o seu contributo, a algo no que cré e do que non espera benefício económico algun (o disfrute da Biblioteca, que foi a única prerrogativa do asociado, hoxe, coa feliz xeralizacion do libro galego, xa non é nada excepcional; se acaso ainda poden ter atractivo alguns libros esgotados ou a seccion dos portugueses, máis raros).

A axuda económica do sócio —que, a maiores, é, ao tempo, a máis pura e a máis obrigada das axudas—, é máis valorábel cando escasean, como soe acontecer, os subsidios das institucions; e non digamos xa a do sócio protector, que constitúe un grémio específico dentro da Agrupacion (temo-los de duas clases: o que abona unha cuota especial, e aquel que ten subscrita a toda a família, que é outra maneira ben fermosa de asociar-se co futuro); ou o sócio que, sen ser directivo, traballa à par dos directivos ou colabora decisivamente (caso dos Dónega ou Mariñas, ou Díaz Pardo... Ou tantos anónimos voluntários).

Non é de despreciar tamén o valor deste asociar-se cando reparamos en que reúne toda a forza do compromiso co país —daí o noso eslogan: *Asociar-se ao FACHO é asociar-se à nosa cultura*—; compromiso que chegou a revestir o seu máximo valor en momentos en que se albiscou viábel unha involucion na política española, augurando a agrupacions como a nosa, val dicer, à agrupacion dos nosos asociados, o máis negro dos horizontes.

En todo caso, ese sócio do FACHO, un entre mil coruñeses, ben pode aspirar ao título, non por vello menos vixente, de bó e xeneroso.

...E OS DEMAIS

Despois dos sócios, cumpre lembrar-se das persoas e/ou institucions que, sen ter esa condicion, tiveron co FACHO xestos xenerosos ou comprensivos, aquelas através das entidades que dirixian, ou persoalmente, podendo citar, entre outros, a:

Caixa Galicia (**Antonio Lorenzo Pérez**, sucesores e colaboradores da Obra Social), subsidiando o Concurso de Contos, muitas veces o de Teatro e algunhas o de Poesia, e cedendo-nos a sua Aula de Cultura.

A Casa da Cultura (**Antonio Gil Merino**), cedendo os seus locais nos primeiros tempos e despois, asi como o Circo de Artesáns (**Antonio Garcia Rodríguez**) e o Colexio de Avogados (**Manuel Iglesias Corral**).

As librarias Arenas e Cervantes, Lume, Nós e Couceiro.

IBBY HONOUR LIST 1982

Every two years, in connection with the Hans Christian Andersen Awards, an Honour List of IBBY is published which shall include books from IBBY member countries. Each National Section may submit three entries for the Honour List: for excellency in writing, illustration, and translation. The books for writing and illustration must have been first published no earlier than three years before the awards are presented. For a country with a substantial and continuing production of children's books in more than one language, up to three books may be submitted for writing. One book is cited as an example of the honoured translator's work.

Important considerations in selecting the Honour List titles are that the books chosen be representative of the best in children's literature from each country, and that the books are recommended as suitable for publication throughout the world, thus furthering the IBBY objective of encouraging world understanding through children's literature.

The Honour List diplomas are presented on the occasion of the biennial congress of IBBY.

WRITING

SPAIN (Galician)

5 authors: **Contos Pra Nenos**
(Tales for Children)
Vigo (Pontevedra): Editorial Galaxia, S.A. 1979, 71 pp.

Selection of five popular tales winning a prize in a literary competition organized by a cultural association in Galicia.

SWEDEN (Swedish)

Lennart Hellsing: **Fem prinsar**
(Five Princes)
Stockholm: Rabén & Sjögren 1980, 44 pp.

«If the right conditions are present, anyone can feel like a true prince!» - Wonderful finger rhymes for children and grown-ups.

Os Institutos feminino **(Antonio Respino Díaz** e sucesores) e masculino **(Enrique Míguez Tapia)** e colaboradores de ambos centros.

Os profesores dos nosos cursos de idioma.

La Voz de Galicia **(Francisco Pillado Rivadulla** e **Juan Ramón Díaz García)** e El Ideal Gallego **(Bocelo, Rafael González Rodríguez)** e personais de redaccion de ambos. Rádio Nacional de España **(Ramiro Martínez-Anido Baldrich)** e Rádio Coruña e os seus personais.

Os xornalistas e escritores que repararon no FACHO e escreberon sobre o seu labor.

Editorial Galaxia **(Ramón Piñeiro** e demais) e Ediciós do Castro **(Isaac Díaz Pardo)**, publicando os textos premiados nos nosos concursos literários.

As persoas que, algunhas repetidamente, formaron parte dos máis de 50 xurados que deberon decidir os prémios en ditos concursos literários e artísticos, asi como os mestres que, facendo-se eco da nosa teima, motivaron aos seus alunos a participar neses mesmos concursos, e estes participantes e os outros. Os centos de persoas que deron corpo aos nosos actos culturais, intervindo neles.

Os colaboradores anónimos, que os houbo. As xentes que, por puro amor à arte, formaron os sucesivos elencos do Grupo de Teatro e os seus directores.

Os persoeiros do movimento cultural galego na Coruña e fora dela que nos apoiaron en diversas ocasions.

E finalmente, e por máis que fose de xustiza, Concello da Coruña (até anos há), Deputacion Provincial, Ministerio de Cultura e Consellaria de Cultura, polos subsídios concedidos.

O ALENTO DOS GALARDONS E HOMENAXES

Por máis que os incentivos non se limiten a estes casos pontuais —xa que entre eles se poden incluir tantos outros feitos como os reseñados no capítulo E (nos dous últimos apartados), ou noutros capítulos todo ao longo desta Memória—, citamos aqui alguns casos, por via de exemplo, de galardons ou homenaxes que nos teñen concedido e axudaron a facer-nos máis andadeiro o camiño:

1965. *Aos amigos de O Facho* vai dedicada *A revolta* de **Jenaro Mariñas del Valle.**

1979. O capítulo *Inventário*, do libro *Nau enfeitizada*, de **Xosé Devesa**, vai dedicado ao FACHO.

1982. O IBBY *(International Board on Books for Young people)*, con sede en Zurich (Suíza) inclue *Contos pra nenos* na lista de honra deste ano, como representante da literatura infantil en galego no certame H. Ch. Andersen (o chamdo *nobel* da literatura infantil); e mercé às xestions do INLE.

1984. O Centro Catequético de S. Pedro do Val--Xestoso (Monfero) extendeu ao FACHO un diploma polo seu labor a prol da normalizacion da língua.

1984. No transcurso da ceia anual que ten lugar en Vigo, para a concesion dos *Prémios da Crítica galega*, o 12 de Maio deste ano, o xurado para Iniciativas Culturais, integrado por **Xosé González Martínez, Antón Santamarina Fernández, Constantino Cabanas López, Paco Martín, Manuel Caamaño Suárez, Luis Mariño, Manuel Rivas** e **Santiago Seara**, xunto ao prémio para *Preescolar na casa*, concede unha mencion ao FACHO, a raiz do seu 20° aniversário, como recoñecimento «do labor realizado polas Agrupacions Culturais de Galiza, que seguen a ser necesárias».

1988. Non dedicado expresamente ao FACHO, o libro *Sobre Galicia como responsabilidade*, de **Manuel Caamaño**, fai-lle à nosa Agrupacion unha contínua homenaxe.

J

Xuntas Directivas
Biblioteca Castelao
Estatutos

«O FACHO», 25 ANOS REFACENDO GALIZA

En mil novecentos sesenta e tres eu era un neno de pantalóns curtos e médias «sport», xa sabia andar en bicicleta de duas rodas e até lembro que tiña un libro con moitos debuxos e grandes letras.

Naquel mil novecentos sesenta e tres, hai agora vintecinco anos, na escola mandaban-nos falar castelán pero falaba-se galego na rua e Don Vicente sorriu cando Andrés me acusou: «Don Vicente, avise a Francisco que me está fasendo jabuchas cunha palla nunha orella».

Hai vintecinco anos parece ser que era de xente moi fina falar castelán, pero naquel povo da ría de Arousa, os nenos daquel tempo falaban galego con xota e con ese.

Non sei que pasaba na Coruña en 1963, daquela o meu mundo estaba limitado pola Curota e a praia de Coroso; hoxe a história conta que un grupo de persoas tiveron conciéncia de país, xuntaron-se e fundaron a Agrupación Cultural que daquela, máis de dez anos antes de que Celso Emilio o dixera, recitaba:

«Erguerémo-la espranza
sobre esta terra escura
coma quen ergue un facho
nunha noite sen lua».

Aquela primeira entidade que ousou dar clases de galego e conferéncias no noso idioma en plena noite de pedra berrando co corazón:

«Tripulantes insomnes.
na libertá creemos.
Viva, viva, dicimos
aos que están no desterro
e soñan cun abrente
de bandeiras ao vento».

Foron vintecinco anos premiando os contos dirixidos aos nenos, «guardiáns da eternidade no tempo diante dos que é unha tremenda realidade o mistério do porvir», nos deixou dito Don Miguel de Unamuno. Vintecinco anos levando teatro polos povos de Galiza, saberedes que «o teatro é un dos máis expresivos e úteis instrumentos para a edificación dun país e o barómetro que marca a sua grandeza ou o seu descenso», como Lorca lle dixera a un grupo de actores aló polo trinta e cinco. Vintecinco anos frenando a desfeita de Galiza polos «cadeireiros» dos «burós» da oficialidade reinante neste cuarto de século. Vintecinco anos refacendo Galiza.

Hoxe, O Facho xa é parte da história, pero ainda non tirou os bártulos, a loita contra o acoso e despréçio do que significa ser galego continua.

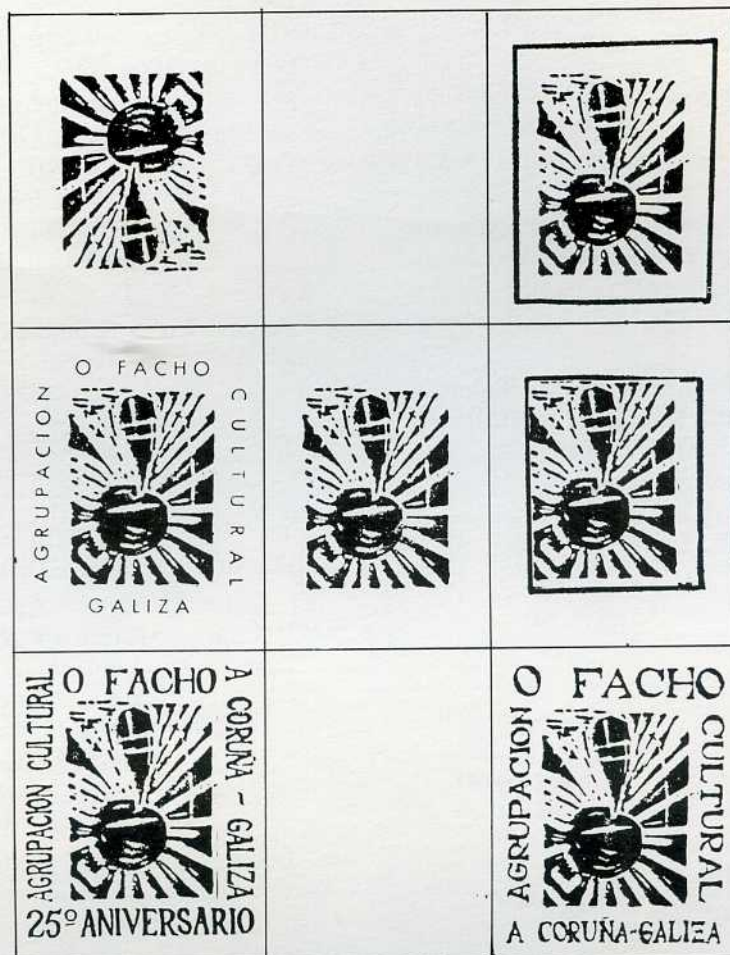
Agora, naquel povo da miña infáncia, diciame Martínez Oca un dia destes, os cativos dunha escola á que foi invitado para dar unha charla aseguraron-lle moi resoltos: «Mejor en castellano que el gallejo no lo entendemos bien».

A un cuarto de século a loita non rematou.

Por iso, neste claroscuro que me dá un flaxe, brindo a solas, coa nostálxia do pasado e a fe posta no futuro pola xente que foi e sigue a ser O Facho.

«Adictos da saudade
que levades a luz polos vieiros
Saúde a todos,
compañeiros!»

FRANCISCO ANT. VIDAL

(En *A Nosa Terra,* 22-12-88)

A evolución do logotipo do FACHO.

1963

Xa relatados ao comezo os pasos iniciais da Agrupacion, fai-se aqui relacion pontual das sucesivas Xuntas Directivas, desde a primeira até a 22.ª e actual.

Aprobados os Estatutos (de 18-9-963, que fixaban o domicílio social na rua Real, 49-1.°) en 18-12-963, en Xunta Xeral celebrada o 23-12-963 resulta refrendada a seguinte (1.ª) Xunta Directiva para 1964:

Presidente: **X. Miguel Harguindey Banet**
Secretário: **Leopoldo Rodríguez Regueira**
Tesoureiro: **Xermán Muñiz Castro**
Vocal 1.° : **Enrique Iglesias Conde**
2.° : **X. Alberto Corral Iglesias**
3.° : **Elena R. López Meneses**

1964

A (2.ª) Xunta Directiva para 1965 sai da Xunta Xeral Ordinária de 26-12-64:

Presidente: **X. Miguel Harguindey Banet**
Secretário: **Eduardo Martínez Suárez**
Tesoureiro: **Xermán Muñiz Castro**
Vocal 1.° : **Inés Armesto Pérez**
2.° : **Ramiro Cartelle Álvarez**
3.° : **Emilio Vila Agra**

1965

Formarán a (3.ª) Xunta Directiva para 1966 a seguinte, saída da Xunta Xeral Ordinária de 29-12-65:

Presidente: **X. Miguel Harguindey Banet**
Secretário: **Eduardo Martínez Suárez**
Tesoureiro: **Ramiro Cartelle Álvarez**
Vocal 1.° : **M.ª Dolores Paredes Mariñas**
2.° : **Manuel Romero Labarta**
3.° : **Fernando Porto Vázquez**

Neste período (3-2-66) son aprobados os Estatutos na sua nova redaccion (de 1-12-65), acorde coa recente Lei de Asociacions (de 24-12-64).

1966

A raíz do traslado do Presidente a Ribeira, celebra-se, en 9-8-66, unha Xunta Xeral Extraordinária da que resulta a seguinte (4.ª) Xunta Directiva para 1966/67:

Presidente: **Manuel Caamaño Suárez**
Secretário: **Ramiro Cartelle Álvarez**
Tesoureiro: **X. Alberto Corral Iglesias**
Vocal 1.° : **Manuel Romero Labarta**
2.° : **Fernando Porto Vázquez**
3.° : **Xosé Luís Rodríguez Pardo**
4.° : **Maria Morente Torres**

Neste período o domicílio legal da Agrupacion radica na Av. da Habana, 22-1.°

1967

Da Xunta Xeral Extraordinária de 17-8-67 sai a seguinte (5.ª) Xunta Directiva para 1967/68:

Presidente: **Manuel Caamaño Suárez**
Secretário: **Ramiro Cartelle Álvarez**
Tesoureiro: **Antonio Garcia Fernández**
Vocal 1.° : **Manuel Romero Labarta**
2.° : **Eduardo Martínez Suárez**
3.° : **Maria Morente Torres**
4.° : **Xosé Luís Rodríguez Pardo**
5.° : **Xosé Luís Mouzo Lado**

É neste período que ten lugar a instalacion da Agrupacion no seu primeiro (e até hoxe único) local social efectivo —os anteriores foran, a meros efectos legais, os domicílios de directivos—, na rua Federico Tápia, 12-1.°, cuxa inauguracion se celebrou o 20-3-68, asistindo como invitado **Ramón Piñeiro López**, que, unha vez pronunciada unha alocucion sobre a vida cultural galega no último cuatriénio, foi agasallado coa medalla de membro numerário da Real Academia Galega, na que recentemente ingresara.

1968

En 17-9-68 celebra-se Xunta Xeral Extraordinária, da que resulta a (6.ª) Xunta Directiva para 1968/69:

Presidente: **Manuel Caamaño Suárez**
Secretário: **Ramiro Cartelle Álvarez**
Tesoureiro: **Eduardo Martínez Suárez**
Vocal 1.° : **Manuel Romero Labarta**
2.° : **Xosé Luís Rodríguez Pardo**
3.° : **Leopoldo Rodríguez Regueira**

En Febreiro de 1969 fixo-se un reaxuste que afectou à composicion da Directiva deste xeito:

Vocal 1.° : **Benigno Orjales Pita**
4.° : **Fernando Arambillet García**
5.° : **M.ª Luisa Pérez Fuentes**

1969

Da Xunta Xeral Extraordinária de 3-9-69 saíu a seguinte (7.ª) Xunta Directiva para 1969/70:

Presidente: **Manuel Caamaño Suárez**
Secretário: **Fernando Arambillet García**
Tesoureiro: **Eduardo Martínez Suárez**
Vocal 1.° : **Benigno Orjales Pita**
2.° : **Xosé Luís Rodríguez Pardo**
3.° : **Leopoldo Rodríguez Regueira**
4.° : **Florentino Varela Silva**
5.° : **M.ª Luisa Pérez Fuentes**

1970

A Xunta Xeral Extraordinária de 5-10-70 deu lugar à (8.ª) Xunta Directiva para 1970/71:

Presidente: **Manuel Caamaño Suárez**
Secretário: **Fernando Arambillet García**
Tesoureiro: **Eduardo Martínez Suárez**
Vocal 1.° : **Benigno Orjales Pita**
2.° : **Xosé L. Rodríguez Pardo**
3.° : **Xaquín Villar Calvo**
4.° : **Florentino Varela Silva**
5.° : **M.ª Luisa Pérez Fuentes**

1971

A (9.ª) Xunta Directiva saíu da Xunta Xeral Extraordinária de 4-10-71, para o período 1971/72:

Presidente: **Manuel Caamaño Suárez**
Secretário: **Xaquín Villar Calvo**
Tesoureiro: **Eduardo Martínez Suárez**
Vocal 1.° : **Xosé L. Rodríguez Pardo**
2.° : **Fernando Arambillet García**
3.° : **Florentino Varela Silva**

1972

Da Xunta Xeral Extraordinária de 30-10-72 resultou a (10.ª) Xunta Directiva para 1972/73:

Presidente: **Manuel Caamaño Suárez**
Secretário: **Xaquín Villar Calvo**
Tesoureiro: **Eduardo Martínez Suárez**
Vocal 1.° : **Xosé L. Rodríguez Pardo**
2.° : **Fernando Arambillet García**
3.° : **Florentino Varela Silva**
4.° : **Antón de Santiago Montero**

1973

A (11.ª) Xunta Directiva para 1973/74 surxiu da Xunta Xeral Extraordinária de 5-11-73:

Presidente: **Manuel Caamaño Suárez**
Secretário: **Xaquín Villar Calvo**
Tesoureiro: **Eduardo Martínez Suárez**
Vocal 1.° : **Xosé L. Rodríguez Pardo**
2.° : **Antón de Santiago Montero**
3.° : **Tomás Pena Castelo**
4.° : **Agustín Rodríguez Caamaño**

1974

Da Xunta Xeral Extraordinária de 25-11-74 saíu constituída a (12.ª) Xunta Directiva para 1974/75:

Presidente: **Manuel Caamaño Suárez**
Secretário: **Xaquín Villar Calvo**
Tesoureiro: **Eduardo Martínez Suárez**
Vocal 1.° : **Xosé L. Rodríguez Pardo**
2.° : **Agustín Rodríguez Caamaño**
3.° : **Antón de Santiago Montero**
4.° : **Tomás Pena Castelo**
5.° : **Xosé Bembibre Regueiro**

1975

A raíz da Xunta Xeral de 1-12-75 formou-se a (13.ª) Xunta Directiva para 1975/76:

Presidente : **Manuel Caamaño Suárez**
Vicepresidente: **Xaquín Villar Calvo**
Secretário : **Agustín Rodríguez Caamaño**
Vicesecretário : **Carmen Otero Gordido**
Tesoureiro : **Eduardo Martínez Suárez**
Vocal 1.° : **Xosé L. Rodríguez Pardo**
2.° : **Xosé Bembibre Regueiro**
3.° : **Tomás Pena Castelo**
4.° : **Isabel Vázquez Fandiño**
5.° : **Luis F. Mella Rodríguez**
6.° : **Ernesto Méndez Palacios**

É nesta Xunta que se aproba a 2.ª reforma dos Estatutos.

1977

Da Xunta Xeral Extraordinária de 17-1-77 saíu a (14.ª) Xunta Directiva para 1977:

Presidente : **Manuel Caamaño Suárez**
Vicepresidente: **Xaquín Villar Calvo**
Secretário : **Carmen Otero Gordido**
Vicesecretário : **Agustín Rodríguez Caamaño**
Tesoureiro : **Eduardo Martínez Suárez**
Vocal 1.º : **Sabela Vázquez Fandiño**
2.º : **Amalia Gómez Vázquez**
3.º : **Ernesto Méndez Palacios**
4.º : **Miguel Pernas Cora**
5.º : **Rafael Andión Fernández**
6.º : **Tomás Pena Castelo**

1978

A (15.ª) Xunta Directiva para o ano 1978 surxiu da Xunta Xeral Extraordinária de 29-12-77:

Presidente : **Manuel Caamaño Suárez**
Vicepresidente: **Xaquín Villar Calvo**
Secretário : **Xosé M.ª Monterroso Devesa**
Vicesecretário : **Carmen Otero Gordido**
Tesoureiro : **Eduardo Martínez Suárez**
Vocal 1.º : **Amalia Gómez Vázquez**
2.º : **Sabela Vázquez Fandiño**
3.º : **Miguel Pernas Cora**
4.º : **Tomás Pena Castelo**
5.º : **Ernesto Méndez Palacios**

1979

Na Xunta Xeral Ordinária de 15-1-79 re-elexeu-se a mesma (agora 16.ª) Xunta Directiva do período anterior, que tivo ao seu cargo (25-4-79) unha outra reforma dos Estatutos, os actualmente vixentes, aprobados en 28-7-79, e que de acordo coa nova realidade política estatal, foi a primeira en profundidade e co texto no noso idioma. (Neles asigna-se-lle à Xunta Directiva unha duracion bianual).

En Xunta Xeral Extraordinária de 19-10-79 queda elexida a (17.ª) Xunta Directiva para o período 1979/1981:

Presidente : **Xaquín Villar Calvo**
Vicepresidente: **Xavier Alcalá Navarro**
Secretário : **Xosé-M.ª Monterroso Devesa**
Vicesecretário : **Luís Fontán Mazás**
Tesoureiro : **Eduardo Martínez Suárez**
Bibliotecário : **Ramiro Cartelle Álvarez**
Vocal 1.º : **Amalia Gómez Vázquez**
2.º : **Xosé Manuel Rabón Lamas**
3.º : **Xúlio Cruz Pena**
4.º : **M.ª Carmen Glez. Hortas**
5.º : **Fernando López-Acuña Lz.**

Por imposibilidade do designado, desempeñará-se como Bibliotecário o vocal 5.º

Esta Xunta, en Xullo de 1980, queda reestruturada asi:

Secretário : **Fernando López-Acuña Lz.**
Bibliotecário : **Xosé-M.ª Monterroso Devesa**
Vocal 5.º : **Ramiro Cartelle Álvarez**

E en Xaneiro de 1981, volta a dar-se unha reestruturacion, do seguinte xeito:

Secretário : **Xosé-M.ª Monterroso Devesa**
Bibliotecário : **Fernando López-Acuña Lz.**

1982

A (18.ª) Xunta Directiva para o biénio 1982/83 xurdiu da Xunta Xeral Ordinária de 12-1-82:

Presidente : **Xaquín Villar Calvo**
Vicepresidente: **Xosé-M.ª Monterroso Devesa**
Secretário : **Pura Tejelo Núñez**
Vicesecretário : **Ánxel Sánchez Peteiro**
Tesoureiro : **Eduardo Martínez Suárez**
Vocal 1.º : **M.ª Carmen Glez. Hortas**
2.º : **Francisco A. Vidal Blanco**
3.º : **António P. Gil Hernández**
4.º : **Miguel Anxo Fernán-Vello**

No segundo semestre deste ano produce-se un reaxuste que se refrenda en Xunta Xeral Ordinária de 24-1-83;

Secretário : **M.ª Dolores Casteleiro López**
Bibliotecário : **Miguel Anxo Fernán-Vello**
Vocal 4.º : **Pura Tejelo Núñez**
Vocal 5.º : **César Menéndez Rodríguez**

1984

A (19.ª) Xunta Directiva para o biénio 1984/85 sai da Xunta Xeral Extraordinária de 30-1-84:

Presidente	: **Xúlio López Valcárcel**
Vicepresidente	: **Miguel Anxo Fernán-Vello**
Secretário	: **M.ª Dolores Casteleiro López**
Vicesecretário	: **M.ª Carmen Glez. Hortas**
Tesoureiro	: **Xacinto Dolz del Castellar Alvargonzález**
Bibliotecário	: **António Santamariña Delgado**
Vocal 1.°	: **Arximiro Corral Acebo**
2.°	: **Xavier Meilán Pita**
3.°	: **Manuel Rivas Barrós**
4.°	: **Xavier Seoane Rivas**
5.°	: **Xesús Pisón Villapol**

1986

Na Xunta Xeral Extraordinária de 24-1-86 queda elexida a (20.ª) Xunta Directiva para 1986/87:

Presidente	: **Xúlio López Valcárcel**
Vicepresidente	: **Miguel Anxo Fernán-Vello**
Secretário	: **M.ª Dolores Casteleiro López**
Vicesecretário	: **M.ª Carmen Glez. Hortas**
Tesoureiro	: **Xacinto Dolz del Castellar Alvargonzález**
Vocal 1.°	: **Arximiro Corral Acebo**
2.°	: **Francisco Pillado Mayor**
3.°	: **Xavier Meilán Pita**
4.°	: **Andrés Salgueiro Armada**
5.°	: **Xavier Seoane Rivas**
6.°	: **Lino Braxe Mandiá**

1988

En Xunta Xeral Extraordinária de 11-2-88 elexeu-se a (21.ª) Xunta Directiva para o biénio 1988/89:

Presidente	: **Xosé-M.ª Monterroso Devesa**
Secretário	: **M.ª Dolores Casteleiro López**
Tesoureiro	: **Xacinto Dolz del Castellar Alvargonzález**
Vocal 1.°	: **Xosé Manuel Martínez Oca**
2.°	: **Arximiro Corral Acebo**
3.°	: **M.ª Xesus Torres Feijoo**
4.°	: **Rosa M.ª Fernández Rdguez.**
5.°	: **José António Lozano Garcia**

1990

A (22.ª) Xunta Directiva para o biénio 1990/91 xurde da Xunta Xeral Extraordinária de 8-2-90:

Presidente	: **Xosé-M.ª Monterroso Devesa**
Secretário	: **M.ª Dolores Casteleiro López**
Tesoureiro	: **Xacinto Dolz del Castellar Alvargonzález**
Vocal 1.°	: **Arximiro Corral Acebo**
2.°	: **Pura Tejelo Núñez**
3.°	: **Francisco Xosé Fdez. Naval**
4.°	: **Salvador Mourelo Pérez**
5.°	: **Xavier Pita Seixo**
6.°	: **M.ª Concepcion Barral Souto**

□ □ □

1982

Por outra banda, O FACHO participa activamente no proceso prévio á constitucion da *Federacion de Asociacions Culturais Galegas,* de que forma parte, aportando ideias na xuntanza pré-fundacional desta (Compostela, 6-2-82), que fica constituída o 6-3-82.

Os Estatutos, asinados na mesma capital, o 14-12-86, recollen, no seu artigo 4.° que a Federacion «rexerá a sua actuacion conforme aos princípios da Declaracion Universal dos Direitos Humanos e (aportacion nosa de 1982) ao respeito e à defensa dos Direitos dos Povos à libre determinacion».

Biblioteca Castelao (*)

A Biblioteca, bautizada **Castelao** nos primeiros anos 80, foi, naqueles tempos, unha das mellores da cidade en temas galegos: ainda hoxe posue primeiras edicions de Galaxia (editora case exclusiva da época, xunto coas nacentes Castrelos e O Castro), por exemplo, da sua coleccion Salnés de poesia, e alguns exemplares da pré-guerra, todos dificilmente encontrábeis.

O seu fondo actual, rondando os 1.800 volumes, comprende tres seccions: a galega, con máis de 1.300 títulos; a portuguesa, con más de 300 volumes; e a española, reducida a case 150 volumes (120 deles pertencenes à progresista editorial Zero, coleccion *Lee y Discute,* dos anos 70).

No libro galego destacan, polo seu número, os xéneros Ensaio (300), Poesia e Narrativa (200 e pico cada un), non sendo de desdeñar a Literatura infantil (150 volumes), na que se inclue a volumosa série A grande travesía.

Na seccion portuguesa, procedente das doacions do Instituto de Cultura e Língua Portuguesa e da Fundação Gulbenkian, destacaríamos, pola sua aparéncia, obras como a Crónica del Rei Dom João I, unha História de Portugal, un Dicionário de Literatura (con inclusion da galega) e un Dicionário de História.

À parte das entidades citadas, foron cedendo-nos exemplares: a editorial O Castro, Caixa Galicia, a Fundacion Barrié (a destacar o Cancioneiro Popular Galego), o Consello de Cultura, a Deputacion da Coruña, a Consellaria de Cultura e, ultimamente, o Concello coruñés.

Noutro campo, destaquemos a *Gran Enciclopedia Gallega,* as re-edicions das Historias de Galicia de Vicetto e Murguia e máis os Cadernos da Escola Dramática.

Como unha subdivision da biblioteca, debemos citar unha modesta hemeroteca, na que, con certa liberdade, nos permitimos incluir unha interesante coleccion de cartaces e a série de diapositivas de Escola Aberta (para as que se dispon do correspondente proxector); hemeroteca formada polas revistas Grial, Encrucillada, Vagalume, Teima e Mancomún, Brigantium e Agália (todas en coleccion completa), sen esquecer a vella Revista de Economía de Galicia, nen outras como Chan, Revista do Instituto Cornide, Galicia (de B. Aires) ou Economía Gallega; asi como as re-edicions de Nós, A Nosa Terra, Ronsel e Vieiros. Finalmente, entre os periódicos, citemos A Nosa Terra tamén ao completo, e o volume de suplementos do centenário de La Voz de Galicia.

(*) Fala-se da Biblioteca neste capítulo, por ser o único servizo privativo dos nosos asociados, no tocante ao empréstimo; pois que, para a sua consulta circunstancial, sempre estivo aberta a todo o mundo.

ESTATUTOS DA AGRUPACION CULTURAL «O FACHO»

I. DA CONSTITUCIÓN

1. Por un grupo de persoas preocupadas polos problemas de Galiza constitúese na Cruña a Asociación Cultural denominada O FACHO, os fins e máis a duración da cal se especificarán no capítulo II deste Regulamento.

2. O órgano xestor da Agrupación será a Xunta Directiva, na que a elección e funcións da cada un dos membros serán os consignados no capítulo V do presente Regulamento.

3. O capital social integraráse polas cotas de cada un dos membros da Asociación, así como polas aportacións que receba dos seus protectores e amigos e aqueles ingresos que lle provean as suas actividades culturais.

4. O patrimonio fundacional da Asociación estará constituído polas primeiras aportacións voluntarias dos socios fundadores, suficientes para cubriren os gastos de carácter administrativo que o recoñecimento legal da Sociedade impoña, fixándose o mesmo, a estes efectos, na cantidade de tres mil pesetas, que integrará o fondo de reserva.

5. Fíxase como límite do presuposto anual ordinario a cantidade de setenta e cinco mil pesetas, debendo ser considerado calquer acordo tendente á elevación do mesmo como modificativo dos Estatutos.

II. DO OBXETO E FINS DA AGRUPACIÓN

6. O obxeto e fins desta Asociación son o fomento do estudo da cultura galega e máis a dos pobos da mesma língua e culturas afíns e a sua promoción en todas as suas manifestacións, mediante a organización e desenrolo de conferencias, cursiños, exposicións, traballos de investigación e máis actos culturais que tendan á consecución dos fins expresados.

A estes efectos, a Asociación potenciará a creación de diferentes grupos de traballo que se correspondan cos diversos sectores culturais.

III. DO ÁMBITO TERRITORIAL

7. O ámbito territorial ao que as relacións xurídicas da Asociación se extendan será o da provincia da Cruña, podendo se extender ao de Galiza toda, sen precisión de alterar os seus Estatutos, se a tal fin fose modificada no futuro a actual lexislación sobre asociacións.

Do mesmo xeito, e en razón de idénticas previsións, a Asociación poderá se federar con caisquera outras de fins semellantes e sexa cal for o seu ámbito territorial de acción.

IV. DOS MEMBROS DA AGRUPACIÓN

8. Terá a condición de socio, con facultades para intervir activamente na vida da Asociación, calquer persoa física que causara alta como socio de número e se encontre ao dia nas obrigacións derivadas de tal condición.

9. Para ingresar como socio de número ou membro activo da Agrupación, será preciso solicitalo por escrito, consignando nome e apelidos, edade, domicilio e actividade profesional. A Xunta Directiva, á vista da solicitude, decidirá acerca da procedencia ou non da admisión.

10. Cando a actividade de calquer socio sexa contraria ao espírito dos presentes Estatutos, poderá ser obxeto de perda temporal ou definitiva da sua calidade de asociado. A Xunta Directiva, unha vez ouvido o socio expedientado, decidirá por maioría de dous tercios a procedencia ou non da sanción.

En todo caso, o interesado poderá apelar ante a Asamblea Xeral de Socios.

V. DOS ÓRGAOS DA SOCIEDADE

11. O órgao rector da Agrupación será a Xunta Directiva, que se constituirá da seguinte maneira:

a) Presidente. Será da exclusiva competencia deste o visar a acta na que consten os acordos da Asociación, así como o presidir as Xuntas Directivas e máis as Asambleas Xerais. En caso de imposibilidade, o Presidente poderá delegar as suas funcións na persoa do Vicepresidente ou, no seu defecto, noutro membro calquera da Xunta Directiva. Tamén corresponderá ao Presidente da Asociación a representación legal da mesma a todos os efectos. O seu voto terá carácter decisorio en caso de empate.

b) Vicepresidente. As suas funcións serán as de suplencia do Presidente, con idénticas atribucións que este en tal caso.

c) Secretario. Son funcións do Secretario o levar os Libros de Actas e Socios, así como o re-

dactar as actas oportunas, oficios, instancias e correspondencia da Asociación.

d) Vicesecretario. As suas funcions serán as de colaborar co Secretario e sustituílo en caso de ausencia.

e) Tesoureiro. Son funcións do Tesoureiro o levar os Libros de Contas da Asociación e o responder da marcha económica da mesma, aportando os estados de contas, xustificativos de ingresos e gastos.

f) Bibliotecario. Terá ao seu cargo a conservación, funcionamento e promoción da Biblioteca e as actividades relacionadas con esta.

g) Vocais. En número de cinco, a sua misión será deliberar nas xuntanzas das Xuntas Directivas, con voz e voto. Igualmente se lles poderá encargar de calquer outra misión non especificamente determinada nos artigos anteriores.

12. A totalidade da Xunta Directiva será elexida pola Asamblea Xeral, de entre as candidaturas cerradas presentadas, mediante o sistema de maioría de dous tercios na primeira votación, ou, no seu defecto, pola que obteña o maior número de votos na segunda.

13. As candidaturas deberán estar en poder da Xunta Directiva antes da celebración da Asamblea Xeral, para seren expostas vintecatro horas antes da mesma.

Para exercitar o dereito de voto, será preciso estar ao dia no pago das cotas, é dicir, ter pagado o mes anterior.

14. O réxime normal de funcionamento da Sociedade estará enconmendado á Xunta Directiva, a que tomará os seus acordos, a non ser que os Estatutos prevean outra cousa, polo réxime normal de maiorías, representado pola mitade máis un dos componentes da Xunta.

15 Calquera dos cargos mencionados nestes Estatutos será puramente honorífico e o seu período de duración é o de dous anos a contar desde o dia do seu nomeamento, podendo ser reelexido se se xulgar proveitoso.

VI. DAS XUNTAS XERAIS

16. Os socios numerarios resolverán en Xunta Xeral todo o que atinxe á organización, réxime, modificación de Estatutos, disolución da Sociedade e nomeamento dos órgaos directivos da mesma que requiran os Estatutos.

17. As Xuntas Xerais serán ordinarias e extraordinarias.

Será ordinaria a que anualmente haberá de se celebrar para dar conta da marcha da Sociedade.

Esta Xunta comezará pola lectura da Acta da Xeral anterior e das contas xerais, procedéndose, seguidamente, á elección de cargos.

18. As máis Xuntas Xerais que durante o ano se convoquen terán o carácter de extraordinarias e se celebrarán:

1.° Cando a Directiva xulgue oportuno convocalas.

2.° Cando así o pida a mitade dos socios de número, expresando o obxeto.

3.° Cando sexa preciso acordar a disolución da Sociedade.

19. As Xuntas Xerais non poderán funcionar sen a maioría absoluta, e se non concorrese esta á segunda convocatoria, se celebrará a Xunta con aqueles que concorran personalmente; debendo pasar polo menos media hora entre unha e outra convocatoria.

20. Nas Xuntas extraordinarias non se poderán tratar outras cuestións que as expresadas na convocatoria, facéndose constar sempre, para tal fin, o obxeto da xuntanza.

VII. DA DISOLUCIÓN DA AGRUPACIÓN

21. De se producir a disolución, os bens e fondos existentes donaránse á Institución que a Xunta Xeral sinale ou, no seu caso, a aquela á que a Lei a obrigue.

22. Cando a Xunta Xeral o estime conveniente, esta Agrupación poderá fusionarse con outra que teña fins semellantes ou análogos aos desta, e, en tal caso, os bens e fondos existentes pasarán a se incorporar aos da Agrupación coa que se fusione.

VIII. DO DOMICILIO DA AGRUPACIÓN

23. A Asociación a que estes Estatutos se refiren terá o seu domicilio social na cidade da Cruña, rua Federido Tapia, número doce, primeiro piso, centro.

Na Cruña, aos vintecinco dias do mes de abril do ano mil novecentos setenta e nove.

Este libro acabou de se imprentar en
VENUS artes gráficas, s. a. A Coruña
o 18 de Decembro de 1991
cando se cumpren 28 anos
da fundacion na Coruña da
Agrupacion Cultural O FACHO